NUMA FILES 05

Lost City

Clive Cussler

PRÓLOGO

Alpes franceses, agosto de 1914

NO ALTO, acima da majestade das montanhas cobertas de neve, Jules Fauchard estava lutando por sua vida. Minutos antes, seu avião havia se chocado contra uma parede invisível de ar com uma força que fez seus dentes tremerem. Agora, correntes de ar ascendentes e descendentes estavam sacudindo a aeronave leve como uma pipa em uma corda. Fauchard lutou contra a turbulência angustiante com a habilidade que lhe havia sido ensinada por seus rígidos instrutores de voo franceses. Então, ele superou a fase difícil, deleitando-se com o ar suave, sem saber que isso quase seria sua ruína.

Com seu avião finalmente estável, Fauchard cedeu ao mais natural dos impulsos humanos. Ele fechou os olhos cansados. Suas pálpebras se agitaram e caíram, depois se fecharam como se estivessem pesadas com chumbo. Sua mente se desviou para um reino sombrio e indiferente. Seu queixo caiu sobre o peito. Seus dedos moles relaxaram o aperto no manche de controle. O pequeno avião vermelho balançou embriagado no que os pilotos franceses chamavam de "*zperte de vit esse*" ou perda de rumo, enquanto escorregava em uma asa em um prelúdio de um giro de cauda.

Felizmente, o ouvido interno de Fauchard detectou a mudança no equilíbrio e os alarmes dispararam em seu cérebro adormecido. Sua cabeça se levantou e ele acordou atordoado, lutando para organizar seus pensamentos confusos. O cochilo havia durado apenas alguns segundos, mas nesse tempo o avião havia perdido centenas de pés de altitude e estava prestes a entrar em um mergulho acentuado. O sangue latejava em sua cabeça. Seu coração batia descontroladamente como se estivesse prestes a explodir em seu peito.

As escolas de aviação francesas ensinavam os alunos a pilotar um avião com a mesma leveza de um pianista ao tocar as teclas e as intermináveis horas de treinamento de Fauchard provaram seu valor agora. Usando um toque suave nos controles, ele se certificou de não compensar demais e gentilmente persuadiu o avião a voltar a uma quilha uniforme. Satisfeito com a estabilização do avião, ele soltou a respiração que estava prendendo e engoliu o ar, o frio ártico atingindo seus pulmões como cacos de vidro.

A dor aguda o tirou de sua letargia. Totalmente acordado novamente, Fauchard invocou o mantra que havia sustentado sua determinação durante toda a sua missão desesperada. Seus lábios congelados se recusavam a enrolar as sílabas, mas as palavras gritavam em seu cérebro.

Se falhar, milhões morrerão.

Fauchard cerrou os maxilares com determinação renovada. Ele esfregou o gelo dos óculos e olhou por cima da cobertura da cabine. O ar alpino estava tão claro quanto um cristal fino e até mesmo os detalhes mais distantes se destacavam com nitidez. Fileiras de montanhas em forma de dentes de serra desfilavam até o horizonte e vilarejos em miniatura se agarravam às laterais de vales alpinos verdejantes. Nuvens brancas e fofas estavam empilhadas como pilhas de algodão recém-colhido. O céu era luminoso em sua intensidade azul. A neve de verão que cobria os cumes irregulares era banhada por uma suave cor rosa-celeste do sol poente.

Fauchard encheu os olhos vermelhos com a beleza magnífica, enquanto inclinava o ouvido e ouvia o som do escapamento produzido pelo motor rotativo Gnome de oitenta cavalos e quatro tempos que impulsionava a aeronave Morane-Saulnier N. Tudo estava bem. O motor funcionava como antes de seu cochilo quase fatal. Fauchard ficou mais tranquilo, mas o fato de ter passado por pouco havia abalado sua autoconfiança. Ele percebeu, para sua surpresa, que havia experimentado uma emoção desconhecida. O medo. Não da morte, mas do fracasso. Apesar de sua determinação férrea, seus músculos doloridos o lembraram ainda mais de que ele era um homem de carne e osso como qualquer outro.

A cabine de comando aberta permitia poucos movimentos e seu corpo estava envolto em um casaco de couro forrado de pele sobre um suéter grosso de lã Shetland, gola alta e roupa de baixo longa. Um cachecol de lã protegia seu pescoço. Um capacete de couro cobria sua cabeça, orelhas e suas mãos estavam envoltas em luvas de couro isoladas. Seus pés estavam calçados com botas de alpinista forradas de pele, do mais fino couro. Embora estivesse vestido para as condições polares, o frio gelado havia penetrado em seus ossos e embotado seu estado de alerta. Essa era uma situação perigosa. O Morane-Saulnier era complicado de pilotar e exigia atenção total.

Em face do cansaço, Fauchard agarrou-se à sua sanidade com a teimosia obstinada que o transformou em um dos industriais mais ricos do mundo. A determinação feroz ainda se mostrava em seus olhos cinzentos e duros e na inclinação teimosa de seu queixo escarpado. Com seu longo nariz aquilino, o perfil de Fauchard se assemelhava ao das águias cujas cabeças enfeitavam o brasão da família na cauda do avião.

Ele forçou seus lábios dormentes a se moverem.

Se falhar, milhões morrerão.

A voz estentórica que causava medo nos salões europeus do poder saiu de sua garganta como um coaxar, o som deplorável abafado pelo rugido do motor e pela corrente de ar que passava pela fuselagem, mas Fauchard decidiu que uma recompensa era necessária. Ele enfiou a mão na parte superior da bota e retirou um frasco fino de prata. Ele desatarraxou a tampa com dificuldade por causa das luvas grossas e deu um gole no frasco. A aguardente de alta octanagem era feita de uvas cultivadas em sua propriedade e era quase álcool puro. O calor percorreu seu corpo.

Assim fortalecido, ele se balançou no assento, mexeu os dedos dos pés e das mãos e encurvou os ombros. Enquanto o sangue fluía de volta para suas extremidades, ele pensou no chocolate suíço quente e no pão fresco com queijo derretido que o aguardavam do outro lado das montanhas. Os lábios grossos sob o bigode espesso se apertaram em um sorriso irônico. Ele era um dos homens mais ricos do mundo, mas se animava com a perspectiva de uma refeição de lavrador. Que assim seja.

Fauchard se permitiu um instante de autocongratulação. Ele era um homem meticuloso e seu plano de fuga havia funcionado como um relógio. A família o havia vigiado depois que ele deixou claras suas opiniões indesejáveis perante o conselho. Mas enquanto o conselho ponderava sobre seu destino, ele escapou dos vigias com uma combinação de diversão e sorte.

Ele fingiu ter bebido demais e disse ao mordomo, que era pago por sua família, que estava indo para a cama. Quando tudo ficou quieto, ele saiu silenciosamente do quarto, escapuliu do castelo e foi até o local onde uma bicicleta estava escondida na floresta. Carregando sua preciosa carga em uma mochila, ele pedalou pela floresta até o campo de aviação. Seu avião estava abastecido e pronto para decolar. Ele decolou com a luz do amanhecer, parando duas vezes em locais remotos, onde seus mais leais funcionários haviam estocado combustível.

Ele esvaziou o frasco e olhou para a bússola e o relógio. Ele estava no rumo certo e com apenas alguns minutos de atraso. Os picos mais baixos à frente indicavam que ele estava chegando ao fim de sua longa jornada. Logo ele faria a aproximação final de Zurique.

Ele estava pensando no que diria ao emissário do Papa quando pareceu que um voo de pássaros assustados decolou da asa de estibordo. Ele olhou para a direita e viu, para sua consternação, que os pássaros eram na verdade pedaços de tecido que haviam se soltado do aerofólio, deixando um buraco irregular de vários centímetros de diâmetro. Só poderia haver uma explicação. A asa havia sido atingida por tiros e o rugido agudo do motor havia abafado o barulho.

Reagindo instintivamente, Fauchard inclinou o avião para a esquerda e depois para a direita, girando e virando como uma andorinha em voo. Enquanto seus olhos vasculhavam os céus, ele vislumbrou seis biplanos voando em formação V abaixo dele. Com uma calma impressionante, Fauchard desligou o motor como se estivesse se preparando para aterrissar em um avião sem motor.

O Morane-Saulnier caiu como uma pedra.

Em circunstâncias normais, isso teria sido suicida, colocando-o na mira dos canhões do adversário, mas Fauchard havia reconhecido os aviões atacantes como Aviatiks. O avião de projeto francês, construído na Alemanha, era movido por um motor Mercedes em linha e havia sido originalmente construído para reconhecimento. Mais importante, a metralhadora montada na frente do artilheiro só podia disparar para cima.

Após uma queda de algumas centenas de pés, ele ajustou suavemente o elevador e seu avião surgiu atrás da formação Aviatik.

Ele alinhou o nariz de seu avião com o Aviatik mais próximo e apertou o gatilho. A pistola Hotchkiss chacoalhou e as balas traçadoras atingiram a cauda do alvo. A fumaça saiu do avião e em seguida, as chamas envolveram a fuselagem.

O Aviatik começou um longo mergulho em espiral em direção à terra. Algumas rajadas bem posicionadas derrubaram outro Aviatik com a mesma facilidade com que um caçador abate um faisão domesticado.

Fauchard realizou os abates com tanta rapidez que os outros pilotos não sabiam que estavam sendo atacados até verem os rastros de fumaça negra e gordurosa dos aviões que caíam. A formação precisa começou a se desfazer pelas costuras.

Fauchard interrompeu o ataque. Seus alvos estavam dispersos e o elemento surpresa não estava mais do seu lado. Em vez disso, ele colocou o Morane-Saulnier em uma subida íngreme de mil pés no ventre de uma nuvem inchada.

Enquanto as paredes cinzentas enevoadas escondiam seu avião de olhos hostis, Fauchard nivelou e fez uma verificação de danos. Tanto tecido havia sido arrancado que as nervuras de madeira da asa estavam expostas. Fauchard praguejou baixinho. Ele esperava sair da nuvem e ultrapassar os Aviatiks com a velocidade superior de seu avião, mas a asa danificada o estava atrasando.

Incapaz de correr, ele teria que ficar e lutar.

Fauchard estava sem armas e em menor número, mas estava pilotando uma das aeronaves mais notáveis de sua época. Desenvolvido a partir de um avião de corrida, o Morane-Saulnier, apesar de ser complicado de pilotar, era incrivelmente ágil e respondia ao mais leve toque. Em uma época em que a maioria dos aviões tinha pelo menos duas asas, o Morane-Saulnier era um monoplano de asa média. Desde a hélice giratória em forma de bala até a barbatana triangular da cauda, o Morane-Saulnier tinha apenas 6 metros de comprimento, mas era um mosquito mortal em qualquer medida, graças a um dispositivo que revolucionaria a guerra aérea.

Saulnier havia desenvolvido um mecanismo de sincronização que permitia que a metralhadora disparasse através da hélice. No entanto, o sistema havia superado as novas armas, que às vezes disparavam de forma errática e como a munição podia ficar suspensa, defletores de metal protegiam as lâminas da hélice contra balas errantes.

Preparando-se para a batalha, Fauchard estendeu a mão sob o assento e seus dedos tocaram o metal frio de uma caixa forte. Ao lado da caixa havia uma bolsa de veludo roxo, que ele retirou e colocou em seu colo. Dirigindo o avião com os joelhos, ele retirou da bolsa um capacete de aço com design antigo e passou os dedos sobre a superfície gravada. O metal era gelado ao toque, mas o calor parecia irradiar dele, percorrendo todo o seu corpo.

Ele colocou o capacete em sua cabeça. Ele se encaixava perfeitamente sobre a cobertura de couro e estava perfeitamente equilibrado. O capacete era incomum, pois seu visor era feito na forma de um rosto humano, cujo bigode e nariz de ave de rapina se assemelhavam ao de Fauchard. A viseira limitava sua visibilidade e ele a empurrou para cima de sua testa.

Feixes de luz solar estavam se infiltrando no calabouço de nuvens à medida que sua cobertura diminuía. Ele voou através das nuvens que marcavam a borda da nuvem e entrou em plena luz do dia.

Os Aviatiks estavam circulando lá embaixo como um cardume de tubarões famintos ao redor de um navio afundando. Eles avistaram o Morane e começaram a subir.

O Aviatik líder passou por baixo do avião de Fauchard e entrou no campo de tiro. Fauchard deu um puxão forte em seu cinto de segurança para se certificar de que estava apertado e em seguida, puxou o nariz de seu avião para cima, subindo em um grande looping para trás.

Ele ficou pendurado de cabeça para baixo na cabine de comando, agradecendo ao instrutor francês que lhe ensinara a manobra evasiva. Ele completou o loop e se nivelou, colocando seu avião atrás dos Aviatiks. Ele abriu fogo contra o avião mais próximo, mas ele se descolou e mergulhou em um ângulo acentuado.

Fauchard permaneceu na cauda do avião, aproveitando a emoção de ser o caçador e não a presa. O Aviatik se nivelou e fez uma curva fechada, tentando ficar atrás de Fauchard. O avião menor o alcançou facilmente.

O movimento do Aviatik o colocou na boca de um amplo vale. Com Fauchard dando pouco espaço de manobra ao avião, ele voou diretamente para o vale.

Acumulando sua munição como um avarento, Fauchard disparou rajadas curtas da Hotchkiss. O Aviatik rolou para a esquerda e para a direita e os traçadores foram para os dois lados do avião. Ele voou mais baixo, tentando ficar abaixo de Fauchard e de sua metralhadora mortal. Novamente, Fauchard tentou alinhar um tiro. Novamente, o Aviatik se abaixou.

Os aviões sobrevoaram os campos a cem milhas por hora, ficando a apenas cinquenta pés acima do solo. Os rebanhos de vacas aterrorizadas se espalharam como folhas levadas pelo vento. O Aviatik, que se contorcia, conseguiu ficar fora da mira de Fauchard. Os contornos ondulantes do solo aumentaram a dificuldade de um tiro certeiro.

A paisagem era um borrão de prados ondulados e casas de fazenda bem cuidadas. As fazendas estavam ficando mais próximas umas das outras. Fauchard podia ver os telhados de uma cidade à frente, onde o vale se estreitava em um ponto.

O Aviatik estava seguindo um rio sinuoso que subia pelo centro do vale diretamente em direção à cidade. O piloto voou tão baixo que suas rodas quase tocaram a água. À frente, uma pitoresca ponte de pedra do campo cruzava o rio quando o curso d'água entrava na cidade.

O dedo de Fauchard estava apertando o gatilho quando uma sombra no alto do avião quebrou sua concentração. Ele olhou para cima e viu as rodas e a fuselagem de outro Aviatik a menos de 15 metros de altura. Ele se abaixou, tentando forçá-lo a descer. Ele olhou para o Aviatik líder. Ele havia iniciado sua subida para evitar bater na ponte.

Os pedestres que cruzavam o vão tinham visto o trio de aviões avançando e estavam correndo para salvar suas vidas. O velho e sonolento cavalo de arado que puxava uma carroça pela ponte ergueu-se sobre as patas traseiras pela primeira vez em anos quando o Aviatik passou alguns metros acima da cabeça do carroceiro.

O avião que estava no alto desceu para forçar Fauchard contra a ponte, mas, no último segundo, ele puxou para trás o manche de controle e acelerou. O Morane-Saulnier saltou para cima e o levou entre a ponte e o Aviatik. Houve uma enorme explosão de feno quando as rodas do avião atingiram a carga da carroça, mas Fauchard manteve o avião sob controle, guiando-o sobre os telhados da cidade.

O avião na cauda de Fauchard sumiu um segundo depois.

Menos ágil que o monoplano, o Aviatik se chocou contra a ponte e explodiu em uma bola de fogo. Com a mesma lentidão para subir, o Aviatik da frente bateu de raspão em uma torre de igreja, cujo pináculo pontiagudo destruiu sua barriga. O avião se desfez no ar e se quebrou em uma centena de pedaços.

"Vá com Deus!" Fauchard gritou roucamente, enquanto girava o avião e o apontava para fora do vale.

Dois pontos apareceram à distância. Movendo-se rapidamente em sua direção. Eles se materializaram no último esquadrão Aviatik.

Fauchard apontou seu avião diretamente entre as aeronaves que se aproximavam. Seus lábios se apertaram em um sorriso. Ele queria ter certeza de que a família sabia o que ele achava da tentativa deles de detê-lo.

Ele estava perto o suficiente para ver os observadores nas cabines de comando dianteiras. O que estava à sua esquerda apontou o que parecia ser um bastão e ele viu um flash de luz.

Ouviu um suave "*tun*" e sentiu sua caixa torácica como se um atiçador de fogo tivesse sido cravado nela. Com um calafrio, ele percebeu que o observador no Aviatik havia recorrido à tecnologia mais simples, porém mais confiável: ele havia disparado contra Fauchard com uma carabina.

Involuntariamente, ele sacudiu o manche de controle e suas pernas enrijeceram em um espasmo. Os aviões passavam de cada lado dele. Sua mão ficou mole no manche de controle e o avião começou a oscilar. O sangue quente de seu ferimento se acumulou em seu assento. Sua boca tinha um gosto acobreado e ele estava tendo dificuldade para manter o foco.

Ele tirou as luvas, soltou o cinto de segurança e se abaixou sob o assento. Seus dedos enfraquecidos agarraram a alça da caixa forte de metal. Ele a colocou no colo, pegou a alça em V e a prendeu no pulso.

Reunindo sua última reserva de força, ele se ergueu e se inclinou para fora da cabine. Ele rolou sobre a braçola, seu corpo bateu na asa e ricocheteou.

Seus dedos puxaram automaticamente a corda, a almofada em que ele estava sentado se abriu e um paraquedas de seda foi lançado ao ar.

Uma cortina de escuridão estava caindo sobre seus olhos. Ele vislumbrou um lago azul frio e uma geleira.

Eu falhei.

Ele estava mais em choque do que com dor e sentia apenas uma tristeza profunda e furiosa.

Milhões de pessoas morrerão.

Ele tossiu uma boca cheia de espuma sangrenta e depois não soube mais o que fazer. Ficou pendurado no arnês de seu paraquedas, um alvo fácil para um dos Aviatiks que fazia outra passagem.

Ele nunca sentiu a bala que atravessou seu capacete e perfurou seu crânio.

Com o sol brilhando em seu capacete, ele flutuou para baixo até que as montanhas o abraçaram em seu peito.

ARQUIPÉLAGO NAS ILHAS DO NORTE DA ESCÓCIA - No presente

JODIE MICHAEL SON estava fervendo de raiva. No início da noite, ela e os três competidores restantes do programa de TV Outcasts tiveram que andar com suas botas pesadas em uma corda grossa esticada ao longo de uma barreira de três pés de altura feita de pedras empilhadas. A façanha havia sido anunciada como a "Prova de Fogo Viking". Fileiras de tochas ardiam em ambos os lados da corda, aumentando o drama e o risco, embora a linha de fogo estivesse, na verdade, a dois metros de distância. As câmeras filmaram de um ângulo lateral baixo, fazendo com que a caminhada parecesse muito mais perigosa do que era.

O que não era falso era a maneira como os produtores planejaram levar os participantes à violência.

Outcasts foi a mais recente oferta dos programas de "realidade" que surgiram como cogumelos após o sucesso de Survivor e Fear Factor. Era uma combinação acelerada de ambos os formatos, com os jogos de gritaria de Jerry Springer.

O formato era simples. Dez participantes tinham que passar por uma série de testes ao longo de três semanas. Os que não passassem, ou fossem eliminados pelos outros, tinham que deixar a ilha.

O vencedor ganharia um milhão de dólares, com pontos de bônus, que pareciam se basear no quão desagradáveis os participantes poderiam ser uns com os outros.

O programa era considerado ainda mais cruel do que seus antecessores e os produtores usavam truques para aumentar a tensão. Enquanto outros programas eram altamente competitivos, Outcasts era abertamente combativo.

O formato do programa foi baseado em parte no curso de sobrevivência Outward-Bound, em que o participante deve viver da terra. Ao contrário dos outros programas de sobrevivência, que tendiam a ser ambientados em ilhas tropicais com águas azul-turquesa e palmeiras balançando, Outcasts foi filmado nas Orkneys escocesas. Os competidores aterrissaram em uma réplica de mau gosto de um navio viking, para uma plateia de aves marinhas.

A ilha tinha três quilômetros de comprimento e um quilômetro de largura. A maior parte era de rocha que havia sido torturada em saliências e fissuras há eras por algum cataclismo, com algumas árvores esparsas aqui e ali e uma praia de areia grossa onde a maior parte da ação foi filmada. O clima era ameno, exceto à noite e as cabanas cobertas de pele eram toleráveis.

A mancha de rocha era tão insignificante que os habitantes locais se referiam a ela como "*Wee Island*". Isso provocou uma discussão hilária entre o produtor, Sy Paris e seu assistente, Randy Andleman.

Paris estava em um de seus típicos delírios. "Não podemos filmar um programa de aventura em um lugar chamado" *Wee Island*, "pelo amor de Deus, temos que chamá-lo de outra coisa". Seu rosto se iluminou. "Vamos chamá-la de" Ilha da Caveira. " "

"Não se parece com uma caveira", disse Andleman. "Parece um ovo frito muito bem passado."

"Quase isso", disse Paris, antes de sair correndo.

Jodie, que havia testemunhado a conversa, arrancou um sorriso de Andleman ao dizer: "Acho que parece mais o crânio de um produtor de séries de TV idiota".

Os testes eram basicamente o tipo de acrobacias nojentas, como rasgar caranguejos vivos e comê-los ou mergulhar em um tanque cheio de enguias, que garantiam que o espectador ficasse com vergonha e assistisse ao próximo episódio, para ver como as coisas ficariam piores. Alguns dos participantes pareciam ter sido escolhidos por sua agressividade e maldade em geral.

O clímax aconteceria quando os dois últimos participantes passassem a noite caçando um ao outro usando miras telescópicas e armas de paintball, uma façanha baseada no conto "*The Most Dangerous Game*". O sobrevivente recebeu outro milhão de dólares.

Jodie era uma professora de condicionamento físico de Orange County, Califórnia. Ela tinha um corpo de arrasar em um biquíni, embora suas curvas fossem desperdiçadas sob suas roupas de baixo. Tinha cabelos longos e loiros e uma inteligência rápida que ela havia escondido para entrar no programa. Todas as candidatas eram escolhidas como modelos, mas Jodie se recusava a desempenhar o papel que os produtores a haviam atribuído.

No último teste de pontos e deméritos, ela e os outros participantes foram questionados se uma concha era um peixe, um molusco ou um carro. Como o estereótipo de loira do programa, ela deveria dizer "carro".

Jesus! Ela nunca conseguiria se conformar com algo assim quando voltasse para a civilização.

Desde o desastre do questionário, os produtores vinham dando fortes indícios de que ela deveria ir embora. Ela havia dado a eles a chance de expulsá-la quando uma brasa entrou em seu olho e ela falhou na caminhada do fogo. Os membros restantes da tribo se reuniram ao redor da fogueira com olhares sérios e Sy Paris entoou dramaticamente a ordem de deixar o clã e entrar em Valhalla. Jesus!

Enquanto se afastava da fogueira, ela se irritava consigo mesma por não ter passado no teste. Mas ainda havia um salto em seu passo. Depois de apenas algumas semanas com esses lunáticos, ela estava feliz por ter saído da ilha. Era um cenário belo e acidentado, mas ela já estava cansada das críticas, das manipulações e das trapaças em geral com as quais um participante tinha de se entregar para ter a duvidosa honra de ser caçado como um cão raivoso.

Além do "Portão para Valhalla", um caramanchão feito de ossos de baleia de plástico, havia um grande trailer que servia de alojamento para a equipe de produção. Enquanto os membros do clã dormiam em barracas de pele e comiam insetos, a equipe desfrutava de aquecimento, camas confortáveis e refeições gourmet. Quando um participante era expulso do jogo, ele passava a noite no trailer até que um helicóptero o buscasse na manhã seguinte.

"Que azar", disse Andleman, que a encontrou na porta. Andleman era um doce, o completo oposto de seu chefe obstinado.

"Sim, muito difícil. Chuveiros quentes. Refeições quentes. Telefones celulares."

"Diabos, temos tudo isso aqui mesmo."

Ela olhou em volta para as acomodações confortáveis. "Pelo que notei."

"Aquele beliche ali é seu", disse ele. "Prepare uma bebida no bar e há um excelente patê na geladeira que vai ajudá-la a se recompor. Tenho de ir ajudar o Sy. Fique à vontade."

"Obrigada, farei isso."

Ela foi até o bar e preparou um Martini Beefeater alto, sem gelo. O patê estava tão delicioso quanto anunciado. Ela estava ansiosa para ir para casa. Os ex-participantes sempre faziam a ronda dos programas de entrevistas na TV para falar sobre as pessoas que haviam deixado para trás. Dinheiro fácil. Ela se esticou em uma cadeira confortável. Depois de alguns minutos, o álcool a fez dormir.

Ela acordou com um sobressalto. Enquanto dormia, ouviu gritos agudos, como o som de pássaros marinhos se aglomerando ou de crianças em um parque de diversões, em um fundo de gritos e berros.

Peculiar.

Ela se levantou, foi até a porta e ficou ouvindo. Ela se perguntou se Sy havia inventado outro meio de humilhação. Talvez ele tivesse feito os outros dançarem uma dança selvagem ao redor da fogueira.

Ela caminhou rapidamente pela trilha que levava à praia. O barulho ficou mais alto, mais frenético. Algo estava terrivelmente errado. Eram gritos de medo e dor. Não de excitação. Ela acelerou o passo e atravessou o Portão de Valhalla. O que ela viu parecia uma cena de uma representação do Inferno feita por Hieronymus Bosch.

O elenco e a equipe estavam sendo atacados por criaturas horrendas que pareciam ser metade homem, metade animal. Os atacantes selvagens estavam rosnando, puxando suas vítimas para baixo e rasgando-as com garras e dentes.

Ela viu Sy cair, depois Randy. Ela reconheceu vários corpos que jaziam ensanguentados e maltratados na praia.

Sob a luz bruxuleante da fogueira, Jodie viu que os agressores tinham cabelos brancos, longos e imundos até os ombros. Os rostos não se pareciam com nada que ela já tivesse visto. Máscaras horripilantes e retorcidas.

Uma criatura segurava um braço decepado que estava levando à boca. Jodie não conseguiu se conter, gritou... e as outras criaturas interromperam seu banquete ímpio e olharam para ela com olhos ardentes que brilhavam em um vermelho luminoso.

Ela queria vomitar, mas eles vinham em sua direção agachados.

Ela correu para salvar sua vida.

Seu primeiro pensamento foi o trailer, mas ela tinha presença de espírito suficiente para saber que ficaria presa lá.

Ela correu para o terreno rochoso alto, com as criaturas correndo atrás dela como cães de caça. No escuro, ela perdeu o equilíbrio e caiu em uma fissura, mas, sem que ela soubesse, o acidente salvou sua vida. Seus perseguidores perderam seu rastro.

Jodie havia batido a cabeça na queda. Ela recuperou a consciência uma vez e pensou ter ouvido vozes ásperas e tiros. Em seguida, desmaiou novamente.

Na manhã seguinte, ela ainda estava inconsciente na fissura quando o helicóptero chegou. Quando a equipe vasculhou a ilha e finalmente encontrou Jodie, eles chegaram a uma descoberta surpreendente.

Todos os outros haviam desaparecido.

MONEMVASSIA, NO PELOPONESO GREGO

EM SEU PESADELO RECORRENTE, Angus MacLean era um bode acuado sendo perseguido por um tigre faminto cujos olhos amarelos o encaravam das sombras da selva. Os rosnados baixos foram ficando cada vez mais altos até encherem seus ouvidos. Então o tigre atacou. Ele podia sentir o cheiro de seu hálito fétido, sentir as presas afiadas afundando em seu pescoço. Ele se esticou na coleira em uma tentativa inútil de escapar. Seu balido patético e aterrorizado se transformou em um gemido desesperado... e ele acordou suando frio, com o peito arfando e os cobertores amarrotados úmidos de suor.

MacLean saiu cambaleando de sua cama estreita e abriu as persianas. A luz do sol grego inundou as paredes caiadas de branco do que havia sido a cela de um monge. Ele vestiu um short e uma camiseta, calçou as sandálias de caminhada e saiu, piscando os olhos contra o brilho do mar de safira. As batidas de seu coração diminuíram.

Ele respirou fundo, inalando a fragrância das flores silvestres que cercavam o mosteiro de estuque de dois andares. Esperou até que suas mãos parassem de tremer e partiu para a caminhada matinal que provou ser o melhor antídoto para seus nervos abalados.

O mosteiro foi construído à sombra de uma rocha maciça, com centenas de metros de altura, que os livros de turismo frequentemente chamavam de "o Gibraltar da Grécia". Para chegar ao cume, ele subiu por um caminho que passava pelo topo de uma antiga muralha. Séculos antes, os habitantes da cidade baixa se retiravam para as muralhas para se defender de invasores. Restavam apenas as ruínas do vilarejo que antes abrigava toda a população em tempos de cerco.

Do alto do poleiro elevado oferecido pela fundação em ruínas de uma antiga igreja bizantina, MacLean podia ver quilômetros de distância. Alguns barcos de pesca coloridos estavam trabalhando. Tudo estava aparentemente tranquilo. MacLean sabia que seu ritual matinal lhe dava uma falsa sensação de segurança. As pessoas que o caçavam não se revelariam até que o matassem.

Ele rondou entre as ruínas como um espírito sem-teto, depois desceu o muro e voltou para a sala de jantar do segundo andar do mosteiro. O mosteiro do século XV era um dos edifícios tradicionais que o governo grego utilizava como casas de hóspedes em todo o país. MacLean fazia questão de chegar para o café da manhã depois que todos os outros hóspedes tinham saído para passear.

O jovem que estava limpando a cozinha sorriu e disse: "*Kali mem*, Dr. MacLean

"*Kali Mera*, Angelo", respondeu MacLean. Ele bateu na cabeça com o dedo indicador. "Você se esqueceu?"

A luz brilhou nos olhos de Angelo. "Sim. Sinto muito. Sr. MacLean "Não tem problema. Desculpe-me por sobrecarregá-lo com meus estranhos pedidos", disse MacLean em seu suave sotaque escocês. "Mas, como eu disse antes, não quero que as pessoas pensem que posso curar seus problemas estomacais e dores de estômago."

"*Neh*. Sim, é claro, Sr. MacLean, eu entendo."

Angelo trouxe uma tigela de morangos frescos, melão e iogurte grego cremoso, coberto com mel local, nozes e uma xícara de café puro e espesso. Angelo era o jovem monge que servia como anfitrião residente. Ele tinha trinta e poucos anos, cabelos escuros encaracolados e um rosto bonito, geralmente envolto em um sorriso beatífico. Ele era uma combinação de concierge, zelador, chef e anfitrião. Usava roupas comuns de trabalho e o único indício de seus votos era a corda amarrada frouxamente em sua cintura.

Os dois homens haviam criado uma forte amizade nas semanas em que MacLean era hóspede. Todos os dias, depois que Angelo terminava seu trabalho no café da manhã, eles conversavam sobre seu interesse comum, a civilização bizantina.

MacLean havia se dedicado aos estudos históricos como uma distração de seu intenso trabalho como químico pesquisador. Anos atrás, seus estudos o levaram a Mystra, que já foi o centro do mundo bizantino. Ele se afastou pelo Peloponeso e se deparou com Monemvassia. Um estreito passadiço ladeado pelo mar era o único acesso ao vilarejo, um labirinto de ruas estreitas e becos do outro lado da muralha, cujo "único portão" deu o nome a Monemvassia. MacLean ficou encantado com a beleza do lugar. Ele prometeu voltar um dia, sem nunca pensar que, quando voltasse, estaria correndo para salvar sua vida.

O projeto tinha sido tão inocente no início. MacLean estava lecionando química avançada na Universidade de Edimburgo quando recebeu a oferta de um emprego dos sonhos para fazer a pesquisa pura que ele adorava. Ele aceitou o cargo e tirou uma licença. Ele se dedicou ao trabalho, disposto a suportar as longas horas e o intenso sigilo. Ele liderava uma das várias equipes que trabalhavam com enzimas, as proteínas complexas que produzem reações bioquímicas.

Os cientistas do Projeto estavam enclausurados em dormitórios confortáveis no interior da França e tinham pouco contato com o mundo exterior. Um colega, em tom de brincadeira, referiu-se à pesquisa deles como o "Projeto Manhattan". O isolamento não era problema para MacLean, que era solteiro e não tinha parentes próximos. Poucos de seus colegas reclamaram. O salário astronômico e as excelentes condições de trabalho eram uma ampla compensação. Então o projeto tomou um rumo perturbador. Quando MacLean e os outros fizeram perguntas, disseram-lhes que não se preocupassem. Em vez disso, foram mandados para casa e disseram-lhes para esperar até que os resultados de seu trabalho fossem analisados. Em vez disso, MacLean foi para a Turquia para explorar ruínas. Quando retornou à Escócia, várias semanas depois, sua secretária eletrônica registrou várias ligações e uma estranha mensagem telefônica de um antigo colega. O cientista perguntou se MacLean estava lendo os jornais e pediu que ele ligasse de volta. MacLean tentou entrar em contato com o homem, mas descobriu que ele havia morrido alguns dias antes em um acidente com atropelamento e fuga. Mais tarde, quando MacLean estava examinando sua pilha de correspondência, encontrou um pacote que o cientista havia enviado antes de sua morte. O envelope grosso estava repleto de recortes de jornais que descreviam uma série de mortes acidentais. Ao ler os recortes, MacLean sentiu um arrepio na espinha. As vítimas eram todos cientistas que haviam trabalhado com ele no Projeto. Em um bilhete anexo, estava rabiscado um aviso conciso: "*Fuja ou morra*!" MacLean queria acreditar que os acidentes eram coincidência, mesmo que isso fosse contra seus instintos científicos. Então, alguns dias depois de ler os recortes dos jornais, um caminhão tentou tirar seu Mini Cooper da estrada. Milagrosamente, ele escapou com apenas alguns arranhões. Mas ele reconheceu o motorista do caminhão como um dos guardas silenciosos que vigiavam os cientistas no laboratório. Que tolo ele tinha sido. MacLean sabia que tinha de fugir. Mas para onde? Monemvassia lhe veio à mente. Era um local de férias popular entre os gregos do continente. A maioria dos estrangeiros que visitavam o rochedo vinha apenas para passeios de um dia. E agora aqui estava ele.

Enquanto MacLean refletia sobre os acontecimentos que o haviam levado até ali, Angelo apareceu com um exemplar do International Herald Tribune. O monge tinha que fazer alguns recados, mas voltaria em uma hora. MacLean assentiu e tomou seu café, saboreando o gosto forte e escuro. Ele folheou as notícias habituais sobre crises econômicas e políticas. Então, sua atenção se voltou para uma manchete nos resumos de notícias internacionais:

*SOBREVIVENTE DIZ QUE MONSTROS MATARAM O ELENCO E A EQUIPE DE TV*

A notícia era proveniente de uma ilha escocesa nas *Orkneys*, um arquipélago ao norte da Escócia. Intrigado, ele leu a história. Tinha apenas alguns parágrafos, mas quando terminou, suas mãos estavam tremendo. Ele leu o artigo novamente até as palavras ficarem embaçadas. Meu Deus, pensou ele. Algo terrível aconteceu. Ele dobrou o jornal e foi para fora, ficou sob a luz suave do sol e tomou uma decisão. Ele voltaria para casa e veria se conseguiria fazer com que alguém acreditasse em sua história.

MacLean caminhou até o portão da cidade e pegou um táxi até o escritório da balsa na ponte, onde comprou uma passagem para o hidrofólio para Atenas no dia seguinte. Em seguida, voltou para seu quarto e arrumou seus poucos pertences. E agora? Ele decidiu manter sua rotina habitual para o último dia, caminhou até um café ao ar livre e pediu um copo alto de limonada gelada. Ele estava absorto em seu jornal quando percebeu que alguém estava falando com ele. Olhou para cima e viu uma mulher de cabelos grisalhos, vestindo calça e blusa de poliéster florida, ao lado de sua mesa, segurando uma câmera.

"Desculpe interromper", disse ela com um sorriso doce. A senhor se importaria? Eu e meu marido". Os turistas sempre pediam a MacLean para documentar suas viagens. Ele era alto e esguio e com seus olhos azuis e cabelos cor de sal e pimenta, destacava-se dos gregos mais baixos e mais escuros.

Um homem estava sentado em uma mesa próxima, dando a MacLean um sorriso de dente torto. Seu rosto sardento estava avermelhado pelo excesso de sol. MacLean acenou com a cabeça e pegou a câmera da mão da mulher. Ele clicou algumas fotos do casal e devolveu a câmera.

"Muito obrigada!", disse a mulher efusivamente. "Você não sabe o que significa ter isso para o nosso álbum de viagem."

"Americanos?" disse MacLean. Sua vontade de falar inglês superou sua relutância em envolver qualquer pessoa em uma conversa. Os conhecimentos de inglês de Angelo eram limitados.

A mulher sorriu. "É tão óbvio assim? Nós nos esforçamos tanto para nos encaixar".

O poliéster amarelo e rosa decididamente não era uma declaração de moda grega, pensou MacLean. O marido da mulher estava usando uma camisa de algodão branca sem colarinho e um chapéu de capitão preto, como os vendidos principalmente para o comércio turístico.

"Descemos no hidrofólio", disse o homem, levantando-se da cadeira. Ele pressionou a palma da mão úmida contra MacLean: "Caramba, foi um passeio e tanto. Você é inglês?"

MacLean respondeu com um olhar de horror. "Ah, não, sou escocês."

"Sou metade escocês e a outra metade soda", disse o homem com seu sorriso de cavalo. "Desculpe-me pela confusão. Sou do Texas. Acho que seria como se você pensasse que somos de Oklahoma."

MacLean se perguntava por que todos os texanos que conhecia falavam como se todos tivessem problemas de audição. "Eu nunca imaginaria que você fosse de Oklahoma", disse MacLean. "Espero que sua visita seja agradável." Ele começou a se afastar, mas parou quando a mulher perguntou se o marido poderia tirar uma foto com eles, pois ele havia sido muito gentil com eles. MacLean posou com a mulher e depois com o marido dela.

"Obrigada", disse a mulher. Ela falava com um ar mais refinado do que o marido. Em pouco tempo, MacLean ficou sabendo que Gus e Emma Harris eram de Houston, que Gus tinha trabalhado no ramo de petróleo e que ela tinha sido professora de história, realizando o sonho de toda uma vida de visitar o Berço da Civilização.

Ele apertou as mãos, aceitou seus profundos agradecimentos e partiu pela rua estreita. Ele andou rápido, esperando que eles não se sentissem tentados a segui-lo e tomou um caminho tortuoso de volta ao mosteiro.

MacLean fechou as persianas para que seu quarto ficasse escuro e fresco. Ele dormiu durante o pior do calor da tarde, depois se levantou e jogou água fria no rosto. Saiu para tomar um pouco de ar fresco e ficou surpreso ao ver os Harris perto da antiga capela caiada de branco no pátio do mosteiro.

Gus e sua esposa estavam tirando fotos do mosteiro. Eles acenaram e sorriram quando o viram e MacLean saiu e se ofereceu para mostrar-lhes seu quarto. Eles ficaram impressionados com o acabamento dos painéis de madeira escura. De volta ao lado de fora, eles olharam para os penhascos atrás do prédio.

"Deve haver uma vista maravilhosa lá de cima", disse Emma.

"É uma caminhada um pouco longa até o topo."

"Eu faço muita observação de pássaros em casa, então estou em boa forma. O Gus está em melhor forma do que parece." Ela sorriu. "Ele costumava ser jogador de futebol, embora seja difícil de acreditar agora."

"Eu sou um *Aggie*, um fazendeiro", disse o Sr. Harris. "Universidade A&M do Texas. Há mais de mim agora do que naquela época. Mas vou lhe dizer uma coisa, vou tentar."

"Você acha que poderia nos mostrar o caminho?" Emma perguntou a MacLean

"Sinto muito, mas vou sair no hidrofólio amanhã bem cedo." MacLean lhes disse que poderiam fazer a subida sozinhos se começassem cedo, antes que o sol ficasse muito quente.

"Você é gentil." Ela deu um tapinha na bochecha de MacLean de forma maternal.

Ele estava sorrindo, admirando a coragem deles, enquanto os observava se afastarem pelo caminho que corria ao longo do paredão em frente ao mosteiro. Eles passaram por Angelo, que estava voltando da cidade.

O monge cumprimentou MacLean e depois se virou para olhar o casal. "Você conheceu os americanos do Texas?"

O sorriso de MacLean se transformou em uma carranca intrigada. "Como você soube quem eles eram?"

"Eles passaram por aqui ontem de manhã. Vocês estavam lá em cima em sua caminhada." Ele apontou para a cidade velha.

"É engraçado, eles agiram como se fosse o primeiro dia deles aqui."

Angelo deu de ombros. "Talvez, quando ficarmos velhos, também nos esqueçamos."

De repente, MacLean se sentiu como o bode aprisionado em seu pesadelo. Um vazio frio se instalou em seu estômago. Ele se desculpou e voltou para o quarto, onde se serviu de uma dose forte de *ouzo*.

Como teria sido fácil. Eles teriam subido até o topo da rocha e pedido que ele posasse para uma foto perto da borda. Um empurrão e ele cairia.

Outro acidente. Outro cientista morto.

Nada de trabalho pesado. Nem mesmo para um velho e doce professor de história.

Ele vasculhou o saco plástico que usava para guardar sua roupa suja. Enterrado no fundo estava o envelope cheio de recortes de notícias amarelados que ele espalhou sobre a mesa.

As manchetes eram diferentes, mas o assunto de cada história era o mesmo.

*CIENTISTA MORRE EM ACIDENTE DE CARRO. CIENTISTA MORTO EM UM ATROPELAMENTO E FUGA.*

*CIENTISTA MATA A ESPOSA E A SI MESMO. CIENTISTA MORRE EM ACIDENTE DE ESQUI.*

Cada uma das vítimas havia trabalhado no Projeto. Ele releu o bilhete: "*Fuja ou morra*!" Em seguida, colocou o recorte do jornal Herald Tribune junto com os outros e foi até a recepção do mosteiro. Angelo estava examinando uma pilha de reservas.

"Preciso ir embora", disse MacLean.

Angelo parecia cabisbaixo. "Sinto muito. Quando?"

"Hoje à noite."

"Impossível. Não há barco hidrofólio ou ônibus até amanhã." "No entanto, preciso partir e peço sua ajuda. Posso fazer com que valha a pena".

Um olhar triste surgiu nos olhos do monge. "Eu faria isso por amizade, não por dinheiro."

"Sinto muito", disse MacLean. "Estou um pouco chateado."

Angelo não era um homem pouco inteligente.

"Isso é por causa dos americanos?"

"Algumas pessoas más estão atrás de mim. Esses americanos podem ter sido enviados para me encontrar. Eu fui estúpido e disse a eles que estava indo para o hidrofólio. Não tenho certeza se eles vieram sozinhos. Talvez tenham alguém vigiando o portão."

Angelo acenou com a cabeça. "Posso levá-lo de barco até o continente. Você precisará de um carro."

"Eu esperava que você pudesse alugar um para mim", disse MacLean. Ele entregou a Angelo seu cartão de crédito, que tentara não usar antes, sabendo que poderia ser rastreado.

Angelo ligou para o escritório de aluguel de carros no continente. Ele falou por alguns minutos e desligou. "Está tudo resolvido. Eles deixarão as chaves no carro."

"Angelo, não sei como posso lhe pagar."

"Sem pagamento, meu amigo!"

MacLean teve um jantar leve em um café isolado, onde ele se viu olhando com apreensão para as outras mesas. A noite passou sem nenhum acontecimento. No caminho de volta para o mosteiro, ele não parava de olhar por cima do ombro.

A espera foi agonizante. Ele se sentiu preso em seu quarto, mas lembrou a si mesmo que as paredes tinham pelo menos 30 centímetros de espessura e que a porta poderia resistir a um aríete. Poucos minutos depois da meia-noite, ele ouviu uma batida suave na porta.

Angelo pegou sua bolsa e abriu caminho ao longo do paredão até um conjunto de escadas que descia até uma plataforma de pedra usada por nadadores para mergulho. À luz de uma lanterna elétrica, MacLean pôde ver um pequeno barco a motor amarrado à plataforma. Eles entraram no barco. Angelo estava pegando o cabo de amarração quando se ouviram passos silenciosos nos degraus.

"Vamos fazer um cruzeiro à meia-noite?", disse a doce voz de Emma Harris.

"Você não acha que o Dr. MacLean estava indo embora sem se despedir", disse o marido dela.

Depois de sua surpresa inicial, MacLean soltou sua língua. "O que aconteceu com seu sotaque texano, Sr. Harris?

"Ah, isso. Não é muito autêntico, devo admitir."

"Não se preocupe, querida. Foi bom o suficiente para enganar o Dr. MacLean. Embora eu deva admitir que tivemos um pouco de sorte ao concluir nossa tarefa. Estávamos sentados naquele delicioso café quando você passou por lá. Foi muito gentil de sua parte nos deixar tirar sua foto para que pudéssemos compará-la com a foto do seu arquivo. Não gostamos de cometer erros".

Seu marido deu uma risada avuncular. "Lembro-me de ter dito:" *Entre em minha sala...*""

"'*... disse a aranha para a mosca*". "

Eles caíram na gargalhada.

"Você foi enviado pela empresa", disse MacLean.

"Eles são pessoas muito inteligentes", disse Gus. "Sabiam que você estaria à procura de alguém que se parecesse com um gângster."

"É um erro que muitas pessoas cometeram", disse Emma, com um tom triste em sua voz. "Mas isso nos mantém no negócio, não é mesmo, Gus? Bom. Foi muito bom viajar pela Grécia. Mas todas as coisas boas têm de acabar."

Angelo havia escutado a conversa com uma expressão intrigada no rosto. Ele não tinha consciência do perigo que estavam correndo. Antes que MacLean pudesse impedi-lo, ele se aproximou para desamarrar o barco.

"Com licença", disse ele. "Precisamos ir."

Essas foram as últimas palavras que ele pronunciaria.

Houve o baque abafado de uma arma com silenciador e uma língua escarlate de fogo lambeu a escuridão. Angelo apertou o peito e fez um som gorgolejante. Em seguida caiu do barco na água.

"Dá azar em atirar em um monge, minha querida", disse Gus à esposa.

"Ele não estava usando a batina", disse ela, com um beicinho na voz. "Como eu poderia saber?"

Suas vozes eram duras e zombeteiras.

"Venha, disse Gus." Temos um carro esperando para levá-lo a um avião da empresa.

"Você não vai me matar?"

"Ah, não", disse Emma, novamente a viajante inocente. "Há outros planos para você."

"Não estou entendendo."

"Você vai, meu querido. Você vai..."

OS ALPES FRANCESES

O helicóptero utilitário leve da AEROSPATIALE ALOUETTE, que percorria os profundos vales alpinos, parecia tão insignificante quanto um mosquito contra o pano de fundo de picos imponentes. Quando o helicóptero se aproximou de uma montanha cujo cume era coroado por três botões irregulares, Hank Thurston, sentado no assento do passageiro da frente, tocou o ombro do homem sentado ao seu lado e apontou através da capota.

"Aquele é o *Le Dormeur*", disse Thurston, levantando a voz para ser ouvido por cima das lâminas do rotor. "O Homem Adormecido". O perfil supostamente se assemelha ao rosto de uma pessoa dormindo deitada de costas."

Thurston era professor titular de glaciologia na Universidade Estadual de Iowa. Embora o cientista estivesse na casa dos quarenta anos, seu rosto exalava um entusiasmo de menino. Em Iowa, Thurston mantinha o rosto bem barbeado e o cabelo bem aparado, mas depois de alguns dias no campo ele começou a se parecer com um piloto de avião. Era uma aparência que ele cultivava usando óculos escuros de aviador, deixando o cabelo castanho-escuro crescer para que os fios grisalhos aparecessem e fazendo a barba com pouca frequência, de modo que o queixo geralmente ficava coberto de barba por fazer.

"Licença poética", disse o passageiro, Derek Rawlins. "Posso ver a testa, o nariz e o queixo. Ele me lembra o Velho da Montanha em New Hampshire antes de ser destruído, exceto pelo fato de que o perfil da pedra aqui é horizontal em vez de vertical."

Rawlins era redator da revista Outside. Ele tinha vinte e poucos anos e com seu ar de otimismo sincero e cabelos e barba loiros bem aparados, parecia mais um professor universitário do que Thurston.

A claridade cristalina do ar criava uma ilusão de proximidade, fazendo com que a montanha parecesse estar a apenas um braço de distância. Depois de algumas passagens ao redor dos penhascos, o helicóptero saiu de seu círculo preguiçoso, passou por cima de um cume e desceu em uma bacia natural de vários quilômetros de diâmetro. O piso da bacia da montanha era coberto por um lago quase perfeitamente redondo. Embora fosse verão, blocos de gelo do tamanho de Volkswagens flutuavam em sua superfície espelhada.

"*Lac du Dormeur*", disse o professor. "Esculpido por uma geleira em retirada durante a Idade do Gelo e agora alimentado por águas glaciais."

"Esse é o maior martini com gelo que eu já vi", disse Rawlins.

Thurston riu. "É tão claro quanto gim, mas você não encontrará nenhuma azeitona no fundo. Aquela grande estrutura quadrada construída na montanha, ao lado da geleira, é a usina de energia. A cidade mais próxima fica do outro lado da cadeia de montanhas."

A aeronave passou por cima de uma embarcação larga e de aparência robusta ancorada perto da margem do lago. Guindastes e barras se projetavam do convés do barco.

"O que está acontecendo lá embaixo?" disse Rawlins.

"Algum tipo de projeto arqueológico", disse Thurston. "O barco deve ter subido o rio que drena o lago."

"Vou dar uma olhada mais tarde", disse Rawlins. "Talvez eu consiga arrancar um aumento do meu editor se eu voltar com duas histórias pelo preço de uma. "Ele olhou para frente, para um grande bloco de gelo que preenchia a lacuna entre duas montanhas. "Uau! Essa deve ser a nossa geleira."

"Sim. Eu sou a *Langue du Dormeur*." A Língua do Adormecido. "O helicóptero passou por cima do rio de gelo que descia por um amplo vale até o lago. Os contrafortes escarpados e cobertos de neve de rocha negra cercavam a geleira em ambos os lados, moldando-a em um ponto arredondado. As bordas do campo de gelo eram irregulares onde o fluxo encontrava fendas e ravinas. O gelo tinha uma coloração azulada e estava rachado em sua superfície como a língua ressecada de um garimpeiro perdido.

Rawlins se inclinou para frente para dar uma olhada melhor. "O Adormecido deveria consultar um médico. Ele está com um caso grave de boca de trincheira."

"Como você disse, licença poética", disse Thurston. "Espere um pouco. Estamos prestes a aterrissar."

O helicóptero passou por cima da borda da geleira e o piloto colocou a aeronave em uma curva lenta. Momentos depois, os trens de pouso do helicóptero atingiram uma faixa de grama marrom a algumas centenas de metros do lago.

Thurston ajudou o piloto a descarregar várias caixas de papelão do helicóptero e sugeriu que Rawlins esticasse as pernas. O repórter caminhou até a beira da água. O lago tinha uma quietude sobrenatural. Nenhuma ondulação de ar perturbava a superfície, que parecia dura o suficiente para ser atravessada a pé. Ele jogou uma pedra para se certificar de que o lago não estava congelado.

O olhar de Rawlins desviou-se das ondulações crescentes para o barco ancorado a cerca de 400 metros da margem. Ele reconheceu imediatamente a cor azul-esverdeada turquesa característica do casco. Ele já havia encontrado embarcações de cor semelhante quando estava escrevendo. Mesmo sem as letras NUMA pintadas em negrito no casco, ele saberia que o barco pertencia à National Underwater and Marine Agency. Ele se perguntou o que uma embarcação da NUMA estava fazendo nesse lugar remoto, longe do oceano mais próximo.

Definitivamente, havia uma história inesperada aqui, mas ela teria que esperar. Thurston estava ligando para ele. Um Citroen 2C maltratado estava correndo em direção ao helicóptero estacionado em uma nuvem de poeira. O pequeno carro derrapou até parar ao lado do helicóptero e um homem que parecia um troll das montanhas emergiu do lado do motorista como uma criatura nascida de um ovo deformado. Ele era baixo e de pele escura, com barba preta e cabelos longos.

O homem apertou a mão de Thurston. "É maravilhoso tê-lo de volta, *Monsieur le professeur*. E você deve ser o jornalista, Monsieur Rawlins. Eu sou Bernard LeBlanc. Seja bem-vindo.

"Obrigado, Dr. LeBlanc", disse Rawlins. "Estava ansioso por minha visita. Mal posso esperar para ver o trabalho incrível que está fazendo aqui."

"Vamos lá, então", disse LeBlanc, pegando a mochila do repórter. "A *Fifi* está esperando." "*Fifi*?" Rawlins olhou em volta como se esperasse ver uma dançarina do *Follies Bergere*.

Thurston irreverentemente sacudiu o polegar para o Citroen. "*Fifi* é o nome do carro de Bernie."

"E por que eu não deveria dar ao meu carro um nome de mulher?" disse LeBlanc, com uma expressão de pique. "Ela é fiel e trabalhadora. E bonita à sua maneira."

"Isso é o suficiente para mim", disse Rawlins. Ele seguiu LeBlanc até o Citroen e entrou no banco de trás. As caixas de suprimentos foram presas ao bagageiro do teto. Os outros homens entraram na frente e LeBlanc dirigiu o *Fifi* em direção à base da montanha que ladeava o lado direito da geleira. Quando o carro começou a subir por uma estrada de cascalho, o helicóptero decolou, ganhou altitude sobre o lago e desapareceu atrás do cume alto.

"Você está familiarizado com o trabalho que está sendo feito em nosso observatório subglacial, Monsieur Rawlins?" disse LeBlanc por cima do ombro.

"Me chame de Deke. Eu li o material. Sei que sua configuração é semelhante à da geleira Svartisen, na Noruega."

"Correto", acrescentou Thurston. "O laboratório de Svartisen fica a setecentos pés sob o gelo. Nós estamos mais perto de oitocentos. Em ambos os lugares, a água do derretimento da geleira é canalizada para uma turbina para produzir energia hidrelétrica. Quando os engenheiros perfuraram os dutos de água, eles abriram um túnel extra sob a geleira para abrigar nosso observatório."

O carro havia entrado em uma floresta de pinheiros rasteiros. LeBlanc dirigia pela trilha estreita com um descaso aparentemente imprudente. As rodas estavam a apenas alguns centímetros de quedas bruscas. À medida que a inclinação se tornava mais acentuada, o pequeno motor do Citroen começava a chiar.

"Parece que a *Fifi* está mostrando sua idade", disse Thurston.

"É o coração dela que é importante", respondeu LeBlanc. Mesmo assim, eles estavam se arrastando em um ritmo de tartaruga quando a estrada chegou ao fim. Eles saíram do carro e LeBlanc entregou a cada um deles um cinto de segurança para os ombros e ele mesmo colocou um. Uma caixa de suprimentos foi amarrada em cada cinto.

Thurston pediu desculpas. "Desculpe-me por recrutá-lo como sherpa. Nós trouxemos suprimentos de avião para as três semanas em que estamos aqui, mas gastamos nosso estoque de idade mais rápido do que esperávamos e aproveitamos a ocasião de sua visita para trazer mais coisas."

"Não há problema", disse Rawlins com um sorriso bem-humorado, ajustando habilmente o peso para que ficasse facilmente sobre seus ombros. "Eu costumava levar suprimentos para as cabanas das Montanhas Brancas em New Hampshire antes de me tornar um hacker manchado de tinta."

LeBlanc liderou o caminho ao longo de uma trilha que se estendia por cerca de cem metros entre pinheiros desgrenhados. Acima da linha das árvores, o solo se endurecia em extensões planas de rocha. A rocha foi borrifada com uma camada de tinta spray amarela para marcar a trilha. Em pouco tempo, a trilha ficou mais íngreme e lisa onde as rochas haviam sido polidas por milhares de anos de atividade glacial. A água do escoamento tornou a superfície dura escorregadia e traiçoeira. De vez em quando, eles atravessavam fendas cheias de neve molhada.

O repórter estava ofegante com o esforço e a altitude.

Ele suspirou de alívio quando finalmente pararam em uma plataforma ao lado de uma parede de rocha negra que subia em um ângulo quase vertical. Eles estavam a quase dois mil pés acima do lago, que brilhava sob os raios do sol do meio-dia. A geleira estava fora de vista, ao redor de uma escarpa, mas Rawlins podia sentir o frio intenso que ela irradiava, como se alguém tivesse deixado a porta de uma geladeira aberta.

Thurston apontou para uma abertura redonda revestida de concreto na base do penhasco vertical. "Bem-vindo ao Palácio de Gelo."

"Parece um bueiro de drenagem", disse Rawlins.

Thurston riu e se agachou, abaixando a cabeça enquanto abria caminho para um túnel de metal corrugado com cerca de um metro e meio de diâmetro. Os outros o seguiram em uma caminhada abaixada que se tornou necessária devido às suas mochilas. A passagem terminou depois de cerca de 30 metros e se abriu em um túnel pouco iluminado. As paredes laranja úmidas e brilhantes da rocha metamórfica eram listradas de preto com minerais mais escuros.

Rawlins olhou em volta com admiração. "Você poderia dirigir um caminhão por aqui." "

Com espaço de sobra. "Tem trinta pés de altura e trinta pés de largura", disse Thurston.

"É uma pena que não dê para passar a *Fifi* por esse bueiro", disse Rawlins.

"Nós pensamos nisso. Há uma entrada grande o suficiente para um carro perto da usina de energia, mas Bernie tem medo de que ela se machuque correndo por esses túneis."

"*Fifi* tem uma constituição muito delicada", disse LeBlanc com uma risada.

O francês abriu um armário de plástico encostado em uma parede. Ele passou botas de borracha e capacetes com luzes de mineiro nas coroas.

Minutos depois, eles partiram para o túnel, com o barulho de suas botas ecoando nas paredes. À medida que avançavam, Rawlins olhava para a escuridão além do alcance de sua lanterna de cabeça. "Não é exatamente a Grande Via Branca."

"A empresa de energia elétrica instalou a iluminação quando eles perfuraram. Muitas dessas lâmpadas queimadas não foram substituídas."

"Provavelmente já lhe perguntaram isso, mas o que o levou à glaciologia?" disse Rawlins.

"Essa não é a primeira vez que ouço essa pergunta. As pessoas acham que os glaciologistas são um pouco estranhos. Estudamos massas de gelo enormes, antigas e lentas que levam séculos para chegar a algum lugar. Dificilmente é um trabalho para um homem adulto, você não acha, Bernie?"

"Talvez não, mas uma vez conheci uma bela esquimó no Yukon."

"Falou como um verdadeiro glaciologista", disse Thurston. "Temos em comum o amor pela beleza e o desejo de estar ao ar livre. Muitos de nós foram seduzidos por essa vocação por nossa primeira visão inspiradora de um campo de gelo." Ele apontou para as paredes do túnel. "Portanto, é irônico que passemos semanas seguidas sob a geleira, longe da luz do sol, como um bando de toupeiras."

"Veja o que isso fez comigo", disse LeBlanc. "Dois graus centígrados constantes e cem por cento de umidade. Eu costumava ser alto e de cabelos loiros, mas encolhi e me tornei uma fera desgrenhada."

"Você tem sido um animal baixo e peludo desde que o conheço", disse Thurston. "Estamos aqui por períodos de três semanas e concordo que parecemos um pouco como uma toupeira, mas até mesmo Bernie concordará que temos sorte. A maioria dos glaciologistas só observa um campo de gelo de cima. Nós podemos nos aproximar e fazer cócegas em sua barriga."

"Qual é exatamente a natureza de seus experimentos?" perguntou Rawlins.

"Estamos conduzindo um estudo de três anos sobre como as geleiras se movem e o que elas fazem com a rocha sobre a qual deslizam. Espero que você consiga fazer com que isso pareça mais empolgante quando escrever seu artigo."

"Não será muito difícil. Com todo o interesse no aquecimento global, a glaciologia se tornou um assunto quente."

"É o que estou ouvindo. O reconhecimento já deveria ter sido feito há muito tempo. As geleiras são afetadas pelo clima, portanto, elas podem nos dizer, com uma margem de poucos graus, qual era a temperatura na Terra há milhares de anos. Além disso, elas provocam mudanças no clima. Ah, aqui estamos, *Club Dormeur*".

Quatro pequenos edifícios que pareciam trailers ficavam lado a lado em uma baía esculpida na parede.

Thurston abriu uma porta para a estrutura mais próxima. "Todos os confortos de casa", disse ele. "Quatro quartos com espaço para oito pesquisadores, cozinha, banheiro com chuveiro. Normalmente, eu tenho um geólogo e outros cientistas, mas estamos com uma equipe reduzida, composta por Bernie, um jovem assistente de pesquisa da Universidade de Uppsala e eu. Você pode deixar os suprimentos aqui. Estamos a cerca de trinta minutos de caminhada do laboratório. Temos conexões telefônicas entre a entrada, o túnel de pesquisa e a sala do laboratório. É melhor avisar o pessoal do observatório que estamos de volta".

Ele pegou um telefone de parede e disse algumas palavras. Seu sorriso se transformou em uma carranca intrigada.

"Diga novamente". Ele ouviu atentamente. "Está bem. Já estamos indo para lá."

"Há algo errado, professor?" disse LeBlanc.

Thurston franziu a testa. "Acabei de falar com meu assistente de pesquisa. Incrível!"

"Aconteceu alguma coisa?" disse LeBlanc.

Thurston tinha uma expressão atônita no rosto. "Ele diz que encontrou um homem congelado na geleira."

DUZENTOS METROS abaixo da superfície do Lac du Dormeur, em águas frias o suficiente para matar um ser humano desprotegido, a esfera brilhante flutuava acima do fundo de cascalho do lago glacial como um fogo-fátuo em um pântano da Geórgia. Apesar do ambiente hostil, o homem e a mulher sentados lado a lado dentro da cabine de acrílico transparente estavam tão relaxados quanto espreguiçadeiras em uma poltrona de amor. O homem era corpulento, com ombros que pareciam dois aríetes. A exposição ao mar e ao sol havia bronzeado as feições robustas que eram banhadas pela suave luz laranja do painel de instrumentos e descolorido o cabelo pálido, prematuramente grisalho como aço, quase até a cor da platina. Com seu perfil esculpido e expressão intensa, Kurt Austin tinha o rosto de um guerreiro esculpido em uma coluna de vitória romana. No entanto, a dureza que se escondia sob as feições polidas era suavizada por um sorriso fácil e os olhos azuis coral penetrantes brilhavam com bom humor.

Austin era o líder da Equipe de Atribuições Especiais da NUMA, criada pelo ex-diretor da NUMA, almirante James Sandecker, agora vice-presidente dos Estados Unidos, para missões submarinas que muitas vezes aconteciam secretamente fora do domínio da pesquisa e fora da esfera de supervisão do governo. Engenheiro naval por formação e experiência, Austin veio da CIA para a NUMA, onde trabalhou em um setor pouco conhecido, especializado em coleta de informações submarinas.

Depois de chegar à NUMA, Austin montou uma equipe de especialistas que incluía Joe Zavala, um brilhante engenheiro especializado em veículos subaquáticos; Paul Trout, um geólogo de águas profundas; e a esposa de Trout, Gamay Morgan-Trout, uma mergulhadora altamente qualificada que se especializou em arqueologia náutica antes de obter seu doutorado em biologia marinha. Trabalhando juntos, eles realizaram muitas sondagens bem-sucedidas em enigmas estranhos e sinistros nos oceanos e sob os oceanos do mundo.

Nem todo trabalho que Austin realizava era cheio de perigos. Alguns, como a sua última tarefa, eram bastante agradáveis e mais do que compensavam os choques, os hematomas e as cicatrizes que ele havia acumulado em várias tarefas da NUMA. Embora conhecesse sua companheira há apenas alguns dias, ele já estava completamente fascinado por ela. Skye Labelle estava na casa dos trinta e poucos anos. Tinha pele cor de oliva e olhos azuis-violeta travessos que espiavam por baixo da aba de seu gorro de lã. Seu cabelo era castanho-escuro, quase preto. Sua boca era muito larga para ser chamada de clássica, mas seus lábios eram exuberantes e sensuais. Ela tinha um bom corpo, mas nunca apareceria na capa da Sports Illustrated. Sua voz era baixa e fria e quando ela falava, era óbvio que tinha uma inteligência rápida.

Embora ela fosse mais impressionante do que bonita, Austin a considerava uma das mulheres mais atraentes que ele já havia conhecido. Ela o lembrava do retrato de uma jovem condessa de cabelos cor de rosa que ele havia visto pendurado na parede do Louvre. Austin tinha admirado como o artista havia captado habilmente a paixão e a franqueza sem pudor no olhar do sujeito. A mulher na pintura tinha um olhar diabólico, como se quisesse se livrar de seus trajes reais e correr descalça por um prado. Ele se lembrava de ter desejado conhecê-la pessoalmente. E agora, ao que parece, ele a conheceu.

"Você acredita em reencarnação?" disse Austin, pensando no retrato do museu.

Skye piscou os olhos de surpresa. Eles estavam falando sobre geologia glacial.

"Eu não sei. Por que você pergunta?" Ela falava inglês americano com um leve sotaque francês.

"Por nada." Austin fez uma pausa. "Tenho outra pergunta, mais pessoal."

Ela lhe deu um olhar cauteloso. "Acho que já sei. Você quer saber sobre meu nome."

"Eu nunca conheci ninguém chamado Skye Labelle antes."

"Algumas pessoas acreditam que meu nome deve ser uma homenagem a uma stripper de Las Vegas."

Austin deu uma risadinha. "É mais provável que alguém de sua família tenha uma mente poética."

"Meus pais malucos", disse ela, com um revirar de olhos. "Meu pai foi enviado para os Estados Unidos como diplomata. Um dia, ele foi ao festival de balões de ar quente de Albuquerque e a partir daquele dia, tornou-se um aeronauta fanático. Meu irmão mais velho recebeu o nome de Thaddeus em homenagem ao antigo balonista Thaddeus Lowe. Minha mãe americana é uma artista e tem um espírito livre, por isso achou a ideia do meu nome maravilhoso. Meu pai insiste em me dar o nome pela cor dos meus olhos, mas todos sabem que os olhos dos bebês são neutros quando eles nascem. Eu não me importo. Acho que é um nome bonito".

"Eles não ficam mais bonitos do que Beautiful Sky."

"*Merci*. E obrigada por tudo isso!" Ela olhou através da bolha e bateu palmas com alegria de criança. "Isso é absolutamente maravilhoso. Nunca sonhei que meus estudos em arqueologia me levariam para debaixo d'água dentro de uma grande bolha."

"Deve ser melhor do que polir uma armadura medieval em um museu mofado", disse Austin.

Skye deu uma risada calorosa e desinibida. "Eu passo muito pouco tempo em museus, exceto quando estou organizando uma exposição. Atualmente, faço muitos trabalhos corporativos para apoiar meu trabalho de pesquisa."

Austin levantou uma sobrancelha. "A ideia de a Microsoft e a General Motors contratarem um especialista em armas e armaduras me faz pensar em seus motivos."

"Pense nisso. Para sobreviver, uma empresa deve tentar matar ou ferir seus concorrentes enquanto se defende. Figurativamente falando."

"A 'competição cruel' original", disse Austin.

"Nada mal. Vou usar essa frase em minha próxima apresentação."

"Como você ensina um grupo de executivos a tirar sangue? Figurativamente falando, é claro."

"Eles já têm o desejo de sangue. Faço com que eles pensem "fora da caixa", como eles gostam de dizer. Peço a eles que finjam que estão fornecendo armas para forças concorrentes. Os antigos fabricantes de armas tinham de ser metalúrgicos e engenheiros. Muitos eram artistas, como Leonardo, que projetava motores de guerra. As armas e as estratégias mudavam constantemente e as pessoas que forneciam os exércitos tinham que se ajustar rapidamente às novas condições."

"A vida de seus clientes dependia disso."

"Certo. Posso fazer com que um grupo desenvolva uma máquina de cerco enquanto outro cria maneiras de se defender contra ela. Ou posso dar a um lado flechas perfurantes de metal enquanto o outro cria uma armadura que funcione sem ser pesada. Depois, trocamos de lado e tentamos novamente. Eles aprendem a usar sua inteligência nativa em vez de depender de computadores e coisas do gênero."

"Talvez você devesse oferecer seus serviços à NUMA. Aprender a fazer buracos em paredes de três metros de espessura com um trabuco parece ser muito mais divertido do que ficar olhando para gráficos de orçamento."

Um sorriso malicioso cruzou o rosto de Skye. "Bem, você sabe, a maioria dos executivos são homens.

"Meninos e seus brinquedos. Uma fórmula infalível para o sucesso."

"Admito que agrado o lado infantil de meus clientes, mas minhas sessões são imensamente populares e muito lucrativas. E elas me dão a flexibilidade de trabalhar em projetos que talvez não fossem possíveis com meu salário da Sorbonne."

"Projetos como as antigas rotas comerciais?"

Ela assentiu com a cabeça. "Seria um grande golpe se eu pudesse provar que o estanho e outras mercadorias viajavam por terra ao longo da antiga Rota do Âmbar, passando pelos desfiladeiros e vales alpinos até o Adriático, onde os navios fenícios e minoicos os transportavam para o leste do Mediterrâneo. E que o comércio era feito nos dois sentidos".

"A logística de sua rota comercial teórica teria sido complexa."

"Você é um gênio! Exatamente o que quero dizer!"

"Obrigado pelo elogio, mas estou apenas relacionando-o às minhas próprias experiências de transporte de pessoas e materiais."

"Então você sabe como seria complicado. As pessoas ao longo da rota terrestre, como os celtas e os etruscos, tinham de cooperar em acordos comerciais para transportar os materiais. Acho que o comércio era muito mais amplo do que meus colegas admitem. Tudo isso tem implicações fascinantes sobre como vemos as civilizações antigas. Elas não se dedicavam apenas à guerra; conheciam o valor das alianças pacíficas muito antes da União Europeia ou do NAFTA. E eu pretendo provar isso".

"Globalização antiga? Uma meta ambiciosa. Desejo-lhe sorte."

"Vou precisar dela. Mas se eu tiver sucesso, terei que agradecer a você e à NUMA. Sua agência tem sido maravilhosamente generosa no uso de seu navio de pesquisa e equipamentos."

"Isso vale para os dois lados. Seu projeto dá à NUMA a chance de testar nossa nova embarcação em águas interiores e ver como esse submersível funciona em condições de campo."

Ela fez um gesto amplo com a mão. "O cenário é perfeitamente adorável. Tudo o que precisamos é de uma garrafa de champanhe e patê *foie gras*." Austin se inclinou e entregou uma bolsa térmica de plástico a ela: "Não posso ajudá-la nisso, mas que tal um sanduíche de *ajambon et frontage*?"

"Presunto e queijo seria minha segunda opção." Ela abriu o zíper da bolsa, tirou um sanduíche, entregou-o a Austin e pegou um para si mesma.

Austin fez com que o submersível parasse. Enquanto mastigava seu almoço, saboreando a baguete crocante e a placa cremosa de queijo Camembert, ele estudou um mapa do lago.

"Estamos aqui, ao lado de uma plataforma natural que é aproximadamente paralela à linha da costa", disse ele, passando o dedo ao longo de uma linha ondulada. "Isso pode ter sido terra exposta há séculos".

"Isso está de acordo com minhas descobertas. Uma seção da Rota do Âmbar contornava a costa do *Lac du Dormeur*. Quando as águas subiram, os comerciantes encontraram outra rota. Qualquer coisa que encontrarmos aqui será muito antiga.", "O que exatamente estamos procurando?"

"Eu saberei quando vir."

"É o suficiente para mim."

"Você está confiando demais. Vou explicar melhor. As caravanas que percorriam a Rota do Âmbar precisavam de lugares para passar a noite. Estou procurando as ruínas de hospícios ou assentamentos que possam ter crescido em torno de um local de parada. Depois, espero encontrar armas que possam dar mais detalhes sobre a história completa do comércio".

Eles finalizaram o almoço com água Evian e os dedos de Austin tocaram os controles. Os motores elétricos alimentados por bateria zumbiram, ativando os propulsores laterais duplos nos quais a esfera se apoiava e o submersível continuou sua exploração.

O SEAmagine SEA mobile tinha quinze pés de comprimento, mais ou menos o comprimento de um baleeiro Boston de tamanho médio e apenas sete pés de largura, mas era capaz de transportar duas pessoas em uma atmosfera confortável a uma profundidade de mil e quinhentos pés por horas a fio. O veículo tinha um alcance de 12 milhas náuticas e uma velocidade máxima de 2,5 nós. Ao contrário da maioria dos submersíveis, que balançavam como uma rolha quando emergiam, o SEA mobile podia ser operado como um barco. Ele ficava alto na água quando não estava submerso, dando ao piloto uma visibilidade clara e podia navegar até um local de mergulho ou chegar a uma plataforma de mergulho.

O SEA mobile parecia ter sido montado com peças sobressalentes retiradas de um laboratório de submersão profunda. O cockpit em forma de bola de cristal tinha cinquenta e quatro polegadas de diâmetro e estava apoiado em dois cilindros de flutuação do tamanho de tubulações de água. Duas estruturas metálicas de proteção com o formato da letra D ladeavam a esfera.

O veículo foi construído para manter a flutuabilidade positiva o tempo todo e a tendência de flutuar até a superfície era contrariada por um propulsor vertical montado no meio do submersível. Como o SEA mobile foi balanceado para permanecer nivelado constantemente, na superfície ou sob ela, o piloto não precisou mexer nos controles de inclinação para mantê-lo em uma atitude horizontal.

Usando um instrumento acústico de navegação Doppler para acompanhar sua posição, Austin guiou o veículo ao longo da escarpa subaquática, uma ampla plataforma que se inclinava gradualmente para águas mais profundas. Seguindo um padrão básico de busca, Austin percorreu uma série de linhas paralelas, como alguém cortando a grama. As quatro luzes halógenas do submarino iluminaram o fundo, cujos contornos foram moldados pelo avanço e recuo das geleiras.

O submarino ficou navegando para frente e para trás por duas horas e os olhos de Austin estavam começando a ficar vidrados de tanto olhar para a monótona paisagem cinzenta do lago. Skye ainda estava encantada com a singularidade de seu ambiente. Ela se inclinou para a frente, com o queixo apoiado nas mãos, estudando cada metro quadrado do fundo do lago. Com o tempo, sua persistência valeu a pena.

"Ali!" Ela deu um soco no ar com o dedo indicador.

Austin reduziu a velocidade do veículo e olhou para uma forma vaga logo após o alcance das luzes, depois moveu o submersível para dar uma olhada mais de perto. O objeto deitado de lado era uma enorme laje de pedra com cerca de doze pés de comprimento e metade da largura. As marcas de cinzel visíveis ao longo de suas bordas sugeriam que não se tratava de uma formação rochosa natural.

Outros monólitos podiam ser vistos nas proximidades, alguns em pé, outros cobertos com placas semelhantes à letra grega.

"Parece que pegamos um caminho errado e acabamos em Stonehenge", disse Austin.

"São monumentos funerários", disse Skye. "Os arcos marcam o caminho para uma tumba para os cortejos fúnebres."

Austin aumentou a potência dos propulsores e o veículo deslizou sobre seis arcos idênticos, espaçados por cerca de trinta metros. Em seguida, o solo em ambos os lados dos arcos começou a se elevar, criando um vale raso. As encostas naturais se transformaram em altas paredes ciclópicas construídas com blocos maciços talhados à mão.

O estreito cânion terminava abruptamente em uma parede vertical. Cortada na parede havia uma abertura retangular que parecia a porta de uma casa de elefante. Um lintel com cerca de seis metros de largura cobria a abertura da porta e acima da enorme laje, havia um buraco triangular menor.

"Incrível", disse Skye em voz baixa.

"Você já viu isso antes?"

"É um túmulo de colmeia. Há uma em Micenas chamada de Tesouro de Atreu."

"Micenas. Isso é grego."

"Sim, mas o formato é ainda mais antigo. As tumbas remontam a 2200 a.C. Elas eram usadas para sepultamentos comunitários em Creta e em outras partes do Egeu. Kurt, você sabe o que isso significa?" Sua voz tremia de entusiasmo. "Poderíamos estabelecer vínculos comerciais entre o Egeu e a Europa muito antes do que alguém ousou sugerir. Eu daria tudo para dar uma olhada de perto na tumba."

"Meu preço padrão para uma visita à tumba subaquática é um convite para jantar."

"Você pode nos levar para dentro?"

"Por que não? Temos bastante espaço livre em ambos os lados e acima. Se formos devagar"

"Que se dane a lentidão! *Depeche-toi. Vite, vitel*" Austin riu e moveu o submersível em direção à abertura escura. Ele estava tão ansioso quanto Skye, mas avançou com cautela. As luzes estavam começando a sondar o interior quando uma voz soou no receptor de rádio do veículo.

"Kurt, aqui é o suporte. Responda, por favor."

As palavras que estavam sendo transmitidas pela água tinham um vibrato metálico, mas Austin reconheceu a voz do capitão do barco da NUMA.

Ele fez o submersível parar e pegou o microfone. "Aqui é o SEA mobile. Você está me ouvindo?"

"Sua voz está um pouco fraca e áspera, mas estou ouvindo. Por favor, diga à Sra. Labelle que François quer falar com ela."

François Balduc era o observador francês que a NUMA havia convidado a bordo como cortesia do governo francês. Era um burocrata agradável, de meia-idade, que não atrapalhava, exceto no jantar, quando ajudava o cozinheiro a preparar alguns banquetes memoráveis. Austin passou o microfone para Skye.

Houve uma discussão acalorada em francês, que terminou quando Skye passou o microfone de volta.

"*Merde*!", disse ela com a testa franzida. "Temos que subir."

"Por quê? Ainda temos muito ar e energia."

"François recebeu uma ligação de um figurão do governo francês. Precisam de mim imediatamente para identificar algum tipo de artefato."

"Isso não parece muito urgente. Pode esperar?"

"No que me diz respeito, pode até que Napoleão retorne do exílio", disse ela com um suspiro, "mas o governo está subsidiando parte da minha pesquisa aqui, então estou de plantão, por assim dizer. Sinto muito".

Austin olhou com olhos estreitos para a abertura. "Essa tumba está escondida da visão humana possivelmente há milhares de anos. Ela não vai a lugar algum."

Skye concordou com a cabeça, embora seu coração claramente não estivesse nisso.

Eles olharam com saudade para a misteriosa porta e então Austin colocou o submersível em uma curva em U. Assim que saíram do cânion, ele acionou o controle do propulsor vertical e o submersível começou a subir.

Momentos depois, o cockpit de bolhas apareceu na superfície perto do catamarã NUMA. Ele manobrou a embarcação por trás do barco e a conduziu por uma plataforma submersa entre os cascos gêmeos. O portão foi levantado e um guincho içou a plataforma que transportava o submersível para o convés.

François estava aguardando a chegada deles, com uma expressão ansiosa em seu rosto normalmente brando. "Sinto muito por interromper seu trabalho, Mademoiselle Skye. O camarada que me chamou foi muito insistente."

Ela lhe deu um leve beijo na bochecha. "Não se preocupe, François; a culpa não é sua. Diga-me o que eles querem."

Ele fez um gesto na direção das montanhas. "Eles querem você lá." "A geleira. Tem certeza?"

Ele acenou vigorosamente com a cabeça. "Sim, sim, eu perguntei a mesma coisa. Eles foram muito claros ao dizer que precisavam de sua experiência. Eles encontraram algo no gelo. Isso é tudo o que sei. O barco está esperando."

Skye se virou para Austin, com um olhar ansioso no rosto. Ele antecipou suas palavras. "Não se preocupe. Vou esperar até você voltar antes de mergulhar na tumba".

Ela abraçou Austin em um abraço caloroso e o beijou em ambas as faces.

"*Merci*, Kurt. Eu realmente aprecio isso." Ela lhe deu um sorriso que estava a apenas alguns *BTUs* de sedução. "Há um pequeno e agradável bistrô na Margem Esquerda. Com preços módicos..." Ela riu do olhar vazio dele. "Não me diga que você esqueceu seu convite para jantar? Eu aceito."

Antes que Austin pudesse responder, Skye desceu a escada e entrou na lancha que a aguardava, o motor de popa zumbiu e o barco seguiu em direção à costa. Austin era um homem atraente, charmoso e havia conhecido muitas mulheres fascinantes e bonitas em sua carreira. Mas como líder da Equipe de Atribuições Especiais da NUMA, ele estava de plantão dia e noite. Raramente estava em casa e seu estilo de vida itinerante não era propício para um relacionamento duradouro. A maioria dos encontros era muito breve.

Austin se sentiu atraído por Skye desde o início e se ele leu corretamente os sinais no olhar, no sorriso e na voz dela, o sentimento era mútuo. Ele deu uma risada triste com a reviravolta. Normalmente, era ele quem saía em disparada quando o dever o chamava, enquanto seu interesse romântico do momento esfriava os calcanhares. Ele olhou para o barco que se dirigia à costa e se perguntou que tipo de artefato poderia ter criado tanta agitação. Ele quase desejou ter acompanhado Skye.

Dentro de algumas horas, ele estaria agradecendo aos deuses por não ter ido junto para o passeio.

LEBLANC ENCONTROU SKYE na praia e avaliou corretamente seu mau humor. Mas a aparência desleixada do francês mascarava seu considerável charme e inteligência gauleses. Minutos depois que Skye entrou no carro, o homem parecido com um troll a fez rir com suas histórias sobre a temperamental Fifi.

Skye viu que o Citroen estava indo para um lado do campo de gelo e disse: "Pensei que estávamos indo para a geleira".

"Não para a geleira, senhorita. Vamos passar por baixo dela. Meus colegas e eu estamos estudando o movimento do gelo em um observatório a oitocentos pés abaixo de Le Dormeur."

"Eu não fazia ideia", disse Skye. "Conte-me mais."

LeBlanc acenou com a cabeça e começou a explicar seu trabalho no observatório. Enquanto Skye ouvia atentamente, sua curiosidade científica diminuiu sua irritação por ter sido afastada do navio.

"E qual é a natureza do seu trabalho no lago?" disse LeBlanc quando terminou. "Saímos de nossa caverna um dia e *voilá*! O submersível havia aparecido como mágica."

"Sou arqueólogo da Sorbonne. A Agência Nacional Submarina e A Agência Nacional Subaquática e Marinha tiveram a gentileza de fornecer uma embarcação para minha pesquisa. Subimos o rio que desemboca no *Lac du Dormeur*. Espero encontrar evidências de antigos postos de comércio da Rota do Âmbar sob as águas do lago."

"Fascinante! Você encontrou algo de interesse?" "Sim. É por isso que estou ansioso para voltar ao projeto o mais rápido possível. Poderia me dizer por que meus serviços são necessários com tanta urgência?"

"Encontramos um corpo congelado no gelo." "Um corpo?"

"Achamos que é o cadáver de um homem."

"Como Otzi, Homem de Gelo?", disse ela, lembrando-se do corpo mumificado de um caçador neolítico encontrado nos Alpes alguns anos antes.

LeBlanc balançou a cabeça. "Acreditamos que esse pobre coitado seja de origem mais recente. No início, pensamos que ele era um alpinista que havia caído em uma fenda."

"O que o fez mudar de ideia?" "Você terá que ver."

"Por favor, não brinque comigo, Monsieur LeBlanc", retrucou Skye. "Minha especialidade são armas e armaduras antigas, não corpos antigos. Por que estou sendo chamada para isso?"

"Minhas desculpas, senhorita. Monsieur Renaud nos pediu para não dizer nada."

A boca de Skye se abriu. "Renaud? Do conselho arqueológico estadual?

"Sim, senhorita. Ele chegou horas depois que notificamos as autoridades sobre a descoberta e se colocou no comando. Você o conhece?"

"Ah, sim, eu o conheço." Ela se desculpou com LeBlanc por ter se precipitado e se sentou novamente em seu lugar, com os braços cruzados sobre o peito. Eu o conheço muito bem, pensou ela.

Auguste Renaud era professor de antropologia na Sorbonne.

Ele passava pouco tempo lecionando, o que era uma dádiva de Deus para os alunos, que o desprezavam e em vez disso, dedicava sua energia a fazer política. Ele havia criado um quadro de comparsas e com suas conexões, havia ascendido a um lugar no estabelecimento arqueológico do estado, onde usava sua influência para recompensar e punir. Ele havia impedido vários dos projetos de Skye, insinuando que eles poderiam ser acelerados se ela dormisse com ele. Skye lhe disse que preferia dormir com uma barata.

LeBlanc estacionou o Citroen e levou Skye até a entrada do túnel. Ele entrou na fenda de entrada e após um momento de hesitação, ela o seguiu até o túnel principal. LeBlanc equipou Skye com um capacete e uma lanterna de cabeça e eles começaram a caminhar. Cinco minutos depois, eles estavam nos alojamentos. LeBlanc usou um telefone para ligar para o laboratório e avisar que eles estavam a caminho. Em seguida, iniciaram a caminhada de meia hora.

Enquanto caminhavam pelo túnel, seus passos ecoavam nas paredes gotejantes. Skye olhou em volta para o ambiente úmido e disse: "Isso parece o interior de uma bota molhada".

"Não é exatamente a Champs-Élysées, eu concordo. Mas o trânsito não é tão ruim quanto em Paris."

Skye ficou impressionada com o feito de engenharia que o túnel representava e continuou a fazer perguntas sobre os detalhes à medida que se aprofundavam no túnel. Em determinado momento, eles se depararam com uma seção quadrada de concreto ao redor de uma porta de aço na parede do túnel.

"Para onde vai essa porta?", ela perguntou.

"Ela leva a outro túnel que se conecta ao sistema hidrelétrico. Quando o fluxo através dos túneis é lento no início do ano, podemos abrir a porta, atravessar um pequeno riacho e ir para lugares mais distantes no sistema. Mas nesta época do ano, a água sobe, então mantemos a porta fechada."

"É possível chegar à usina de energia a partir daqui?"

"Há túneis por toda a montanha e sob a calota de gelo, mas somente os secos são acessíveis. Os outros levam a água para a usina. Um rio regular corre sob a geleira e a correnteza pode se tornar bastante forte. Normalmente, não trabalhamos tão tarde na estação. A água derretida flui nas cavidades naturais entre o gelo e a rocha, cria bolsões e atrasa nossa pesquisa. Mas nosso trabalho demorou mais nesta primavera do que imaginávamos."

"Como vocês conseguem ar aqui embaixo?" disse Skye, farejando a umidade.

"Se continuássemos a passar pelo laboratório e sob a geleira por mais um quilômetro, mais ou menos, chegaríamos a uma grande abertura no lado oposto do gelo. Ela era usada para trazer os trailers do laboratório e da equipe. Ela foi deixada aberta como a entrada de uma mina. O ar entra por ali".

Skye tremeu com o frio úmido. "Admiro sua determinação. Este não é o lugar mais agradável para se trabalhar."

A risada profunda de LeBlanc ecoou nas paredes gotejantes. "É muito desagradável, muito chato e estamos sempre encharcados até os ossos. Fazemos algumas viagens para a luz do sol durante nossas três semanas de permanência aqui, mas é deprimente ter que voltar para as cavernas, então costumamos ficar no laboratório, que é seco e bem iluminado. Ele é equipado com computadores, bombas de vácuo para filtrar sedimentos e até mesmo um freezer para que possamos trabalhar com amostras de gelo sem que elas derretam. Depois de trabalhar um dia de dezoito horas, você toma banho e vai para a cama, então o tempo passa rápido. Ah, estou vendo que estamos quase lá".

Assim como os alojamentos, os trailers do laboratório estavam aninhados em uma seção esculpida da parede. Quando LeBlanc se aproximou do laboratório mais próximo, a porta se abriu e uma figura alta e magra saiu. A visão de Renaud reacendeu a ira fervente de Skye. Na verdade, ele se assemelhava mais a um louva-a-deus do que a uma barata. Tinha um rosto triangular, largo na parte superior, com um queixo pontudo. Seu nariz era longo e seus olhos pequenos e próximos. Seu cabelo ralo era de um vermelho pálido.

Renaud cumprimentou Skye com o aperto de mão frouxo e úmido que provocou a repulsa dela na primeira vez em que o viu.

"Bom dia, minha querida Mademoiselle Labelle. Obrigado por vir a esta caverna úmida e escura."

"De nada, professor Renaud." Ela olhou em volta para o ambiente inóspito. "Este ambiente deve lhe cair bem."

Renaud ignorou a sugestão velada de que ele havia se arrastado para fora de uma rocha e correu os olhos para cima e para baixo no corpo bem-arrumado de Skye, como se pudesse ver através de suas roupas pesadas. "Qualquer lugar onde você e eu estejamos juntos me cai bem."

Skye reprimiu seu reflexo de mordaça. "Talvez você possa me dizer o que era tão importante a ponto de me tirar do meu trabalho.

"Com prazer." Ele se aproximou para pegá-la pelo braço. Skye saiu de seu alcance e passou seu braço pelo de LeBlanc.

"Vá na frente", disse ela.

O glaciologista estava observando a luta verbal com olhos alegres. Sua boca se alargou em um sorriso cheio de dentes e ele e Skye caminharam de braços dados até um lance íngreme de escadas de madeira bruta. A escada levava a um túnel com cerca de doze pés de altura e dez pés de largura.

A cerca de 20 passos da escada, o túnel se ramificava em um Y. LeBlanc acompanhou Skye pela passagem à direita. A água estava correndo ao longo de um canal raso que havia sido cortado no piso do túnel para drenagem. Uma mangueira de borracha preta com cerca de 10 cm de diâmetro corria ao longo de uma parede.

"Jato de água", explicou LeBlanc. "Coletamos a água de drenagem, aquecemo-la e a borrifamos no gelo para derretê-lo. O gelo é como uma massa de vidraceiro no fundo da geleira. Estamos constantemente derretendo-o, caso contrário, ele se formaria novamente a uma velocidade de 60 cm a 60 cm por dia."

"Isso é muito rápido", disse Skye.

"Muito mesmo. Às vezes, chegamos a entrar até 50 metros na geleira e temos de ficar alertas para que o gelo não se feche atrás de nós."

O túnel terminava em um declive gelado com cerca de três metros de altura. Eles subiram a superfície escorregadia da rocha em uma escada e entraram em uma caverna de gelo com espaço suficiente para abrigar mais de uma dúzia de pessoas. As paredes e o teto eram de um branco azulado, exceto pelas áreas cobertas de sujeira raspada pelo movimento da geleira.

"Estamos na base da geleira", disse LeBlanc. "Não há nada além de gelo acima de nossas cabeças por oitocentos pés. Essa é a parte mais suja do bloco de gelo. Ela fica mais limpa quanto mais você perfura. Preciso sair agora para fazer uma tarefa para o Sr. Renaud."

Skye agradeceu e então sua atenção foi atraída para a parede mais distante, onde um homem com capa de chuva estava borrifando o gelo com uma mangueira de água quente. O gelo derretido gerava nuvens de vapor, o que tornava o ar úmido da sala ainda mais difícil de respirar. O homem desligou o jato quando viu que tinha visitantes e se aproximou para apertar as mãos.

"Bem-vinda ao nosso pequeno observatório, Mademoiselle Labelle. Espero que a viagem do exterior não tenha sido muito árdua. Meu nome é Hank Thurston. Sou colega do Bernie. Este é Craig Rossi, nosso assistente da Universidade de Uppsala", disse ele, apontando para um jovem de vinte e poucos anos, "e este é Derek Rawlins, que está escrevendo sobre nosso trabalho para a revista Outside".

Enquanto Skye apertava as mãos, Renaud passou pelos outros e foi até a parede para examinar uma figura vagamente humana que estava presa no gelo.

"Como você pode ver, este senhor está congelado há algum tempo", disse Renaud. Olhando para Skye, ele disse: "Não muito diferente de algumas das mulheres que encontrei".

Ninguém riu da piada. Skye passou por Renaud e correu os dedos ao redor do perímetro da forma escura. Os membros estavam torcidos em posições grotescas.

"Nós o encontramos quando estávamos ampliando a caverna", explicou Thurston.

"Ele parece mais um inseto em um para-brisa do que um homem", disse Skye.

"Temos sorte de ele não ser apenas uma grande mancha gordurosa", disse Thurston. "Ele está em boa forma, considerando a situação. O gelo no fundo de uma geleira e qualquer coisa que esteja nele, é espremido como massa de vidraceiro por centenas de toneladas de pressão."

Skye olhou para a forma vaga. "Você está supondo que ele esteve no topo da geleira em algum momento?

"Claro", disse Thurston. "Em uma geleira de vale como a Le Dormeur ou algumas das outras que você encontra nos Alpes, uma quantidade razoável de neve se move muito rapidamente pelo gelo."

"Quanto tempo isso levaria?"

"Meu palpite é que levaria cem anos, mais ou menos, para ir do topo à base do Le Dormeur." Isso só funcionaria para um objeto próximo à cabeça da geleira, no alto das montanhas, onde o gelo flui verticalmente e horizontalmente."

"Então é possível que ele fosse um alpinista que caiu em uma fenda?"

"Foi o que pensamos em um primeiro momento. Depois demos uma olhada mais de perto."

Skye aproximou seu rosto do gelo. O corpo estava vestido quase inteiramente de couro escuro, desde as botas até o confortável boné do tipo Snoopy.

Tufos de forro de pele apareciam aqui e ali. Um coldre de arma, com a pistola ainda dentro, estava pendurado em um cinto.

Seu olhar se voltou para o rosto. As feições não eram claras através do gelo, mas a pele estava queimada em um tom de cobre escuro, como se ele tivesse ficado muito tempo ao sol. Os olhos estavam cobertos por um par de óculos de proteção.

"Incrível", sussurrou ela, depois deu um passo para trás e se virou para Renaud. "Mas o que isso tem a ver comigo?"

Renaud sorriu, foi até um contêiner de plástico. Ele grunhiu quando retirou um capacete de aço. "Isso foi encontrado perto da cabeça do homem."

Skye pegou o capacete e estudou o intrincado desenho gravado no metal, franzindo os lábios em pensamento. O visor tinha a forma do rosto de um homem com um nariz grande e um bigode espesso. A coroa era gravada com flores e caules ornamentados e entrelaçados e criaturas míticas giravam como planetas em torno de uma águia estilizada de três cabeças. A boca da águia estava aberta em um grito desafiador e feixes de lanças e flechas estavam presos em suas garras afiadas.

"Na verdade, descobrimos o capacete primeiro", disse Thurston. "Desligamos a bomba imediatamente e por sorte, não danificamos o corpo."

"Uma decisão sábia", disse Renaud. "Um sítio arqueológico é vulnerável à contaminação, muito parecido com uma cena de crime."

Skye enfiou os dedos em uma abertura áspera no lado direito do capacete. "Isso parece um buraco de bala."

Renaud bufou. "Buraco de bala! Uma lança ou uma flecha seriam mais apropriadas."

"Não é incomum ver marcas de prova, amassados na armadura onde ela foi testada contra armas de fogo", disse Skye. "O buraco está excepcionalmente limpo. Esse aço é de qualidade excepcionalmente alta. Veja, com exceção de alguns arranhões e amassados, ele quase não foi danificado depois de ser espremido pelo gelo. Você chamou um perito forense?", disse ela.

"Ele deve estar aqui amanhã", disse Renaud. "Não precisamos de um especialista para nos dizer que esse sujeito está morto. O que você pode nos dizer sobre esse capacete?"

"Não consigo identificar a datação", disse ela, balançando a cabeça. "O formato geral se assemelha a alguns que já vi, mas as marcas são desconhecidas para mim. Eu teria que procurar uma marca de armeiro e compará-la com meu banco de dados. Há muitas contradições aqui". Ela olhou para o corpo. "A roupa e a arma parecem ser do século XX. Ele parece ser um aviador, a julgar pelo uniforme e pelos óculos de proteção. Por que ele estaria usando um capacete velho, se esse é o caso?"

"Muito interessante, Mademoiselle Labelle", disse Renaud com um suspiro impaciente, "mas eu esperava que você ajudasse mais." Ele pegou o capacete das mãos dela e o recolocou no contêiner, depois de retirar uma pequena caixa forte com rebites. Ele embalou a caixa de metal danificada como se fosse um bebê. "Isso estava perto do corpo. O que encontrarmos aqui pode identificar essa pessoa e nos dizer como ela chegou aqui. Nesse meio tempo", disse ele a Thurston, "gostaria que você continuasse a derreter o gelo ao redor do corpo para o caso de haver outros objetos de identificação. Assumirei toda a responsabilidade".

Thurston lhe lançou um olhar cético e depois deu de ombros. "Este é o seu país", disse ele e ligou a mangueira de água quente novamente. Ele derreteu mais alguns centímetros de gelo em ambos os lados do corpo, mas não encontrou nada. Depois de um tempo, eles voltaram ao laboratório para se alimentar e se aquecer, depois retornaram à caverna de gelo e retomaram suas explorações. Quando Renaud disse que ficaria no laboratório enquanto os outros voltariam para a caverna de gelo, ninguém protestou.

Thurston trabalhou no gelo por mais algum tempo até que Renaud apareceu e bateu palmas para chamar a atenção. "Temos que parar por enquanto. Temos visitantes."

Vozes animadas ecoaram ao longo da passagem. Um momento depois, um trio de homens carregando câmeras de vídeo e fotográficas e notebooks irrompeu na caverna. Com exceção de um homem alto, que se conteve educadamente, eles se empurraram ruidosamente e bateram nos ombros em sua ânsia de filmar o corpo.

Skye agarrou Renaud pela manga e o puxou para o lado. "O que esses repórteres estão fazendo aqui?", perguntou ela.

Ele olhou para baixo com seu nariz longo e fino. "Eu os convidei. Eles fazem parte de um grupo de imprensa escolhido por sorteio para cobrir essa grande descoberta."

"Você nem sabe o que é essa descoberta", disse ela com um desprezo evidente em sua voz. "E você acabou de nos dar um sermão contra a contaminação do local".

Ele descartou o protesto dela com um leve aceno de mão. "É importante que o mundo saiba dessa maravilhosa descoberta." Renaud levantou a voz para chamar a atenção dos repórteres. "Responderei suas perguntas sobre a múmia assim que sairmos da tumba", disse Renaud, liderando o caminho para fora da caverna. Skye se encheu de raiva.

"*Jesus*!", disse Rawlins. "Múmia. Túmulo. Ele está se fazendo parecer como se tivesse acabado de encontrar o Rei Tut."

Os fotógrafos tiraram outra bateria de fotos e saíram da câmara, exceto o homem alto. Ele tinha cerca de 1,80 m de altura; seu rosto era branco pastoso e ele tinha um corpo musculoso que combinava com sua altura. Uma câmera estava pendurada em seu pescoço e uma grande bolsa de lona estava pendurada em seu ombro. Ele ficou olhando impassivelmente para o corpo por um momento e depois seguiu atrás dos outros.

"Ouvi o que você disse a Renaud", disse Thurston a Skye. "O local começará a congelar novamente em breve e talvez isso o proteja."

"Ótimo. Vamos ver o que aquele idiota está preparando nesse meio tempo."

Eles saíram correndo da caverna e desceram as escadas de madeira até o túnel principal. Renaud estava do lado de fora de um prédio de laboratório, segurando o cofre bem acima de sua cabeça.

"O que há nele?", perguntou um repórter.

"Não sabemos. Teremos que abri-lo em circunstâncias controladas para não danificar o conteúdo."

Ele girou sobre os calcanhares para que todos pudessem fotografar. No entanto, o homem grande com a câmera no pescoço não aproveitou a oportunidade de tirar fotos. Em vez disso, ele passou pelos outros, ignorou os murmúrios de protesto de seus colegas repórteres e se colocou diretamente na frente de Renaud.

"Dê a caixa para mim", disse ele em um tom impassível, estendendo a mão grande.

Renaud pareceu assustado. Depois, achando que o homem estava brincando, decidiu entrar no jogo. Ele sorriu e abraçou a caixa com força em seu peito. "Nem pensar em sua vida", disse ele.

"Não", disse o homem, sem levantar a voz. "Nem pensar em sua vida!"

Ele enfiou a mão dentro do casaco, tirou uma pistola e bateu com o cano nos nós dos dedos de Renaud. A expressão nos olhos de Renaud passou de diversão para surpresa e para dor. Ele caiu de joelhos, segurando os dedos mutilados.

O homem pegou a caixa antes que ela caísse no chão. Em seguida, deu meia-volta e apontou a arma para os repórteres, que caíram tentando recuar, antes de sair em disparada pelo túnel.

"Detenham-no!" Renaud disse em meio à dor, segurando seus dedos esmagados.

"E o telefone?", disse um repórter.

Thurston arrancou o telefone da parede e o levou ao ouvido. "Morto", disse ele com uma careta. "A linha deve ter sido cortada. De qualquer forma, não há ninguém nos alojamentos. Vamos caminhar até a entrada e pedir ajuda."

Thurston e LeBlanc ajudaram Renaud a se levantar. Eles prestaram os primeiros socorros em sua mão com um kit do laboratório, enquanto os repórteres especulavam sobre a identidade do homem grande. Nenhum deles o reconheceu. Ele simplesmente apareceu com as credenciais adequadas e recebeu um assento no avião que os deixou na beira do lago, onde LeBlanc os pegou.

LeBlanc e Skye disseram que se juntariam a Thurston. Os repórteres decidiram ficar parados depois que Thurston avisou que o atirador poderia estar esperando no túnel. Eles caminharam rapidamente por vários minutos, com as lanternas de cabeça cortando a semiescuridão. Em seguida, caminharam em um ritmo mais lento e mais deliberadamente, como se esperassem que o homem grande saltasse da escuridão. Ficaram à escuta de passos, mas tudo o que ouviram foi o gotejamento de água no teto e nas paredes.

De repente, uma explosão alta e oca veio do túnel escuro à frente, seguida de um choque de terra. Quase simultaneamente, uma rajada de ar quente atravessou o túnel. Eles caíram no chão, tentando enterrar o rosto no piso molhado enquanto a onda de pressão os atingia.

Quando pareceu seguro, eles se levantaram e limparam a sujeira do rosto. Seus ouvidos estavam zunindo, então tiveram que gritar para serem ouvidos. "O que foi isso?" disse LeBlanc.

"Vamos dar uma olhada." Thurston começou a avançar, temendo o pior.

"Espere!" disse Skye.

"O que está acontecendo?" disse Thurston.

"Olhe para seus pés."

A luz de seus faróis começou a refletir em algo que brilhava e se movia no chão do túnel.

"Água!" gritou Thurston.

A torrente correu em direção a eles.

Eles se viraram e correram para o fundo do túnel, com as ondas batendo em seus calcanhares.

ATRAVÉS DE SEUS BINÓCULOS, Austin observou Skye entrar em um carro e seguiu o veículo enquanto ele subia a encosta de um lado da geleira e desaparecia atrás das árvores. Era como se a terra a tivesse engolido. Quando ele se encostou na grade do navio, seus olhos foram atraídos para *La Langue du Dormeur*. Com sua superfície manchada e os picos escuros e sombrios de ambos os lados, a geleira parecia uma cena do planeta Plutão. O sol brilhava no gelo, mas pouco fazia para aliviar as ondas de frio que se derramavam da superfície e rolavam pela superfície espelhada do lago.

Pensando na teoria de Skye, de que as caravanas que usavam a Rota Âmbar haviam contornado a borda do lago, ele tentou se colocar no lugar dos antigos viajantes e imaginou o que eles teriam feito com um fenômeno natural tão grande e implacável como a geleira. Muito provavelmente, eles o teriam considerado uma criação dos deuses, que precisavam ser apaziguados. Talvez a tumba subaquática tivesse algo a ver com a geleira. Ele estava tão ansioso para explorar a tumba quanto ela. Não seria preciso muito esforço para lançar o lançar o submersível e fazer uma viagem solo, mas ela nunca o perdoaria. E ele não a culparia.

Austin decidiu se certificar de que o submersível estava pronto para um mergulho quando Skye voltasse. Enquanto verificava o SEA mobile com um pente fino, Austin podia ouvir a voz de seu pai em sua cabeça, lembrando-o de se certificar de cada detalhe. Seu pai, o rico proprietário de uma empresa de salvamento marítimo sediada em Seattle, havia ensinado a Kurt o básico de marinharia e lhe dera alguns conselhos náuticos. Nunca dê um nó que não possa ser desfeito com uma virada de linha, mesmo quando a linha estiver molhada. E sempre mantenha seu barco "em forma de navio e à moda de Bristol".

Austin desceu do submersível para o convés do Mummichug. A embarcação de casco duplo e oito pés de comprimento era o menor navio de pesquisa da NUMA em que ele já havia trabalhado. Como o pequeno peixe que lhe deu o nome, o Mummichug se sentia à vontade em água doce ou salgada. Era uma versão modificada de uma embarcação projetada para serviços costeiros nas águas agitadas da costa da Nova Inglaterra.

Ele era navegável e rápido, impulsionado por potentes motores a diesel que lhe davam uma velocidade de cruzeiro de 20 nós. Acomodava oito pessoas e era ideal para missões curtas. Apesar de seu tamanho, os guinchos e a estrutura em A do Mummichug podiam transportar cargas pesadas. E uma embarcação maior não teria sido capaz de navegar pelo rio sinuoso até a geleira.

Sem Skye com quem conversar, Austin pegou uma caneca de café na cozinha e depois desceu para o laboratório de sensoriamento remoto. Era um espaço pequeno, repleto de vários monitores de computador instalados em mesas. Como todo o resto do navio, o laboratório era discreto, embora os nervos e gânglios eletrônicos conectassem os monitores a uma sofisticada variedade de instrumentos de detecção.

Ele se sentou em uma cadeira em frente a uma tela, tomou um gole de café e acessou o arquivo no visor do sonar de varredura lateral. O Dr. Harold Edgerton foi o pioneiro do sonar de varredura lateral em 1963, quando montou um transdutor de sonar na lateral e não no fundo, de seu barco de pesquisa. A descoberta, que permitiu que as embarcações de superfície cobrissem grandes áreas do fundo, revolucionaria as técnicas de busca subaquática.

Quando o Mummichug chegou ao local pela primeira vez, Skye pediu uma pesquisa ao longo da margem do lago, do outro lado da geleira, o que representaria um obstáculo formidável para as caravanas. Ela argumentou que os viajantes teriam ficado perto do rio antes de atravessá-lo e que um assentamento poderia ter sido construído nas proximidades. O próprio curso d'água pode ter sido usado como um afluente da Rota do Âmbar.

Enquanto o submersível realizava sua missão subaquática, o navio continuava seu levantamento com sonar ao longo do perímetro do lago. Austin queria ver o que a varredura havia detectado. Ele colocou a tela em uma rolagem lenta e a imagem do sonar de alta resolução desceu da parte superior do monitor como duas cachoeiras âmbar. No lado direito da tela, eram exibidas a latitude, a longitude e a posição.

A interpretação de imagens de sonar requer um olho experiente, mas não é a ocupação mais empolgante. Com seu fundo plano e cheio de cascalho, o *Lac du Dormeur* era ainda mais monótono do que outros. Austin se viu com os pensamentos à deriva. Suas pálpebras tinham caído a meio mastro, mas se abriram quando uma anomalia chamou sua atenção. Ele rolou a tela para trás, inclinou-se para examinar a cruz escura gravada contra o fundo monótono e em seguida, com um clique do mouse do computador, ampliou a imagem e melhorou os detalhes.

Ele estava olhando para um avião; podia até ver a cabine do piloto. Ele clicou no ícone de impressão e alguns segundos depois, a imagem saiu da impressora. Ele estudou a imagem sob uma luz forte. Parte de uma asa parecia estar faltando. Ele se levantou da cadeira e estava indo em direção à porta, com a intenção de alertar o capitão sobre sua descoberta, quando François entrou no laboratório. Ele estava obviamente agitado. O observador francês normalmente exibia um sorriso imperturbável, mas parecia ter acabado de ouvir que a Torre Eiffel havia caído.

"Monsieur Austin, o senhor precisa vir rapidamente para a ponte."

"O que há de errado?" disse Austin.

"É a senhorita Skye."

O estômago de Austin deu uma cambalhota. "O que há com ela?"

Uma mistura incompreensível de *Franglais*, saiu da boca do homem. Austin passou pelo francês gaguejante e subiu dois degraus de cada vez até a ponte. O capitão estava na cabine de comando, falando ao microfone do rádio. Quando viu Kurt, ele disse: "*Attendez*" e colocou o microfone de lado.

O capitão Jack Fortier era um homem de porte baixo, de origem franco-canadense, que havia se tornado cidadão americano para poder trabalhar na NUMA. Sua capacidade de falar francês foi muito útil na expedição, embora alguns dos habitantes locais que ele encontrou tenham zombado de seu forte sotaque quebequense pelas costas. Fortier disse a Austin que a zombaria não o incomodava porque seu idioma era mais puro, sem sotaques regionais, como na França. Nada parecia incomodar o capitão e foi por isso que Austin ficou surpreso ao ver a testa de Fortier franzida de preocupação. "O que aconteceu com Skye?" Austin disse, indo direto ao ponto.

"Estou ao telefone com o supervisor da usina de energia. Ele disse que houve um acidente."

Um calafrio subiu e desceu pela espinha de Austin. "Que tipo de acidente?"

"Skye e algumas outras pessoas estavam em um túnel sob a geleira."

"O que ela estava fazendo lá?"

"Há um observatório sob o gelo onde os cientistas podem estudar o movimento da geleira. Faz parte do sistema de túneis que a empresa de energia construiu para usar a água que sai da geleira. Aparentemente, algo deu errado e a água inundou o túnel."

"A usina de energia conseguiu entrar em contato com o observatório?"

"Não. A linha telefônica está inoperante."

"Então não sabemos se eles estão vivos ou mortos."

"Aparentemente, não", disse Fortier em um meio sussurro.

A notícia fez com que Austin se sentisse de costas. Ele respirou fundo e exalou lentamente enquanto reunia seus pensamentos.

Reunindo-se, ele disse: "Diga ao supervisor da fábrica que quero me encontrar com ele. Diga a ele para ter planos detalhados do sistema de túneis prontos. E arranje um barco para me levar até a costa". Austin fez uma pausa quando percebeu que estava dando ordens ao capitão. "Desculpe", disse ele. "Eu não queria parecer um sargento da marinha. Este é o seu navio. Essas foram apenas sugestões".

"Sugestões bem aceitas", respondeu o capitão com um sorriso. "Não se preocupe com isso. Não tenho a menor ideia do que fazer em seguida. O navio e a tripulação estão sob seu comando."

O capitão Fortier pegou o microfone e começou a falar francês.

Austin ficou olhando para a geleira pela janela da cabine de comando. Ele estava tão imóvel quanto uma estátua de bronze, mas sua calma era enganosa. Sua mente ágil estava correndo à frente, explorando estratégias. Mas ele sabia que, por enquanto, tudo não passava de fumaça mental e espelhos, pois não poderia elaborar um plano até saber exatamente com o que teria de lidar.

Ele pensou na expressão sedutora no rosto de Skye quando ela deixou o navio. Ele sabia que as chances eram remotas, mas prometeu ver aquele sorriso encantador novamente.

UM CAMINHÃO AGUARDOU AUSTIN na praia. O motorista subiu a colina até a fábrica a uma velocidade vertiginosa. Quando o caminhão se aproximou da estrutura de concreto cinza em forma de bloco, que foi construída na base de uma parede íngreme da montanha, Austin pôde ver alguém andando de um lado para o outro na frente da entrada. A caminhonete parou e o homem correu para lá, abriu a porta para Austin e estendeu a mão em sinal de saudação.

"Você fala francês, Sr. Austin?"

"Falo um pouco", respondeu Austin ao sair da caminhonete.

"D'accord. Ok", disse o homem com um sorriso indulgente. "Eu falo inglês o suficiente. Meu nome é Guy Lessard. Sou o supervisor da fábrica. Este é um negócio terrível."

"Então você deve saber que o tempo é essencial", disse Austin.

Lessard era um homem baixo e magro, com um bigode bem aparado adornando seu rosto fino. Ele tinha um ar de energia nervosa, como se tivesse se conectado a uma das linhas de energia que saíam da fábrica em altas torres de metal.

"Sim, eu entendo. Venha. Vou explicar a situação." Caminhando rapidamente, ele abriu caminho pela porta.

Austin olhou em volta para o pequeno saguão simples. "De alguma forma, eu esperava uma instalação maior."

"Não se deixe enganar", respondeu Lessard. "Este é um portal. É usado principalmente como espaço de escritório e alojamentos. A planta em si se estende até as profundezas da montanha. Venham."

Eles passaram por outra porta no lado oposto do saguão e entraram em uma caverna grande e bem iluminada.

"Aproveitamos as formações rochosas naturais para dar início à perfuração", disse Lessard, com sua voz ecoando nas paredes e no teto. "Há cerca de cinquenta quilômetros de túneis que correm sob a montanha e sob a geleira."

Austin soltou um assobio baixo. "Há rodovias nos Estados Unidos que não são tão longas", disse Austin.

"Foi uma conquista formidável. Os engenheiros usaram uma máquina de perfuração de túneis com um diâmetro de quase trinta pés. Foi muito simples perfurar o túnel de pesquisa."

Ele abriu caminho pela caverna até a entrada do túnel. Os ouvidos de Austin captaram um zumbido baixo, como o som de cem colmeias de abelhas.

"Esse barulho deve ser o gerador", disse ele.

"Sim, só temos uma turbina agora, mas há planos para construir uma segunda." Ele fez uma pausa em uma porta na parede do túnel. "Aqui estamos na sala de controle."

O centro nervoso da usina era uma câmara estéril com cerca de 15 metros quadrados, que parecia o interior de uma máquina caça-níqueis gigante. Ao longo de três paredes, havia bancos de luzes piscantes, mostradores elétricos, medidores e interruptores. Lessard foi até um console em forma de ferradura que dominava o centro da sala, sentou-se em frente a um monitor de computador e fez sinal para que Austin ocupasse a cadeira ao lado dele.

"Você sabe o que fazemos nesta usina?", disse ele.

"Em geral. Disseram-me que vocês aproveitam a água derretida da geleira para obter energia hidrelétrica."

Lessard assentiu com a cabeça. "A tecnologia é relativamente simples. A neve cai do céu e se acumula na geleira. No clima quente, o gelo da geleira derrete, formando bolsões de água e rios. A torrente é canalizada pelos túneis até a turbina. *Voilà*! Você tem eletricidade. Limpa, barata e renovável". A explicação rotineira de Lessard não conseguiu esconder o orgulho em sua voz.

"Simples na teoria, mas impressionante na execução", disse Austin enquanto imaginava o sistema em sua mente. "Você deve ter uma equipe grande."

"Somos apenas três", disse Lessard. "Um para cada turno. A usina é quase totalmente automatizada e provavelmente poderia funcionar sozinha sem nós."

"Você poderia me mostrar um diagrama do sistema?" As mãos de Lessard tocaram o teclado. Um diagrama apareceu na tela, semelhante à tela de um centro de controle de tráfego metropolitano. As linhas coloridas que se cruzavam lembravam a Austin o mapa do metrô de Londres.

"As linhas que estão piscando em azul representam túneis que têm água passando por eles. As vermelhas são conduítes secos. A turbina está aqui".

Austin olhou para as linhas, tentando entender a tela confusa. "Qual túnel foi inundado?"

Lessard tocou a tela com a ponta do dedo. "Este aqui. O acesso principal ao observatório." A linha estava piscando em azul.

"Há alguma maneira de interromper o fluxo?"

"Tentamos quando detectamos a entrada de água no túnel de pesquisa. Aparentemente, a parede de concreto entre os túneis de pesquisa e de água foi rompida. Ao desviar o fluxo nos outros túneis, conseguimos contê-lo. O túnel de pesquisa continua cheio de água."

"Você tem alguma ideia de como essa parede que você mencionou foi rompida?"

"Um portão nessa interseção dá acesso de um túnel a outro. Ele é fechado nesta época do ano como medida de segurança porque a água está alta. O portão é feito para suportar toneladas de pressão. Não sei o que pode ter acontecido."

"Há alguma maneira de drenar a água do túnel?"

"Sim, poderíamos fechar alguns túneis e bombear a água eventualmente, mas isso levaria dias", foi a resposta devastadora.

Austin indicou a tela brilhante à frente deles. "Mesmo com essa extensa rede de túneis?"

"Vou lhe mostrar qual é o problema."

Lessard abriu caminho para fora da sala de controle e eles caminharam ao longo de um túnel por vários minutos. O zumbido onipresente da turbina foi sobrepujado por outro som, como o de um vento forte soprando entre as árvores. Eles subiram um lance de escadas de metal do outro lado de uma porta de aço até uma plataforma de observação protegida por uma cobertura de plástico e metal à prova d'água. Lessard explicou que eles estavam em uma das várias salas de controle fora do local. O barulho da agua correndo havia se tornado um rugido.

Lessard acionou um interruptor de parede e um holofote iluminou uma seção do túnel onde havia uma torrente. O nível da água espumosa quase atingiu a bolha de observação. Austin olhou para a água branca, sentindo seu imenso poder.

"Nesta época do ano, a água derrete de enormes bolsões no gelo", gritou Lessard por cima do barulho. "Elas se somam ao fluxo normal. É como as inundações que ocorrem em rios cheios quando a neve da montanha derrete muito rapidamente na primavera." Lessard tinha uma expressão de dor em seu rosto estreito. "Sinto muito por não podermos ajudar você ou as pessoas presas lá dentro."

"Vocês já me ajudaram muito, mas preciso ver um diagrama detalhado do túnel de pesquisa."

"É claro." Enquanto Lessard conduzia o caminho de volta para a sala de controle, ele decidiu que gostava desse americano. Austin era meticuloso e metódico, qualidades que Lessard valorizava acima de todas as outras.

De volta ao centro de operações principal, Austin olhou para o relógio de parede e viu que minutos preciosos haviam se passado desde o início da turnê. Lessard foi até um armário de metal, abriu uma gaveta larga e rasa e retirou um conjunto de plantas.

"Aqui está a entrada principal do túnel de pesquisa. Não é muito mais do que um bueiro. Esses retângulos são os alojamentos dos cientistas. O laboratório fica a cerca de um quilômetro e meio da entrada principal. Como você pode ver nesta vista lateral, há escadas que sobem pelo teto até outro nível, onde há uma passagem que leva ao observatório sub glacial propriamente dito."

"Sabemos quantas pessoas podem estar presas?"

"Havia três na equipe científica mais recentemente. Às vezes, quando eles se cansam de ficar no subsolo, nós nos reunimos para tomar algumas taças de vinho. Há também a mulher de seu navio. Um avião flutuante trouxe algumas pessoas antes do acidente, mas não sei quantas estavam a bordo quando ele decolou há pouco tempo."

Austin se inclinou sobre o diagrama, seus olhos observando cada detalhe. "Suponhamos que as pessoas sob a geleira tenham conseguido chegar ao observatório. O ar preso nessa passagem impediria que a água inundasse a área do observatório."

"Isso é verdade", disse Lessard com pouco entusiasmo.

"Se houver ar, eles ainda podem estar vivos."

"Também é verdade, mas seu suprimento de ar é limitado. Esse pode ser um caso em que os vivos invejam os mortos."

Austin não precisava ser lembrado do destino horrível que aguardava Skye e os outros. Mesmo que tivessem sobrevivido à inundação, eles enfrentariam uma morte lenta e incômoda por falta de oxigênio. Ele se concentrou no diagrama e notou que o túnel principal continuava por alguma distância além do observatório. "Onde isso vai dar?"

"Ele continua por cerca de 1,5 quilômetro, subindo gradualmente até outra entrada."

"Outro bueiro?"

"Não. Há uma abertura como a entrada de uma mina na lateral da montanha."

"Eu gostaria de vê-la", disse Austin. Um plano estava se formando em sua mente. Era baseado em conjecturas e suposições e precisaria de uma boa dose de sorte para funcionar, mas era tudo o que ele tinha.

"Fica do outro lado da geleira. A única maneira de chegar lá é por via aérea, mas posso lhe mostrar onde fica a partir daqui."

Minutos depois, eles estavam no telhado plano da usina de energia. Lessard apontou para um barranco no lado mais distante da geleira. "É bem perto daquele pequeno vale".

Austin seguiu o dedo que apontava com os olhos e depois olhou para o céu. Um grande helicóptero estava se aproximando da usina de energia.

"Graças a Deus!" disse Lessard. "Finalmente, alguém respondeu ao meu pedido de ajuda."

Descendo rapidamente as escadas, os dois homens saíram da usina enquanto o helicóptero descia. O motorista do caminhão e outro homem que Austin presumiu ser do terceiro turno da usina estavam do lado de fora, observando o helicóptero pousar em uma plataforma de aterrissagem a algumas centenas de metros da porta da frente da usina. Quando os rotores pararam, três homens saíram do helicóptero. Austin franziu a testa. Não se tratava de uma equipe de resgate. Todos os três homens usavam ternos escuros com a marca da gerência intermediária.

"É o meu superior, Monsieur Drouet. Ele nunca vem aqui", disse Lessard, incapaz de conter o espanto em sua voz.

Drouet era um homem corpulento com um bigode à Hercule Poirot. Ele se aproximou e em um tom acusatório, disse: "O que está acontecendo, Lessard?"

Enquanto o supervisor da usina explicava a situação, Austin verificou seu relógio. Os ponteiros pareciam estar voando pelo mostrador.

"Que efeito esse incidente teve na produção?" disse Drouet.

O temperamento ardente de Austin explodiu. "Talvez você esteja mais interessado no efeito que ele tem sobre as pessoas presas dentro da geleira."

O homem inclinou o queixo, conseguindo olhar para Austin com o nariz empinado, apesar de ele ser vários centímetros mais baixo.

"Quem é você?", disse ele, como a lagarta se dirigindo a Alice do cogumelo.

Lessard interveio. "Este é o Sr. Austin, do governo americano".

"Americano?" Austin podia jurar que ouviu o homem fungar. "Isso não é da sua conta", disse Drouet.

"Você está errado. É muito da minha conta", respondeu Austin em uma voz plana que encobria sua raiva. "Minha amiga está naquele túnel."

Drouet não se mexeu. "Tenho que aguardar as ordens do meu superior depois de me apresentar a ele. Não deixo de ser solidário. Vou ordenar uma tentativa de resgate imediatamente."

"Isso não é cedo o suficiente", disse Austin. "Temos que fazer algo agora."

"No entanto, é o melhor que posso fazer. Agora, se vocês me derem licença."

Com isso, ele e os outros homens de terno entraram na usina de energia. Lessard olhou para Austin, balançou a cabeça tristemente e seguiu atrás deles.

Austin estava tentando reprimir o impulso de arrastar o burocrata de volta pelo colarinho quando ouviu o som de um motor e viu um ponto no céu. O ponto ficou maior e se tornou um helicóptero, menor do que o primeiro. Ele atravessou o lago, deu uma volta em torno da usina de energia e em seguida, pousou ao lado do outro helicóptero em uma nuvem de poeira.

Antes mesmo de os rotores pararem, um homem magro e de pele escura saltou e acenou para Austin. Joe Zavala se aproximou com um passo fácil e um leve balanço atlético nos ombros, seu andar relaxado um resquício de seus tempos de boxeador, quando lutava profissionalmente como peso médio para conseguir pagar a faculdade. Suas belas feições, sem marcas, atestavam o sucesso de seu tempo no ringue.

O gregário e de fala mansa Zavala foi recrutado pelo Almirante Sandecker assim que se formou na Faculdade Marítima de Nova York e foi um membro inestimável da Equipe de Atribuições Especiais, trabalhando com Austin em muitas tarefas. Ele tinha uma mente mecânica brilhante e era um piloto habilidoso, com milhares de horas de voo em helicópteros, pequenos jatos e aeronaves turboélice.

Alguns dias antes, eles haviam viajado juntos para a França. Enquanto Austin voava para os Alpes para se conectar com o Mummichug, Joe havia parado em Paris. Como especialista em projeto e construção de veículos submarinos, ele havia sido convidado a participar de um painel sobre submersíveis tripulados e não tripulados patrocinado pelo IFREMER, o Instituto Francês de Pesquisa e Exploração Marinha.

Austin ligou para Zavala em seu telefone celular depois de saber do acidente no túnel. "Sinto muito por interromper sua viagem a Paris", disse ele. "Você interrompeu mais do que isso. Conheci um membro da Assembleia Nacional que me mostrou a cidade." "Qual é o nome dele?"

"O nome dela é Denise. Depois de um passeio por Paris, decidimos ir para as montanhas, onde a jovem tem um chalé. Estou em Chamonix." Austin não ficou surpreso ao ouvir a história de Zavala. Com seus olhos cheios de alma e cabelo preto espesso penteado para trás, Joe se assemelhava a uma versão mais jovem do ator de cinema e TV Ricardo Montalban. A combinação de boa aparência, charme bem-humorado e inteligência fez dele um objeto de desejo para muitas das mulheres solteiras de Washington e as mesmas qualidades atraíam as mulheres aonde quer que ele fosse. Às vezes, isso podia ser uma distração, especialmente em uma missão, mas, nesse caso, era uma dádiva de Deus. Chamonix ficava a apenas algumas montanhas de distância. "Melhor ainda. Preciso de sua ajuda."

Zavala percebeu pela urgência na voz de seu amigo que a situação era séria. "Estou a caminho", disse Zavala.

Reunidos na colina árida com vista para o lago, eles apertaram as mãos e Austin se desculpou novamente por ter prejudicado a vida amorosa do amigo. Um leve sorriso abriu as pontas dos lábios de Zavala.

"Sem problemas, amigo. Denise é uma colega servidora pública e entendeu perfeitamente quando eu disse que o dever a chamava." Ele deu uma olhada no helicóptero. "Ela também mexeu os pauzinhos para me conseguir transporte."

"Devo à sua jovem uma garrafa de champanhe e algumas flores."

"Eu sempre soube que você era um verdadeiro romântico de coração." Zavala olhou em volta e disse: "Belo cenário, mesmo que seja um pouco sombrio. O que está acontecendo?"

Austin se dirigiu ao helicóptero. "Eu lhe contarei no caminho."

MOMENTOS DEPOIS, eles estavam no ar. Enquanto sobrevoavam a geleira, Austin deu a Zavala uma versão condensada dos eventos no estilo da revista Reader's Digest.

"Uma bagunça dos diabos", disse Zavala quando ouviu a história. "Sinto muito por sua amiga. Skye parece ser alguém que eu gostaria de conhecer."

"Espero que você tenha esse prazer", disse Austin, embora soubesse que as chances eram longas e se tornavam mais longas a cada minuto que passava.

Ele direcionou Zavala para o vale que Lessard havia apontado do telhado da usina de energia. Zavala aterrissou em um ponto do terreno que era mais ou menos nivelado entre as saliências e os penhascos. Eles pegaram uma lanterna elétrica do kit de emergência do helicóptero e subiram um declive gradual. O frio úmido que irradiava da geleira penetrou em suas jaquetas grossas. Uma caixa de concreto emoldurava a entrada do túnel. A área em frente à abertura estava desbotada e dezenas de cânions em miniatura desciam a encosta. Eles entraram em um túnel de tamanho semelhante aos que Austin tinha visto atrás da usina de energia.

O piso inclinado estava molhado e depois de entrarem alguns metros, a água batia nos dedos dos pés.

"Não é exatamente o túnel do amor, não é?" disse Zavala, olhando para a escuridão.

"É como eu esperaria que o rio Styx se parecesse." Austin olhou para a água negra por um momento e em seguida, um raio de energia pareceu passar por seu corpo. "Vamos voltar para a usina de energia."

Drouet e seus companheiros saíram do prédio da usina depois que o helicóptero de Zavala aterrissou. Drouet se apressou em cumprimentar Austin.

"Preciso me desculpar por meu comportamento anterior", disse ele. "Eu não tinha todos os fatos sobre essa situação horrível. Desde então, conversei com meus superiores e com a embaixada americana, que me falou sobre você e a NUMA, Monsieur Austin. Eu não sabia que havia cidadãos franceses presos sob a geleira."

"A nacionalidade deles deveria ter feito alguma diferença?"

"Não, claro que não. É imperdoável. O senhor ficará feliz em saber que mandei pedir ajuda. Uma equipe de resgate está a caminho."

"Isso é um começo. Quanto tempo falta para eles chegarem aqui?"

Drouet hesitou, sabendo que a resposta não seria satisfatória. "Três ou quatro horas."

"Você deve saber que isso será tarde demais."

Drouet torceu as mãos com angústia. Ele estava obviamente angustiado. "Pelo menos podemos recuperar os corpos. É o melhor que posso fazer."

"Não é o melhor que posso fazer, Monsieur Drouet. Vamos tentar trazê-los de volta vivos, mas precisaremos de sua ajuda."

"Você não está falando sério! Essas pobres pessoas estão presas sob oitocentos metros de gelo." Ele estudou a determinação silenciosa no rosto de Austin e arqueou uma sobrancelha. "Muito bem. Vou conversar com as pessoas para conseguir tudo o que você precisa. Diga-me o que devo fazer."

Austin ficou agradavelmente surpreso ao saber que o exterior rechonchudo de Drouet escondia uma camada de aço.

"Obrigado por sua oferta. Primeiro, gostaria de pegar emprestado o seu helicóptero e o piloto."

"Sim, é claro, mas vejo que seu amigo tem um helicóptero."

"Vou precisar de um maior."

"Não estou entendendo. Essas pessoas infelizes estão presas no chão, não no ar."

"Mesmo assim." Austin deu a Drouet um olhar duro que dizia que ele não estava mais perdendo tempo.

Drouet assentiu vigorosamente com a cabeça. "Muito bem. Você tem minha total cooperação."

Enquanto Drouet corria para falar com seu piloto, Austin chamou o capitão da nave NUMA em um rádio de mão e passou vários minutos esboçando seu plano. Fortier ouviu com atenção.

"Vou cuidar disso", disse ele. Austin agradeceu e olhou para a geleira, avaliando o adversário que estava prestes a enfrentar. Ele não tinha espaço em seu esquema de coisas para dúvidas. Ele sabia que os planos poderiam dar errado e tinha cicatrizes por todo o corpo para provar isso. Ele também sabia que os problemas podiam ser resolvidos. Ele tinha certeza de que, com sorte, seu esquema funcionaria. O que ele não tinha certeza era se Skye ainda estava viva.

SKYE ESTAVA MUITO viva. Renaud, que estava sentindo toda a força de sua fúria, podia atestar isso. Depois que Renaud fez um de seus comentários egoístas, Skye surtou. Ela se lançou sobre o infeliz francês, com os olhos brilhantes de lágrimas de raiva enquanto o repreendia por arruinar a maior descoberta de sua carreira. Renaud finalmente reuniu coragem para fazer um protesto. Skye já havia esgotado seu repertório e sua força pulmonar e o interrompeu com um olhar fulminante e uma palavra bem escolhida.

"Idiota!"

Renaud tentou jogar com a simpatia dela. "Você não vê que estou machucado?" Ele segurou sua mão machucada e lacerada.

"É sua própria culpa", disse ela friamente. "Como, em nome de Deus, você pôde permitir que um homem armado entrasse aqui?"

"Pensei que ele fosse um repórter."

"Você tem o cérebro de uma ameba. As amebas não pensam. Elas exsudam."

"Senhorita, por favor", implorou LeBlanc. "Temos muito pouco ar para respirar. Poupe suas forças."

"Economizar para quê?" Ela apontou para o teto. "Pode ter escapado à sua atenção, mas estamos presos sob uma geleira muito grande."

LeBlanc levou o dedo aos lábios.

Skye olhou em volta para os rostos frios e assustados e viu que estava deixando os outros ainda mais infelizes. Percebeu, também, que seu discurso contra Renaud era produto de seu medo e frustração. Ela se desculpou com LeBlanc e apertou os lábios com força, mas, antes de fazê-lo, murmurou: "Ele é um idiota".

Em seguida, ela foi até lá e se colocou ao lado de Rawlins, o redator da revista, que estava sentado de costas para uma parede, escrevendo em um caderno. Ele havia juntado uma lona plástica e a estava usando para isolar o traseiro do contato com o piso molhado. Ela se aconchegou para se aquecer e disse: "Perdoe-me por ser atrevida, mas estou congelando".

Rawlins piscou de surpresa, colocou o caderno de lado e então, galantemente, passou o braço em volta do ombro dela.

"Você estava muito quente há um minuto", disse ele.

"Desculpe-me por perder a paciência na frente de todos", ela murmurou.

"Não a culpo, mas tente ver o lado positivo. Pelo menos temos luz."

As águas da enchente devem ter passado despercebidas pelos fios que passavam pelo topo do túnel até a usina de energia. Embora as luzes tivessem piscado algumas vezes, a energia ainda estava ligada. Os sobreviventes molhados e cansados estavam amontoados no trecho do túnel que ficava entre a caverna de gelo e as escadas.

Apesar de sua observação otimista, Rawlins sabia que eles tinham pouco tempo. Ele e os outros estavam tendo mais dificuldade para respirar. Ele tentou desviar seus pensamentos.

"Qual foi a descoberta científica de que você estava falando?", perguntou a Skye.

Um olhar sonhador surgiu em seus olhos. "Encontrei uma tumba antiga sob as águas do lago. Acho que ela pode ter algo a ver com a com a Rota do Âmbar, o que significa que os contatos comerciais entre a Europa e os países mediterrâneos são mais antigos do que qualquer um jamais imaginou. Talvez até a época minoica ou micênica. "Rawlins gemeu." Você está bem?" disse Skye.

"Sim, estou bem. Oh, diabos, não, não estou. A única razão pela qual estou aqui é para fazer uma matéria sobre o observatório subglacial. Depois, encontraram o corpo no gelo, o que teria sido uma grande exclusividade. Então, um bandido se passando por repórter deu uma coronhada em seu amigo Renaud e inundou o túnel. Uau! Minhas matérias teriam sido publicadas em todo o mundo. Eu teria sido o próximo Jon Krakauer. As editoras estariam batendo na minha porta com ofertas de livros. Agora, fale-me sobre o ponto de vista minoano".

"Não sei se é minoano", disse Skye, tentando aliviar sua angústia. "Posso estar errada."

Ele balançou a cabeça com tristeza.

O repórter da TV, que estava ouvindo a conversa, disse: "Não a culpo por se sentir mal, mas coloque-se no meu lugar. Tenho o vídeo do corpo e do francês sendo atingido com a arma".

O outro repórter bateu em seu gravador. "Sim e eu tenho as vozes todas gravadas."

Rawlins olhou para a mangueira de incêndio que passava por seus pés. "Será que poderíamos usar um jato de água para derreter um túnel através da geleira?"

Thurston estava sentado ao lado de Rawlins. Ele deu uma risada e disse: "Já fiz alguns cálculos em minha cabeça. Isso nos levará cerca de três meses se trabalharmos de forma constante."

"Teremos folga nos domingos e feriados?" perguntou Rawlins.

Todos riram, com exceção de Renaud.

O humor excêntrico de Rawlins fez Skye se lembrar de Austin. Quanto tempo havia se passado desde que ela deixara o navio? Ela olhou para o relógio e percebeu que haviam se passado apenas algumas horas. Ela estava procurando ansiosamente pela ala do encontro deles. Ela havia ficado encantada com o perfil robusto, o cabelo pálido, quase branco, mas isso ia além da atração física. Ele era interessante, um estudo de contrastes. Austin tinha um senso de humor rápido e podia ser caloroso e gentil, mas ela detectou a dureza do diamante por trás do brilho daqueles olhos azuis. E é claro, havia aqueles ombros magníficos. Ela não ficaria surpresa se ele pudesse andar no fundo do mar.

Seus olhos se voltaram para Renaud, que estava no extremo oposto do espectro de atratividade. Ele estava sentado do outro lado do túnel, cuidando da mão inchada. Ela franziu a testa, pensando que a pior parte de todo esse caso era ser sepultada com um inseto como Renaud. O pensamento a deprimiu, então ela se levantou e caminhou até a escada que levava ao túnel principal. A água negra banhava o topo da escada. Não havia chance de escapar. Ela ficou deprimida novamente. Procurando uma distração, ela se esgueirou pelas poças e subiu a escada para a caverna de gelo.

A geleira já estava começando a retomar o território perdido. Um novo gelo havia se formado em pingentes irregulares onde antes não havia nenhum. O gelo havia engrossado e o corpo não estava mais visível em seu túmulo. O capacete ainda estava em seu recipiente. Ela o pegou e o segurou sob uma luz, onde pôde ver as gravuras. Elas eram complexas e finamente executadas. O trabalho de um mestre. O desenho lhe pareceu não ser simplesmente decorativo. Havia um ritmo nele, como se estivesse contando uma história. O metal parecia pulsar com vida própria. Ela controlou seus pensamentos. A falta de ar a estava fazendo imaginar coisas. Se ao menos ela tivesse mais tempo, poderia descobrir. Maldito Renaud.

Ela carregou o capacete de volta para o túnel. A caminhada no ar rarefeito a havia deixado exausta. Ela encontrou um lugar contra a parede, apoiou o capacete ao seu lado e se sentou. Os outros haviam parado de falar. Ela podia ver seus peitos pesando enquanto sugavam o ar anoréxico para seus pulmões. Ela percebeu que estava fazendo o mesmo, engolindo como um peixe fora d'água, mas ainda não conseguindo atender às demandas de seus pulmões. Seu queixo caiu e ela adormeceu.

Quando acordou, as luzes haviam finalmente se apagado. Então, ela disse a si mesma, afinal, morreremos na escuridão. Ela tentou chamar os outros para se despedir, mas não teve forças. Ela adormeceu novamente.

AUSTIN COLOCOU A última bolsa impermeável no convés traseiro plano do SEA mobile atrás do cockpit em bolha e se afastou para inspecionar o trabalho. O veículo parecia mais uma mula de carga mecânica do que um submersível de alta tecnologia, mas o arranjo improvisado teria de servir. Sem ter ideia de quantas pessoas estavam presas sob a geleira, ele reuniu todos os equipamentos de mergulho e de reserva que conseguiu encontrar e simplesmente torceu para que tudo desse certo.

Austin fez um sinal de "ok" para François. O observador do governo estava de prontidão com um rádio de mão, atuando como um elo de ligação e tradutor entre o navio e o helicóptero. Frangois retribuiu o gesto e falou no rádio de mão. O piloto do helicóptero francês estava aguardando a chamada.

Em poucos minutos, o helicóptero estava decolando da praia. Ele voou até o barco NUMA, onde pairou e soltou um cabo no convés. Austin abaixou a cabeça contra a explosão dos rotores giratórios, agarrou o gancho na extremidade do cabo e o prendeu a um sistema de arnês de quatro pontos. Ele e a equipe já haviam fixado o reboque e o submersível para que a carga pudesse ser levantada inteira.

Ele deu um sinal de positivo para o piloto. O cabo foi esticado e o helicóptero se elevou levemente e ficou suspenso no espaço, com seus rotores cortando loucamente o ar. Apesar do barulho estrondoso, o submersível e o reboque se elevaram apenas alguns centímetros do convés. O peso combinado do submarino, do reboque e da carga estava além da capacidade de elevação da aeronave. Austin fez sinal para que o helicóptero se soltasse. O cabo ficou frouxo e a carga caiu de volta no convés.

Austin apontou para o helicóptero e gritou no ouvido de François. "Diga a eles para ficarem onde estão até que eu resolva isso." Enquanto François traduzia, Austin pegou seu próprio rádio e ligou para Zavala, cujo helicóptero estava circulando bem acima do navio. "Temos um problema", disse Austin.

"Pelo que estou vendo. Gostaria que este helicóptero fosse um guindaste", disse ele, referindo-se aos enormes helicópteros industriais projetados para içar grandes cargas.

"Talvez não precisemos de um." Austin expôs o que tinha em mente. Zavala riu e disse: "Minha vida deve ter sido muito monótona antes de conhecê-lo". "E então?"

"Traiçoeira", disse Zavala. "Perigoso como o inferno. Audacioso. Mas possível." Austin nunca duvidou das habilidades de voo de seu parceiro. Zavala tinha milhares de horas como piloto de helicópteros, jatos pequenos e aeronaves turboélice. O que o incomodava eram os caprichos, o inesperado. Uma mudança de vento, desatenção humana ou falha no equipamento poderia transformar um risco cuidadosamente calculado em um desastre. Nesse caso, o trabalho poderia terminar com uma confusão na tradução. Ele tinha que ter certeza de que a mensagem estava clara.

Ele chamou François de lado e lhe disse o que queria que o piloto francês fizesse. Em seguida, fez com que ele repetisse suas instruções para ele. François acenou com a cabeça em sinal de compreensão. Ele falou em seu rádio e o helicóptero francês se moveu para o lado, de modo que a linha de elevação ficou em um ângulo.

O helicóptero de Zavala entrou em ação e soltou um cabo, que Austin rapidamente uniu ao arnês. Ele fez uma verificação visual dos helicópteros, certificando-se de que havia bastante espaço entre as duas aeronaves. Elas seriam puxadas juntas pelo peso que estavam levantando e ele não queria que os helicópteros se enroscassem nos rotores.

Mais uma vez, Austin deu o sinal para levantar. Os rotores se agitaram em um concerto estridente e dessa vez, o submersível e o trailer pareceram saltar para o céu. Um metro. Dois pés. Um metro. Dois metros. Os pilotos estavam bem cientes do fato de que os helicópteros eram de tamanho e potência desiguais e se ajustaram à diferença com incrível habilidade.

Eles subiram em câmera lenta, com a estranha carga balançando entre eles, até que estavam a uns duzentos metros acima da superfície do lago e em seguida, voaram em direção à terra até se perderem na rocha escura das montanhas. Zavala manteve um comentário contínuo pelo rádio. Ele teve de interromper o voo algumas vezes para corrigir sua posição.

Austin não respirou com facilidade até ouvir o anúncio lacônico de Zavala: "As águias pousaram."

Austin e vários tripulantes entraram em um pequeno barco e estavam em terra esperando quando os helicópteros voltaram, voando lado a lado e pousaram na praia. Austin subiu no helicóptero de Zavala e o helicóptero francês recebeu a tripulação do Mummichug.

Minutos depois, eles desceram para aterrissar perto do SEA mobile amarelo brilhante que estava em seu trailer em frente à entrada do túnel. Austin supervisionou a equipe enquanto eles ajustavam a carga do submarino. Em seguida, o reboque foi colocado de volta no túnel inclinado até a beira da água. Foram colocados calços atrás das rodas, enquanto Austin saía do túnel para conversar com Lessard. A pedido de Austin, o supervisor da usina havia retirado outra planta de seu acervo. Ele a espalhou em uma pedra plana.

"Estes são os suportes internos de alumínio sobre os quais lhe falei. Você os encontrará a algumas centenas de metros dentro do túnel. Há doze conjuntos dispostos três a três, com aproximadamente dez metros de distância entre um conjunto e outro."

"O submersível tem menos de dois metros de largura", disse Austin. "Descobri que só precisarei cortar uma coluna em cada conjunto para conseguir passar."

"Sugiro que você escalone seus cortes. Em outras palavras, não corte a mesma posição de coluna em cada conjunto. Como você pode ver neste diagrama, o teto é o mais fino aqui do que em qualquer outro lugar do túnel. Você tem centenas de toneladas de gelo e rocha pressionando o túnel."

"Eu incluí isso na equação."

Os olhos de Lessard se fixaram no rosto de Austin. "Liguei para Paris depois que você apresentou seu plano e conversei com um amigo da empresa estatal de energia. Ele disse que essa extremidade do túnel foi construída para mover os trailers do laboratório para o local. Ela foi descartada como acesso principal porque, com o passar do tempo, havia o risco de o teto desabar. As colunas foram instaladas para manter o túnel aberto como um poço de ventilação. É isso que me preocupa", disse ele, passando o dedo pela parte superior do túnel desenhado na planta. "Há um grande bolsão de água instável aqui. Devido ao atraso da estação, ela está ainda maior do que o normal. Se houver um ponto fraco no sistema de suporte, todo o teto poderá desabar."

"Vale a pena correr o risco", disse Austin.

"Vocês consideraram a possibilidade de que estão arriscando suas vidas em vão, que as pessoas já estão mortas."

Austin respondeu com um sorriso sombrio: "Não saberemos isso até darmos uma olhada, não é?"

Lessard olhou para Austin com uma expressão de admiração. O americano de cabelos claros e olhos azuis impressionantes era louco ou extremamente confiante em suas habilidades. "Você deve gostar muito dessa mulher."

"Eu a conheci há apenas alguns dias, mas temos um jantar marcado em Paris e pretendo cumpri-lo."

Lessard respondeu com um encolher de ombros. Galanteria era algo que um francês podia apreciar. "As primeiras semanas são o período de máxima atração entre um homem e uma mulher, antes que eles se conheçam bem. Bem, boa chance, *mon ami*. Vejo que seu amigo quer sua atenção."

Austin agradeceu a Lessard pelo conselho e foi até onde Zavala estava em frente à entrada do túnel.

"Eu examinei o sistema de controle do submarino. Coisas bem simples", disse Zavala.

"Eu sabia que você não teria problemas." Austin deu uma última olhada ao redor. "Hora de ir embora, amigo."

Zavala lhe dirigiu um olhar amargo. "Você tem assistido a muitas reprises de Cisco Kid."

Austin vestiu um traje seco isolado de peça única. Parecendo um grande boneco Gumby Day-Glo, ele abriu caminho até o túnel e colocou um capacete com um transceptor acústico subaquático na cabeça. Zavala o ajudou a colocar o cilindro de ar e o cinto de peso e em seguida, ajudou-o a subir na parte traseira do submersível.

Ele se sentou atrás da bolha usando as bolsas à prova d'água como assento e colocou as nadadeiras. Um tripulante entregou-lhe uma lanterna de corte subaquática leve e um cilindro de ar, que Austin prendeu ao convés com cordas elásticas. Zavala entrou na cabine e fez o sinal de alerta para Austin.

"Pronto para partir?" disse Austin, testando o fone de ouvido.

"Claro, mas estou me sentindo como o garoto da bolha."

"Você pode trocar de lugar comigo sempre que quiser, Bubble Boy."

Zavala deu uma risadinha. "Obrigado, mas vou deixar passar a oferta generosa. Você parece natural andando como espingarda, Tex."

Austin bateu na bolha. Ele estava pronto.

A equipe de lançamento levantou o engate do reboque e lentamente deixou o reboque rolar para a água, mantendo sua velocidade sob controle com um par de linhas de lançamento, até que as rodas estivessem submersas. Assim que o veículo começou a flutuar, a equipe puxou os cabos de tração e empurrou o veículo ao mesmo tempo. O SEA mobile flutuou livremente do trailer e os motores ganharam vida.

Zavala usou os propulsores laterais na seção da cauda para colocar o SEA mobile em um giro de 360 graus, virando o veículo para dentro do túnel. Ele moveu o veículo para frente até que a água estivesse profunda o suficiente para submergir. Usando um leve toque no propulsor vertical, ele empurrou o submarino para baixo até que o casco estivesse debaixo d'água. Os propulsores traseiros giraram novamente, o submersível se moveu para frente, indo mais fundo e a água banhou Austin e a bolha.

O quarteto de luzes de halogênio na frente do veículo refletia as paredes e o teto alaranjados e a luz refletida dava à água um tom marrom.

A voz metálica de Zavala soou nos fones de ouvido de Austin.

"Isso é como mergulhar em um balde de molho de chocolate".

"Vou me lembrar disso na próxima vez que for comer em um restaurante mexicano. Eu estava pensando em algo mais poético e Dante-Ish, como uma descida ao Hades."

"Pelo menos o Hades é quente e seco. A que distância estão as primeiras colunas de suporte?"

Austin olhou para a escuridão além do alcance das luzes e pensou ter visto um brilho fraco de metal. Ele se levantou e se encostou na bolha, segurando as barras de proteção em forma de D que ladeavam a cabine.

"Acho que eles estão subindo agora."

Zavala reduziu a velocidade do submersível até parar a alguns metros do primeiro conjunto de colunas de alumínio, cada uma com cerca de 15 centímetros de diâmetro, que barravam o caminho. Carregando a tocha e o cilindro, Austin nadou até a base da coluna do meio. Ele acendeu a tocha e a chama azul cortou rapidamente o metal próximo à coluna do meio.

Cortou rapidamente o metal próximo à base. No topo da coluna, ele fez outro corte e em seguida, gritou "Timber!" e empurrou a seção do meio para fora. Ele fez sinal para que Zavala o seguisse, direcionando-o pela abertura com sinais manuais, como um funcionário de aeroporto guiando um avião até o portão. Em seguida, passou para o próximo conjunto de colunas.

Enquanto nadava, lançou um olhar cauteloso acima da cabeça e tentou não pensar nos milhares de litros de água e nas toneladas de gelo que pressionavam o fino teto de rocha. Seguindo o conselho de Lessard, ele cortou a coluna da direita no segundo conjunto. Novamente, Zavala passou o veículo. Austin cortou a coluna do meio e depois a da esquerda no próximo conjunto. Em seguida, ele recomeçou o processo.

O trabalho transcorreu sem problemas. Em pouco tempo, doze colunas estavam no chão do túnel. Austin retomou seu assento na parte de trás do submersível e disse a Zavala para ir na velocidade máxima do veículo de 2,5 nós. Embora estivessem se movendo em uma caminhada rápida, a escuridão e a proximidade das paredes combinadas faziam com que Austin sentisse como se estivesse na carruagem de Netuno voando para o Abismo.

Sem nada a fazer além de se segurar, ele estendeu seus pensamentos para a difícil tarefa que tinha pela frente. As palavras de Lessard ecoaram em seus ouvidos. O francês estava certo sobre a atração máxima. Ele também poderia estar certo sobre o fato de todos no túnel estarem mortos.

Tinha sido mais fácil ser otimista enquanto ele estava à luz do dia. Mas, à medida que mergulhavam mais fundo na escuridão estígia, ele sabia que a tentativa de resgate poderia ser em vão. Ele teve de admitir que havia pouca chance de alguém permanecer vivo por muito tempo nesse lugar terrível. Relutantemente, ele se preparou para o pior.

EM SEU SONHO, Skye estava jantando com Austin em um bistrô parisiense perto da Torre Eiffel e ele dizia: "Acorde" e ela respondia com muita irritação: "Não estou dormindo".

Acorde, Skye.

Austin de novo. Homem irritante.

Então Austin estava passando a mão pela mesa, além do vinho e do patê, dando um leve tapa na bochecha dela e ela estava ficando mais irritada. Ela abriu a boca. "Pare!"

"Assim está melhor", disse Austin.

Suas pálpebras se abriram como um par de persianas quebradas e ela virou o rosto para longe da luz ofuscante. A luz mudou e ela viu o rosto de Austin. Ele parecia preocupado. Ele apertou gentilmente suas bochechas até que ela abriu a boca e em seguida, sentiu o bocal de plástico duro de um regulador de mergulho entre os dentes.

O ar fluiu para seus pulmões, reanimando-a e ela viu que Austin estava ajoelhado ao seu lado. Ele estava usando uma roupa seca laranja e um tipo estranho de capacete. Ele pegou a mão dela e gentilmente envolveu seus dedos em torno do pequeno cilindro de ar que alimentava o regulador.

Ele removeu o regulador de sua própria boca.

"Você pode ficar acordada por um minuto?", disse ele.

Ela assentiu com a cabeça.

"Não vá embora. Eu já volto."

Em seguida, ele se levantou e caminhou em direção à escada. No breve instante antes de ele descer na água com sua lanterna elétrica, ela viu os outros que haviam ficado presos com ela, todos parecendo abandonados dormindo em um beco.

Momentos depois, a água na escada emitiu um brilho sinistro e Austin reapareceu segurando uma linha pendurada em um dos ombros. Ele fincou os pés no chão e puxou a linha como um barqueiro do Volga. O piso era traiçoeiro e ele escorregou até o joelho, mas se levantou imediatamente. Um saco plástico que estava preso à linha saiu da água e deslizou pelo chão como um peixe grande. Mais sacos se seguiram.

Austin rapidamente abriu o zíper dos sacos e distribuiu os cilindros de ar que eles continham. Ele teve que sacudir algumas pessoas para que ficassem com a consciência grogue, mas quando conseguiram respirar o ar pela primeira vez, reanimaram-se rapidamente. Enquanto sugavam avidamente o ar vital, o som metálico das válvulas reguladoras era alto no espaço confinado.

Skye cuspiu o bocal. "O que você está fazendo aqui?", disse ela, como se fosse uma decana da sociedade se dirigindo a um invasor de festas.

Ele levantou Skye gentilmente e a beijou na testa. "Nunca deixe que se diga que Kurt Austin deixou que um pouco de inferno ou água alta atrapalhasse nosso encontro para jantar." "Jantar! Mas..."

Austin colocou o regulador de volta entre os lábios de Skye. "Não há tempo para conversas."

Em seguida, ele estava abrindo as outras bolsas e tirando as roupas secas. Rawlins e Thurston eram mergulhadores certificados, como se viu e ajudaram os outros a vestir seus trajes e equipamentos de mergulho. Em pouco tempo, os sobreviventes estavam equipados. Não era exatamente uma equipe do SEAL, pensou Austin, mas com muita sorte eles poderiam sobreviver.

"Prontos para ir para casa?", perguntou ele.

O coro mudo que ecoou na caverna era incompreensível, mas entusiasmado.

"Está bem", disse ele. "Sigam-me."

Austin conduziu os habitantes da caverna de aparência lamentável pela escada e pelo túnel inundado. Mais de uma sobrancelha foi levantada com a estranha visão de Zavala acenando para eles de dentro de sua bolha brilhante.

Austin havia previsto que seus passageiros precisariam de algo para se segurar durante a viagem. Antes de ele e a equipe do Mummichugs empilharem as bolsas de equipamento de mergulho no submarino, eles estenderam uma rede de pesca sobre o convés móvel do SEA. Com o uso vigoroso de sinais manuais, empurrões e empurrões, Austin arrumou os sobreviventes da caverna virados para baixo no convés em fileiras de três, como sardinhas em uma lata.

Ele colocou Renaud, com a mão ruim, na primeira fileira, logo atrás da bolha, entre os repórteres. Skye estava na fileira do meio, entre Rawlins e Thurston, que eram os mais experientes na água. Ele ficaria atrás dela, na terceira fila, entre LeBlanc, que parecia forte como um touro e Rossi, o jovem assistente de pesquisa. Como seguro, Austin passou linhas nas costas de seus passageiros como se estivesse prendendo uma carga volumosa. O submersível era praticamente invisível sob os corpos apertados, mas o arranjo era o melhor que ele podia imaginar com o espaço limitado disponível. Austin nadou para a retaguarda, onde se colocou atrás de Skye. Ele teria que se mover livremente de seu poleiro mais tarde, por isso ficou livre.

"Todos os nossos patos estão alinhados em uma fila", disse ele pelo comunicador. "O espaço aqui é apertado, por isso não aconselho pegar carona."

Com um zumbido de motores elétricos, o SEA mobile avançou em um ritmo lento, depois acelerou para uma caminhada. Austin sabia que os sobreviventes deviam estar muito cansados. Embora ele tivesse alertado o grupo para ser paciente, o ritmo lento do veículo era enlouquecedor e ele estava tendo dificuldade para seguir seu próprio conselho.

Pelo menos ele podia falar com Zavala. Os outros estavam sozinhos com seus pensamentos. O submersível atravessou o túnel como se estivesse sendo puxado por uma equipe de tartarugas. Às vezes, o submersível parecia estar parado e as paredes do túnel passavam por ele. Os únicos sons eram o zumbido monótono do motor e o estalo das bolhas de ar que escapavam. Ele quase gritou de alegria quando Zavala anunciou: "Kurt, estou vendo as colunas bem à frente".

Austin levantou a cabeça. "Pare antes de chegar a elas. Eu vou passar com você pela pista de slalom".

O SEA mobile parou em um ponto. Austin se soltou do convés e se elevou acima da bolha. O primeiro conjunto de suportes brilhava cerca de trinta metros à frente. Com impulsos fáceis e rítmicos de suas nadadeiras, Austin nadou em direção aos suportes e passou pela abertura que havia feito nas colunas. Em seguida, deu meia-volta e acenou para Zavala como um policial de trânsito, direcionando-o para a direita ou para a esquerda, conforme necessário.

O submersível passou lentamente pela abertura. Zavala desviou de seu curso reto para passar pela próxima abertura e foi aí que ele teve problemas. O submersível sobrecarregado respondeu lentamente e derrapou em um deslizamento. Usando uma mão firme nos controles do propulsor, ele deteve o impulso lateral e dirigiu o submersível para a abertura. Porém, quando o veículo passou pela brecha, ele tentou compensar e o submarino bateu em uma coluna e começou a se desviar.

Austin nadou para um dos lados e se prendeu a uma parede do túnel até que Zavala, prudentemente, fez o SEA mobile parar. Austin nadou até a cabine.

"Você realmente tem que fazer algo sobre sua direção, velho amigo". "Desculpe", disse Zavala. "Com todo o peso na parte de trás, esta coisa se comporta como um barco de choque."

"Tente se lembrar de que você não está ao volante do seu Corvette."

Zavala sorriu. "Eu gostaria de estar."

Austin inspecionou os passageiros, viu que eles estavam aguentando e nadou até o próximo conjunto de colunas. Ele prendeu a respiração enquanto o veículo e sua carga passavam sem incidentes. Zavala estava pegando o jeito de controlar o submarino e eles navegaram com sucesso por vários outros conjuntos de colunas. Austin fez uma contagem em sua cabeça. Faltavam apenas mais três conjuntos de pilares.

Ao se aproximar do próximo conjunto de colunas, ele notou que algo estava errado. Ele olhou através de sua máscara e não se tranquilizou com o que viu. Ele havia cortado a coluna do meio e agora os suportes de cada lado da abertura pareciam um par de pernas arqueadas. Um movimento rápido chamou sua atenção e ele olhou para cima. Bolhas estavam escorrendo por uma fenda estreita no teto.

Austin não precisava ser um engenheiro estrutural para descobrir o que estava acontecendo. O peso do teto era muito grande para os suportes restantes suportarem. Eles poderiam desabar a qualquer momento, sepultando o submersível e seus passageiros no túnel para sempre.

"Joe, temos um problema pela frente", disse Austin, fazendo o possível para manter a voz calma.

"Entendo o que você quer dizer", respondeu Zavala, inclinando-se para frente para olhar através da bolha. "Essas colunas parecem as pernas de um caubói. Algum conselho sobre como navegar nessa ratoeira?"

"Da mesma forma que os porcos-espinhos fazem amor. Com cuidado. Certifique-se de andar nas minhas pegadas".

Austin nadou em direção aos suportes curvados e passou facilmente por eles com espaço em ambos os lados. Ele se virou e protegeu os olhos contra as luzes halógenas brilhantes do submarino, depois acenou para Zavala. Zavala manobrou com sucesso o veículo pela abertura sem tocar em nenhuma das colunas. Mas ele teve problemas inesperados. Parte da rede que saía da extremidade traseira do submersível ficou presa na ponta da coluna que Austin havia cortado. Zavala sentiu o puxão e instintivamente aplicou força sem pensar. Foi a pior coisa que ele poderia ter feito. O veículo hesitou quando os propulsores entraram em ação e em seguida, a rede se soltou e o submarino avançou sem controle, batendo na coluna da direita do próximo conjunto com todo o seu peso substancial. Zavala rapidamente compensou o balanço selvagem. Mas já era tarde demais. A coluna danificada se dobrou.

Austin observou o desastre em câmera lenta. Seus olhos se voltaram para o teto, subitamente obscurecido por uma enorme nuvem de bolhas. "Saiam daí!" Austin gritou. "Os telhados estão caindo!" Os fones de ouvido de Austin estavam cheios de palavrões em espanhol.

Zavala aplicou potência total nos propulsores e apontou para a próxima lacuna. O veículo passou a poucos metros de Austin. Com um timing perfeito, ele estendeu a mão e agarrou-se à rede de pesca, pendurado como um dublê de Hollywood em uma diligência em fuga.

Zavala estava mais preocupado com a pressa do que com a precisão e não se preocupou em ajustar a direção. O veículo bateu em uma coluna. Foi apenas um pequeno amassado, mas a coluna se dobrou e quebrou. Austin já havia conseguido voltar para o convés e se segurou com firmeza enquanto o veículo girava completamente e recuperava a direção correta. Mais uma abertura surgia à frente.

O submersível fez uma passagem limpa pelo espaço sem tocar em uma coluna. Mas o estrago já havia sido feito.

O teto se rompeu e caiu em uma avalanche esmagadora de enormes pedras, liberando a água armazenada no bolsão glacial. Milhares de galões de água foram despejados no espaço confinado do túnel. Uma poderosa onda de pressão atingiu o móvel SEA e o empurrou através do túnel como uma folha através de uma eclusa.

A onda correu em direção à entrada, carregando o veículo em sua crista.

Sem saber do drama que se desenrolava nos recônditos escuros abaixo da geleira, a equipe de apoio tinha voltado para os helicópteros. O único tripulante que estava vigiando o veículo tinha saído do túnel para tomar ar quando ouviu o rugido vindo das entranhas da terra. Suas pernas reagiram antes de seu cérebro e o levaram para longe da boca do túnel. Ele estava de um lado, escondido atrás de uma pedra, quando o veículo saiu disparado da entrada do túnel para o ar livre.

A força total da onda se dispersou do lado de fora da caverna, deixando o veículo em alto e bom som. Os passageiros, atordoados e machucados, desamarraram os cabos que os prendiam e caíram do convés. Eles cuspiram os reguladores e sugaram ar fresco para os pulmões em grandes golfadas de tosse.

Zavala estava fora da cabine, correndo de volta para o túnel. Ele se afastou quando uma onda secundária, mais fraca, irrompeu do túnel, contornou o veículo e vomitou uma figura lutando em um traje laranja. A máscara facial rachada de Austin estava torta. O capacete do comunicador havia sido arrancado de sua cabeça e a força da onda o fazia rolar como uma bola presa nas ondas.

Zavala se abaixou, pegou Austin pelo braço e o ajudou a se levantar.

Ele estava tão instável quanto um bêbado e seus olhos estavam tão vidrados quanto bolinhas de gude. Austin cuspiu uma boca cheia de água suja e latiu como um cachorro molhado.

"Como eu disse, Joe. Você realmente tem que fazer alguma coisa em relação à sua direção."

A equipe de resgate francesa chegou uma hora depois. O helicóptero desceu em frente à usina de energia como uma águia-pesqueira sobre um peixe. Antes mesmo dos trens de pouso tocarem o solo, seis alpinistas arrojados e robustos saíram pela porta, carregando mosquetões e rolos de corda. O líder explicou que eles trouxeram equipamentos de alpinismo porque sabiam que as pessoas estavam presas na geleira, não embaixo dela.

Quando o líder soube que os serviços de sua equipe não eram necessários, ele deu de ombros e admitiu filosoficamente que até mesmo uma equipe de escalada seria inútil em um resgate na água. Em seguida, abriu duas garrafas de champanhe que havia trazido consigo. Levantando a taça em um brinde, ele disse que haveria outras oportunidades; as pessoas sempre se metem em problemas nas montanhas.

Depois da comemoração improvisada, Austin supervisionou o retorno do submersível ao Mummichug e depois voltou para a usina com Zavala. Os sobreviventes foram levados para a usina para tomar banho e comer comida quente. Vestidos com uma variedade heterogênea de roupas emprestadas, eles se reuniram na sala de recreação da usina para contar sua história.

Os repórteres passaram as fitas de vídeo do ataque a Renaud, mas elas eram de baixa qualidade e mostravam apenas um vislumbre borrado do rosto do atirador. A gravação de áudio revelou pouco, exceto pela breve troca de palavras entre Renaud e seu agressor.

Austin estava cuidando de seus ferimentos e hematomas com uma garrafa de cerveja belga da despensa da usina. Ele estava sentado com o queixo apoiado na mão, sentindo sua raiva crescer enquanto Skye e os outros presos no túnel descreviam detalhes do ato de sangue frio que quase condenou várias pessoas inocentes a uma morte horrível sob o gelo.

"Esse é um assunto para a polícia", disse Drouet, o supervisor da usina, depois de ouvir toda a história. "As autoridades devem ser notificadas imediatamente."

Austin manteve a calma. Quando os gendarmes chegassem, a trilha estaria mais fria do que a cerveja em sua mão.

Renaud estava ansioso para ir embora. Brandindo a mão como se fosse um ferimento fatal, ele abriu caminho e encontrou um assento no helicóptero da usina. Rawlins e os repórteres estavam ansiosos para registrar os detalhes da sua história, que tinha ido muito além da descoberta do corpo congelado. Os repórteres chamaram o avião fretado que os havia levado até a geleira.

O piloto do avião esclareceu um mistério. Ele disse que estava esperando no lago que os repórteres voltassem da geleira, quando um homem grande que ele havia trazido apareceu na praia no Citroen de LeBlanc. O homem disse que os outros repórteres iriam passar a noite lá e que ele precisava de uma carona imediatamente.

Skye observou o avião flutuante deslizar pelo lago para decolar e caiu na gargalhada. "Você viu o Renaud? Ele estava usando a mão machucada para empurrar outras pessoas para fora do caminho para que ele pudesse subir primeiro."

"O tom zombeteiro da sua voz sugere que você não lamenta a partida de Renaud", disse Austin.

Ela fingiu que estava lavando as mãos. "Boa viagem para o lixo ruim, como meu pai costumava dizer."

Lessard estava ao lado de Skye e tinha um olhar triste enquanto observava o avião flutuante saltar do lago e seguir em direção a um vale entre dois picos de montanhas.

"Bem, Monsieur Austin, preciso voltar ao trabalho", disse ele com uma voz triste. "Obrigado pelo entusiasmo que você e seus amigos trouxeram a este posto avançado solitário."

Austin segurou a mão de Lessard com firmeza. "O resgate teria sido impossível sem sua ajuda", disse Austin. "Acho que você não ficará sozinho por muito tempo. Quando a história for divulgada, você será inundado por repórteres. A polícia também estará farejando por aqui."

Lessard parecia mais satisfeito do que irritado. "Você acha que sim?" Ele sorriu. "Se me der licença, é melhor eu voltar ao meu escritório para me preparar para as visitas. Vou mandar um caminhão levá-lo de volta ao lago, se quiser."

"Eu vou com você", disse Skye. "Tenho que pegar algo que deixei na usina."

Zavala disse sobre Lessard: "Esse senhor aparentemente não está satisfeito com seus quinze minutos de fama. Agora, se você já terminou com meus serviços".

Austin colocou a mão no ombro de Zavala. "Não me diga que você quer deixar este local de jardim para voltar a Chamonix e à sua pastelaria francesa."

Os olhos de Zavala seguiram Skye. "Parece que não sou o único a experimentar as iguarias locais?

"Você está muito à frente de mim, Joe. A senhorita e eu ainda nem tivemos nosso primeiro encontro."

"Bem, eu sou o último cara a ficar no caminho do verdadeiro romance." "Nem eu", disse Austin, acompanhando Zavala até o helicóptero. "Vejo você em Paris."

O ENGARRAFAMENTO era horrível até mesmo para os padrões de Washington. Paul Trout estava sentado atrás do volante de seu Humvee, olhando com olhos vidrados para o tapete de carros que entupia a Pennsylvania Avenue, quando se virou de repente para Gamay e disse: "Minhas guelras estão começando a fechar".

Gamay revirou os olhos, como uma esposa acostumada há muito tempo com as excentricidades do marido. Ela sabia o que estava por vir. A família de Paul dizia, em tom de brincadeira, que se um Trout ficasse longe de seu lar ancestral por muito tempo, ele começaria a perder o fôlego como um peixe fora d'água. Portanto, ela não ficou surpresa quando ele fez uma inversão de marcha ilegal, demonstrando o desprezo pelas regras de trânsito que parece ter nascido nos motoristas de Massachusetts.

Enquanto Paul dirigia como se estivesse em manobras na operação militar Tempestade no Deserto, ela usou o celular para ligar para a companhia aérea para fazer reservas e avisar o escritório da NUMA que eles ficariam fora por alguns dias. Eles passaram pela sua casa da cidade de Georgetown como tornados gêmeos, fizeram as malas para a noite e correram para o aeroporto.

Menos de duas horas depois que o voo de ônibus aterrissou em Boston, estavam em Cape Cod, passeando pela Water Street no vilarejo de Woods Hole, onde Trout havia nascido e crescido. A rua principal de Woods Hole tem cerca de 400 metros de comprimento, fica espremida entre uma lagoa salgada e um porto. E é cercada em ambos os lados por edifícios que abrigam organizações dedicadas à ciência marinha e ambiental.

O mais notável deles é o mundialmente famoso Woods Hole Oceanographic Institution. Perto dali, em um prédio antigo de tijolos e granito, fica o Marine Biological Laboratory, cujos programas de pesquisa e biblioteca de quase duzentos mil volumes atraem estudiosos de todo o mundo. A uma curta distância do MBL está o aquário da National Marine Fisheries. Nos arredores do vilarejo estão o U.S. Geological Survey (Serviço Geológico dos EUA) e dezenas de instituições de educação marítima e empresas privadas que produzem os aparelhos subaquáticos de alta tecnologia usados por cientistas do oceano em todo o mundo.

Uma brisa estava soprando do porto na direção das Ilhas Elizabeth. Trout parou na pequena ponte levadiça que separa o Eel Pond do Great Harbor e encheu os pulmões de ar salgado, pensando que devia haver alguma verdade na história do fechamento da comporta. Ele podia realmente respirar novamente.

Trout era filho de um pescador local e sua esposa e sua família ainda era proprietária do chalé de Cape Cod onde ele havia sido criado. Seu lar intelectual era a Instituição Oceanográfica. Quando menino, ele costumava fazer recados para alguns dos cientistas que trabalhavam na instituição e foi com o incentivo deles que ele se especializou em geologia de oceano profundo, uma mudança que o levaria eventualmente à NUMA e à sua Equipe de Atribuições Especiais.

Poucas horas depois de sua chegada, Paul verificou sua casa, entrou em contato com vários parentes e parou para almoçar com Gamay em um bar local, onde conhecia todos os que estavam no balcão. Em seguida, ele começou a fazer a ronda. Ele estava visitando o Laboratório de Submersão Profunda da instituição, onde um antigo colega o estava atualizando sobre as últimas novidades em veículos subaquáticos autônomos, quando o telefone tocou.

"É para você", disse o colega, passando o telefone para Trout. Uma voz ecoou na linha. "Alô, Trout. Aqui é Sam Osborne. Soube na agência dos correios que você estava de volta à cidade. Como estão você e sua adorável esposa?"

Osborne era um ficologista, um dos maiores especialistas do mundo na ciência da algologia, ou o estudo das algas. Depois de anos de ensino, ele ainda falava em um tom dois ou três decibéis acima do de um ser humano normal.

Trout não se incomodou em perguntar como Osborne o havia localizado. Era impossível manter algo em segredo em um vilarejo do tamanho de Woods Hole. "Estamos bem, obrigado. Foi muito gentil da sua parte me ligar, Dr. Osborne."

Osborne limpou a garganta. "Weller, na verdade, eu não estava ligando para você. Eu queria falar com sua esposa."

Trout sorriu. "Não o culpo por isso. Gamay é muito mais bonita do que eu."

Ele passou o telefone para sua esposa. Gamay Morgan-Trout era uma mulher atraente, não era linda ou excessivamente sexy, mas era atraente para a maioria dos homens. Ela tinha um sorriso brilhante com uma pequena falha nos dentes superiores, como a modelo e atriz Lauren Hutton. Ela era alta, tinha 1,80 m e pesava 62kg, magra para sua altura. Seu cabelo, que era longo e geralmente usados enrolados, era vermelho escuro, razão pela qual seu pai, um conhecedor de vinhos, a batizou com o nome da uva Beaujolais.

Mais aberta e vivaz do que o marido, ela se dava bem com os homens, um talento que remontava aos seus tempos de moleca em Wisconsin. Seu pai era um desenvolvedor bem-sucedido que a incentivou a competir com os homens, ensinando-a a velejar e a atirar ao alvo. Ela era uma exímia mergulhadora e atiradora.

Gamay ficou ouvindo por um momento e depois disse: "Vamos já para aí".

Desligando o telefone, ela disse: "O Dr. Osborne pediu que passássemos no MBL. Ele disse que é urgente".

"Tudo é urgente para Sam", disse Paul.

"Ora, ora. Você não precisa ser sarcástico só porque ele queria falar comigo."

"Eu não tenho um osso sarcástico em meu corpo", disse Paul, dando os braços a Gamay.

Ele se despediu de seu colega do Laboratório de Submersão e saiu com Gamay pela Water Street. Alguns minutos depois, eles estavam subindo os largos degraus de pedra do Lillie Research Building, onde passaram por uma porta em arco e entraram em um saguão silencioso.

O Dr. Osborne estava esperando por eles lá dentro. Ele apertou a mão de Paul e abraçou Gamay, que ele havia tido como aluna quando ela estava estudando biologia marinha no Scripps Institute of Oceanography, na Califórnia. Osborne estava na casa dos cinquenta e poucos anos e seus cabelos brancos encaracolados pareciam estar escorregando da parte de trás do crânio. Ele tinha um físico corpulento e mãos grandes de trabalhador que pareciam mais adequadas para manusear uma picareta do que os delicados fios de vegetação marinha que eram sua especialidade.

"Obrigado por ter vindo", disse ele. "Espero que isso não seja uma imposição."

"De forma alguma", disse Gamay com doçura. "É sempre um prazer vê-lo."

"Talvez você não pense assim quando ouvir o que tenho a lhe dizer", disse Osborne com um sorriso enigmático.

Sem maiores explicações, ele os conduziu ao seu escritório. Embora o MBL fosse conhecido em todo o mundo por suas instalações de pesquisa e biblioteca, o laboratório do Edifício Lillie era um lugar despretensioso. Os tubos expostos corriam ao longo dos tetos, as portas que revestiam os corredores eram de madeira escura com painéis de vidro e em geral, parecia exatamente o que era: um prédio de laboratório antigo e venerável.

Osborne conduziu os Trouts ao seu escritório. Gamay se lembrava de Osborne como fanaticamente limpo e organizado. Viu que ele não havia mudado. Enquanto muitos professores de sua estatura se cercavam de pilhas de papéis e relatórios, seu escritório consistia em uma mesa e uma cadeira de computador e algumas cadeiras dobráveis para os visitantes. Seu único luxo era uma máquina de chá, que ele havia comprado no Japão.

Ele serviu três xícaras de chá verde e após uma breve troca de cumprimentos, disse: "Perdoe-me por ser tão brusco, mas o tempo é curto, então vou direto ao ponto". Ele se recostou na cadeira, estendeu os dedos e disse a Gamay: "Como bióloga marinha, você conhece a *Caulerpa taxifolia?*" Gamay havia se formado em arqueologia marinha pela Universidade da Carolina do Norte antes de mudar de área de interesse e se matricular na Scripps, onde obteve um doutorado em biologia marinha. Gamay sorriu internamente ao se lembrar de quando era aluna da turma de Osborne. Ele geralmente fazia perguntas na forma de uma declaração. "Caulerpa é uma alga nativa dos trópicos, embora seja vista com frequência em aquários domésticos."

"Correto. E você sabe que a variedade de água fria que se desenvolve tão bem em aquários se tornou um grande problema em certas áreas costeiras?" Gamay assentiu com a cabeça. "Algas marinhas assassinas. Ela destruiu grandes extensões do fundo do mar no Mediterrâneo e se espalhou para outros lugares também. É um tipo de alga tropical. As algas tropicais normalmente não vivem em água fria, mas essa cepa se adaptou. Ela pode se espalhar para qualquer lugar do mundo".

Osborne se voltou para Paul. "A erva de que estamos falando foi liberada inadvertidamente na água sob o Museu Oceanográfico de Mônaco em 1984. Desde então, ela se espalhou por trinta mil hectares no fundo da costa de seis países mediterrâneos e é um problema na Austrália e em San Diego. Ele se espalha como um incêndio. O problema vai além da velocidade. As colônias de Caulerpa são extremamente invasivas. A erva daninha se espalha por meio de estolhos e forma um denso tapete verde que afasta a flora e a fauna, privando plantas e animais da luz solar e do oxigênio. Sua presença destrói a base da cadeia alimentar marinha, danificando espécies nativas com consequências devastadoras para os ecossistemas."

"Não há nenhuma maneira de combater esse material?"

"Em San Diego, eles tiveram algum sucesso usando lonas para colocar em quarentena manchas de ervas daninhas, enquanto bombeavam cloro na água e na lama que ancora as plantas. Essa técnica seria inútil em uma infestação generalizada. Tem havido um esforço para educar os comerciantes de aquários que vendem Caulerpa ou negociam rochas que podem estar contaminadas com organismos."

"Não há inimigos naturais?" disse Trout.

"Seus mecanismos de defesa são incrivelmente complexos. A erva daninha contém toxinas que impedem os herbívoros. Ela não morre no inverno."

"Parece um verdadeiro monstro", disse Trout.

"Ah, é mesmo. É mesmo. Um pequeno fragmento pode dar início a uma nova colônia. Sua única fraqueza é que ela não pode se reproduzir sexualmente, como seus parentes selvagens. Mas pense no que poderia acontecer se ela dispersasse os ovos por longas distâncias."

"Não é um pensamento agradável", disse Gamay. "Ele poderia se tornar imparável."

Osborne se voltou para Paul. "Como geólogo oceânico, você está familiarizado com a área da Cidade Perdida?"

Trout ficou feliz por sair do domínio da biologia e entrar em sua área de especialização. "É uma área de fontes hidrotermais ao longo do Maciço Atlântico. O material expelido do fundo do mar formou altas torres minerais que se assemelham a arranha-céus, daí o nome. Eu li a pesquisa sobre isso. Coisas fascinantes. Eu gostaria de ir até lá algum dia".

"Você pode ter sua chance em breve", disse Osborne.

Paul e Gamay trocaram olhares intrigados.

Osborne deu uma risada, observando suas expressões perplexas. "Talvez seja melhor vocês virem comigo", disse ele. Eles saíram do escritório e após várias voltas e reviravoltas, chegaram a um pequeno laboratório. Osborne foi até um armário de metal trancado com cadeado. Ele destrancou a porta com uma chave pendurada em seu cinto e retirou um frasco de vidro cilíndrico com cerca de 30 cm de altura e 15 cm de diâmetro. A parte superior estava bem fechada. Ele colocou o frasco sobre a mesa sob uma luz de laboratório. O recipiente parecia estar cheio de uma substância espessa verde-acinzentada de cima a baixo.

Gamay se inclinou para examinar o conteúdo e perguntou: "O que é essa coisa?"

"Antes de responder à sua pergunta, deixe-me explicar um pouco. Há alguns meses, a MBL participou de uma expedição conjunta à Cidade Perdida com o Woods Hole Oceanographic. A área está repleta de micróbios incomuns e das substâncias que eles produzem."

"As combinações de calor e produtos químicos foram comparadas às condições que prevaleciam quando a vida começou na Terra", disse Gamay.

Osborne assentiu com a cabeça. "Naquela expedição, o submersível Alvin trouxe amostras de algas marinhas. Esta é uma amostra morta do que você está vendo."

"O caule e a folha se parecem vagamente com a Caulerpa, mas são diferentes de alguma forma", disse Gamay.

"Muito bem. O gênero tem mais de setenta espécies de Caulerpa, inclusive as que são encontradas em pet shops. O comportamento invasivo foi documentado em cinco delas, embora poucas espécies sejam bem estudadas. Essa é uma espécie totalmente desconhecida. Eu a batizei de Caulerpa Gorgonosa." "Gorgonweed. Eu gosto."

"Você não vai gostar depois de se familiarizar tanto com essa aberração infernal quanto eu. Cientificamente falando, estamos diante de uma variedade mutante de Caulerpa. Ao contrário de suas primas, porém, essa espécie pode se reproduzir sexualmente."

"Se isso for verdade, essa erva daninha Gorgon pode espalhar seus ovos por longas distâncias. Isso pode ser um assunto sério".

"Já está sendo. A erva daninha Gorgon se misturou com a folia do táxi e agora está substituindo a erva daninha. Ela apareceu nos Açores e estamos vendo amostras ao longo da costa da Espanha. Sua taxa de crescimento é nada menos que fenomenal. Houve uma explosão de crescimento extraordinária. Grandes manchas de ervas daninhas estão flutuando no Atlântico. Logo elas se juntarão em uma única massa".

Paul soltou um assobio baixo. "Nesse ritmo, ela poderia tomar conta de todo o oceano."

"Isso não é o pior de tudo. A taxifolia cria um tapete sufocante de algas. Como a Medusa, cujo olhar pode transformar homens em pedra, a erva daninha Gorgon se torna uma biomassa espessa e dura. Nada pode existir onde ela está presente". Gamay olhou para o frasco com o horror causado por seu conhecimento sobre os oceanos do mundo. "Você está basicamente falando sobre a solidificação dos oceanos do mundo.

"Não consigo nem compreender o pior cenário possível, mas sei disso. Em pouco tempo, a erva daninha Gorgon poderia se espalhar ao longo das costas temperadas e causar danos ecológicos irreparáveis", disse Osborne, com a voz em um sussurro pouco característico. "Ela afetaria o clima, possivelmente causando fome. Poderia paralisar o comércio oceânico. As nações que dependem da proteína do oceano podem passar fome. Haveria perturbações políticas em todo o mundo, pois os que têm e os que não têm brigariam por comida."

"Quem mais sabe sobre isso?" disse Paul.

"Os navios relataram que a erva daninha é um incômodo, mas fora desta sala apenas alguns colegas de confiança deste e de outros países estão cientes da gravidade da situação."

"As pessoas não deveriam saber sobre a ameaça para que possam se unir para combatê-la?" disse Gamay.

"Sem dúvida. Mas eu não queria semear o pânico até que minha pesquisa estivesse concluída. Eu estava preparando um relatório que apresentarei na próxima semana a organizações pertinentes, como a NUMA e a ONU."

"Há alguma chance de você fazer isso antes?" disse Gamay.

"Ah, sim, mas o problema é o seguinte. Quando a questão é controle biológico, geralmente há um cabo de guerra entre os interesses de erradicação e o estudo científico. É compreensível que os erradicadores queiram atacar o problema rapidamente com todas as armas de que dispõem. Se essa notícia for divulgada, as pesquisas serão colocadas em quarentena por medo de que seu trabalho espalhe a erva daninha." Ele olhou para o frasco. "Essa criatura não é um tipo de erva daninha do oceano. Estou convencido de que podemos lidar com ela com sucesso quando tivermos mais armas à nossa disposição. A menos que saibamos exatamente com o que estamos lidando, nenhum método de erradicação funcionará."

"Como a NUMA pode ajudar?" disse Gamay.

"Outra expedição à Cidade Perdida está em andamento. O navio de pesquisa oceanográfica Atlantis estará no local esta semana com o navio Alvin. Eles tentarão explorar a área do mar onde a erva parece ter sofrido mutação. Assim que determinarmos as condições que levaram a essa aberração, poderemos trabalhar para derrotá-la. Tenho tentado descobrir como posso terminar meu trabalho aqui e ir à expedição. Quando soube que vocês estavam na cidade, interpretei isso como um sinal dos deuses. Vocês têm a combinação perfeita de conhecimentos. Você consideraria participar da expedição em meu lugar? Seriam apenas alguns dias".

"É claro. Teríamos que obter permissão de nossos superiores na NUMA, mas isso não será problema."

"Posso confiar que você será discreto. Assim que tivermos as amostras em mãos, divulgarei meu relatório simultaneamente com meus colegas do mundo todo."

"Onde está o Atlantis agora?" disse Paul.

"Retornando de uma missão não relacionada. Ele fará uma parada nos Açores amanhã para reabastecer. Você pode se juntar ao navio lá."

"É possível", disse Paul. "Podemos estar de volta a Washington hoje à noite e seguir viagem pela manhã." Ele olhou para a ampola. "Teremos um problema sério se essa coisa aí dentro sair da garrafa."

Gamay estava olhando para a bolha esverdeada. "Receio que o gênio já tenha saído da garrafa. Vamos ter que descobrir como colocá-lo de volta."

GORGON WEED?" disse Austin. "Essa é nova. Esse material é tão ruim quanto seu amigo diz?"

"Pode ser", disse Gamay. "O Dr. Osborne está bastante preocupado. Eu respeito seu julgamento."

"O que você acha?"

"É motivo de preocupação, mas não posso dizer com certeza até que tenhamos mais evidências da Cidade Perdida."

Gamay ligou para Austin a bordo do Mummichug. Ela se desculpou por tê-lo tirado da cama, mas disse que ela e Paul estavam a caminho da Cidade Perdida e queria ter certeza de que ele sabia o que eles estavam fazendo.

"Obrigada por me informar. É melhor alertarmos Dirk e Rudi", disse ele, referindo-se a Dirk Pitt, que havia sucedido o Almirante Sandecker como chefe da NUMA e Rudi Gunn, que estava encarregado das operações cotidianas da agência.

"Paul conversou com os dois. A NUMA já tinha alguns biólogos trabalhando no problema da Caulerpa."

Austin sorriu. "Por que não estou surpreso com o fato de Dirk estar um passo à nossa frente?"

"Apenas metade de um passo. Ele não sabia da conexão com a Cidade Perdida. Ele estará esperando por um relatório sobre o nosso mergulho."

"Eu também. Boa sorte. Mantenha contato."

Quando Austin desligou, as palavras de T. S. Eliot vieram à mente. "É assim que o mundo termina. Não com um estrondo, mas com um gemido."

Um gemido encharcado.

Paul e Gamay poderiam lidar com a situação e não havia nada que ele pudesse fazer nesse meio tempo, então ele se ocupou com uma inspeção de ponta a ponta do SEA mobile Além de alguns amassados e arranhões, o veículo estava em melhor estado do que ele, concluiu Austin. Ele se sentou na cabine de bolhas e passou por uma lista de verificação. Satisfeito com o fato de todos os sistemas estarem funcionando, ele pegou duas canecas de café na cozinha, desceu e bateu suavemente na porta da cabine de Skye.

Reconhecendo que o Mummichug era uma embarcação relativamente pequena, os projetistas do barco incluíram pequenas cabines individuais onde os membros da tripulação podiam desfrutar de sua privacidade. Skye já estava de pé e vestida. Ela abriu a porta imediatamente e sorriu quando viu Austin.

"Bom dia", disse ele. Ao entregar a Skye uma caneca fumegante, ele notou as olheiras sob os olhos dela. "Você dormiu bem?"

"Não muito. Fiquei sonhando que estava sendo sufocada por toneladas de gelo."

"Tenho uma cura comprovada para pesadelos. O que você acha de explorar uma tumba subaquática?"

Seu rosto se iluminou. "Como uma mulher em seu juízo perfeito poderia recusar uma oferta tão atraente?"

"Siga-me, então. Nossa carruagem está esperando lá fora."

Com Austin e Skye a bordo, o submersível foi baixado na água entre os cascos gêmeos do catamarã. Uma vez livre da embarcação de apoio, o submarino navegou pela superfície até uma posição cujas coordenadas haviam sido registradas no sistema de navegação e Austin colocou o SEA mobile em um mergulho.

As águas límpidas do lago envolveram a bolha da cabine enquanto o submersível afundava no lago e em poucos minutos, eles estavam seguindo a linha de megálitos até a tumba. Austin parou o submersível na entrada, certificou-se de que as câmeras do veículo estavam funcionando e em seguida, acionou os propulsores horizontais. Um segundo depois, o veículo passou pela abertura do antigo sepulcro.

As luzes potentes não alcançaram a parede mais distante da câmara, indicando que ela era enorme, com tetos tão altos que não podiam ser vistos. Enquanto o SEA mobile adentrava lentamente a câmara, Austin passou a luz móvel do submarino pela parede direita e viu que ela era decorada com um relevo esculpido.

As representações habilmente executadas e detalhadas mostravam veleiros, casas, cenas pastorais com palmeiras e flores, dançarinos e músicos. Havia peixes voadores e golfinhos brincando. Os barcos pareciam bastante antigos. As pessoas retratadas estavam bem vestidas e pareciam estar desfrutando de uma vida próspera.

Skye se inclinou para frente em seu assento, com o rosto pressionado contra a bolha de plástico como uma criança no Natal.

"Eu vejo coisas maravilhosas", disse ela, citando as primeiras palavras de Howard Carter na descoberta da tumba do Rei Tut.

Austin estava pensando que havia algo assombrosamente familiar nas cenas. "Eu já estive aqui antes", disse ele. "Aqui, nesta tumba?"

"Não. Mas vi desenhos semelhantes a essas esculturas em uma caverna nas Ilhas Faroe, no Atlântico Norte. O estilo e o tema eram muito parecidos. O que você acha deles?"

"Provavelmente estou sendo tola em minha suposição, mas eles parecem minoicos, semelhantes aos desenhos escavados em Akrotiri, na ilha de Santorini, ou em Creta. A civilização minoica floresceu por volta de 1500 a.C." O significado do que ela estava dizendo lhe chamou a atenção. "Você sabe o que isso significa?", disse ela com entusiasmo. "Esses desenhos e os que você viu indicam que os minoanos foram muito mais longe do que a maioria das pessoas suspeita."

"O que os torna o elo perdido em sua teoria do comércio internacional?"

"É isso mesmo", disse ela. "Isso confirma que o comércio Leste-Oeste é muito mais antigo e mais extenso do que se pensava." Ela bateu palmas. "Mal posso esperar para mostrar esse vídeo aos meus colegas presunçosos em Paris."

O submersível chegou ao final da parede, virou uma esquina e começou a descer por outro lado da câmara retangular. As cenas eram do Lac du Dormeur e da geleira. Mas, em vez de uma costa árida, havia edifícios, até mesmo o que parecia ser uma representação da tumba, com arcos e a geleira, silenciosa e implacável como sempre.

"Parece que você estava certa sobre os assentamentos ao redor da margem do lago e da foz do rio."

"Isso é maravilhoso! Podemos usar essas esculturas para fazer mapas de locais de ruínas."

Na cena esculpida, o campo de gelo havia coberto ainda mais o vale séculos antes, quando foi esculpido por algum artista desconhecido. O escultor havia conseguido imbuir seu trabalho de uma majestade e poder que iam além de uma mera representação objetiva do que ele via. Eles fizeram várias varreduras na câmara e não encontraram marcadores ou um sarcófago.

"Eu estava completamente errada sobre este lugar", disse ela. "Não é uma tumba. É um templo."

"Uma suposição razoável, dada a falta de corpos. Se já tivermos terminado aqui, gostaria de desvendar outro mistério do lago." Ele desdobrou a impressão do sonar de varredura lateral que havia trazido e apontou para a anomalia no fundo do lago.

"Parece um avião", disse Skye. "O que um avião está fazendo aqui embaixo? Espere. O homem no gelo?"

Austin respondeu com um sorriso enigmático, os propulsores horizontais do submarino giraram e eles passaram pela porta do templo de volta ao lago. Ele reduziu a velocidade do submarino quando se aproximaram da posição designada na impressão e manteve os olhos bem abertos. Em pouco tempo, um objeto em forma de charuto foi visto.

Ao se aproximarem, Austin viu que a estrutura cilíndrica de madeira estava parcialmente coberta por um tecido vermelho esfarrapado e desbotado. A carcaça cônica do motor havia sido arrancada e estava no fundo e o motor brilhava nas luzes do submarino. As temperaturas frias do lago mantiveram a fuselagem livre da vegetação marinha que a teria coberto em climas mais quentes. A hélice havia desaparecido, provavelmente arrancada no acidente. Ele deu a volta na fuselagem e encontrou o que restava da asa perdida a vários metros de distância. Em seguida, trouxe o submarino de volta para o avião.

Skye apontou para o emblema pintado na cauda. "Eu vi o mesmo desenho da águia de três cabeças no capacete que foi encontrado sob a geleira."

"É uma pena que não tenhamos o capacete agora." "Mas nós temos. Eu o trouxe comigo. Está no navio." Austin se lembrou de Skye segurando uma bolsa quando subiu a bordo do SEA mobile. Ele estava aprendendo rapidamente que aquela mulher atraente com um sorriso como um dia de sol não era alguém a ser subestimada. Austin olhou para a águia e em seguida, deixou seu olhar se deslocar para a cabine de comando vazia.

"Agora sabemos de onde veio o Homem de Gelo. Ele deve ter fugido e seu avião caiu no lago".

Skye respondeu com uma risada maligna. "Eu estava pensando em Renaud. Ele disse que o Homem de Gelo não caiu do céu. Ele estava errado. Pelo que você descobriu, foi exatamente isso que aconteceu."

O submersível circundou o naufrágio, com Austin gravando vídeos e fotos digitais das asas e do fundo ao redor e depois foi para a superfície. Em pouco tempo, eles estavam saindo da cabine do piloto para o convés. Skye estava tagarelando de empolgação com a descoberta, mas se calou quando teve um vislumbre da geleira. Ela foi até a amurada e ficou olhando para o campo de gelo.

Percebendo sua mudança de humor, Austin colocou o braço em volta dos ombros dela.

"Você está bem?"

"Estava tudo tão tranquilo embaixo d'água. Depois subimos à superfície e eu vi a geleira." Ela estremeceu. "Isso me fez lembrar que eu quase morri debaixo daquela coisa."

Austin estudou a expressão perturbada nos lindos olhos de Skye, que estavam fixos no olhar de cem jardas que os soldados em estado de choque às vezes têm. "Não sou psiquiatra, mas sempre achei útil confrontar meus demônios", disse ele. "Vamos dar um passeio de barco."

A sugestão inesperada pareceu trazê-la de volta à realidade. "Está falando sério?"

"Pegue alguns bagels e uma garrafa térmica de café na bagunça e eu o encontrarei no barco. A propósito, gosto de meus bagels com passas".

Skye estava cética, mas passou a ter muita confiança em Austin e provavelmente o teria seguido até a lua em um *pogo stick* se ele pedisse. Austin preparou o barco a motor enquanto ela pegava café e pãezinhos na cozinha e eles partiram para a costa. Eles se esquivaram de pedaços de gelo flutuantes e puxaram o barco para uma praia de cascalho escuro a algumas centenas de metros de onde a geleira se estreitou e se partiu em pedaços ao encontrar o lago.

Uma curta caminhada ao longo da margem os levou até a parede lateral da geleira. O baluarte de gelo se elevava vários andares acima da planície; sua superfície era marcada por cavernas, crateras e esculturas de formas livres e retorcidas, criadas pelo congelamento, derretimento e pressões inimagináveis. O gelo estava coberto de sujeira e uma luz azul profunda e sobrenatural emanava das rugas e grutas.

"Aí está o seu demônio", disse Austin. "Agora, vá até lá e toque-o." Skye sorriu com tristeza, aproximou-se da geleira como se ela estivesse viva, estendeu a mão e tocou um botão gelado com a ponta do dedo. Em seguida, colocou as duas palmas das mãos sobre a geleira e apoiou seu peso contra o gelo, com os olhos fechados, como se estivesse esperando empurrá-lo para longe. "Está frio", disse ela com um sorriso.

"Isso é porque seu demônio não passa de um grande cubo de gelo. É a mesma maneira que eu penso sobre o mar. Ele não quer pegar você. Ele nem sabe que você existe. Você o tocou. Você ainda está respirando." Ele levantou a mochila que estava carregando. "A consulta terminou. Hora do brunch."

Perto da margem do lago, eles encontraram algumas pedras planas para usar como cadeiras e se sentaram de frente para a água. Skye distribuiu os pães e disse, "Obrigada pelo exorcismo. Você estava certo sobre enfrentar seus medos".

"Tenho boa experiência nessa área".

Ela arqueou uma sobrancelha. "De alguma forma, não vejo você tendo medo de nada."

"Isso não é verdade. Eu tinha muito medo de encontrá-la morta."

"Agradeço por isso e devo minha vida a você. Mas eu quis dizer isso de uma maneira diferente. Você parece destemida quando se trata de seu próprio bem-estar." Ele se inclinou perto do ouvido dela e sussurrou: "Você gostaria de saber meu segredo?" Ela assentiu com a cabeça.

"Eu faço uma bela encenação. Como está seu pãozinho?" "Está bom, mas minha cabeça está um turbilhão. O que você acha dessa loucura?" Austin olhou para o barco da NUMA ancorado, pensando na descrição de Coleridge de um navio pintado em um mar e tentou colocar os eventos em ordem.

"Para começar, vamos lidar com o que sabemos". Ele tomou um gole de seu café. "Os cientistas que trabalham na geleira encontraram o corpo de um homem congelado no gelo e ele está lá há algum tempo. Um capacete velho e um cofre foram encontrados perto do corpo. Um homem se passando por repórter pega a caixa sob a mira de uma arma e inunda o túnel. Aparentemente, ele não sabe nada sobre o capacete."

"É aí que minha mente lógica se atrapalha. Por que ele tentou nos matar? Não estávamos em posição de causar nenhum dano a ele. Quando saímos do túnel, ele já teria ido embora há muito tempo."

"Acho que ele inundou o túnel para encobrir o Homem de Gelo. Você e os outros estavam no caminho. Como a geleira. Não é nada pessoal."

Ela mordiscou pensativamente o pãozinho. "Isso faz um sentido mórbido, eu acho."

Skye fez uma pausa, seus olhos passaram pelo ombro de Austin. Uma nuvem de poeira estava se aproximando em alta velocidade. Quando a nuvem se aproximou, eles puderam ver que um Citroen estava levantando a poeira. Fifi. O carro derrapou até parar e LeBlanc, Thurston e Rawlins saíram e se aproximaram.

"Estou tão feliz por termos pego você", disse LeBlanc, com o rosto largo coberto por um sorriso. "Liguei para o navio da usina de energia e disseram que você tinha desembarcado."

"Queríamos nos despedir", disse Thurston.

"Vocês estão indo embora?" disse Skye.

"Sim", disse o glaciologista, acenando na direção da geleira. "Não faz sentido ficar aqui com nosso observatório debaixo d'água. Estamos voltando para Paris. Um helicóptero nos levará até o aeroporto mais próximo."

"Paris?" Skye disse. "Vocês têm espaço para mim?" "Sim, é claro", disse LeBlanc. Ele estendeu a mão. "Obrigado novamente por salvar nossas vidas, Monsieur Austin. Eu não gostaria que Fifi ficasse órfã. Ela ficará na usina de energia com Monsieur Lessard. Vamos conversar com a empresa de energia sobre a drenagem do observatório. Talvez possamos voltar na próxima temporada."

"Sinto muito por estar fugindo assim", disse Skye a Austin. "Mas não há mais nada a ser feito aqui e quero compilar todos os meus dados para análise."

"Eu entendo. O projeto Mummichugs está chegando ao fim. Ficarei a bordo para escrever meu relatório enquanto o navio estiver subindo o rio. Depois, pegarei uma carona até a estação ferroviária mais próxima e pegarei o trem de alta velocidade para Paris para o nosso jantar." "Bien. Com uma condição. Eu pago."

"Como alguém em sã consciência poderia recusar uma oferta atraente como essa? Você pode me mostrar a cidade."

"Eu gostaria disso", disse ela. "Eu gostaria muito." Austin levou Skye de volta ao navio para pegar seus pertences e lhe deu uma carona até a praia, onde o helicóptero a aguardava. Ela o beijou nas duas faces e nos lábios, fez com que ele prometesse ligar quando chegasse a Paris e entrou no helicóptero. Austin estava a caminho do outro lado do lago quando o helicóptero passou por cima e ele viu Skye acenando para ele de uma janela.

De volta a bordo, Austin descarregou o videocassete e o disco digital das câmeras do submersível. Ele os levou para o laboratório seco do navio e inseriu as imagens digitais em um computador. Ele tirou impressões que mostravam o desenho na fuselagem do avião e as examinou. Em seguida, ele se concentrou nas fotos que havia tirado do motor do avião até encontrar a que estava procurando. Ela mostrava marcações no bloco do motor.

Ele selecionou a área gravada com o cursor, aumentou o zoom, refinando a imagem à medida que a ampliava, até conseguir ver o nome do fabricante e um número de série. Ele se recostou na cadeira e ficou olhando para a imagem por um momento, depois pegou um telefone que poderia conectá-lo a qualquer lugar do mundo e digitou um número.

"Loja de bicicletas voadoras de Orville e Wilbur", disse uma voz rouca. Austin sorriu ao imaginar o nariz de falcão e o rosto estreito do homem do outro lado da linha. "Você não pode me enganar, Ian. Eu sei que os irmãos Wright fecharam sua loja de bicicletas há muito tempo."

"Diabos, Kurt, não pode me culpar por tentar. Estou até os lóbulos das orelhas tentando levantar fundos privados para o Udvar-Hazy Center no aeroporto de Dulles e não quero perder meu tempo com conversa fiada."

Ian MacDougal era um ex-piloto de caça da marinha encarregado da divisão de arquivos do Museu Aéreo e Espacial do Smithsonian. Ele era o equivalente aéreo de St. Julien Perlmutter, cuja extensa biblioteca de livros náuticos era invejada por muitas instituições acadêmicas e cujo conhecimento da história do mar era conhecido em todo o mundo. O alto e magro MacDougal era a antítese física do roliço Perlmutter e era muito menos extravagante, mas seu conhecimento enciclopédico de aeronaves e sua história se equiparava ao conhecimento de St. "Você pode contar comigo para uma grande contribuição, Ian e tentarei poupar a conversa fiada", disse Austin. "Estou na França e preciso identificar um avião que encontrei no fundo de um lago glacial nos Alpes."

"Sempre posso contar com você para um desafio." MacDougal parecia feliz por estar se distraindo da arrecadação de fundos. "Conte-me sobre isso." "Ligue seu computador e eu lhe enviarei algumas fotos digitais." "Considere-o ligado."

Austin já havia programado as fotos para transmissão e as fotos tiradas no fundo do lago atravessaram o Atlântico em asas cibernéticas em um milésimo de segundo. MacDougal permaneceu na linha e Austin podia ouvi-lo murmurando para si mesmo. "E aí?" Austin disse depois de alguns instantes.

"Estou dando um palpite, mas, pela característica carcaça do motor em forma de cone, eu diria que estamos diante de um Morane-Saulnier. Ele era um avião de caça mono asa da Primeira Guerra Mundial baseado em um avião de corrida. O pequeno abutre era capaz de voar e manobrar melhor do que quase qualquer outro avião de combate da época. A configuração de sincronização da arma e da hélice foi realmente revolucionária. Infelizmente, um dos aviões aliados caiu e a Fokker copiou o sistema e o aprimorou. Há uma moral aí em algum lugar".

"Vou deixar que você lide com as complexidades morais. Considerando o que você sabe, tem alguma ideia de como esse avião chegou ao fundo do lago?"

"Caiu do céu, obviamente, que é o que os aviões fazem às vezes. Posso adivinhar o resto, mas provavelmente estarei errado. Conheço alguém que talvez possa ajudá-lo. Ele está a apenas algumas horas de Paris".

Austin anotou a informação. "Obrigado", disse ele. "Enviarei minha contribuição para o museu assim que voltar a Washington. Enquanto isso, dê meus cumprimentos a Wilbur e Orville."

"Terei o maior prazer em atendê-los."

Austin desligou e um momento depois, estava ligando para o número que Ian havia lhe dado.

SKYE FECHOU a capa do grosso livro de referência que estava lendo e o empurrou para o outro lado da escrivaninha, juntando-se a uma pilha alta de volumes similares bem usados. Ela encurvou os ombros e esticou os braços para trabalhar os músculos, depois se recostou na cadeira, com os lábios franzidos e olhou para o capacete à sua frente. Ela sempre considerou as armas e armaduras antigas simplesmente como ferramentas, nada mais do que objetos inanimados usados no sangrento negócio da guerra, mas essa coisa a fez tremer. A superfície preta oxidada parecia exalar uma malevolência que ela nunca havia encontrado antes.

Depois que retornou a Paris, Skye levou o capacete para seu escritório na Sorbonne, esperando que a identificação fosse fácil com as ferramentas de referência à sua disposição. Ela fotografou o capacete, inseriu as imagens em seu computador e pesquisou em um extenso banco de dados compilado a partir de centenas de fontes. Começou com seus arquivos franceses e depois passou para a Itália e a Alemanha, países que já foram os principais centros de armaduras.

Não encontrando nenhuma correspondência, ela expandiu a busca por países para incluir toda a Europa e quando essa busca chegou ao fim, ela passou para a Ásia e o resto do mundo. Ela vasculhou registros que remontavam à Idade do Bronze. Depois que a pesquisa no computador não deu certo, ela se voltou para a página impressa e exumou todos os livros de referência mofados de sua biblioteca. Ela se debruçou sobre impressões antigas, manuscritos e esculturas de marfim e metal. Em desespero, pesquisou a Tapeçaria de Bayeux, mas o capacete cônico que os guerreiros usavam em batalha não tinha nenhuma semelhança com o capacete que estava diante dela.

O capacete era uma contradição. O acabamento era extraordinário e mais característico de um capacete ornamental do que de um capacete de guerra, embora os cortes e as marcas na superfície sugerissem que ele poderia ter sido usado em uma batalha. O aparente buraco de bala era um enigma por si só.

O design sugeria uma origem antiga. O peso era suportado pela cabeça, como nos capacetes anteriores. Os modelos posteriores tinham um armet, a parte inferior alargada que permitia que o peso fosse transferido para os ombros por meio de um colar chamado gorget. O capacete era encimado por uma crista em forma de leque, outra inovação posterior que acrescentava proteção contra uma maça ou espada.

O estilo do capacete evoluiu da forma cônica no século XI para capacetes arredondados no século XII. Os protetores nasais haviam se expandido para proteger o rosto, desenvolvendo fendas para os olhos conhecidas como "vistas" e surgiram aberturas de ventilação chamadas "respiros". Os capacetes alemães tendiam a ser pesados e pontiagudos; os modelos italianos eram mais arredondados, refletindo a influência do Renascimento.

O aspecto mais extraordinário desse capacete era o metal. A fabricação de aço começou em 800 a.C.", mas foram necessários centenas de anos para desenvolver um metal de tão alta qualidade. Quem quer que tenha forjado esse metal era um mestre. A resistência incorporada ao aço desse capacete era evidente no amassado na coroa conhecido como "marca de prova". Alguém havia testado o metal com uma pistola, ou arcabuz e ele se mostrou impenetrável. Mas, como o buraco da bala mostrava, cada aumento de defesa produzia uma resposta correspondente na eficácia do ataque. A armadura finalmente se tornou obsoleta na Batalha de Bicocca, em 1522. O inimigo era a gravidade e não os projéteis; a armadura simplesmente se tornou pesada demais para ser usada.

O rosto em relevo no visor era típico das armaduras italianas do século XVI. Os artesãos evitavam gravar em relevo nos capacetes de combate. As características da superfície tinham de ser lisas e redondas ou moldadas com planos para oferecer um golpe de raspão. O relevo poderia destruir a eficácia de uma superfície de impacto. Ela pegou seu abridor de cartas, na verdade uma adaga italiana e tentou pegar a borda e a ponta no capacete. Apesar do relevo e da gravura que cobriam o capacete, o metal havia sido habilmente moldado para evitar os golpes.

Ela voltou ao aço novamente. Nenhum detalhe distinguia mais um armeiro de outro do que sua capacidade de temperar o metal. Ela bateu com os nós dos dedos no elmo, que emitiu um som claro, semelhante ao de um sino e depois, com o dedo indicador, traçou uma estrela de cinco pontas com "pernas". Ela virou o capacete. Visto de outro ângulo, a gravura mostrava uma estrela cadente. Ela se lembrou de ter visto uma espada de uma coleção inglesa que havia sido feita com ferro de um meteorito. O aço era capaz de ser afiado em um fio de navalha. Por que não um capacete? Ela fez uma anotação para que um metalúrgico verificasse isso.

Skye esfregou os olhos cansados e com um suspiro resignado, pegou o telefone e digitou um número. A voz de um homem entrou na linha. Era profunda e agradavelmente cultivada. "Oui. Darnay Antiquites." "Charles. É Skye Labelle."

"Ah, Skye!" Darnay estava claramente feliz por ouvir sua voz. "Como você está, minha querida? Como está indo seu trabalho? É verdade que você estava nos Alpes?"

"Sim. É por isso que estou ligando. Encontrei um capacete antigo durante minha expedição. Ele é extraordinário e gostaria que você desse uma olhada nele. Ele me deixou perplexo."

"E quanto ao seu maravilhoso computador?" provocou Darnay. Darnay e Skye tinham tido discussões amigáveis sobre as ferramentas tecnológicas que ela usava. Ele achava que a experiência empírica adquirida com o manuseio constante de artefatos era mais valiosa do que a navegação em qualquer banco de dados. Ela respondeu que o computador economizava seu precioso tempo. "Não há nada de errado com meu computador", disse ela com falsa indignação. "Também examinei todos os livros da minha biblioteca. Não consigo encontrar uma correspondência exata."

"Estou muito surpresa." Darnay conhecia a biblioteca de referência de Skye e sabia que era uma das melhores que ele já tinha visto. "Bem, eu adoraria dar uma olhada nela. Venha até aqui agora, se quiser." "*Bien*. Já estou indo."

Ela embrulhou o capacete em uma fronha, colocou-o em uma sacola de compras da Au Printemps e foi até a estação de metrô mais próxima. A loja de Darnay ficava na Margem Direita, em uma rua estreita ao lado de uma boulangerie que exalava aromas de pão assado de dar água na boca. Na porta da loja, em pequenas letras douradas, estava impressa a palavra ANTI-QUITES. Na vitrine, havia uma variedade estranha, coberta de poeira, de chifres de pólvora, pistolas de pederneira e algumas espadas enferrujadas. Não era uma exposição que atraísse ninguém para a loja, o que era a intenção de Darnay. O sino da porta tocou quando ela entrou na loja. O interior sujo era escuro, estreito e vazio, exceto por uma armadura enferrujada e alguns armários cheios de moscas com algumas réplicas ruins de adagas antigas. Uma cortina de veludo nos fundos da loja se abriu e um homem magro, vestido de preto, emergiu da faixa de luz que se alargava. Ele lançou um olhar furtivo para Skye, passou tão silenciosamente quanto uma sombra e saiu da loja, fechando silenciosamente a porta atrás de si.

Outro homem saiu da sala dos fundos. Ele era baixo, estava na casa dos setenta anos e se parecia com o antigo ator de cinema Claude Rains. Estava impecavelmente vestido com um terno azul-escuro e uma elegante gravata de seda vermelha, mas teria projetado um ar de elegância se estivesse usando um jaleco de operário. Seus olhos escuros brilhavam com inteligência. Seu cabelo e bigode fino eram cinza-prateados e ele estava fumando um Gauloises em uma cigarreira, que ele tirou dos lábios para poder beijar Skye nas duas faces.

"Isso foi rápido", disse ele com um sorriso. "Esse seu capacete deve ser um achado muito importante."

Ela retribuiu os beijos. "Isso é para você me contar. Quem é aquele homem que acabou de sair?"

"Ele é um de meus, er, fornecedores."

"Ele parece um ladrão sorrateiro."

Uma expressão alarmada cruzou o rosto de Darnay. Então ele riu. "É claro. É isso que ele é."

Darnay virou a placa na porta para FECHADO e a conduziu pela cortina até o escritório. Em forte contraste com a aparência desgastada de seu showroom, o escritório-oficina era bem iluminado por luzes de trilho e a mesa e o espaço de trabalho tinham um design contemporâneo. As paredes estavam repletas de armas, mas a maioria delas era de itens inferiores que ele vendia para colecionadores menos experientes. Seu estoque de alta qualidade era mantido em segurança em um depósito.

Embora provocasse Skye por sua dependência da tecnologia, ele fazia negócios principalmente pela Internet e por um catálogo brilhante, enviado por correio para uma lista exclusiva de compradores, que era aguardado com ansiedade por negociantes e colecionadores de todo o mundo.

Skye procurou Darnay pela primeira vez para obter conselhos sobre como identificar falsificações. Ela logo descobriu que o conhecimento dele sobre armas e armaduras antigas superava o de alguns acadêmicos, inclusive o dela própria. Eles se tornaram bons amigos, embora tenha ficado claro que ele lidava com o mundo sombrio das antiguidades ilegais. Em resumo, ele era um vigarista, mas com classe. "Vamos ver o que você tem, minha querida." Ele apontou para uma mesa bem iluminada que era usada para fotografar objetos para o catálogo.

Skye tirou o capacete da bolsa e o colocou sobre a mesa, depois tirou a fronha com um floreio.

Darnay olhou com reverência para o objeto. Em seguida, caminhou Em seguida, deu a volta na mesa, fumando seu cigarro, abaixando-se, com o rosto a centímetros do metal. Depois de passar pela rotina de mergulhar e ficar em pé, ele pegou o capacete, levantou o peso, segurou-o no alto e depois o colocou na cabeça. Usando o capacete, ele foi até um armário e retirou uma garrafa de Grand Marnier.

"Brandy?", ele ofereceu.

Skye riu ao ver isso e balançou a cabeça. "Bem, o que você acha?"

"Extraordinário." Ele colocou o capacete de volta na mesa e se serviu de um brandy. "Onde você conseguiu esse adorável objeto dardo?" "Estava congelado na geleira Le Dormeur." "Uma geleira? Ainda mais extraordinário".

"Essa não é nem a metade da história. Ele foi encontrado perto de um corpo que estava incrustado no gelo. O corpo pode ter ficado na geleira por menos de cem anos. O homem provavelmente saltou de paraquedas de um avião cujos destroços foram encontrados em um lago próximo."

Darnay enfiou o dedo indicador no orifício do capacete. "E isso?"

"Acho que é um buraco de bala."

O negociante de antiguidades não pareceu surpreso. "Então esse Homem de Gelo poderia estar usando o capacete?" "Possivelmente."

"Não é uma marca de prova falhada."

"Acho que não. Veja a dureza desse aço. Bolas de mosquete teriam ricocheteado no metal como ervilhas. O buraco foi feito por uma arma de fogo mais moderna."

"Então, temos um homem voando sobre uma geleira usando um capacete antigo, atingido por armas modernas." Ela deu de ombros. "Parece que sim." Darnay tomou um gole de seu conhaque. "Fascinante, mas tudo isso faz pouco sentido.

"Nada em todo esse caso faz sentido."

Ela se acomodou em uma cadeira e contou a Darnay sobre a convocação de Renaud para a caverna e seu angustiante resgate. Darnay ouviu com as sobrancelhas franzidas.

"Graças a Deus você está a salvo! Esse Kurt Austin é um homem formidável. E elegante também, eu suponho."

"Muito mesmo." Ela se sentiu corar.

"Devo a ele minha gratidão. Sempre pensei em você como uma filha, Skye. Eu teria ficado arrasado se algo tivesse acontecido com você."

"Bem, nada aconteceu, graças ao Sr. Austin e seu colega Joe Zavala." Ela fez um gesto para o capacete. "E então?"

"Acredito que ele seja mais antigo do que parece. Como você disse, o aço é extraordinário. O metal usado em sua fabricação pode muito bem ter sido forjado nas estrelas. O fato de que este é o único de seu tipo que eu já vi e que você não encontrou nenhuma referência a ele em sua biblioteca me leva a pensar que pode ter sido um protótipo."

"Se os recursos eram tão inovadores, por que essas ideias não foram adotadas antes?"

"Você conhece a natureza das armas e dos homens. O bom senso nem sempre prevalece sobre a intransigência. Os poloneses insistiam em usar cavalaria contra divisões de blindados panzer. Billy Mitchell teve uma luta difícil para convencer a hierarquia do exército sobre o valor do bombardeio aéreo. Talvez alguém tenha olhado para isso e dito que o equipamento antigo era preferível ao não testado."

"Alguma opinião sobre o motivo da águia que vi aqui e no avião?"

"Sim, mas nenhuma delas é científica."

"De qualquer forma, eu gostaria de ouvi-los. E talvez eu aceite a oferta de brandy.

Darnay serviu outra taça e eles bateram os copos. "Eu diria que a águia representa a união, uma espécie de aliança, de três grupos diferentes em um só. Epluribus unum. "De muitos, um." Não foi um arranjo fácil. A águia parece estar se separando, mas precisa se manter unida ou morrerá. As armas que ela está segurando em suas garras me levam a crer que essa aliança tem algo a ver com a guerra."

"Nada mal para um palpite não científico".

Ele sorriu. "Se ao menos soubéssemos quem é seu Homem de Gelo." Ele olhou para o relógio. "Desculpe-me, Skye, mas tenho uma teleconferência com um negociante em Londres e um comprador nos Estados Unidos. Você se importaria se eu mantivesse essa peça aqui por algumas horas para que eu pudesse estudá-la melhor?"

"De forma alguma. Basta ligar quando quiser que eu a pegue. Estarei em meu escritório ou em meu apartamento."

Uma nuvem passou sobre sua testa. "Minha querida garota, há mais aqui do que aparenta. Alguém estava disposto a matar por esse artefato. Ele deve ter um grande valor. Devemos ser muito cuidadosos. Alguém sabe que você está com ele?"

"Kurt Austin, o homem da NUMA de quem lhe falei. Ele é digno de confiança. Alguns dos que estavam na caverna devem saber disso. E Renaud."

"Ah, Renaud", disse ele, sacando o nome. "Isso não é bom. Ele vai querer o dinheiro de volta."

Seus olhos escuros se arregalaram de raiva. "Por cima de meu cadáver". Ela sorriu nervosamente, percebendo a implicação de suas palavras. "Eu posso empatá-lo, dizer que o capacete está na metalúrgica."

O telefone de Darnay tocou. "Essa é a minha ligação. Conversaremos mais tarde."

Depois de sair da loja, ela foi para seu apartamento em vez de ir para o escritório. Ela queria verificar a secretária eletrônica, esperando ter notícias de Austin. Sua conversa com Darnay a havia deixado nervosa. Ela tinha a sensação de que o perigo estava à espreita e ouvir a voz de Austin teria lhe dado alguma segurança. Quando chegou em casa, ela ouviu suas mensagens, mas não havia nenhuma palavra de Kurt.

Ela se sentia cansada de seu trabalho. Deitou-se no sofá com uma revista de moda, com a intenção de relaxar antes de voltar ao escritório.

Mas, depois de alguns minutos, a revista caiu de seus dedos no chão e ela caiu em um sono profundo.

SKYE teria dormido menos profundamente se soubesse o que Auguste Renaud estava fazendo. Ele estava sentado em seu escritório em uma fúria perigosa, com a cabeça inclinada sobre a mesa, compilando uma lista de reclamações contra Skye Labelle. Sua mão estava se recuperando, mas seu orgulho ainda estava gravemente ferido.

Toda a sua má vontade se concentrava naquela mulher insolente. Ele puxaria todas as cordas políticas sob seu comando, pediria todas as dívidas para destruí-la, arruinaria sua carreira e a de qualquer pessoa que tivesse sido vagamente amigável com ela. Ela o havia humilhado na frente de outras pessoas e ignorado sua autoridade. Ela praticamente ignorou a exigência dele de que ela apresentasse o capacete. Ele faria com que ela fosse expulsa da Sorbonne. Ela imploraria por misericórdia. Ele se imaginou como o Criador em uma daquelas pinturas renascentistas de Deus perseguindo Adão e Eva do Jardim do Éden com sua espada flamejante.

Ele a encontrou no elevador naquela manhã. Ela lhe deu bom dia e sorriu para ele, fazendo com que ele começasse a se enfurecer. Quando chegou ao escritório, ele já estava com a raiva sob controle e a direcionou para a lista de reclamações que tinha diante de si. Ele estava escrevendo uma descrição detalhada da moral frouxa dela quando ouviu um leve ruído. A cadeira rangeu em frente à sua mesa. Ele supôs que fosse seu assistente.

Com a cabeça ainda inclinada para seu trabalho, ele disse: "Sim?".

Quando ninguém respondeu, ele olhou para cima e suas entranhas se transformaram em água gelada. A cadeira havia sido virada. Sentado nela estava o homem grande e de rosto inchado que o atacara sob a geleira.

Renaud era adepto da sobrevivência. Ele fingiu que não havia reconhecido o visitante.

Ele limpou a garganta. "Como posso ajudá-lo?", disse ele.

"Você não me conhece?"

"Acho que não. Você tem negócios com a universidade?"

"Não, tenho negócios com você."

O coração de Renaud se afundou.

"Tenho certeza de que você deve estar enganado."

"Você estava na televisão", disse o homem.

Antes mesmo de Renaud voltar a Paris, ele havia telefonado para um repórter de televisão favorito e arranjado uma entrevista na qual assumiu todo o crédito por ter encontrado o Homem de Gelo e sugeriu que também era responsável pelo resgate.

"Sim. Você viu a entrevista?

"Você disse ao repórter que encontrou objetos sob a geleira. A caixa era um dos objetos. Quais eram os outros?"

"Havia apenas um, um capacete. Aparentemente, ele era muito velho."

"Onde está o capacete agora?"

"Achei que tivesse sido deixado na caverna. Mas uma mulher o tirou de lá."

"Quem é essa mulher?"

Um brilho malicioso surgiu nos olhos de Renaud. Talvez esse cretino o deixasse em paz se tivesse um alvo mais tentador. Ele poderia se livrar dele e de Skye ao mesmo tempo.

"Seu nome é Skye Labelle. Ela é arqueóloga. Você quer o nome e o número dela?" Ele pegou o diretório da faculdade e o abriu. "Ela tem um escritório no andar abaixo deste. O número é 216. Qualquer coisa que você fizer com ela está tudo bem para mim." Ele tentou esconder sua alegria. Ele daria quase tudo para ver o rosto de Skye quando esse louco chegasse à sua porta.

O homem se levantou lentamente. Ótimo, ele estava indo embora.

"Há mais alguma coisa que você queira?" Renaud disse com um sorriso magnânimo.

O homem grande sorriu lentamente em retorno.

De debaixo do casaco, ele tirou uma pistola calibre .22 que tinha um silenciador preso ao cano.

"Sim", disse ele. "Quero que você morra."

A arma tossiu uma vez. Um buraco redondo e vermelho apareceu na testa de Renaud. Ele caiu sobre a escrivaninha, com o sorriso congelado no rosto.

O homem grande pegou o diretório, guardou-o no bolso e sem olhar para o corpo sem vida caído sobre a mesa, saiu do escritório tão silenciosamente quanto havia entrado.

O AVIÃO ANTIGO bem acima da cabeça de Austin dançava em um gracioso balé no céu, aparentemente desafiando as leis da gravidade e da física. Ele observou, maravilhado, da beira do campo de pouso gramado ao sul de Paris, o avião fazer uma espiral aérea, depois um looping meio ascendente e meio rolante, invertendo a direção em uma manobra Immelmann perfeitamente executado.

Austin se retesou quando o avião mergulhou e se aproximou do campo. O avião estava indo rápido demais para um pouso seguro. Estava chegando como um míssil teleguiado. Segundos depois, o trem de pouso tipo bicicleta da aeronave bateu no chão e o avião quicou um ou dois metros no ar, mas depois aterrissou novamente e taxiou até o hangar com um rugido gutural do motor.

Quando a hélice de madeira de duas pás parou, um homem de meia-idade saiu da cabine apertada, tirou os óculos de proteção e foi até Austin, que estava parado perto do hangar. Ele estava com um sorriso de orelha a orelha. Se ele fosse um cachorrinho, estaria abanando o rabo de alegria.

"Lamento que o avião tenha apenas um assento, Sr. Austin. Seria um prazer levá-lo para um passeio".

Austin olhou para o pequeno avião, observando a tampa do motor em forma de bala, a fuselagem de madeira e tecido, a barbatana triangular e o leme com a caveira e os ossos cruzados pintados. As longarinas de metal que sustentavam as asas curtas saíam em forma de guarda-sol de um suporte em forma de A logo à frente da cabine do piloto.

"Com todo o respeito, Monsieur Grosset, seu avião não parece ser grande o suficiente para uma pessoa."

As linhas de riso enrugaram o rosto envelhecido do francês. "Não o culpo por ser cético, Monsieur Austin. O Morane-Saulnier N parece ter sido montado por um estudante no porão de sua casa. Tem apenas seis metros de comprimento, com uma envergadura de asas de seis metros. Mas esse pequeno mosquito era um dos aviões mais mortais de sua época. Era rápido, a mais de 160 quilômetros por hora e incrivelmente manobrável. Nas mãos de um piloto habilidoso, era uma máquina de matar extremamente eficiente."

Austin foi até o avião e passou a mão sobre a fuselagem. "Fiquei surpreso com a fuselagem aerodinâmica e o design de asa única. Quando se trata da Primeira Guerra Mundial, eu geralmente imagino biplanos de nariz rombudo."

"E por um bom motivo. A maioria dos aviões usados na guerra tinha duas asas. Os franceses estavam à frente dos outros países no desenvolvimento do monoplano. Esse modelo foi, por um tempo, a aeronave mais avançada em termos aerodinâmicos da guerra. Sua principal vantagem sobre o biplano era a capacidade de subir mais rapidamente, embora essa deficiência tenha sido superada mais tarde com o Sopwith e o Nieuport." "Seu Immelmann foi muito bem feito."

"*Merci*", disse Grosset com uma reverência. "Às vezes não é tão fácil quanto parece. Este pequeno avião pesa menos de mil libras totalmente carregado, mas é equipado com o motor I Rhone de 116 cavalos de potência. Ele é difícil de manusear e é necessária uma mão delicada nos controles. "Ele sorriu. "Um piloto disse que o maior perigo de pilotar o N não era o combate, mas o pouso. Você deve ter notado que minha velocidade de aproximação era alta".

Austin deu uma risadinha. "Você tem talento para ser discreto, Monsieur Grosset. Pensei que você fosse fazer um buraco no chão." "Eu não seria o primeiro a fazer isso", disse Grosset, com uma risada fácil. "Minha tarefa era simples em comparação com a dos pilotos antigos. Imagine-se chegando com as asas cheias de buracos de bala e o tecido em frangalhos. Talvez você tenha sido ferido e esteja fraco por causa da perda de sangue. Isso sim é um desafio".

Austin detectou uma ponta de inveja nostálgica no tom de Grosset. Com suas feições finas e bigode ralo, o francês era o epítome dos audaciosos da esquadrilha que zumbiam nas trincheiras alemãs desafiando o fogo antiaéreo. Austin ligou para Grosset, o diretor do museu aéreo, depois de falar com Ian MacDougal e pediu que ele desse uma olhada nas fotos do avião do lago. Grosset disse que ficaria feliz em ajudar se pudesse. Fiel à sua palavra, ele ligou de volta com uma tentativa de identificação logo após receber as fotos digitais pela Internet. "Seu avião está em muitos pedaços", disse ele, "mas concordo com o Sr. Ian que se trata de uma aeronave da Primeira Guerra Mundial chamada Morane-Saulnier N."

"Receio que meu conhecimento sobre aeronaves antigas seja um pouco incompleto", respondeu Austin. "Você pode me contar mais sobre ela?"

"Posso fazer melhor", disse Grosset. "Posso lhe mostrar um. Temos um N em nosso museu aéreo."

Mais cedo naquele dia, depois de fazer o check-in em seu hotel em Paris, Austin pegou um trem de alta velocidade que o levou ao museu mais rápido do que se tivesse voado no avião de Grosset. O museu estava situado em um complexo de hangares na extremidade de um campo de aviação a menos de cinquenta milhas ao sul de Paris.

Após a demonstração das capacidades de seu avião, Grosset convidou Austin para ir ao seu escritório e tomar uma taça de vinho. O escritório ficava em um canto do hangar, que estava repleto de aviões antigos. Eles passaram por um Spad, um Corsair e um Fokker em uma pequena sala cujas paredes eram decoradas com dezenas de fotos de aviões.

Grosset serviu duas taças de Bordeaux e brindou aos irmãos Wright. Austin sugeriu que eles também levantassem suas taças para Alberto Santos-Dumont, um dos primeiros pioneiros aéreos brasileiros que viveu na França por muitos anos e era considerado francês por muitos.

Impressões das fotos que Austin havia enviado a Grosset estavam espalhadas em cima de uma velha escrivaninha de madeira. Austin pegou uma foto do avião destruído, estudou a estrutura quebrada e balançou a cabeça, admirado.

"Estou impressionado que você tenha conseguido identificar o avião nessa bagunça."

Grosset colocou o copo de lado e folheou as fotos até chegar a uma que ele queria.

"No começo, eu não tinha certeza. Eu tinha minhas suspeitas, mas, como você disse, isso é uma bagunça. Reconheci a metralhadora aqui como uma Hotchkiss, mas elas eram comumente usadas pelos primeiros aviões de guerra. E a característica carcaça cônica do motor foi uma forte pista. Depois, notei algo muito interessante". Ele empurrou a foto para o outro lado da mesa e entregou a Austin uma lupa. "Dê uma olhada de perto nisso."

Austin examinou a forma arredondada da madeira. "Parece uma lâmina de hélice."

"Correto. Mas não é uma lâmina de hélice qualquer. Veja aqui, há uma placa de metal presa à hélice. Raymond Saulnier desenvolveu uma verdadeira engrenagem de sincronização no início de 1914, o que lhe permitiu disparar uma metralhadora Hotchkiss por meio de uma hélice giratória. Às vezes, a munição ficava suspensa, então ele instalou defletores de metal grosseiros nas pás da hélice."

"Já ouvi falar disso. Uma solução de baixa tecnologia para um problema complexo." "Depois que alguns pilotos de teste foram mortos por balas que ricochetearam, a ideia foi temporariamente abandonada. Então veio a guerra e com ela, o ímpeto de criar novas maneiras de matar o inimigo. Um ás francês chamado Roland Garros encontrou-se com Saulnier e eles equiparam seu avião com placas defletoras de aço que funcionaram como projetado. Ele matou várias vezes antes de seu avião cair atrás das linhas inimigas. Os alemães usaram seu sistema para desenvolver a engrenagem de sincronização do Fokker."

Austin pegou outra foto e apontou para um pequeno retângulo de cor clara na cabine do piloto. "O que você acha disso? Parece uma placa de metal."

"Você tem olhos afiados", disse Grosset com um sorriso. "É um código do fabricante." Ele passou outra foto. "Eu ampliei a imagem no computador. As letras e os números estão um pouco borrados, mas melhorei a resolução e você pode vê-los bem. Consegui compará-los com os registros nos arquivos do museu." Austin olhou para a foto. "Você conseguiu rastrear a propriedade?"

Grosset assentiu com a cabeça. "Foram construídos quarenta e nove Ns. Depois de ver o sucesso de Garros, outros pilotos franceses obtiveram o avião e o usaram com eficiência mortal. Os ingleses compraram alguns desses aviões "Bullet", como chamavam o modelo e os russos também. Eles tinham um desempenho melhor do que o Fokker, mas muitos pilotos desconfiavam de sua alta velocidade de pouso e sensibilidade. Você disse que encontrou esses destroços nos Alpes?"

"Sim, no fundo de um lago glacial perto da geleira Dormeur." Grosset se recostou em sua cadeira e estendeu os dedos. "Curioso. Há alguns anos, fui chamado àquela área para examinar os destroços de alguns aviões antigos, espalhados em vários locais. Eles eram de um tipo conhecido como Aviatik, usado principalmente para reconhecimento. Conversei com alguns dos moradores locais que disseram que seus avós contaram histórias de uma batalha aérea. Isso deve ter acontecido por volta do início da Primeira Guerra Mundial, embora eu não tenha conseguido identificar uma data real."

"Você acha que essa batalha aérea teve algo a ver com essa última descoberta?

"Talvez. Pode ser mais uma peça de um quebra-cabeça de quase cem anos. O misterioso desaparecimento de Jules Fauchard. Ele era o proprietário do avião que você encontrou." "O nome não me diz nada."

"Fauchard era um dos homens mais ricos da Europa. Ele desapareceu no ano de 1914, aparentemente enquanto pilotava seu Morane-Saulnier. Ele tinha o hábito de voar em torno de sua vasta propriedade e vinhedos. Um dia, ele simplesmente não voltou. Foi iniciada uma busca dentro do alcance provável de seu avião, mas nenhum vestígio foi encontrado. Em poucos dias, a guerra começou e seu desaparecimento, embora lamentável, tornou-se uma mera nota de rodapé histórica."

Austin tocou na foto que mostrava a metralhadora. "Fauchard deve ter se preocupado muito com suas uvas. Como um cidadão chegou a pilotar um avião de guerra?"

"Fauchard era um fabricante de armas com fortes conexões políticas. Não teria sido nada demais para ele ter um avião desviado do arsenal francês. A grande questão é como ele chegou aos Alpes." "Perdido?"

"Acho que não. Seu avião não teria chegado ao Lac du Dormeur com um tanque de combustível. Naquela época, os aeroportos eram poucos. Ele teria que estocar suprimentos de combustível ao longo de sua rota. Isso me sugere que seu voo fazia parte de um plano deliberado."

"Para onde você acha que ele estava indo?" "O lago fica perto da fronteira com a Suíça."

"E a Suíça é conhecida pelos bancos secretos. Talvez ele estivesse a caminho de Zurique para descontar um cheque."

Grosset respondeu com uma risada suave. "Um homem da posição de Fauchard não precisava de dinheiro." Seu rosto ficou sério. "Você viu as reportagens na televisão sobre o corpo que foi encontrado no gelo?"

"Não, mas conversei com alguém que viu o corpo. Ela disse que ele parecia estar vestindo um longo casaco de couro e um boné fechado como os usados pelos primeiros aviadores."

Grosset se inclinou para frente, com entusiasmo em seus olhos. "Isso se encaixaria! Fauchard poderia ter se salvado. Ele aterrissou na geleira e seu avião caiu no lago. Se ao menos pudéssemos recuperar o corpo".

Austin pensou no túnel escuro e cheio de água. "Seria uma tarefa monumental bombear o túnel até secar."

"Então, eu entendo." Ele balançou a cabeça. "Se alguém pudesse realizar a tarefa, seriam os Fauchards."

"A família dele ainda está por aqui?"

"Ah, sim, embora você não saiba disso. Eles são fanáticos por sua privacidade."

"Não é de surpreender. Muitas famílias ricas não gostam de atenção."

"É mais profundo do que isso, senhor. Os Fauchards são o que chamamos de "Mercadores da Morte". "Traficantes de armas em grande escala. Os armamentos são considerados por alguns como um negócio desagradável."

"Os Fauchards soam um pouco como uma versão francesa dos Krupps."

"Eles foram comparados aos Krupps, embora Racine Fauchard discordasse disso."

"Racine?"

"Ela teria sido sobrinha-neta de Jules. Uma mulher formidável, pelo que me disseram. Ela ainda dirige os negócios da família."

"Imagino que a Sra. Fouchard gostaria de saber o destino de seu antepassado há muito perdido."

"Concordo, mas seria difícil para um mortal comum passar pelos advogados, pessoal de relações públicas e guarda-costas que protegem uma pessoa com a riqueza dela." Ele pensou por um momento e depois disse: "Tenho um amigo que é diretor da empresa. Posso ligar para ele com essas informações e ver onde elas vão dar. Onde posso entrar em contato com você?"

"Estou pegando o trem de volta para Paris; vou lhe dar o número do meu celular."

"*Bien*", disse Grosset. Ele chamou um táxi para levar Austin de volta à estação de trem. Em seguida, passaram pelos aviões antigos até a saída do museu para esperar a carona.

Eles se cumprimentaram com um aperto de mão e Austin disse: "Obrigado por sua ajuda". "O prazer foi meu. Posso saber qual é o interesse da NUMA nessa situação?"

"Nenhum, na verdade. Descobri o avião quando estava trabalhando em um projeto patrocinado pela NUMA, mas estou investigando por conta própria, principalmente por curiosidade."

"Então você não usará intermediários em nenhuma negociação que possa ter com os Fauchard?" "Eu não tinha essa intenção."

Grosset refletiu sobre a resposta de Austin. "Fui militar durante anos e você parece ser um homem capaz de cuidar de si mesmo, mas eu o alertaria para ter muito cuidado em qualquer negociação que possa ter com os Fauchard."

"Por que isso?"

"Os Fauchards não são uma família rica qualquer." Ele fez uma pausa, tentando escolher suas palavras com cuidado. "Dizem que eles têm um passado."

Antes que Austin pudesse perguntar a Grosset o que ele queria dizer, o carro parou, eles se despediram e ele estava a caminho da estação de trem. Enquanto Austin se recostava em seu assento, ele refletiu sobre a advertência do francês. Grosset parecia estar dizendo que os Fauchards tinham mais de um esqueleto no armário da família. Austin pensou que a mesma coisa poderia ser dita sobre qualquer família rica da face da Terra. As fortunas que construíam grandes casas e status eram geralmente baseadas em escravidão, tráfico de ópio, contrabando ou crime organizado.

Sem nada além de nuances, Austin voltou seus pensamentos para o encontro com Skye mais uma vez, mas as palavras de Grosset continuaram a ecoar em sua mente como o toque de um sino de igreja distante. Dizem que eles têm um passado.

SKYE TINHA SEU ESCRITÓRIO no centro de ciências da Sorbonne, um edifício de vidro e concreto influenciado por Le Corbusier que ficava entre alguns edifícios art nouveau perto do Panteão. A rua normalmente era tranquila, exceto pelos grupos de estudantes universitários que a usavam como atalho. Mas quando Skye virou a esquina, viu carros de polícia bloqueando as duas extremidades da avenida. Mais carros oficiais estavam alinhados em frente ao prédio e os policiais se aglomeravam em torno da entrada.

Um policial corpulento que estava em uma barricada levantou a mão para impedir sua passagem. "Desculpe, senhorita. A senhora não pode passar."

"O que aconteceu, senhor?"

"Houve um acidente", disse ele.

"Que tipo de acidente?"

"Não sei, senhorita", disse o policial, com um encolher de ombros pouco convincente.

Skye tirou a carteira de identidade da universidade do bolso e a brandiu sob o nariz do policial. "Eu trabalho nesse prédio. Gostaria de saber o que está acontecendo e se isso me diz respeito."

O policial olhou do rosto de Skye para a foto da carteira de identidade e disse: "É melhor você falar com o inspetor responsável". Ele levou Skye até um homem à paisana que estava parado ao lado de um carro de polícia, conversando com dois policiais uniformizados.

"Esta mulher diz que trabalha no prédio", explicou o policial ao inspetor, um homem de meia-idade, cujo rosto tinha a expressão cansada de alguém que já viu muito do lado ruim da vida.

O inspetor examinou o cartão de identificação de Skye com olhos puxados e vermelhos e o devolveu depois de anotar o nome e o endereço dela em seu caderno.

"Meu nome é Dubois", disse ele. "Por favor, venha comigo." Ele abriu a porta do carro da polícia, fez sinal para que ela entrasse no banco de trás e deslizou para o lado dela. "Quando foi a última vez que esteve no prédio do seu escritório, mademoiselle?"

Ela consultou seu relógio. "Há cerca de duas ou três horas. Talvez um pouco mais."

"Onde você foi?" \*

"Sou arqueóloga. Levei um artefato a um especialista em antiguidades para ele dar uma olhada. Depois fui para o meu apartamento tirar um cochilo."

O inspetor fez algumas anotações. "Quando você estava no prédio, notou alguém ou algo que lhe pareceu estranho?"

"Não. Tudo estava normal, pelo que sei. Poderia me dizer o que aconteceu?"

"Houve um tiroteio. Alguém foi morto. A senhora conhecia o Monsieur Renaud?"

"Renaud? Claro que sim! Ele era meu chefe de departamento. Você diz que ele está morto?"

Dubois assentiu com a cabeça. "Alvejado por um agressor desconhecido. Quando foi a última vez que você viu Monsieur Renaud?"

"Quando cheguei para trabalhar, por volta das nove horas. Estávamos no elevador. Meu escritório fica no andar abaixo do dele. Demos bom dia e seguimos nossos caminhos separados."

Skye esperava que a leve sombra da verdade não transparecesse em seu rosto. Quando ela cumprimentou Renaud, ele simplesmente olhou para ela sem falar.

"Você consegue pensar em alguém que faria mal a Monsieur Renaud?"

Skye hesitou antes de responder. Ela suspeitava que a expressão de *basset hound* do inspetor fosse uma máscara destinada a induzir os suspeitos a fazer declarações auto incriminatórias. Se ele tivesse conversado com outras pessoas, teria descoberto que Renaud era universalmente odiado em seu departamento. Se ela dissesse algo em contrário, ele se perguntaria por que ela estava mentindo.

"Monsieur Renaud era uma figura controversa no departamento", disse ela depois de um momento. "Muitas pessoas não gostavam da maneira como ele administrava as coisas."

"E a senhora, mademoiselle? A senhora gostava da maneira como ele administrava as coisas?"

"Eu estava entre as várias pessoas do corpo docente que achavam que ele não era a pessoa certa para o cargo."

O tenente sorriu pela primeira vez. "Uma resposta muito diplomática, senhorita. Posso perguntar onde exatamente você esteve antes de vir para cá?"

Skye lhe deu o nome de Darnay, o endereço da loja de antiguidades e o endereço de sua casa, que ele anotou devidamente, assegurando-lhe que era um procedimento de rotina. Então ele saiu do carro, abriu a porta e lhe entregou seu cartão de visitas.

"Obrigado, Mademoiselle Labelle. Por favor, ligue para mim se precisar de mais alguma coisa sobre esse assunto."

"Sim, é claro. Tenho um favor a lhe pedir, tenente. Posso ir ao meu escritório no segundo andar?"

Ele pensou sobre isso por um momento. "Sim, mas você precisa estar acompanhada de um dos meus homens."

Eles saíram do carro e o inspetor Dubois chamou o policial com quem Skye havia falado primeiro e o instruiu a escoltá-la pelo cordão policial. Todos os policiais de Paris pareciam ter convergido para a cena do crime. Renaud era um canalha, mas era uma figura proeminente na universidade e seu assassinato causaria sensação.

Mais policiais e técnicos estavam trabalhando dentro do prédio. O pessoal da perícia estava procurando impressões digitais e os fotógrafos corriam para tirar fotos. Skye abriu caminho até seu escritório no segundo andar com o policial logo atrás, entrou e olhou ao redor. Embora todos os seus móveis e papéis parecessem estar no lugar, ela teve a estranha sensação de que algo estava errado.

Os olhos de Skye examinaram a sala e depois ela foi para sua mesa. Ela era compulsivamente organizada quando se tratava de sua papelada. Antes de sair do escritório, ela havia empilhado seus livros de referência, papéis e arquivos com precisão micrométrica. Agora as bordas estavam irregulares, como se tivessem sido empilhadas às pressas. Alguém havia estado em sua mesa. "Mademoiselle?"

O policial estava lhe lançando um olhar estranho e ela percebeu que estava olhando fixamente para o espaço. Ela acenou com a cabeça, abriu uma gaveta da escrivaninha e tirou um arquivo. Ela colocou o arquivo embaixo do braço sem se preocupar em ver o que ele continha.

"Já terminei aqui", disse ela com um sorriso forçado. Skye resistiu ao impulso de sair correndo do escritório e tentou andar em seu ritmo habitual, mas suas pernas pareciam feitas de madeira. Sua fachada calma não dava indícios de sua pulsação acelerada e seus batimentos cardíacos pareciam trovejar em seus ouvidos. Ela estava pensando que a mesma mão que havia mexido em seus papéis poderia ter segurado a arma que matou Renaud.

O policial a acompanhou para fora do prédio e passou pela barricada. Ela agradeceu e foi para casa atordoada, atravessando as ruas sem olhar para os lados, uma atitude quase suicida em Paris. Ela não prestou atenção no barulho dos freios, na cacofonia das buzinas e nos xingamentos.

Seu ataque de pânico total já havia passado quando ela virou a esquina da rua estreita onde ficava seu apartamento. Ela se perguntou se havia feito a coisa certa ao não contar ao inspetor Dubois que seu escritório havia sido revistado. Em sua mente, ela podia ver o inspetor pensando que essa mulher louca e paranoica deveria entrar na lista de suspeitos.

Skye morava em uma casa do século XIX, com telhado de mansarda, em Mouffetard, às margens do Quartier Latin. Ela gostava do bairro movimentado, com suas lojas, restaurantes e músicos de jazz de rua. A antiga casa da cidade havia sido transformada em três apartamentos. O de Skye ficava no terceiro andar e sua varanda de ferro forjado lhe dava uma vista da vida nas ruas e das onipresentes chaminés parisienses. Ela subiu as escadas correndo. Sentiu-se aliviada ao abrir a porta. Ela se sentiu segura de volta ao seu apartamento, mas a sensação de segurança durou apenas até ela entrar na sala de estar. Ela não podia acreditar na visão que teve.

Uma bomba parecia ter explodido na sala. As almofadas das cadeiras e do sofá estavam espalhadas pelo chão. Sua mesa de centro estava sem revistas. Os livros haviam sido retirados das prateleiras e jogados ao acaso. A cozinha estava ainda pior. Os armários estavam abertos e o chão estava coberto de vidros e pratos quebrados. Movendo-se como uma sonâmbula, ela foi até o quarto. As gavetas haviam sido arrancadas das cômodas e seu conteúdo jogado por toda parte. As cobertas e os lençóis foram arrancados da cama e o colchão foi aberto, expondo o enchimento.

Ela voltou para a sala de estar e olhou para a bagunça. Ela estava tremendo de raiva pela violação de sua privacidade. Sentia-se como se tivesse sido estuprada. A raiva deu lugar ao medo quando ela percebeu que a pessoa que havia destruído seu apartamento ainda poderia estar lá dentro. Ela não havia verificado o banheiro. Pegou um atiçador da lareira e com os olhos grudados na porta do banheiro, começou a sair do apartamento.

O assoalho rangeu atrás dela.

Ela girou e ergueu o atiçador sobre a cabeça.

"Olá", disse Kurt Austin, com seus olhos cor de coral arregalados de surpresa.

Skye quase desmaiou. Ela deixou o atiçador cair ao seu lado. "Sinto muito", disse ela.

"Eu deveria me desculpar por ter me aproximado de você. A porta estava aberta, então eu entrei." Ele notou o rosto pálido de Skye. "Você está bem?"

"Estou bem, agora que você está aqui."

Austin examinou a sala de estar. "Eu não sabia que havia tornados em Paris."

"Acho que a pessoa que matou Renaud fez isso."

"Renaud? O homem que ficou preso sob a geleira com você?"

"Sim. Ele foi morto a tiros em seu escritório."

A mandíbula de Austin se endureceu. "Você verificou os outros quartos?"

"Todos, exceto o banheiro. Não me atrevi a dar uma olhada nos armários."

Austin pegou o atiçador da mão dela. "Segurança em primeiro lugar!", disse ele.

Ele entrou no banheiro e saiu um minuto depois.

"Você fuma?" disse Austin.

"Não fumo há muitos anos. Por quê?"

"Você estava certo em se preocupar." Ele mostrou uma ponta de cigarro. "Encontrei uma pilha delas na banheira. Alguém estava esperando que você voltasse para casa."

Skye estremeceu. "Por que ele foi embora?"

"Seja qual for o motivo, foi uma sorte para você que ele tenha ido. Fale-me sobre Renaud."

Eles se levantaram do sofá e Skye contou os detalhes de sua visita ao prédio do escritório da universidade. "Será que estou louca ao ligar esse desastre e a busca em meu escritório ao assassinato de Renaud?"

"Você seria louca se não fizesse a conexão. Está faltando alguma coisa em seu apartamento?"

Ela olhou ao redor da sala de estar e balançou a cabeça. "É impossível dizer." Seu olhar recaiu sobre a secretária eletrônica do telefone.

"Estranho", disse ela. "Quando saí do apartamento, havia apenas duas mensagens na secretária eletrônica. Agora há quatro." "Uma delas é minha. Eu liguei assim que cheguei em Paris."

"Alguém deve ter ouvido as duas últimas mensagens, porque a luz não está piscando."

Austin apertou o botão de reprodução e ouviu sua voz gravada dizendo que não conseguia falar com ela no escritório e que iria passar no apartamento dela, pois ela poderia estar entre a casa e o trabalho. Ele apertou o botão play novamente. A voz de Darnay apareceu.

"Skye. É o Charles. Gostaria de saber se posso levar o capacete comigo para minha casa. Ele está sendo mais desafiador do que eu esperava."

"Meu Deus", disse ela, com o rosto coberto de cera. "Quem estava me esperando deve ter ouvido a mensagem."

"Quem é Charles?" disse Austin.

"Um amigo. Ele é um negociante de armas e armaduras raras. Deixei o capacete com ele para que o examinasse. Espere." Ela resgatou sua agenda de endereços de uma pilha de papéis e olhou no índice dos *Ds*. Uma página foi arrancada. Ela mostrou o livro para Austin. "Quem quer que tenha estado aqui localizou Darnay."

"Tente avisá-lo."

Ela pegou o telefone, discou um número e ficou ouvindo por alguns instantes. "Ninguém está respondendo. O que devemos fazer?" "O mais inteligente seria chamar a polícia." Ela franziu a testa. "Charles não gostaria disso. Ele opera seus negócios à margem da lei e às vezes, além dela. Ele nunca me perdoaria se a polícia fosse até a casa dele e começasse a bisbilhotar."

"E se a vida dele dependesse disso?"

"Ele não atendeu ao telefone. Talvez ele nem esteja lá. Talvez estejamos nos preocupando por nada."

Austin estava menos otimista, mas não queria perder um tempo precioso em uma discussão infrutífera. "A que distância fica a loja daqui?"

"Na margem direita. Dez minutos de táxi."

"Eu tenho um carro lá fora. Chegaremos em cinco minutos."

Eles correram para as escadas.

A vitrine da loja de antiguidades estava escura e a porta estava trancada. Skye pegou uma das poucas chaves que Darnay havia confiado a pessoas de fora e abriu a porta. Uma linha de luz se infiltrava por baixo das cortinas do escritório.

Austin empurrou cautelosamente a cortina para o lado. A cena bizarra que o recebeu parecia uma exposição em um museu de cera. Um homem de cabelos grisalhos ajoelhado tinha o queixo apoiado em um contêiner de madeira, como um condenado com a cabeça no cepo. Seu cabelo estava desgrenhado, ele estava amarrado com as mãos e os pés e sua boca estava amordaçada com fita adesiva.

Um homem grande estava sobre ele como um carrasco, apoiado em uma longa espada, com uma máscara preta cobrindo a parte superior do rosto. O carrasco olhou para cima e sorriu para Austin. Ele tirou a máscara, jogou-a de lado e ergueu a espada sobre o pescoço de Darnay. A luz brilhava perversamente na lâmina de dois gumes.

"Por favor, fique...", disse ele em uma voz surpreendentemente aguda para o seu tamanho. "Seu amigo aqui simplesmente perderia a cabeça se você fosse embora."

Skye cravou os dedos no braço de Austin, mas ele mal percebeu. Austin se lembrou das descrições que tinha ouvido e sabia que estava olhando para o falso repórter que tinha inundado o túnel glacial.

"Por que iríamos embora?" Austin disse com indiferença. "Acabamos de chegar aqui."

O homem de rosto corpulento sorriu, mas sua espada permaneceu apontada para o pescoço de Darnay.

"Esse homem tem sido muito tolo", disse ele. Ele olhou para uma prateleira forrada de capacetes velhos. "Ele se recusa a me dizer qual desses vasos de cabeça é o que estou procurando."

A teimosia de Darnay provavelmente salvou sua vida, pensou Austin. O velho devia saber que seria morto assim que seu agressor conseguisse o que queria.

"Tenho certeza de que qualquer um deles serviria para você", disse Austin, de forma prestativa. O homem ignorou a sugestão e fixou o olhar em Skye. "Você vai me dizer, não vai? Você é a especialista nessas coisas."

"Você matou Renaud, não foi?" disse Skye.

"Não derrame nenhuma lágrima por Renaud. Ele me disse onde encontrar você", disse o homem. A espada se elevou alguns centímetros.

"Mostre-me o capacete que você removeu da geleira e eu deixarei todos vocês irem".

Nada animado, pensou Austin. Assim que o assassino de Renaud tivesse o capacete, ele despacharia todos os três. Austin decidiu agir, mesmo que isso significasse arriscar a vida de Darnay. Ele estava de olho em um machado de batalha em uma parede a alguns metros de distância. Ele se aproximou e arrancou a arma de seus ganchos.

"Sugiro que você abaixe essa espada", disse ele, com a voz baixa e fria.

"Gostaria que eu a colocasse no pescoço de Monsieur Darnay?"

"Você poderia fazer isso", disse Austin, com os olhos fixos no rosto do homem para que não houvesse erro de cálculo. "Mas então sua cabeça gorda e careca estaria rolando no chão ao lado da dele."

Ele ergueu o machado para dar ênfase. A arma era primitiva, mas temível. A cabeça de aço carbono era alongada e projetada para que pudesse ser usada como uma lança. Um espigão saía de trás da cabeça do machado como o bico afiado de uma cegonha. Lâminas de metal se estendiam da cabeça do machado para proteger a haste de madeira.

O homem ponderou sobre a provocação de Austin. Ele sabia, pelo tom inflexível da voz de Austin, que se ele matasse Darnay ou Skye, seria um homem morto. Ele teria que cuidar de Austin primeiro e depois lidar com os outros. Austin havia antecipado a ação e na verdade, a recebeu bem. Em sua experiência, os homens grandes às vezes subestimavam os seres humanos menores.

O homem deu um passo em direção a Austin, levantou a espada bem alto e rapidamente a derrubou em um arco borrado. Austin não estava preparado para o movimento e percebeu que era ele quem havia subestimado o oponente. Apesar de seu grande porte físico, o homem se movia com uma rapidez felina. Os reflexos de Austin se apoderaram dele antes que sua mente tivesse tempo de processar o borrão metálico. Seus braços se ergueram, segurando o machado de forma nivelada à sua frente.

A lâmina da espada bateu contra a bainha protetora da haste do machado. O choque do poderoso golpe fez com que Austin sentisse dor nos braços e a lâmina parou a poucos centímetros de sua cabeça, mas ele afastou a espada, deslizou a mão pela haste e balançou o machado como se fosse um taco de baseball Louisville Slugger. Foi um movimento agressivo alimentado, em parte, pela necessidade urgente de defender sua vida. Havia outro motivo: ele simplesmente não gostava desse cara.

A lâmina mortífera do machado teria eviscerado o grandalhão se ele não tivesse percebido a preparação e se inclinado para trás na cintura. Austin estava aprendendo da maneira mais difícil que havia mais no combate medieval braço a braço do que pura força muscular. O peso da cabeça do machado o fez girar como uma centrífuga. Ele girou em um círculo completo antes de conseguir verificar seu golpe.

Doughboy foi empurrado para trás pela ferocidade inesperada do ataque, mas se recuperou rapidamente. Ao ver que o golpe selvagem de Austin o havia desequilibrado, ele mudou de tática. Ele segurou a espada bem na frente dele e atacou.

Foi um movimento inteligente. As pontas da espada só precisavam penetrar na defesa de Austin por alguns centímetros para matá-lo. Austin contraiu o peito e se lançou para trás, virando-se de lado para o agressor. Ele se esquivou do golpe principal, que passou pelo machado erguido, mas a ponta da espada fez um buraco em sua camisa e tirou sangue. Austin afastou a espada para o lado e respondeu com um ataque de punhalada.

Austin estava começando a sentir a sensação do machado. A arma era o fuzil M-16 de sua época. Com ela, um soldado de infantaria poderia derrubar um cavaleiro do cavalo, cortar sua armadura e esfaqueá-lo até a morte. A haste longa dava a Austin uma vantagem e ele descobriu que os golpes curtos e os socos eram a maneira mais mortal de usar a arma.

Doughboy também estava aprendendo. Ele cortou ineficazmente a ponta afiada enquanto recuava diante do avanço resoluto de Austin. Ele parou de costas para a mesa que estava repleta de capacetes. Incapaz de recuar ainda mais, ele levantou a espada em preparação para um contra-ataque cortante. Austin o venceu com um súbito avanço. O homem grande recuou contra a mesa e os capacetes caíram no chão.

Doughboy tropeçou em um capacete antes de recuperar o equilíbrio. Ele rugiu como um leão ferido e atacou Austin, cortando de todas as direções com golpes selvagens que eram praticamente impossíveis de prever. O suor escorreu para os olhos de Austin, embaçando sua visão e ele recuou sob a ferocidade do ataque até ficar de costas para a parede.

Vendo que Austin não podia ir mais longe, Doughboy rosnou em triunfo e ergueu a espada, preparando-se para derrubá-la em um golpe que usava todos os músculos à sua disposição. Austin viu o golpe se aproximando e sabia que não conseguiria pará-lo com o machado ou dar o seu próprio golpe.

Ele partiu para a ofensiva. Segurando o machado no alto, ele avançou e com um golpe de braço reto que levou a haste nivelada ao pomo de adão de Doughboy, atingiu-o em cheio na garganta. Os olhos do homem se arregalaram e ele soltou um grunhido estrangulado.

Austin havia controlado o ataque, mas o movimento o colocou em uma posição vulnerável. Doughboy estava ofegante, mas a gordura ao redor de seu pescoço grosso impediu que sua traqueia fosse completamente esmagada. Ele tirou a mão esquerda do punho da espada e agarrou a haste do machado. Austin tentou enfiar a haste na garganta do homem novamente. Quando isso não funcionou, ele puxou a arma para trás, mas o homem estava segurando a haste com firmeza e não a soltou.

Austin levantou o joelho e o enfiou na virilha do homem, mas seu oponente apenas grunhiu. Ele deve ter testículos de ferro, pensou Austin e usou sua alavanca de duas mãos para tentar torcer o cabo do machado da mão do homem. Essa manobra terminou quando Doughboy largou a espada completamente e agarrou a haste com a mão direita. Eles eram como dois meninos brigando por um taco de beisebol, mas o perdedor desse jogo mortal iria para casa em um caixão.

A força e o peso superiores de Doughboy começaram a se fazer notar. Suas mãos estavam do lado de fora do eixo, onde ele também tinha a vantagem da alavancagem. Seu sorriso maníaco se transformou em um coaxar feroz de triunfo e ele arrancou o machado da mão de Austin.

Austin olhou em volta. Havia armas por toda a oficina, mas nenhuma ao seu alcance. Doughboy sorriu e começou a avançar. Austin recuou até ficar encostado em uma parede e não conseguir ir mais longe. Doughboy sorriu e levantou o machado para um golpe que partiria Austin em dois.

Ao ver que o tronco do homem estava temporariamente exposto, Austin usou suas pernas poderosas para enfiar a cabeça no estômago do homem com força de aríete. O homem emitiu um som semelhante ao de um fole espremido e o machado caiu de suas mãos.

Austin saiu de seu salto com as pernas afastadas, pronto para enfiar os punhos no rosto rechonchudo. A cabeçada de Austin claramente machucou Doughboy. Seu rosto pálido estava ainda mais pálido do que o normal e ele estava ofegante.

Ele deve ter decidido que, independentemente dos prazeres de fatiar e cortar Austin em cubos, morto era morto. Ele enfiou a mão embaixo da jaqueta e a sua mão saiu cheia de uma pistola com um silenciador montado no cano. Austin se preparou para o impacto de uma bala a curta distância. Mas o sorriso do homem desapareceu, sendo substituído por um olhar de perplexidade. Um dardo com penas apareceu como mágica e estava saindo de seu ombro direito. A arma caiu de seus dedos.

Austin se virou e viu Skye segurando uma balestra. Ela havia colocado outro dardo na arma e estava enrolando freneticamente a corda do arco. Os olhos de Doughboy foram para Austin, que estava lutando para pegar a arma caída e depois voltaram para Skye. Ele abriu a boca e berrou. Parando apenas para pegar um capacete da pilha de capacetes espalhados pelo chão, ele correu em direção à porta da loja e rasgou a cortina em sua pressa de escapar.

Com a pistola na mão, Austin o seguiu com cautela. Ele ouviu o tilintar da campainha da porta da frente, mas quando saiu para a calçada, a rua estava deserta. Ele voltou para dentro, certificando-se de trancar a porta da frente. Skye havia cortado as amarras de Darnay.

Austin ajudou Darnay a se levantar. O negociante de antiguidades estava machucado por ter levado um tapa e rígido por ter ficado ajoelhado, mas, fora isso, parecia estar bem. Austin se virou para Skye e disse: "Você nunca me disse que era uma exímia atiradora com uma balestra".

Skye estava com uma expressão atônita no rosto. "Não acredito que o acertei. Fechei os olhos e apenas apontei na direção geral." Ela viu sua camisa manchada de sangue. "Você foi ferido."

Austin esperava o ferimento. "É só um arranhão, mas alguém me deve uma camisa nova."

"Você manejou um *fauchard* muito bem", disse Darnay, enquanto tirava o pó dos joelhos e cotovelos.

"O que você disse?" Austin respondeu.

"Aquela arma que você manejou com tanta habilidade. É uma *fauchard*, uma arma de dardos do século XV semelhante à glaive. Houve um movimento para aboli-la na Idade Média por causa dos ferimentos terríveis que ela produzia. Sua arma era uma combinação entre um *fauchard* e um machado de batalha. Você parece intrigado?"

"É que tenho ouvido muito esse nome ultimamente."

"Acho essa discussão sobre armas fascinante", disse Skye, "mas alguém poderia sugerir o que faremos agora?"

"Ainda podemos chamar a polícia", disse Austin. Darnay pareceu alarmado.

"Eu preferiria não ter os gendarmes aqui. Alguns de meus negócios..."

"Skye já me informou. Mas você tem razão; a polícia pode ter dificuldade em acreditar em uma história sobre um homem grande e mal que nos atacou com uma espada."

O negociante de antiguidades deu um suspiro de alívio e olhou em volta para os destroços. "Nunca pensei que meu escritório seria usado para uma encenação da Batalha de Agincourt."

Skye estava inspecionando a pilha de capacetes. "Não está aqui", disse ela, com uma expressão sombria no rosto.

Darnay respondeu com um sorriso, foi até uma parede e pressionou um painel de madeira. Uma seção retangular se abriu para revelar um grande cofre, que ele abriu com alguns cliques na combinação da fechadura. Ele colocou a mão em seu interior e retirou o capacete de Skye. "Esse pequeno item parece produzir muita emoção."

"Sinto muito por tê-lo envolvido nisso", disse Skye. "Aquele homem horrível estava me esperando no meu apartamento e ouviu seu chamado. Eu nem sonhava."

"Não é sua culpa. Como eu disse ao telefone, preciso examinar melhor essa beleza. Estou pensando que talvez seja prudente fechar a loja por um tempo e fazer negócios na minha vila em Provence. Eu adoraria tê-la como meu convidado. Eu me preocuparia com você enquanto aquele grande porco estivesse à solta".

Ela pensou sobre isso. "Obrigada, mas tenho muito trabalho a fazer. O departamento vai ficar um caos com a saída de Renaud. Fique com o capacete o tempo que quiser."

"Muito bem, mas considere passar a noite em meu apartamento."

"Talvez você queira aceitar o convite de Monsieur Darnay", disse Austin. "Podemos resolver as coisas pela manhã."

Skye pensou novamente e disse que teria que voltar ao seu apartamento primeiro para pegar algumas roupas. Austin a fez esperar no corredor enquanto se certificava de que seu apartamento estava seguro. Ele não achava que Doughboy estaria se sentindo muito animado com a seta da balestra em seu ombro, embora o homem grande parecesse ter um alto limiar de dor e um talento para o inesperado.

Skye estava quase terminando de arrumar sua mala de viagem quando o celular de Austin tocou.

Austin falou com alguém do outro lado por alguns instantes e quando desligou, estava com um sorriso no rosto. "Falando no diabo. Era a secretária de compromissos de Racine Fauchard. Fui convocado para uma audiência amanhã com a grande dama em pessoa."

"Fauchard? Não pude deixar de notar sua reação quando Darnay identificou o poleax. O que está acontecendo?"

Austin contou a Skye sobre sua visita ao museu aéreo e a conexão entre o Homem de Gelo e a família Fauchard. Skye fechou sua bolsa. "Eu quero ir com você." "Não acho que seja uma boa ideia. Pode ser perigoso." Skye respondeu com uma risada zombeteira. "Uma senhora idosa? Perigosa?" "Parece bobagem", admitiu Austin, "mas todo esse negócio com o corpo no gelo, o capacete e aquele capanga que matou Renaud parece remeter aos Fauchards. Não quero envolver você".

"Eu já estou envolvida, Kurt. Fui eu quem ficou presa sob a geleira. Foi meu escritório e este apartamento que o homem revistou, obviamente procurando o capacete que eu trouxe de debaixo da geleira. Foi meu amigo Darnay que teria sido morto se não fosse por você". Ela cruzou os braços e fez seu ponto mais forte. "Além disso, sou especialista em armas e meu conhecimento pode ser útil."

"Argumentos persuasivos." Austin ponderou os prós e os contras. "Tudo bem. O negócio é o seguinte. Eu a apresento como minha assistente e usaremos um nome falso."

Skye se inclinou e deu um beijo na bochecha de Austin. "Você não vai se arrepender disso."

"Certo", disse Austin. Ele não parecia convencido, embora soubesse que Skye tinha alguns pontos válidos.

Skye era uma mulher atraente e o tempo passado em sua companhia nunca era desperdiçado. Não havia nenhuma conexão direta entre os Fauchards e o homem violento que ele apelidara de Doughboy. Ao mesmo tempo, o aviso de Grosset sobre a família Fauchard ecoava em seu cérebro como um sino de alerta tocando na noite. Dizem que eles têm um passado.

O fazendeiro estava cantando uma versão chorosa de "Le Souvenir" quando o borrão vermelho encheu seu para-brisa e a cabine de seu caminhão reverberou com um rugido de arrepiar os ouvidos. Ele deu um solavanco no volante para a direita e mandou o veículo carregado de peso, de ponta-cabeça, para uma vala de drenagem. O caminhão bateu em um aterro, catapultando a carga de gaiolas de madeira para o chão. O impacto quebrou as gaiolas em estilhaços e liberou centenas de galinhas cacarejantes. O motorista saiu do caminhão e sacudiu o punho para o avião carmesim com a insígnia da águia na cauda. Ele correu para se abrigar em meio a uma explosão de penas quando a aeronave voltou a zumbir em seu caminhão.

O avião subiu ao céu e fez uma rolagem triunfal. O piloto estava rindo tanto que quase perdeu o controle da aeronave. Ele enxugou as lágrimas dos olhos com a manga e voou baixo sobre os vinhedos que se estendiam por centenas de hectares em todas as direções. Com um movimento de um interruptor, ele enviou uma nuvem de pesticidas pulverizados das cápsulas gêmeas sob as asas do avião. Em seguida, ele partiu em uma nova direção. Os vales dos vinhedos mudaram para uma floresta sombria e lagos de águas escuras que davam à terra abaixo um aspecto particularmente melancólico.

O avião passou por cima das copas das árvores, indo em direção a quatro picos distantes que se erguiam acima da floresta em uma colina. À medida que o avião se aproximava, os espigões se tornaram torres de guarda que ancoravam os cantos de um muro de pedra espesso e com ameias. Um amplo fosso cheio de água verde estagnada cercava a muralha e por sua vez, era delimitado por extensos jardins formais e caminhos na floresta. O avião sobrevoou o telhado do imponente castelo dentro das muralhas e em seguida, sobrevoou o bosque, desceu em uma faixa verde de grama e taxiou até um sedã Jaguar estacionado na borda da pista de pouso. Quando o piloto desceu da cabine, uma equipe de terra apareceu do nada e empurrou o avião para um pequeno hangar de pedra.

Ignorando a equipe, Emil Fauchard dirigiu-se ao carro, caminhando com uma graça atlética, os músculos ondulando sob seu traje de voo de couro italiano preto. Ele tirou os óculos de proteção e os entregou ao motorista que o aguardava junto com as luvas. Ainda rindo da expressão no rosto do motorista do caminhão, ele se acomodou no luxuoso banco de trás e serviu-se de uma dose de conhaque de um bar embutido.

Fauchard tinha as características clássicas de um astro do cinema mudo e um perfil do qual a família Barrymore teria se orgulhado. Apesar de toda a sua perfeição física, no entanto, Fauchard era um homem repelente. Seus olhos escuros e arrogantes tinham todo o calor de uma cobra. Com seu rosto bonito e quase perfeito, ele era como uma estátua de mármore que havia recebido vida, mas não humanidade.

Os fazendeiros locais sussurravam que Fauchard tinha a aparência de um homem que havia feito um pacto com o demônio. Talvez ele fosse o demônio, diziam outros. Os mais supersticiosos não se arriscavam e faziam o sinal da cruz quando ele passava, um resquício dos dias do mau-olhado.

O Jaguar seguiu por uma estrada de acesso que passava por baixo de uma longa copa de árvore em forma de túnel e depois subiu até a entrada principal do castelo. O carro passou por uma ponte em arco que atravessava o fosso e em seguida, atravessou o portão da muralha para um amplo pátio de paralelepípedos.

O castelo de Fauchard era feudal em sua silhueta e não tinha nenhum dos requintes arquitetônicos, a delicadeza arquitetônica vista nos castelos de design renascentista. Era um edifício sólido e atarracado de grande porte, ancorado no lugar por torres medievais em cada canto, imitando a colocação de torres na parede externa. Janelas grandes substituíram algumas das fendas de flechas no exterior e ornamentação em baixo relevo foi adicionada aqui e ali, mas os detalhes não conseguiam esconder o aspecto sombrio e militarista do edifício.

Um homem corpulento, com a cabeça raspada e rosto de pitbull, estava de sentinela em frente às portas duplas esculpidas do castelo. De alguma forma, ele havia enfiado um corpo em forma de geladeira dentro de um terno preto de um mordomo.

"Sua mãe está na sala de armas", disse o homem com uma voz rouca. "Ela estava esperando você."

"Tenho certeza que sim, Marcel", disse Emil, passando pelo mordomo. Marcel estava no comando do pequeno exército que cercava sua mãe como uma guarda pretoriana. Nem mesmo Emil conseguia se aproximar dela sem ser interceptado por um ou outro servo malandro. Muitos dos criados com cara de cicatriz que ocupavam os cargos normalmente reservados aos empregados domésticos eram ex-ajudantes da máfia francesa, embora ela preferisse ex-Legionários Estrangeiros como Marcel. Eles ficavam fora de vista na maior parte do tempo, mas Emil sempre sentia que eles estavam lá, observando, mesmo quando não podia vê-los. Ele desprezava os guarda-costas de sua mãe. Eles o faziam se sentir como um estranho em sua própria casa e pior ainda, ele não tinha poder sobre eles.

Ele entrou em um vestíbulo espaçoso, enfeitado com tapeçarias ornamentadas e caminhou por uma galeria de retratos que se estendia ao longo de uma parede do castelo e parecia não ter fim. Centenas de retratos se alinhavam na galeria. Emil mal olhou para seus antepassados, que não tinham mais significado para ele do que rostos em selos postais. Tampouco se importava com o fato de que muitos desses ancestrais haviam tido mortes violentas nessa mesma casa. Os Fauchard estavam no castelo há séculos, desde que assassinaram seu antigo proprietário. Dificilmente havia uma despensa, um quarto ou uma sala de jantar

onde algum membro da família Fauchard, ou um de seus inimigos, não tivesse sido garroteado, esfaqueado ou envenenado. Se o castelo ainda fosse assombrado pelos fantasmas dos que foram assassinados dentro de suas paredes, todos os corredores do vasto edifício estariam repletos de fantasmas inquietos. Ele passou por uma porta alta em arco e entrou no arsenal, um imenso salão abobadado cujas paredes estavam repletas de armas que atravessavam os séculos, desde pesadas espadas de bronze até rifles automáticos, agrupadas de acordo com o período. O ponto focal do arsenal era uma exibição de cavaleiros montados com armaduras completas em plena investida contra um inimigo invisível. Enormes vitrais que retratavam guerreiros em vez de santos revestiam uma das paredes do salão, transmitindo uma atmosfera religiosa, como se o arsenal fosse uma capela dedicada à violência.

Emil entrou por outra porta em uma biblioteca de história militar que ficava ao lado do arsenal. A luz que entrava por um óculo octogonal iluminava a grande escrivaninha de mogno no centro da sala repleta de livros. Em contraste com o tema militante predominante, a escrivaninha de madeira escura estava entalhada com flores e ninfas da floresta. Uma mulher vestindo um terno escuro de negócios estava sentada atrás da escrivaninha, examinando uma pilha de papéis.

Embora Racine Fauchard não fosse mais jovem, ela ainda era incrivelmente bonita. Era tão esbelta quanto uma modelo de moda e ao contrário de algumas mulheres que se curvam à medida que envelhecem, era tão reta quanto uma vela. Sua pele era coberta de rugas finas, mas sua tez era tão impecável quanto porcelana fina. Algumas pessoas compararam o perfil de Racine com o do famoso busto da rainha egípcia Nefertiti. Outros disseram que ela se parecia mais com o ornamento do capô de um carro clássico. Aqueles que a encontravam pela primeira vez poderiam ter adivinhado, por seus cabelos prateados, que ela estava na meia-idade.

Madame Fauchard olhou para cima quando o filho entrou e o fitou com olhos do tom de aço polido.

"Eu estava esperando por você, Emil", disse ela. Sua voz era suave, mas a autoridade inabalável nela era inconfundível.

Fauchard se acomodou em uma cadeira de couro do século XIV que valia mais do que muitas pessoas ganhavam em uma década.

"Desculpe, mamãe", disse ele, com uma expressão descuidada no rosto. "Eu estava lá em cima tirando o pó das uvas no Fokker."

"Eu ouvi você sacudir as telhas." Racine arqueou uma sobrancelha finamente moldada. "Quantas vacas e ovelhas você aterrorizou esta manhã?"

"Nenhuma", disse ele, com um sorriso satisfeito, "mas bombardeei um comboio e libertei alguns prisioneiros aliados." Ele caiu na gargalhada diante do olhar vazio dela. "Bem, tudo bem. Eu derrubei um caminhão de frango e o levei para uma vala."

"Suas travessuras aéreas são muito divertidas, Emil, mas estou cansada de pagar aos fazendeiros locais pelos danos causados por suas façanhas. Há assuntos mais sérios que merecem sua atenção. O futuro do império Fauchard, por exemplo."

Fauchard percebeu o tom gélido na voz e se endireitou na cadeira, como um aluno malicioso que tivesse sido repreendido por uma brincadeira. "Eu sei disso, mamãe. É apenas minha maneira de desabafar. Eu me sinto melhor lá em cima."

"Espero que você tenha pensado em como lidar com as ameaças à nossa família e ao nosso modo de vida. Você é o herdeiro de tudo o que os Fauchards construíram ao longo de muitos séculos. Não é um dever que você deva encarar com leviandade."

"E eu não o faço. Você deve admitir que enterramos um problema potencialmente embaraçoso sob milhares de toneladas de gelo glacial."

Os lábios de Racine se abriram em um sorriso fino, revelando seus dentes brancos e perfeitos. "Duvido que Jules teria gostado de ser chamada de 'problema embaraçoso'." Sebastian não merece crédito. Devido à sua falta de jeito, quase perdemos a relíquia para sempre."

"Ele nunca soube que ela estava sob o gelo. Ele estava decidido a trazer o cofre forte."

"Um exercício de futilidade." Ela abriu a tampa da caixa de metal maltratada que estava em sua mesa. "Os documentos potencialmente incriminadores que estavam aqui foram arruinados por um vazamento de água anos atrás." "Nós não sabíamos disso."

Ela ignorou a desculpa dele. "Você também não sabia que a arqueóloga havia fugido com a relíquia. Precisamos recuperar o capacete. O sucesso ou fracasso de todo o nosso empreendimento depende agora de sua recuperação. Aquele fiasco na Sorbonne foi mal conduzido e levou a polícia. Em seguida, Sebastian falhou em outra tentativa de recuperar nossa propriedade. O capacete que ele nos trouxe do negociante de antiguidades não passava de uma bugiganga barata fabricada na China para o teatro." "Estou investigando isso."

"Você precisa parar de investigar e agir. Nossa família nunca permitiu qualquer tipo de fracasso. Nunca podemos demonstrar fraqueza ou seremos destruídos. Sebastian se tornou um risco. Ele pode ter sido visto na Sorbonne. Cuide disso".

Emil assentiu com a cabeça. "Eu vou lidar com ele."

Racine sabia que seu filho estava mentindo. Sebastian era como um mastim treinado para matar sob comando e era leal apenas ao seu filho. Ter um servo como esse na câmara de pressão superaquecida que era a família Fauchard não poderia ser permitido, por razões muito práticas. Ela sabia que os laços familiares nunca haviam bloqueado um golpe fatal de punhal ou se defendido de um travesseiro sufocante quando o poder e a fortuna estavam em jogo.

"Cuide para que você faça isso e que seja logo."

"Farei isso. Enquanto isso, nosso segredo está seguro."

"Seguro! Quase fomos expostos por uma descoberta casual. A chave para o futuro da família está nas mãos de um estranho. Tremo só de pensar em quantos outros campos minados existem por aí. Siga meu exemplo. Quando meu químico rebelde, o Dr. MacLean, se afastou da reserva, eu o trouxe de volta com o mínimo de esforço".

Emil deu uma risadinha. "Mas, mãe, foi a senhora que fez com que todos os cientistas do projeto, com exceção de MacLean, sofressem 'acidentes' antes de terminarem seu trabalho."

Racine fixou seu filho com um olhar frio. "Um erro de cálculo. Eu nunca disse que era infalível. É uma marca de maturidade admitir erros e corrigi-los. O Dr. MacLean está trabalhando na fórmula enquanto falamos. Enquanto isso, precisamos recuperar a relíquia para que nossa família possa se recuperar novamente. Você fez algum progresso?"

"O negociante de antiguidades, Darnay, desapareceu. Estamos tentando localizá-lo."

"E a arqueóloga?" "Ela parece ter sumido de Paris."

"Continue procurando. Enviei meus agentes pessoais para encontrá-la. Temos de agir com calma. Nesse meio tempo, há a ameaça ao nosso empreendimento maior. A Woods Hole Oceanographic Institution está trabalhando com a NUMA para explorar a Cidade Perdida."

"Kurt Austin, o homem que resgatou as pessoas do fundo da geleira, era da NUMA. Há alguma ligação?"

"Que eu saiba, não", disse Racine. "A expedição conjunta estava sendo planejada antes de Austin aparecer em cena. Estou preocupado com o fato de que a expedição poderia ver os resultados de nosso trabalho e as questões seriam levantadas."

"Não podemos nos permitir isso."

"Concordo. É por isso que eu coloquei um plano em prática. O submersível de águas profundas Alvin está programado para fazer vários mergulhos. Ele desaparecerá no primeiro."

"Isso é sensato? Isso provocaria um grande esforço de busca e resgate. Investigadores e repórteres vão se aglomerar no local."

Um sorriso sem humor surgiu nos lábios de Racine. "É verdade, mas somente se o desaparecimento for relatado ao mundo exterior. O navio de apoio também desaparecerá, com toda a sua tripulação, antes que o desaparecimento do Alvin seja relatado. Os pesquisadores terão milhares de quilômetros quadrados de oceano para enfrentar."

"Um navio e uma tripulação desaparecidos! Seus talentos sempre me impressionaram, mãe, mas eu não sabia que você era mágica."

"Aprenda comigo, então. Use o fracasso como um trampolim para o sucesso. Um navio está se dirigindo para a Cidade Perdida com um porão cheio de nossos erros. Ele será controlado remotamente por outro navio a vários quilômetros de distância. Ele ancorará próximo ao local do mergulho. Assim que o submersível for lançado, o navio dará um sinal de socorro, um incêndio a bordo será relatado e o navio de pesquisa enviará um barco para investigar. A equipe de embarque será recebida por nossos adoráveis famintos. Quando terminarem seu trabalho, o cargueiro será movido casco a casco com o navio de pesquisa e os explosivos a bordo serão detonados por controle remoto. Os dois navios desaparecerão. Sem testemunhas. Não queremos que se repita a situação com o pessoal da televisão." "Um quase desastre", admitiu Emil.

"Verdadeiro reality show", disse ela. "Tivemos sorte de o único sobrevivente ser considerado um lunático tagarela. Mais uma coisa. Kurt Austin pediu uma reunião. Ele diz que tem informações que podem ser do interesse de nossa família sobre o corpo na geleira."

"Ele sabe sobre Jules?"

"Nós vamos descobrir. Eu o convidei para vir aqui. Se eu perceber que ele sabe demais, eu o colocarei em suas mãos."

Emil se levantou e deu a volta na mesa. Ele deu um beijo na bochecha de sua mãe. Racine o observou quando ele saiu do arsenal, pensando em como Emil encarnava bem o espírito Fauchard. Como seu pai, ele era brilhante, cruel, sádico, homicida e ganancioso. E também como seu pai, Emil não tinha bom senso e era impulsivo. Essas foram as mesmas características que levaram Racine a matar seu marido muitos anos antes, quando suas ações estavam prestes a prejudicar seus planos.

Emil queria assumir seu cargo, mas ela temia pelo futuro do império Fauchard e por seus planos cuidadosamente elaborados. Ela também sabia que Emil não hesitaria em matá-la quando chegasse a hora, o que era uma das razões pelas quais ela havia mantido Emil no escuro quanto ao real significado da relíquia. Ela odiaria ter que se desfazer de seu único filho, mas era preciso ter cuidado quando uma víbora morava na casa.

Ela pegou o telefone. O criador de galinhas que Emil havia levado para fora da estrada precisava ser encontrado e indenizado pelos danos causados aos seus pintinhos e à sua dignidade.

Ela suspirou pesadamente, pensando que o trabalho de uma mãe nunca termina.

ABENÇOADO por mares calmos e ventos favoráveis, o navio de pesquisa Atlantis percorreu rapidamente a distância das Ilhas dos Açores e ancorou ao norte da Cordilheira do Meio Atlântico, sobre uma montanha marinha submersa chamada Maciço Atlântico. O monte submarino se eleva bruscamente do fundo do oceano a cerca de 1.500 milhas a leste das Bermudas e ao sul dos Açores. Em um passado distante, o maciço se projetava do oceano, mas agora seu topo plano está a cerca de 2500 pés abaixo das ondas.

Alvin estava programado para mergulhar na manhã seguinte. Após o jantar, Paul e Gamay se reuniram com os outros cientistas a bordo para discutir o mergulho. Eles decidiram coletar amostras de rochas, minerais e plantas na área ao redor da Cidade Perdida e registrar o maior número possível de observações visuais.

O Grupo Alvin, uma equipe de sete membros composta por pilotos e engenheiros, acordou ao amanhecer e às seis horas, eles estavam começando a fazer uma lista de verificação de 14 páginas. Por volta das sete horas, eles estavam se aglomerando sobre o submersível, verificando suas baterias, componentes eletrônicos e outros sistemas e instrumentos. Eles colocaram câmeras fotográficas e de vídeo a bordo, além de almoços e roupas quentes extras para o piloto e os cientistas.

Em seguida, colocaram pilhas de barras de ferro na parte externa do casco para tornar o submersível pesado o suficiente para afundar. A viagem do Alvin até o fundo do oceano foi mais uma descida em queda livre do que um mergulho de fato. Quando chegava a hora de subir, o submersível soltava os pesos de lastro e flutuava até a superfície. Por motivos de segurança, os braços do manipulador podiam ser soltos se ficassem presos e se o submersível tivesse problemas, ele poderia se livrar do casco externo de fibra de vidro, permitindo que a esfera subisse à superfície por conta própria. Se o submersível ficasse em apuros, a tripulação teria setenta e duas horas de suporte à vida.

Paul Trout era um pescador veterano que entendia a natureza peculiar do oceano. Ele havia verificado os boletins meteorológicos, mas confiava principalmente em seus próprios instintos e experiência. Ele examinou as condições do tempo e do mar no convés do Atlantis. O céu azul profundo não estava marcado por nuvens, exceto por alguns cirros e ele já tinha visto mares mais agitados em uma banheira. As condições eram perfeitas para um mergulho. Assim que amanheceu, a equipe de mergulho lançou dois transponders no fundo do oceano na área geral do mergulho do Alvin. Os transponders emitiam um som de *ping* que permitia ao submersível manter o controle de sua posição em um mundo escuro onde não havia placas de rua e as técnicas comuns de navegação na superfície eram praticamente inúteis.

Gamay estava por perto, absorta em uma conversa telefônica com o Dr. Osborne. Eles estavam discutindo as últimas fotos de satélite da infestação de ervas daninhas.

"A erva daninha está se espalhando mais rapidamente do que calculamos", disse Osborne. "Grandes massas dela estão se dirigindo para a costa leste dos Estados Unidos. E começaram a aparecer manchas no Pacífico."

"Estamos prestes a lançar o Alvin", disse Gamay. "Estamos em um período de calmaria, portanto a água deve estar relativamente limpa."

"Vocês precisarão de toda a visibilidade que puderem obter", disse Osborne. "Fiquem atentos às áreas de crescimento. A fonte da infestação pode não ser facilmente aparente."

"As câmeras estarão rodando a cada minuto e talvez detectemos algo quando olharmos as imagens", disse Gamay. "Enviarei as fotos de volta assim que tivermos alguma coisa."

Depois que Gamay desligou, ela transmitiu as palavras de Osborne a Paul. Estava na hora de ir embora. Uma multidão de pessoas se reuniu na cauda do navio para assistir. Um deles era um homem magro, com cabelos claros, que se aproximou e lhes desejou boa sorte. Charlie Beck era o líder de uma equipe que estava treinando a tripulação do navio em procedimentos de segurança.

"Vocês têm muita coragem de descer nessa coisa", disse ele. "Os veículos de tranasporte dos SEALs sempre me deixaram claustrofóbico."

"Vai ser um pouco apertado", disse Gamay, "mas é só por algumas horas".

Quando não estava mergulhando, o submersível ficava alojado no convés de popa em um depósito especial conhecido como hangar do Alvin. Agora as portas do hangar se abriram e o Alvin emergiu, movendo-se em direção à popa em um conjunto de trilhos, finalmente parando sob a estrutura *A*. Os Trouts e o piloto subiram uma escada e atravessaram uma ponte estreita até a parte superior pintada de vermelho do submarino, ou "vela", como era chamada. Eles tiraram os sapatos e se espremeram pela escotilha de 20 polegadas.

Dois mergulhadores da escolta subiram no submersível e prenderam um cabo de guincho na estrutura A. Enquanto isso, um pequeno barco inflável foi lançado pela lateral. Controlado por um engenheiro na "Dog House", uma pequena sala no topo do hangar, a estrutura A puxou o veículo de dezoito toneladas para fora do convés e o baixou no oceano com os mergulhadores da escolta ainda pendurados. Os mergulhadores removeram os cabos que prendiam a cesta de ferramentas na extremidade da proa do submersível, fizeram uma última verificação e se despediram pela escotilha, depois nadaram até o inflável para serem levados de volta ao navio.

Eles se sentaram na cabine apertada do submersível, uma esfera de pressão de titânio com oitenta e duas polegadas de diâmetro. Praticamente cada centímetro do interior da esfera era coberto por painéis que continham interruptores para ativação de energia, controle de lastro, monitores de oxigênio e dióxido de carbono e outros instrumentos. A piloto sentou-se em um banco baixo e elevado, onde podia controlar o veículo com o joystick à sua frente.

Os Trouts se espremeram no espaço apertado de cada lado do piloto, sentados em almofadas que proporcionavam um mínimo de conforto. Apesar do espaço apertado, Trout estava animado. Apenas sua reserva da Nova Inglaterra o impedia de gritar de alegria. Para um geólogo de oceano profundo, os aposentos apertados do Alvin eram melhores do que um camarote de luxo no QE2.

Desde sua construção para a Marinha dos Estados Unidos em 1964, as façanhas do Alvin o tornaram o submersível mais famoso do mundo. O pequeno e atarracado veículo de vinte e cinco pés de comprimento com o nome do esquilo cantor podia mergulhar a uma profundidade de até quatorze mil pés. O veículo ganhou as manchetes internacionais depois de encontrar uma bomba de hidrogênio perdida na costa da Espanha. Em outra expedição, ele transportou os primeiros visitantes ao túmulo do Titanic.

Os assentos no Alvin eram difíceis de conseguir. Trout se considerava extremamente sortudo. Se não fosse pela natureza urgente da expedição, ele poderia ter esperado anos para mergulhar, mesmo com suas impressionantes credenciais NUMA e conexões internas.

A piloto era uma jovem bióloga marinha da Carolina do Sul, cujo nome era Sandy Jackson. Com seu comportamento calmo e frio e seu sotaque lacônico, Sandy parecia uma versão mais jovem da lendária aviadora Jacqueline Cochran. Ela era uma mulher magra, na casa dos trinta anos e por baixo da calça jeans e do suéter de lã, tinha o físico robusto de uma corredora de maratona. O cabelo do tom ruivo estava preso sob o boné de beisebol do submersível Alvin, que ela usava com a viseira azul-marinho virada para trás.

Enquanto Gamay se contentou com um macacão funcional de uma peça só, Trout não viu motivo para mudar seus hábitos de vestuário para um mergulho em alto-mar.

Ele estava impecavelmente vestido, como sempre. Seus jeans lavados como pedra eram feitos sob medida, sua camisa de botão era da Brooks Brothers e ele usava uma das grandes gravatas-borboleta coloridas que colecionava. Essa tinha um padrão de cavalo-marinho. Sua jaqueta tipo piloto de bombardeiro era feita do mais fino couro italiano. Até mesmo sua cueca longa de seda era feita sob medida. Seu cabelo castanho-claro era cuidadosamente repartido ao meio e penteado para trás nas têmporas, fazendo-o parecer um personagem de um romance de F. Scott Fitzgerald.

"Esta é uma viagem fácil", disse Sandy quando os tanques se encheram de água e o submersível começou seu mergulho de 2500 pés. "O Alvin mergulha cerca de 30 metros por minuto, o que significa que chegaremos ao fundo em menos de meia hora. Se estivéssemos mergulhando até o máximo de 15.000 pés, cairíamos por uma hora e meia. Normalmente, tocamos música clássica na descida e rock suave na subida", disse Sandy, "mas você decide".

"Mozart daria o clima adequado", disse Gamay.

Um momento depois, a cabine foi preenchida com os acordes suaves de um concerto para piano.

"Estamos quase no meio do caminho", disse Sandy depois de quinze minutos.

Trout recebeu o anúncio com um largo sorriso. "Mal posso esperar para ver essa metrópole subaquática."

Enquanto o Alvin afundava nas profundezas, o Atlantis se movia em um círculo lento acima da área de mergulho e a equipe de apoio se reunia com o cientista-chefe no laboratório superior, entre a ponte e a sala de gráficos, onde o mergulho é monitorado.

Sandy relatou o progresso deles com o telefone acústico, recebeu a resposta distorcida e em seguida, voltou-se para os Trouts.

O submarino continuou sua descida.

"O que vocês sabem sobre a Cidade Perdida?", disse ela.

"Pelo que li, ela foi encontrada por acidente no ano 2000. A descoberta aparentemente foi uma grande surpresa", disse Gamay.

Sandy acenou com a cabeça. "Surpresa nem começa a descrever nossa reação.

Chocada seria um termo mais preciso. Estávamos rebocando o Argo II atrás do navio à procura de atividade vulcânica na cordilheira do meio do oceano. Por volta da meia-noite, o líder do segundo turno viu o que pareciam ser árvores de Natal brancas congeladas nas telas dos monitores de vídeo e percebeu que havíamos atingido as fontes hidrotermais. Não vimos vermes tubulares ou moluscos como os encontrados em outras áreas de respiradouros oceânicos. A notícia se espalhou como fogo. Em pouco tempo, todos no navio estavam tentando se espremer na sala de controle. A essa altura, já estávamos começando a ver as torres."

"Ouvi um cientista dizer que, se a Cidade Perdida estivesse em terra, seria um parque nacional", disse Trout.

"Não foi apenas o que encontramos, mas onde encontramos. A maioria dos respiradouros que foram descobertos anteriormente, como os "fumantes negros", por exemplo, estavam próximos a cordilheiras médio-oceânicas formadas por placas tectônicas. A Cidade Perdida fica a nove milhas do centro vulcânico mais próximo. Enviamos o Alvin para lá no dia seguinte."

"Sei que algumas colunas têm quase vinte andares de altura", disse Trout.

Sandy ligou os holofotes externos e olhou através de sua porta de visualização. "Vejam vocês mesmos."

Paul e Gamay espiaram pelas janelas circulares. Eles tinham visto as fotos e os vídeos da Cidade Perdida, mas nada poderia tê-los preparado para a cena primordial que se desenrolava diante deles. Os grandes olhos cor de avelã de Paul piscavam de excitação enquanto o veículo deslizava sobre uma fantástica floresta de colunas elevadas. Gamay, que estava igualmente encantada, disse que as colunas a lembravam dos "fantasmas de neve" que se formam no topo das montanhas, onde a névoa super-resfriada forma tufos de friagem nos galhos das árvores.

A cor dos pilares de carbonato e mica variava entre o branco intenso e o bege. Gamay sabia, por meio de sua pesquisa, que as colunas de cores mais claras estavam ativas, enquanto as mais escuras estavam extintas. As torres se erguiam em múltiplos pináculos emplumados em seus cumes. Delicadas abas brancas se projetavam das laterais da mesma forma que os cogumelos crescem em velhos troncos de árvores. Novos cristais se formavam continuamente, dando às bordas a aparência de uma renda espanhola.

Em um determinado momento, Sandy diminuiu a velocidade de descida do Alvin e o submersível pairou perto de uma chaminé cujo topo plano tinha pelo menos seis metros de diâmetro. A torre parecia estar viva e em movimento. A chaminé estava coberta com esteiras de crescimento que ondulavam nas correntes do fundo, como se estivessem no ritmo da música dos alto-falantes.

Gamay soltou a respiração que estava segurando. "Isso é como estar em uma paisagem de sonho."

"Eu já vi isso antes e ainda estou maravilhada", disse Sandy. Ela dirigiu o Alvin para perto do topo da coluna alta. "É aqui que as coisas ficam realmente interessantes. A água quente que vem de baixo do fundo do mar sobe e fica presa sob esses flanges. Essas esteiras que você vê são, na verdade, comunidades microbianas densas. Os flanges prendem os fluidos alcalinos de 160 graus que sobem pelas chaminés a partir da crosta oceânica com 1,5 bilhão de anos. A água carrega metano, hidrogênio e minerais emitidos pelos respiradouros. Algumas pessoas acham que podemos estar vendo o início da vida", disse ela em voz baixa.

Trout se virou para sua esposa. "Sou estritamente um cara de rocha e cascalho", disse ele. "Como biólogo, o que você acha dessa teoria?"

"Certamente é possível", disse Gamay. "As condições lá fora podem ser semelhantes às que existiam nos primórdios da Terra. Esses micróbios que vivem ao redor das colunas se assemelham às primeiras formas de vida que evoluíram no mar. Se esse processo puder ocorrer sem vulcões, isso aumentará muito o número de locais no fundo do mar da Terra primitiva onde a vida microbiana poderia ter começado. Respiros como esses também poderiam ser incubadoras de vida em outros planetas. As luas de Júpiter podem ter oceanos congelados que poderiam estar repletos de vida. A Cordilheira do Meio Atlântico tem centenas de quilômetros de extensão, portanto, o potencial para novas descobertas é infinito."

"Fascinante", disse Trout.

"Onde fica o epicentro da erva Gorgon a partir daqui?" perguntou Gamay.

Sandy olhou para seus instrumentos. "Um pouco a leste daqui. A velocidade do Alvin é de apenas dois nós no máximo, portanto, sente-se e aproveite o passeio, como dizem os pilotos de avião".

As torres foram se afinando e começaram a desaparecer à medida que o submersível se afastava da Cidade Perdida. Por fim, no entanto, as luzes começaram a destacar mais torres.

Sandy soltou um assobio baixo. "Uau! É uma Cidade Perdida totalmente nova. Inacreditável!"

O submersível abriu caminho em meio a um matagal de torres que se estendia em todas as direções além do alcance das luzes brilhantes do veículo.

"Isso faz com que a Cidade Perdida original se pareça com East Podunk", disse Trout, enquanto olhava com admiração pela porta de visualização. "Estamos falando de arranha-céus de verdade aqui. Aquele ali parece o Empire State Building."

"Ugh", disse Gamay um momento depois. "Acho que este é o lugar. Me lembra o kudzu."

Eles estavam se aproximando de uma cortina verde-escura de algas que flutuava como uma nuvem de fumaça entre os pináculos.

O Alvin subiu cerca de 30 pés, passou por cima da nuvem, depois desceu novamente quando já estavam livres.

"É engraçado ver coisas assim a essa profundidade", disse Gamay, balançando a cabeça.

Trout estava olhando para fora de sua porta de visualização. "Não é só isso que é engraçado", ele murmurou. "Estou vendo coisas à direita?"

Sandy dirigiu o Alvin de modo que a força total das luzes klieg fosse direcionada para o fundo do mar.

"Não pode ser!", disse ela, como se tivesse visto um McDonald's em uma esquina da recém-descoberta metrópole submarina. Ela levou o submersível a poucos metros do fundo do mar. Duas linhas de rastros paralelos, com pelo menos seis metros de distância, levavam à escuridão. "Parece que não somos os primeiros visitantes", disse Trout.

"Parece que uma escavadeira gigante passou por aqui", disse Sandy. "Mas isso é impossível." Ela fez uma pausa e em seguida, em um tom abafado, disse: "Talvez esta seja realmente a cidade perdida de Atlântida".

"Boa tentativa, mas esses rastros parecem muito recentes", disse Paul.

Os rastros seguiram em linha reta por um tempo e em seguida, curvaram-se entre duas torres que se elevavam a quase 90 metros de altura. Em vários pontos ao longo do caminho, eles se depararam com torres deitadas de lado, como pinos de boliche tombados. Outros pilares haviam sido reduzidos a pó por passos gigantescos. Algo muito grande e poderoso havia cortado uma faixa na nova Cidade Perdida.

"Parece uma operação de desmatamento submarino", disse Trout.

Gamay e Paul usaram as câmeras de vídeo e fotográficas para registrar a cena de destruição. Eles estavam a pelo menos 800 metros do novo campo de ventilação. A Cidade Perdida original era como um bosque de pinheiros comparado a uma floresta de sequoias. Algumas das torres eram tão altas que seus cumes eram invisíveis. De tempos em tempos, eles precisavam desviar de grandes manchas de algas.

"Graças a Deus por essas câmeras", disse Sandy. "O pessoal da superfície não acreditaria no que estamos vendo."

"Eu mesmo não acredito", disse Trout. "O que foi aquilo?"

"Eu também vi", disse Gamay. "Uma grande sombra passou sobre nós." "Uma baleia?" disse Trout. "Não a essa profundidade", respondeu Gamay.

"E se fosse uma lula gigante? Ouvi dizer que elas podem mergulhar mais fundo do que as baleias."

"Ah, tudo é possível em um lugar como este", disse Gamay.

Trout pediu a Sandy que colocasse o veículo em um giro lento.

"Sem problemas", disse Sandy, acionando os controles. O veículo começou a girar lentamente. Eles estavam no meio de uma concentração apertada de torres que obscurecia a visão em todas as direções.

As torres diretamente na frente do Alvin pareciam estar vibrando como as cordas de um piano. Então, duas ou três das torres desmoronaram em câmera lenta e se desintegraram em uma nuvem de fumaça. Trout teve uma vaga impressão de que algo negro e monstruoso estava emergindo da cortina de fumaça e se dirigindo diretamente para eles.

Trout gritou para Sandy colocar o Alvin em marcha à ré, sabendo que ele era muito lento para se esquivar de algo mais rápido que uma água-viva, mas o piloto estava paralisado pelo gigante que avançava e não respondeu até que fosse tarde demais.

O veículo estremeceu e um barulho metálico alto sacudiu o casco de pressão.

Sandy tentou mover o submersível para trás, mas não houve resposta dos controles.

Trout olhou novamente pela porta de visualização.

Onde um instante antes as luzes haviam iluminado uma floresta de torres brancas e bege, uma boca monstruosa bocejava à frente.

Inexoravelmente, o Alvin foi atraído para a grande boca brilhante.

O ALVIN NÃO TINHA respondido ao chamado e embora ainda não tivesse chegado à superfície, a preocupação estava aumentando a bordo do Atlantis a cada momento. No início, houve pouca apreensão. O submersível tinha um histórico de segurança impecável e carregava sistemas de backup confiáveis para o caso de uma emergência. A tensão já havia atingido um pico quando um estranho navio apareceu. Charlie Beck encostou-se à amurada, examinando a embarcação com seus binóculos. Era um pequeno cargueiro que já havia passado do seu auge. Seu casco estava cheio de manchas cancerosas de ferrugem e precisava muito de uma camada de tinta. O navio parecia assombrado por um ar geral de negligência. Pintado abaixo do nome no casco marcado estava o país de registro, Malta.

Beck sabia que o cargueiro provavelmente não era celta nem maltês e que essas eram designações de conveniência. O nome do navio poderia ter sido mudado cinco vezes no último ano. Sua tripulação seria, sem dúvida, composta por marinheiros mal pagos de países do terceiro ou quarto mundo. Era o exemplo perfeito de um possível navio pirata ou navio terrorista, o que alguns no setor de segurança marítima chamam de "marinha da Al Qaeda".

Como guerreiro profissional, o capitão Charlie Beck vivia em um mundo relativamente simples. Os clientes lhe davam trabalhos para fazer e ele os fazia. Em seus raros momentos de reflexão, Beck pensava que um dia deveria erguer um memorial em homenagem ao pirata Barba Negra. Se não fosse por William Teach e pelos irmãos sanguinários que o sucederam, Beck raciocinou, ele não teria sua Mercedes, sua lancha na Baía de Chesapeake ou sua casa de troféus na região de cavalos da Virgínia. Ele seria um burocrata quebrado, sentado atrás de uma mesa no labirinto do Pentágono, olhando para sua pistola de serviço e pensando em colocar uma bala em seu cérebro.

Beck era proprietário da Triple S, abreviação de Sea Security Services, uma empresa de consultoria especializada que contratava proprietários de navios preocupados com a ameaça da pirataria. Suas equipes de segurança viajavam por todo o mundo, ensinando as tripulações dos navios a reconhecer e a se defender contra ataques no mar. Em águas altamente perigosas, as equipes da Triple S, fortemente armadas, também acompanhavam os navios.

A empresa havia começado com alguns ex-SEALs da Marinha que sentiam falta de estar em ação. Os negócios cresceram rapidamente, impulsionados pelo rápido crescimento da pirataria. Mas os ataques ao World Trade Center aumentaram a conscientização sobre as ameaças de terrorismo e Beck logo se viu à frente de uma corporação distante e multimilionária. Os proprietários de navios comerciais sempre se preocuparam com a pirataria, mas foi o ataque ao navio de pesquisa Maurice Ewing que despertou a comunidade científica. O Ewing estava em uma expedição oceanográfica na costa da Somália quando um grupo de homens em um pequeno barco atacou a embarcação com tiros e lançou uma granada propelida por foguete contra o navio de pesquisa.

A granada não atingiu o Ewing e o navio conseguiu fugir em segurança, mas o incidente demonstrou que um navio de pesquisa em uma expedição científica pacífica era considerado um prêmio tanto quanto um navio de contêineres que transportava cargas valiosas. Para um pirata, um navio de pesquisa era um filão flutuante. Um pirata poderia vender um laptop roubado no mercado negro por mais dinheiro do que poderia ganhar em um ano em um emprego respeitável.

Como um homem de negócios perspicaz, Beck viu um nicho a ser preenchido. Os negócios eram apenas parte de sua motivação. Por mais duro que Beck fosse, ele não era desprovido de sentimentos. Tinha um amor especial pelo mar e os ataques contra a pesquisa científica oceânica eram pessoalmente ofensivos para ele.

A empresa de Beck havia desenvolvido um programa voltado especificamente para a segurança de navios de pesquisa, que eram particularmente vulneráveis a ataques porque ficavam ancorados por longos períodos de tempo para realizar perfurações oceânicas e fornecer suporte a veículos ou submersíveis amarrados. Um navio parado era um alvo fácil para os piratas.

Beck e uma equipe de SEALs subiram a bordo do navio de pesquisa Atlantis por meio de um acordo prévio com a divisão de operações de loja da Woods Hole Oceanographic Institution. Depois de parar por alguns dias para fazer a sondagem da Cidade Perdida, o Atlantis planejava navegar até o Oceano Índico e contratou uma equipe da Triple S para acompanhá-lo. Beck, que participava das operações sempre que podia, estava em uma posição de liderança. Beck, que participava de operações sempre que podia, queria que a tripulação do navio e seus homens estivessem preparados. Ele havia lido sobre a Cidade Perdida em uma revista científica e estava ansioso para participar da expedição.

Beck tinha cerca de 50 anos e seu cabelo já estava salpicado de cinza e as rugas de emolduravam seus olhos cinzentos. Ele travava uma batalha constante, por meio de dieta e exercícios, contra uma persistente barriguinha de meia-idade. No entanto, ele ainda mantinha a atitude de tartaruga e a magreza que o haviam ajudado a superar o treinamento desafiador, às vezes brutal, dos SEALs e dirigia sua empresa com disciplina militar.

Na viagem, Beck e sua equipe de três homens de ex-SEALs submeteram a tripulação e os cientistas aos exercícios de treinamento habituais. Eles ensinaram à equipe científica que a velocidade e a surpresa eram os melhores aliados de um pirata. As tripulações aprenderam a variar os horários, restringir o acesso ao porto, viajar à luz do dia, identificar uma ameaça em potencial, apontar os holofotes, manter as vigias noturnas em alerta máximo e repelir invasores com mangueiras de incêndio. E se tudo isso falhasse, eles deveriam dar aos piratas o que eles queriam. Nenhum computador de navio valia a vida de alguém.

O treinamento tinha corrido bem, mas à medida que a atividade científica a bordo aumentava, os pensamentos sobre segurança eram deixados de lado. Ao contrário do Sudeste Asiático e da África, as águas ao redor da Cordilheira do Meio Atlântico não eram consideradas território de piratas. Houve uma certa empolgação quando o Alvin foi lançado, mas não havia muito o que fazer até que ele ressurgisse. Então, o estranho navio apareceu em meio à crise do Alvin. Para Beck, aquilo parecia uma coincidência muito grande.

Embora ele soubesse que o Atlantis não estava em águas normalmente perigosas e que não havia nada de abertamente ameaçador no navio ou em seu comportamento, ele observou com cuidado depois que o navio parou na água e em seguida, subiu à ponte para consultar o capitão. Quando Beck entrou na casa do leme, pôde ouvir uma voz gritando pelo rádio.

"*Mayday, Mayday*. Respondam."

O capitão estava com o microfone na mão e tentava retornar a chamada. "*Mayday* recebido. Aqui é o navio de pesquisa Atlantis. Por favor, informe o motivo de seu pedido de socorro".

O pedido de socorro foi repetido sem nenhuma explicação. Enquanto o capitão tentava fazer contato, mais uma vez sem sucesso, uma fumaça negra e gordurosa saiu do convés do navio.

O capitão examinou o navio com seus binóculos. "Parece que há um incêndio em um dos porões."

Ele ordenou que o timoneiro se aproximasse do outro navio. O pedido de socorro continuava se repetindo. O Atlantis parou a algumas centenas de metros do cargueiro. Beck examinou o convés do navio. A fumaça ainda saía do porão, mas ele ficou surpreso por não ver ninguém no convés. Com um incêndio a bordo, os tripulantes deveriam estar se aglomerando nas amuradas tentando chamar a atenção, subindo nos botes salva-vidas ou pulando para o lado.

As antenas de Beck começaram a tremer. "O que você acha disso?", perguntou ele ao capitão. O capitão baixou os binóculos. "Não consigo entender. Um incêndio não teria incapacitado toda a tripulação. Alguém estava operando o navio até alguns minutos atrás. E aparentemente há alguém na ponte que está enviando o sinal de socorro. É melhor eu enviar uma equipe para investigar. Talvez a tripulação esteja incapacitada ou presa lá embaixo."

Beck disse: "Use meus homens. Eles são treinados em embarque e em tratamento médico". Ele sorriu. "Além disso, eles estão ficando preguiçosos e precisam se exercitar."

"Fique à vontade", disse o capitão. "Já tenho muito em que pensar com o Alvin." Ele ordenou que seu imediato preparasse um pequeno barco de transporte.

Os homens de Beck estavam no convés, com os olhos grudados na visão dramática do navio em chamas. Ele ordenou que eles reunissem suas armas e munições.

"Vocês estão ficando flácidos", disse ele. "Pensem nisso como um exercício, mas mantenham suas armas carregadas. Fiquem atentos o tempo todo."

A equipe entrou em ação. Os homens estavam entediados com a inatividade e gostaram da diversão. Os SEALs da Marinha são conhecidos por suas vestimentas não convencionais. Um olhar atento teria reconhecido o "drive-on rag", as faixas de cabeça, o capacete não oficial que muitos SEALs preferiam ao tradicional chapéu de aba larga. Mas eles haviam trocado seus uniformes de camuflagem por calças jeans e camisas de trabalho.

Até mesmo uma pequena equipe de SEALs como a de Beck podia produzir um incrível poder de fogo. Eles mantinham suas armas embrulhadas em panos e fora de vista. Beck preferia a espingarda calibre 12 de cano curto, capaz de cortar um homem ao meio. Seus homens carregavam a Car-15 preta, uma versão compacta da M-16 preferida por muitos SEALs.

Beck e seus homens subiram em um barco inflável movido a motor de popa e rapidamente cobriram a distância entre os dois navios. Beck, que estava no leme, fez uma finta em direção ao navio. Quando não conseguiu atrair fogo, ele se aproximou para dar uma olhada mais de perto, indo em direção a uma escada que ficava pendurada na lateral do casco, perto da proa.

Abrigados sob as laterais íngremes do navio, eles colocaram suas máscaras de gás e empunharam suas armas. Em seguida, subiram para o convés cheio de fumaça. Beck se juntou ao seu homem menos experiente e enviou o restante da equipe para o outro lado, com ordens de seguir para a popa.

Um momento depois, eles se reuniram sem ver ninguém e começaram a se dirigir à ponte. Eles subiram os corredores aos saltos, com cada equipe de dois homens cobrindo a outra. "Mayday, Mayday. Respondam."

A voz estava vindo pela porta aberta da casa do leme. Mas quando eles entraram, a casa do leme estava vazia.

Beck foi até lá e examinou o gravador ao lado do microfone. Ele havia sido configurado para reproduzir a mesma mensagem várias vezes. Os alarmes soaram em sua cabeça.

"Puta que pariu", disse um de seus homens. "Que diabos é isso?" O mau cheiro estava passando por suas máscaras. "Não importa o cheiro", disse Beck calmamente, engatilhando sua espingarda. "Voltem para o barco. Em tempo recorde."

As palavras de Beck mal haviam saído de seus lábios quando um grito de gelar o sangue encheu a casa do leme. Uma aparição aterrorizante havia se lançado pela porta aberta. Agindo por puro instinto, o capitão levantou a arma em um único movimento e disparou de seu quadril.

Houve mais gritos misturados com os gritos de seus homens e vislumbres borrados de longos cabelos brancos, dentes amarelos, olhos vermelhos brilhantes e corpos em disparada.

Sua espingarda foi arrancada de suas mãos. Mãos atrofiadas arranharam sua garganta. Ele foi jogado no convés e o cheiro avassalador de carne em decomposição encheu suas narinas.

O ROLLS-ROYCE Silver Cloud corria pela paisagem rural francesa banhada pelo sol, passando por um borrão de casas de fazenda, campos verdes ondulados e palheiros amarelos. Darnay havia oferecido o uso de seu carro antes de voar para a Provence. Ao contrário de seu colega Dirk Pitt, que preferia carros exóticos, Austin dirigiu um veículo sem descrição do parque automobilístico da NUMA em seu país. Enquanto o Rolls passava por colinas e vales, Austin se sentiu como se estivesse no controle de um tapete voador.

Skye estava sentada ao lado dele, com os cabelos bagunçados pela brisa quente que passava pelas janelas abertas. Ela notou o leve sorriso nos lábios dele. "Um centavo por seus pensamentos."

"Eu estava me parabenizando pela minha boa sorte. Estou dirigindo um carro magnífico por uma paisagem que poderia ter inspirado uma pintura de Van Gogh. Há uma mulher adorável ao meu lado. E estou na folha de pagamento da NUMA".

Skye olhava com saudade para a paisagem que passava. "É uma pena que você esteja sendo pago. Caso contrário, poderíamos esquecer os Fauchards e partir por conta própria. Estou tão cansada de todo esse negócio sórdido."

"Isso não deve demorar muito", disse Austin. "Passamos por uma charmosa *taverne* há pouco. Depois de visitarmos o clã Fauchard, poderíamos parar e fazer o jantar que estamos adiando."

"Mais um motivo para encerrarmos nossa visita o mais rápido possível." O carro estava se aproximando de um cruzamento. Skye consultou um mapa. "Devemos estar virando não muito longe daqui."

Vários minutos depois, Austin colocou o carro em uma faixa estreita de macadame. Trilhas de terra batida se ramificavam da estrada e davam acesso a vinhedos que se estendiam até onde a vista alcançava. Por fim, os vinhedos foram se diluindo e o carro chegou a uma cerca de arame eletrificado. Havia placas de proibido transgredir em vários idiomas penduradas na cerca. O portão estava aberto, então eles seguiram em frente e entraram em uma floresta densa. Troncos grossos de árvores abraçavam a estrada dos dois lados e a densa copa filtrava os raios de sol.

A temperatura caiu vários graus. Skye cruzou os braços e encolheu os ombros.

"Frio?" disse Austin. "Posso abrir as janelas." "Estou bem", disse ela. "Eu não estava preparada para a mudança abrupta das lindas terras agrícolas e vinhedos. Esta floresta é... tão agourenta." Austin olhou para a floresta densa. Ele via apenas sombras além da falange de árvores. Ocasionalmente, o bosque se abria para revelar um pântano úmido. Ele acendeu os faróis, mas eles só serviram para intensificar a escuridão.

Então, o cenário começou a mudar. A estrada se alargou e foi margeada em ambos os lados por altos carvalhos. Seus galhos se entrelaçavam no alto, criando um longo túnel de árvores que se estendia por pelo menos um quilômetro antes de terminar repentinamente. A estrada começou a se elevar.

"*Mon Dieu*!" Skye exclamou quando viu a enorme pilha de granito que se erguia à frente em uma colina baixa.

Os olhos de Austin observaram as torres cônicas e as paredes altas com ameias.

"Parece que passamos por um túnel do tempo e chegamos à Transilvânia do século XIV".

Skye disse em voz baixa: "É magnífico de uma forma sinistra".

Austin estava menos encantado com a arquitetura do castelo. Ele lhe lançou um olhar de esguelha. "Eles costumavam dizer a mesma coisa sobre o Castelo Drácula".

Ele conduziu o Rolls para uma entrada de automóveis de cascalho branco que circundava uma fonte ornamentada cujo motivo era um grupo de homens de armadura se matando em um combate sangrento. Os rostos de bronze dos guerreiros em luta estavam contorcidos em agonia.

"Encantador", disse Austin.

"Ugh! É absolutamente grotesco."

Austin estacionou o Rolls perto de uma ponte em arco que atravessava um amplo fosso. Um odor de pântano subia da superfície marrom-esverdeada da água estagnada. Eles atravessaram a ponte e a ponte levadiça e passaram por um portão que dava acesso ao amplo pátio de paralelepípedos que circundava o castelo e separava o edifício das muralhas que o cercavam. Ninguém veio cumprimentá-los, então eles atravessaram o pátio e subiram as escadas para um terraço que ficava na frente da casa.

Austin colocou a mão na aldrava maciça que decorava a porta de madeira com tiras de ferro. "Isso parece familiar?"

"É o mesmo desenho de águia do capacete e do avião."

Concordando com a cabeça, Austin levantou a aldrava e a deixou cair duas vezes.

"Prevejo que um corcunda desdentado chamado Igor abrirá a porta", disse ele.

"Se isso acontecer, vou correr para o carro."

"Se isso acontecer, eu o aconselharia a não ficar no meu caminho", disse Austin. O homem que atendeu ao toque da campainha não era desdentado nem corcunda. Ele era alto, loiro e usava roupas brancas de tênis. Poderia estar na casa dos quarenta ou cinquenta anos, embora fosse difícil dizer a idade, pois seu rosto não tinha traços e ele era tão elegante quanto um atleta profissional.

"O senhor deve ser o Sr. Austin", disse o homem com um sorriso brilhante, com a mão estendida em sinal de saudação.

"É isso mesmo. E esta é minha assistente, Mademoiselle Bouchet." "Eu sou Emil Fauchard. É um prazer conhecê-la. Você é muito gentil em vir de Paris. Minha mãe estava aguardando ansiosamente sua chegada. Por favor, venham por aqui."

Ele conduziu seus convidados a um foyer espaçoso e os conduziu em ritmo acelerado por um corredor acarpetado. Nos tetos altos e abobadados estavam pintadas cenas mitológicas que mostravam ninfas, sátiros e centauros em cenários de florestas sobrenaturais. Enquanto seguiam o guia, Skye se inclinou para o ouvido de Austin. "Lá se foi sua teoria sobre Igor".

"Foi só um palpite", disse Austin com uma cara séria. Skye revirou os olhos, a única resposta apropriada ao trocadilho de Austin. O corredor parecia interminável, embora não fosse uma caminhada entediante. Decorando as paredes com painéis de madeira escura, havia enormes tapeçarias de cenas de caça medievais, mostrando figuras em tamanho natural de nobres e escudeiros cujas flechas faziam alfinetadas em infelizes veados e javalis.

Fauchard parou em uma porta, que abriu e fez um gesto para que entrassem.

A câmara em que entraram era um contraste gritante com a arquitetura gigantesca do castelo. Era pequena e íntima e com seus tetos baixos com vigas e paredes forradas com livros antigos, parecia um quarto em uma casa de campo. Uma mulher estava sentada em uma cadeira de couro em um canto da sala, lendo sob a luz que entrava por uma janela alta.

"Mãe", chamou Fauchard suavemente. "Nossos visitantes chegaram. Este é o Sr. Austin e sua assistente, Mademoiselle Bouchet." Skye havia escolhido seu pseudônimo na lista telefônica de Paris.

A mulher sorriu e colocou o livro no chão, depois se levantou para cumprimentá-los. Ela era alta e tinha uma postura quase militar. Um terno de negócios preto e um cachecol cor de lavanda realçavam sua pele pálida e seus cabelos prateados. Movendo-se tão graciosamente quanto uma bailarina, ela se aproximou e apertou as mãos. Seu aperto foi inesperadamente forte.

"Por favor, sentem-se", disse ela, indicando duas confortáveis cadeiras de couro. Olhando para seu filho, ela disse: "Nossos convidados devem estar com sede depois da longa viagem". Ela falava inglês sem sotaque.

"Vou cuidar disso quando estiver saindo", disse Emil.

Momentos depois, um criado apareceu com uma garrafa de água gelada e copos em uma bandeja. Austin observou Madame Fauchard enquanto ela dispensava o criado e enchia seus copos. Como no caso de seu filho, era difícil adivinhar sua idade. Ela poderia ter entre quarenta e sessenta anos de idade. Qualquer que fosse sua idade, ela era muito bonita em um sentido clássico. Exceto por uma rede de rugas, sua pele era tão impecável quanto um camafeu e seus olhos cinzentos eram atentos e inteligentes. Seu sorriso variava de sedutor a misterioso e quando ela falava, sua voz tinha apenas algumas das rachaduras que podem surgir com a idade.

"Foi muito gentil de sua parte e de sua assistente viajarem de Paris, Sr. Austin."

"De forma alguma, Madame Fauchard. A senhora deve estar muito ocupada com seus afazeres e fico feliz que tenha conseguido nos receber em tão pouco tempo."

Ela levantou as mãos em um gesto de espanto.

"Como eu poderia não o receber depois de ouvir sobre sua descoberta?

Sinceramente, fiquei atônita quando soube que o corpo encontrado na geleira Le Dormeur poderia ser o do meu tio-avô, Jules Fauchard. Já sobrevoei os Alpes muitas vezes, mas nunca suspeitei que um membro ilustre da minha família estivesse congelado no gelo. Tem certeza de que é o Jules?"

"Nunca vi o corpo e não posso ter certeza da identidade", disse ele. "Mas o avião Morane-Saulnier que descobri no lago glacial foi rastreado até Jules Fauchard por meio de um número de série do fabricante. Evidência circunstancial, mas ainda assim convincente."

Madame Fauchard ficou olhando para o espaço. "Só podia ser o Jules", disse ela, mais para si mesma do que para seus convidados. Reunindo seus pensamentos, ela disse: "Ele desapareceu em 1914 depois de decolar daqui em seu avião, um Morane-Saulnier. Ele adorava voar e havia frequentado escolas militares francesas de aviação, por isso era bastante habilidoso. Pobre homem. Ele deve ter ficado sem combustível ou enfrentou um clima severo nas montanhas."

"Isso fica muito longe de Le Dormeur", disse Skye. "O que o teria levado a voar até os Alpes?"

Madame Fauchard respondeu com um sorriso indulgente. "Ele era muito louco, você sabe. Isso acontece nas melhores famílias." Ela se voltou para Austin. "Soube que você trabalha na NUMA. Não fique surpreso, seu nome está em todos os jornais e na televisão. Foi muito inteligente e ousado de sua parte usar um submarino para resgatar os cientistas presos sob a geleira."

"Eu não fiz isso sozinho. Tive muita ajuda." "Modesto e inteligente", disse ela, olhando para ele com uma expressão que significava mais do que um interesse casual. "Eu li sobre o homem horrível que atacou os cientistas. O que ele poderia estar querendo?"

"Uma pergunta complicada, sem respostas fáceis. Evidentemente, ele queria garantir que ninguém pudesse recuperar o corpo. E ele levou um cofre que pode ter guardado documentos."

"É uma pena", disse ela com um suspiro. "Talvez esses documentos pudessem esclarecer o comportamento estranho do meu tio-avô. A senhora perguntou o que ele estava fazendo nos Alpes, Mademoiselle Bouchet. Só posso supor. Veja bem, Jules sofreu muito." "Ele estava doente?" disse Skye.

"Não, mas ele era um homem sensível que amava arte e literatura. Ele deveria ter nascido em outra família. Jules teve problemas por fazer parte de uma família cujos membros eram conhecidos como "Mercadores da Morte". " "

"Isso é compreensível", disse Austin. "Já nos chamaram de coisas piores, senhor. Acredite em mim. Em uma dessas ironias do destino, Jules era um homem de negócios nato. Ele era desonesto e seus esquemas de bastidores teriam dado crédito a um Maquiavel. A empresa de nossa família prosperou sob suas mãos."

"Essa imagem não parece se encaixar com o que você me disse sobre o caráter gentil dele."

"Jules odiava a violência implícita nos produtos que vendia. Mas ele achava que se não fabricássemos e vendêssemos armas, outra pessoa o faria. Ele era um grande admirador de Alfred Nobel. Assim como Nobel, ele usou grande parte da fortuna da família para promover a paz. Ele se via como um equilíbrio de forças naturais."

"Alguma coisa deve tê-lo desequilibrado."

Ela assentiu com a cabeça. "Acreditamos que tenha sido a perspectiva da Primeira Guerra Mundial. Líderes pomposos e ignorantes começaram a guerra, mas não é segredo que eles foram empurrados para o precipício pelos comerciantes de armas." "Como os Fauchards e os Krupps?"

"Os Krupps são arrivistas", disse ela, torcendo o nariz como se sentisse o cheiro de algo podre. "Eles não passavam de mineiros de carvão glorificados, parvenus que construíram suas fortunas com o sangue e o suor dos outros. Os Fauchard estavam no negócio de armas há séculos antes de os Krupps surgirem na Idade Média. O que você sabe sobre nossa família, Sr. Austin?"

"Principalmente que você é tão reservada quanto uma ostra." Madame Fauchard riu. "Quando se lida com armas, segredo não é um palavrão. No entanto, prefiro usar a palavra discreta." Ela inclinou a cabeça em pensamento e se levantou da cadeira. "Por favor, venha comigo. Vou lhe mostrar algo que lhe dirá mais sobre os Fauchards do que mil palavras."

Ela os guiou ao longo do corredor até um conjunto de portas altas e arqueadas com um emblema de uma águia de três cabeças em aço preto.

"Este é o arsenal do castelo", disse ela, quando eles passaram pela porta. "É o coração e a alma do império Fauchard."

Eles estavam em uma imensa sala cujas paredes se elevavam até o teto alto e com nervuras. A sala parecia ter a forma de uma catedral. Eles estavam em uma nave longa, com colunas, que era atravessada por um transepto, com a seção do altar atrás dele. A nave era revestida de alcovas, mas em vez de estátuas de santos, os nichos continham armas aparentemente agrupadas de acordo com o período. Mais armaduras e armas podiam ser vistas em um segundo nível que contornava o perímetro da sala.

Diretamente à frente deles, no meio de uma investida, havia quatro cavaleiros reais e suas enormes montarias empalhadas, todos com armaduras completas, lanças estendidas como se estivessem defendendo o arsenal de intrusos.

Skye examinou o conjunto com um olhar profissional. "O escopo e a extensão dessa coleção são de tirar o fôlego."

Madame Fauchard foi até lá e ficou ao lado dos cavaleiros montados. "Esses eram os tanques do exército de sua época", disse ela. "Imagine-se como um pobre soldado de infantaria, armado apenas com uma lança, que vê esses cavalheiros se aproximando de você a todo galope." Ela sorriu, como se estivesse gostando da perspectiva.

"Formidável", disse Skye, "mas não invencível com o avanço das armas e das táticas. O arco longo tinha flechas que podiam perfurar algumas armaduras a longa distância. Uma alabarda podia penetrar na armadura e uma espada de guerra cortante de duas mãos podia despachar um cavaleiro se ele pudesse ser arrancado do cavalo. Todas as suas armaduras teriam sido inúteis contra armas de fogo".

"Você chegou ao cerne do sucesso de nossa família. Todo desenvolvimento em armamento acabaria sendo superado por um armamento mais avançado. Parece que a senhorita sabe do que está falando", disse Madame Fauchard, levantando uma sobrancelha finamente arqueada.

"Meu irmão tinha como hobby as armas antigas. Não pude deixar de aprender com ele."

"Você aprendeu bem. Todas as peças aqui foram produzidas pela família Fauchard. O que você acha da arte de nossa família?"

Skye examinou a exposição na alcova mais próxima e balançou a cabeça. "Esses capacetes são primitivos, mas extremamente bem feitos. Talvez tenham mais de dois mil anos de idade."

"Bravo! Eles foram produzidos na época pré-romana."

"Eu não sabia que os Fauchards eram tão antigos", disse Austin.

"Eu não ficaria surpreso se alguém descobrisse um desenho em uma caverna de um Fauchard fazendo uma ponta de lança de sílex para um cliente do Neolítico."

"Este castelo é um grande salto no tempo e na geografia em relação a uma caverna neolítica."

"Percorremos um longo caminho desde nosso início humilde. Nossa família era de armeiros baseados em Chipre, uma encruzilhada do comércio no Mediterrâneo. Os cruzados chegaram para construir postos avançados na ilha e admiraram nosso trabalho artesanal. Era costume dos nobres ricos contratar armeiros domésticos. Meus ancestrais se mudaram para a França e acabaram organizando várias guildas de artesãos. As famílias das guildas se casaram entre si e formaram alianças com duas outras famílias."

"Daí as três águias em seu brasão?"

"O senhor é bastante observador, Monsieur Austin. Sim, mas com o tempo as outras famílias foram marginalizadas e os Fauchards acabaram dominando o negócio. Eles controlavam diversas lojas especializadas e enviavam agentes para toda a Europa. Não havia fim para a demanda, desde a Guerra dos Trinta Anos até Napoleão. A Guerra Franco-Prussiana foi lucrativa e preparou o terreno para a Primeira Guerra Mundial. "" O que nos leva ao círculo completo de seu tio-avô. "Ela assentiu." Jules ficou taciturno, pois a guerra parecia inevitável. Naquela época, tínhamos nos transformado em um cartel de armas e assumimos o nome de Spear Industries. Ele tentou persuadir nossa família a sair da corrida armamentista, mas já era tarde demais. Como disse Lênin na época, a Europa era como um barril de pólvora."

"Que precisou apenas do assassinato do Grão-Duque Ferdinando para dar uma faísca."

"O Grão-Duque era um imbecil", disse ela, com um aceno de seus longos dedos. "Sua morte foi menos uma faísca do que uma desculpa. A indústria internacional de armas tinha acordos e patentes interligados. Cada bala disparada ou bomba explodida por qualquer um dos lados significava lucros compartilhados para os proprietários e acionistas. Os Krupps ganhavam dinheiro com as mortes dos alemães e a Spear Industries com a morte dos soldados franceses. Jules previu que essa seria a situação e o fato de que ele era o responsável final foi provavelmente o que o deixou louco." "Outra vítima da guerra?"

"Meu tio-avô era um idealista. Sua paixão lhe trouxe uma morte prematura e sem sentido. A parte triste de tudo isso é que sua morte não fez mais diferença do que a de um pobre soldado sendo gaseado nas trincheiras. Apenas algumas décadas depois, nossos líderes nos arrastaram para outra guerra mundial. As fábricas de Fauchard foram reduzidas a pó, nossos trabalhadores foram mortos. Rapidamente recuperamos nossas perdas na Guerra Fria. Mas o mundo mudou."

"Ainda era um lugar bastante perigoso da última vez que dei uma olhada", disse Austin.

"Sim, as armas estão mais mortais do que nunca, mas os conflitos são mais regionais e de curta duração. Governos, como o seu, substituíram os grandes traficantes de armas. Desde que herdei a liderança da Spear Industries, desinvestimos em nossas fábricas e somos essencialmente uma holding que subcontrata bens e serviços. Com o medo de nações desonestas e terroristas, nossos negócios permanecem estáveis."

"Uma história incrível", disse Austin. "Obrigado por ser tão franca com a história de sua família."

"De volta ao presente", disse ela, com um aceno de cabeça. "Sr. Austin, quais são as perspectivas de recuperar o avião que você encontrou no lago?

"Seria um trabalho delicado, mas não impossível para um salvador competente. Posso recomendar alguns nomes, se você quiser."

"Muito obrigado. Gostaríamos de recuperar qualquer propriedade que seja nossa por direito. Vocês planejam retornar a Paris hoje?" "Essa era nossa intenção."

"Bien. Vou lhes mostrar a saída."

Madame Fouchard os conduziu por um corredor diferente, cujas paredes eram cobertas por centenas de retratos. Ela parou em frente a uma pintura de um homem com um longo casaco de couro.

"Este é meu tio-avô Jules Fauchard", disse Madame Fauchard.

O homem na pintura tinha nariz aquilino e bigode e estava em frente a um avião semelhante ao que Austin tinha visto no museu aéreo francês. Ele usava o mesmo capacete que Skye havia entregado a seu amigo Darnay.

Um suspiro suave escapou da garganta de Skye. Foi quase inaudível, mas Madame Fauchard olhou para Skye e disse: "Há algum problema, senhorita?"

"Não", disse Skye, limpando a garganta. "Eu estava admirando aquele capacete. Ele está em sua coleção de armaduras?"

Racine olhou para Skye com firmeza.

"Não. Não está."

Austin tentou desviar o rumo da conversa.

"Não há muita semelhança familiar com você ou seu filho", disse ele.

Racine sorriu. "Os Fauchards eram de feições grosseiras, como você pode ver. Nós preferimos meu avô, que não era um Fauchard de sangue. Ele se casou com a família Fauchard e adotou o nome deles como seu. Foi um casamento arranjado, feito para unir duas famílias em uma aliança de conveniência. Não havia nenhum herdeiro homem para os Fauchard na época, então eles fabricaram um".

"Você tem uma família fascinante", disse Skye.

"Você não sabe nem a metade." Ela olhou pensativamente para Skye por um momento e sorriu. "Acabei de ter uma ideia maravilhosa. Por que vocês não ficam para o jantar? De qualquer forma, vou receber alguns convidados. Vamos fazer uma cerimônia, como nos velhos tempos. Uma pequena festa à fantasia."

"É uma longa viagem de volta a Paris. Além disso, não trouxemos fantasias", disse Austin.

"Vocês podem ficar aqui como nossos convidados. Sempre temos algumas fantasias extras. Encontraremos algo apropriado. Temos tudo o que vocês precisam para se sentirem confortáveis. Vocês podem partir bem cedo pela manhã. Não aceitarei um não como resposta".

"A senhora é muito gentil, Madame Fouchard", disse Skye. "Não queremos nos impor."

"Nenhuma imposição. Agora, se me derem licença, vou falar com meu filho sobre os preparativos para esta noite. Por favor, sintam-se à vontade para passear pelo primeiro andar do castelo. Os andares superiores são os aposentos".

Sem dizer mais nada, a Sra. Fauchard saiu em disparada pelo corredor, deixando-os apenas com a companhia dos ancestrais Fauchard. "O que foi aquilo tudo?" disse Austin, quando Madame Fauchard desapareceu em um corredor. Skye bateu palmas e esfregou as mãos.

"Meu plano funcionou! Falei propositalmente sobre minha experiência com armas no arsenal para chamar sua atenção. Depois de fisgar o anzol, eu a fisguei. Olhe, Kurt, você disse que a família Fauchard era a chave para esse negócio sob a geleira e o ataque à loja de Darnay. Não poderíamos simplesmente ir embora de mãos vazias. Qual é o problema?"

"Você pode estar em perigo. Esse é o problema. Sua boca se abriu quando viu o retrato do bom e velho Jules. Ela sabe que você reconheceu o capacete."

"Isso não foi planejado. Fiquei realmente assustada quando vi Jules usando o capacete que recuperei da geleira. Olhe, estou disposta a correr o risco. Além disso, uma festa à fantasia pode ser divertida. Ela não tentaria nada com convidados por perto. Ela parece muito gentil e não é a mulher dragão que eu esperava".

Austin não estava convencido. Madame Fauchard era uma mulher encantadora, mas ele suspeitava que sua atuação como na pintura da mãe de Whistler, era puro teatro. Ele tinha visto a nuvem passar pelo rosto dela quando Skye reagiu ao retrato acima de suas cabeças. Madame Fauchard e não Skye, havia lançado o anzol e os fisgados. Sinais de alerta soaram em seu cérebro, mas ele sorriu mesmo assim. Ele não queria alarmar Skye. "Vamos dar uma olhada", disse ele.

Eles levaram uma hora para explorar o primeiro andar. Ele cobria vários hectares, mas a maior parte do que eles viram foram corredores. Todas as portas que tentaram estavam trancadas. Enquanto percorriam o labirinto de passagens, Austin tentava memorizar o layout. Por fim, eles voltaram ao vestíbulo da porta da frente. Sua inquietação aumentou.

"Estranho", disse ele. "Um prédio desse tamanho deve exigir uma grande equipe de apoio, mas não vimos ninguém além dos Fauchards e do empregado que nos trouxe a água."

"Isso é estranho", disse Skye. Ela tentou a porta da frente e sorriu. "Olhe aqui, Sr. Worrywart. Podemos sair quando quisermos."

Eles saíram para o terraço e atravessaram o pátio até o portão. A ponte levadiça ainda estava abaixada, mas a ponte levadiça, que estava levantada quando eles entraram, havia sido baixada. Austin colocou as mãos nas barras e olhou através da grade de ferro.

"Não sairemos daqui tão cedo", disse ele com um sorriso sombrio. O Rolls-Royce havia desaparecido da entrada da garagem.

O ALVIN TINHA SE LEVANTADO como uma gaivota no topo de uma onda ondulante antes de cair em uma queda livre que terminou com um estrondo de metal contra metal. O impacto jogou as três pessoas dentro do Alvin de seus assentos. Trout tentou evitar uma colisão com Gamay e o piloto de estrutura pequena, mas seu físico de 1,80 m não era adequado para acrobacias e ele bateu contra a antepara. As galáxias giraram dentro de sua cabeça e quando as estrelas se dissiparam, ele viu o rosto de Gamay perto do seu. Ela parecia preocupada. "Você está bem?", disse ela com preocupação na voz. Trout assentiu com a cabeça. Em seguida, ele se recostou no assento e explorou com cuidado o couro cabeludo machucado com os dedos. A pele estava sensível ao toque, mas ele não estava sangrando. "O que aconteceu?" disse Sandy. "Não sei", disse Trout. "Vou dar uma olhada." Trout tentou ignorar a sensação de mal-estar em suas entranhas e se arrastou até uma porta de visualização. Por um instante, ele se perguntou se o galo em sua cabeça o estava fazendo ver coisas. O rosto carrancudo de um homem o encarou. O homem viu Trout. Ele bateu na porta de acrílico com o cano de uma arma e sacudiu o polegar para cima. A mensagem era clara. Abra a escotilha.

Gamay estava com o rosto pressionado contra outra porta de visualização. "Tem um cara muito feio lá fora", ela sussurrou. "Ele tem uma arma."

"O mesmo aqui", disse Trout. "Eles querem que a gente saia."

"O que devemos fazer?" disse Sandy.

Alguém começou a bater no casco.

"Nosso grupo de boas-vindas está ficando impaciente", disse Gamay.

"Então, estou vendo", disse Trout. "A menos que consigamos descobrir como transformar o Alvin em um submarino de ataque, sugiro que façamos o que eles quiserem."

Ele estendeu a mão e abriu a escotilha. O ar quente e úmido entrou e o mesmo rosto que ele tinha visto na porta de visualização estava emoldurado na abertura circular. O homem fez um gesto para Trout e saiu de vista. Trout enfiou a cabeça e os ombros pela escotilha e viu que o Alvin estava cercado por seis homens armados.

Movendo-se lentamente, Trout subiu para o casco do submarino. Sandy emergiu e a cor de seu rosto se esvaiu quando ela viu a festa de recepção. Ela congelou no lugar até que Gamay lhe deu um empurrão de baixo para cima e Trout a ajudou a descer até o convés de metal.

O Alvin havia parado em um compartimento bem iluminado, do tamanho de uma garagem para três carros. O ar estava pesado com o cheiro do mar. A água pingava do casco do Alvin e escorria pelos ralos do convés. O zumbido silencioso dos motores podia ser ouvido ao longe. Trout supôs que eles estavam na eclusa de ar de um enorme submarino. Em uma extremidade da câmara, as paredes se curvavam e se encontravam em um vinco horizontal, como o interior de uma grande boca mecânica. O submarino deve ter engolido o Alvin como uma garoupa comendo um camarão.

Um guarda apertou um interruptor na parede e uma porta se abriu no anteparo oposto à boca mecânica. O mesmo guarda apontou a direção com o cano de sua arma. Os prisioneiros atravessaram a porta e entraram em uma sala menor que parecia uma fábrica de robôs. Pendurados em prateleiras nas paredes havia pelo menos uma dúzia de "trajes lunares", cujos braços grossos e unidos terminavam em garras. Por seu trabalho na NUMA, Trout sabia que os trajes eram submersíveis em forma humana usados para mergulhar por longos períodos em profundidades extremas.

A porta se fechou com um sibilo e os prisioneiros marcharam por uma passagem entre três guardas na frente e três na retaguarda. Os macacões azul-marinho que os guardas usavam não tinham nenhum tipo de identificação. Os homens eram musculosos, de aparência dura, com cabelos bem cortados e se moviam com a segurança de militares treinados. Estavam na faixa dos trinta e quarenta anos, velhos demais para serem recrutas. Era impossível adivinhar suas nacionalidades porque eles se mantiveram em silêncio, preferindo comunicar seus desejos com gestos. Trout supôs que eram mercenários, provavelmente do tipo de guerra especial. O desfile seguiu seu caminho por uma rede de passagens. Por fim, os prisioneiros foram empurrados para uma cabine e a porta se fechou com um clique atrás deles. A pequena cabine tinha dois beliches, uma cadeira, um armário vazio e uma cabeceira.

"Aconchegante", disse Gamay, observando as acomodações apertadas. "Esta deve ser a cabine da terceira classe", disse Trout. Ele teve um ataque de tontura e encostou a mão no anteparo para se firmar. Ao ver a preocupação no rosto de Gamay, ele disse: "Estou bem. Mas preciso me sentar".

"Você precisa de primeiros socorros...", disse Gamay.

Enquanto Trout se sentava na beirada de um beliche, Gamay foi até a cabine e passou água fria em uma toalha. Trout colocou a toalha em sua têmpora para manter o inchaço baixo. Sandy e Gamay se revezavam para voltar à pia e reabastecer a compressa de água fria. Por fim, o inchaço diminuiu. Com muito cuidado, Trout ajustou sua gravata borboleta, que estava meio pendurada no pescoço e penteou o cabelo com os dedos.

"Está melhor?" disse Gamay.

Recém-recuperado, Trout sorriu e disse: "Você sempre me disse que um dia eu teria uma cabeça grande".

Sandy riu, apesar de seus temores. "Como você consegue ficar tão calmo?", disse ela, admirada.

A tranquilidade de Trout era menos bravata do que pragmatismo e fé em suas próprias habilidades. Como membro da Equipe de Operações Especiais da NUMA, Trout não estava acostumado ao perigo. Seu comportamento acadêmico descontraído disfarçava uma dureza inata transmitida por seus antepassados da Nova Inglaterra. Seu bisavô havia trabalhado no Serviço de Salva-Vidas, onde o lema era "Você tem que sair, mas não precisa voltar". Seu avô e seu pai pescadores lhe ensinaram a marinharia e o respeito pelo mar e Trout aprendeu a confiar em sua própria engenhosidade.

Com seu corpo esbelto e atlético e seus movimentos graciosos, seu cabelo ruivo escuro exuberante e seu sorriso brilhante, Gamay às vezes era confundida com uma modelo ou atriz. Poucos acreditariam que ela tinha sido uma moleca quando crescia em Wisconsin. Embora tivesse se tornado uma mulher que possuía todos os traços femininos desejáveis, ela não era uma flor de estufa. Rudi Gunn, o diretor assistente da NUMA, reconheceu sua inteligência quando sugeriu que ela fosse levada para a agência com seu marido. O Almirante Sandecker aceitou prontamente a sugestão de Gunn. Desde então, Gamay demonstrou sua inteligência e desenvoltura em muitas missões com a Equipe de Atribuições Especiais.

"A calma não tem nada a ver com isso", disse Gamay. "Estamos simplesmente sendo práticos. Querendo ou não, estamos presos aqui por enquanto. Vamos usar o raciocínio dedutivo para descobrir o que aconteceu."

"Os cientistas não devem tirar conclusões até que estejam prontos para apoiá-las com fatos", disse Sandy. "Não temos todos os fatos".

"Você aprendeu bem o método científico", disse Trout. "Como disse Ben Jonson, não há nada como a perspectiva de um enforcamento para concentrar a mente de uma pessoa. Como não temos todos os fatos, podemos usar o cálculo científico para nos levar aonde queremos ir. Além disso, não temos mais nada a fazer. Primeiro, sabemos com certeza que fomos sequestrados e estamos sendo mantidos prisioneiros em um grande submarino de design curioso."

"Será que esse é o veículo que fez aqueles rastros na Cidade Perdida?" disse Sandy.

"Não temos os fatos para apoiar essa teoria", disse Trout. "Mas não seria impossível projetar um submersível que pudesse se arrastar pelo fundo do mar. A NUMA tinha algo assim há alguns anos."

"Certo, então o que ele está fazendo aqui? Quem são essas pessoas? E o que eles querem de nós?"

"Tenho a sensação de que essas perguntas serão respondidas em breve", disse Gamay.

"Você está falando mais como um *swami* do que como uma cientista", disse Sandy. Gamay levou o dedo aos lábios e apontou para a porta. A maçaneta estava girando. Então a porta se abriu e um homem entrou na cabine. Ele era tão alto que teve que abaixar a cabeça sob o batente. O recém-chegado estava vestido com um macacão como os outros, exceto por sua cor verde-limão. Ele fechou a porta silenciosamente atrás de si e olhou para os prisioneiros.

"Por favor, relaxem", disse ele. "Sou um dos mocinhos."

"Deixe-me adivinhar", disse Trout. "Seu nome é Capitão Nemo e este é o Nautilus."

O homem piscou de surpresa. Ele esperava que os prisioneiros fossem intimidados.

"Não, sou Angus MacLean, disse ele com um suave tom escocês." Dr. MacLean, sou químico. Mas o senhor está certo sobre esse submarino. Ele é tão maravilhoso quanto a embarcação de Nemo."

"E todos nós somos personagens de um romance de Júlio Verne?" disse Gamay. MacLean respondeu com um suspiro pesado. "Gostaria que fosse assim tão fácil. Não quero alarmá-los indevidamente", disse ele com uma seriedade tranquila, "mas suas vidas podem depender de nossa conversa nos próximos minutos. Por favor, digam-me seus nomes e qual é sua profissão. Peço-lhes que sejam sinceros. Não há nenhuma cela neste navio".

Os Trouts entenderam a mensagem. Nenhuma cela significava nenhum prisioneiro. Trout olhou para os gentis olhos azuis de MacLean e decidiu confiar nele.

"Meu nome é Paul Trout. Esta é minha esposa, Gamay. Nós dois trabalhamos na NUMA. Este é Sandy Jackson, a piloto do submersível Alvin".

"Qual é a sua formação científica?"

"Sou geólogo oceânico. Gamay e Sandy são biólogas marinhas."

O rosto sério de MacLean se transformou em um sorriso de alívio. "Graças a Deus", ele murmurou. "Há esperança."

"Talvez você responda a uma pergunta para mim", disse Trout. "Por que você nos sequestrou e o Alvin também?"

MacLean respondeu com uma risada triste. "Não tive nada a ver com isso. Sou tão prisioneiro nesta embarcação quanto vocês."

"Eu não entendo", disse Sandy.

"Não posso explicar agora. Tudo o que posso dizer é que temos a sorte de eles poderem usar sua experiência profissional. Assim como eu, eles os manterão vivos apenas enquanto precisarem de vocês."

"Quem são eles?" perguntou Trout.

MacLean passou seus longos dedos grisalhos pelos cabelos grisalhos. "Seria perigoso para você saber."

"Quem quer que seja", disse Gamay, "por favor, diga às pessoas que nos sequestraram e levaram nosso submersível que nosso navio de apoio terá pessoas procurando por nós no instante em que sentirem nossa falta."

"Eles me disseram que isso não será um problema. Não tenho motivos para não acreditar neles."

"O que eles quiseram dizer?" disse Trout.

"Eu não sei. Mas sei que essas pessoas são implacáveis na busca de seus objetivos."

"Quais são seus objetivos?" disse Gamay.

Os olhos azuis pareceram se aprofundar. "Há algumas perguntas que não é prudente que você faça ou que eu responda." Ele se levantou da cadeira e disse: "Preciso relatar os resultados do meu interrogatório". Ele apontou para a luminária e levou os dedos aos lábios em um claro aviso de um microfone oculto. "Voltarei em breve com comida e bebida. Sugiro que vocês descansem um pouco."

"Você confia nele?" Sandy disse depois que MacLean os deixou sozinhos mais uma vez.

"A história dele parece louca o suficiente para ser verdade", disse Gamay. "Você tem alguma sugestão sobre o que devemos fazer?" disse Sandy, olhando de um lado para o outro.

Trout se recostou em um beliche e tentou se esticar, embora suas longas pernas estivessem penduradas na borda do colchão. Ele apontou para a luminária e disse: "A menos que alguém queira este beliche, vou fazer o que MacLean sugeriu e descansar um pouco".

MacLean voltou cerca de meia hora depois com sanduíches de queijo, uma garrafa térmica de café quente e três canecas. Mais importante, ele estava sorrindo.

"Parabéns", disse ele, entregando os sanduíches. "Agora vocês estã oficialmente empregados em nosso projeto."

Gamay desembrulhou seu sanduíche e deu uma mordida. "O que exatamente é esse projeto?"

"Não posso lhe contar tudo. Basta dizer que você faz parte de uma equipe de pesquisa. Cada um de vocês trabalhará com base na necessidade de saber. Eu fui autorizado a fazer uma visita monitorada como forma de aclimatá-los à tarefa que os esperam. Explicarei no caminho. Nossa babá está esperando por nós".

Ele bateu na porta, que foi aberta por um guarda de rosto sombrio que se afastou para deixar MacLean e os outros saírem. Com o guarda atrás, MacLean conduziu-os por uma rede de corredores até chegarem a uma grande sala cujas paredes eram cobertas por monitores de televisão e conjuntos brilhantes de painéis de instrumentos eletrônicos.

O guarda se posicionou em um local onde podia observá-los de perto, mas não interferiu.

"Esta é a sala de controle", disse MacLean.

Trout deu uma olhada ao redor. "Onde está a tripulação?

"Esta nave é quase totalmente automatizada. Há apenas uma pequena equipe, um contingente de guardas e os mergulhadores, é claro."

"Eu vi os trajes de mergulho na sala próxima à eclusa de ar."

"Você é muito observador", disse MacLean com um aceno de cabeça. "Agora, se olhar para aquela tela, verá os mergulhadores trabalhando."

Uma tela na parede mostrava a imagem de uma coluna típica da Cidade Perdida. Enquanto eles observavam, houve um movimento na parte inferior da tela. Um mergulhador vestido com um traje bulboso estava subindo pela lateral da coluna, impulsionado por propulsores verticais embutidos no traje. Ele foi seguido por três outros mergulhadores, equipados de forma semelhante, todos segurando mangueiras grossas de borracha nos manipuladores mecânicos que lhes serviam de mãos.

Sem ruído, as figuras grotescas flutuaram até ficarem próximas ao topo da tela. Como abelhas coletando néctar, elas pararam sob as rochas do manto em forma de cogumelo.

"O que eles estão fazendo?" disse Trout.

"Eu sei", disse Sandy. "Eles estão coletando bioorganismos das colônias de micróbios que vivem ao redor das aberturas".

"Isso é correto. Eles estão removendo colônias inteiras", disse MacLean. "O material vivo e o líquido em que ele cresce são transportados pelas mangueiras para tanques de retenção."

"Você está dizendo que esta é uma expedição científica?" disse Gamay.

"Não exatamente. Continue observando."

Dois mergulhadores se separaram dos outros e foram para o topo de outra coluna; a dupla que restou começou a desmontar a própria coluna, usando serras manuais.

"Eles estão destruindo as colunas", disse Sandy. "Isso é um crime!

MacLean olhou para o guarda para ver se ele havia notado a explosão de Sandy. Ele estava encostado na parede com uma expressão de tédio e desinteresse no rosto. MacLean acenou para chamar a atenção do guarda e apontou para uma porta fora da sala de controle. O guarda bocejou e acenou com a cabeça em sinal de aprovação. MacLean acompanhou os outros até a porta, que se abriu em uma sala cheia de grandes cubas circulares de plástico.

"Podemos conversar aqui", disse MacLean. "Estas são cubas de armazenamento para o material biológico."

"A capacidade de retenção deve ser enorme", observou Gamay.

"É muito difícil manter os organismos vivos longe de seu habitat natural. É por isso que eles estão retirando algumas das colunas. Apenas uma pequena porcentagem da colheita será útil quando voltarmos à terra firme."

"Você disse terra?" disse Trout.

"Sim, os espécimes coletados são processados em uma instalação localizada em uma ilha. Fazemos viagens periódicas para descarregar os tanques. Não tenho certeza de onde fica."

MacLean viu o guarda olhando para eles. "Desculpe. Nosso babá parece ter saído de sua letargia. Teremos que continuar nossa conversa mais tarde."

"Fale-me rapidamente sobre a ilha. Ela pode ser nossa única chance de escapar."

"Escapar? Não há esperança de escapar."

"Sempre há esperança. Como são as coisas nessa ilha?"

MacLean viu o guarda caminhando em direção a eles e baixou a voz, fazendo com que suas palavras soassem ainda mais sinistras. "É pior do que qualquer coisa que Dante poderia ter imaginado."

À medida que o olhar de AUSTIN percorria as paredes íngremes e as robustas ameias que cercavam o castelo de Fauchard, ele sentia um enorme respeito pelos artesãos que haviam colocado os pesados blocos no lugar. Sua admiração era temperada pelo conhecimento de que a eficiente máquina de matar que aqueles artesãos, há muito falecidos, haviam construído para manter os atacantes afastados funcionava igualmente bem para impedir que as pessoas de dentro saíssem.

"Bem", disse Skye. "O que você acha?

"Se Alcatraz fosse construída em terra, seria mais ou menos assim."

"Então, o que faremos?"

Ele enganchou seu braço no dela. "Continuamos nosso passeio."

Depois que descobriram que a ponte levadiça estava fechada e que o carro deles havia desaparecido, Austin e Skye passearam pelo perímetro do pátio como turistas em um feriado. De vez em quando, eles paravam e conversavam antes de seguir em frente. A aparência casual tinha a intenção de enganar. Austin esperava que quem estivesse observando pensasse que eles estavam completamente à vontade.

Enquanto caminhavam, os olhos azuis coral de Austin sondavam o recinto em busca de pontos fracos. Seu cérebro catalogava cada detalhe minucioso. Quando deram a volta no pátio e retornaram ao ponto de partida, ele poderia ter desenhado de memória um diagrama preciso do complexo do castelo.

Skye parou e sacudiu um portão de ferro forjado que bloqueava uma escada estreita para as ameias. Ela estava fechada com parafusos. "Vamos precisar de asas para passar por cima dessas paredes", disse ela.

"Minhas asas estão na lavanderia", respondeu Austin. "Teremos que pensar em outra coisa. Vamos voltar para dentro e dar uma olhada".

Emil Fauchard os cumprimentou no terraço. Ele exibiu seu sorriso cheio de dentes e disse: "Você fez um passeio agradável pelo castelo?"

"Eles não os constroem mais assim", disse Austin. "A propósito, notamos que nosso carro não estava mais lá."

"Ah, sim, nós o tiramos do caminho para dar lugar aos nossos convidados que estavam chegando. As chaves estavam na ignição. Nós o retiraremos quando vocês estiverem prontos para sair. Espero que não se importe."

"Nem todos", disse Austin com um sorriso forçado. "Me poupa o trabalho de fazer isso eu mesmo."

"Ótimo. Vamos entrar então. Os convidados chegarão em breve." Emil os conduziu de volta ao castelo e subiu a ampla escadaria na varanda até o segundo andar, mostrando-lhes os quartos de hóspedes adjacentes. O quarto de Austin era, na verdade, uma suíte com quarto, banheiro e área de estar, decorada em estilo barroco, com muito pelúcia escarlate e dourado, como um bordel vitoriano.

Seu traje foi colocado sobre a cama com dossel. O traje lhe caía bem, exceto pelo aperto em seus ombros largos. Depois de se olhar em um espelho de corpo inteiro, ele bateu na porta que ligava sua suíte à de Skye. A porta se abriu parcialmente e Skye entrou com a cabeça. Ela caiu na gargalhada quando viu Austin usando o traje xadrez preto e branco e o boné de um bobo da corte.

"A Madame Fauchard tem mais senso de humor do que eu pensava", disse ela.

"Meus professores sempre disseram que eu era o palhaço da turma. Vamos ver como você está".

Skye entrou na sala de Austin e girou lentamente como uma modelo em uma passarela. Ela estava vestida com um collant preto justo que mostrava todas as curvas e saliências de sua silhueta. Seus pés e mãos estavam envoltos em chinelos e luvas de pelica. Seu cabelo estava enfeitado com uma faixa que tinha um par de grandes orelhas pontudas presas a ela.

"O que você acha?", disse ela, dando mais uma pirueta.

Austin olhou para Skye com uma apreciação masculina descarada que não chegava a ser luxúria. "Acho que você é o que meu avô costumava chamar de 'o miado do gato'." "

Houve uma leve batida na porta. Era o criado cabeça de bala Marcel. Ele olhou para Skye como um leão olhando para um gnu saboroso, depois seus olhos pequenos viram o traje de Austin e seus lábios se curvaram em um sorriso de desprezo inconfundível.

"Os convidados estão chegando", disse Marcel em uma voz como cascalho deslizando de uma pá. "Madame Fauchard gostaria que você me acompanhasse até a sala de armas para o coquetel e o jantar." Sua entonação de gangster estava estranhamente em desacordo com a formalidade de seu mordomo.

Austin e sua companheira felina vestiram suas máscaras de veludo preto e seguiram o criado corpulento até o primeiro andar e pelo labirinto de corredores. Eles puderam ouvir vozes e risadas muito antes de entrarem no arsenal. Cerca de duas dúzias de homens e mulheres vestidos com fantasias fantásticas se aglomeravam em torno de um bar que havia sido montado em frente a uma exposição de maças com espinhos. Servos que pareciam clones de Marcel abriam caminho entre a multidão carregando bandejas de caviar e champanhe. Um quarteto de cordas vestido de roedor estava tocando música de fundo.

Austin pegou duas taças de espumante de uma bandeja que passava e ofereceu uma a Skye. Em seguida, eles encontraram um ponto de observação sob as lanças do cavaleiro montado, onde puderam bebericar o champanhe e observar a multidão. Os convidados estavam divididos igualmente entre homens e mulheres, embora fosse difícil dizer por causa da variedade de fantasias.

Austin estava tentando descobrir o tema da festa quando um pássaro preto e corpulento se aproximou, balançando como um navio em um mar pesado. O pássaro balançou em suas pernas amarelas e se inclinou para a frente, com o bico preto brilhante perigosamente perto do olho de Austin e entoou embriagado em um sotaque britânico arrastado: "Era uma vez uma meia-noite sombria... droga, como é o resto?"

Nada mais difícil de entender do que um britânico de classe alta bêbado, pensou Austin. Ele pegou o resto do verso, "*while I pondered, weak and weary* ..." (enquanto eu ponderava, fraco e cansado...)

O pássaro bateu as asas e depois pegou uma taça de champanhe de uma bandeja que passava. O bico comprido atrapalhava quando ele tentava beber, então ele a empurrou para a testa. O rosto florido e rechonchudo escondido atrás do bico lembrou a Austin os desenhos animados que ele havia visto do símbolo inglês John Bull.

"É sempre um prazer conhecer um cavalheiro de alto nível", disse o pássaro. Austin apresentou Skye e a si mesmo. O pássaro estendeu uma mão alada. "Eu me chamo "Nevermore", para os propósitos das festividades desta noite, mas me chamo Cavendish quando não estou correndo por aí como o pássaro sombrio de Poe. Lorde Cavendish, o que lhe mostra o estado lamentável de nosso outrora orgulhoso império quando um velho imbecil como eu é nomeado cavaleiro. Perdão, vejo que meu copo está vazio. Nunca mais, meu velho". Ele arrotou alto e saiu cambaleando em busca de outra taça de champanhe.

Edgar Allan Poe. É claro.

Cavendish era um Corvo bastante bêbado. Skye personificava o Gato Malhado. Austin era o bobo da corte de The Cask of Amontillado.

Austin estudou seus colegas convidados. Ele viu uma mulher semelhante a um cadáver usando uma mortalha branca suja e ensanguentada. *A Queda da Casa de Usher*. Outra mulher usava uma roupa coberta com sinos em miniatura. Os Sinos. Um macaco estava encostado no bar, bebendo um martíni. The Murders in the Rue Morgue (Os Assassinatos na Rua Morgue). O macaco estava conversando com um besouro enorme com uma cabeça de morte em sua carapaça. The Gold-Bug. Madame Fauchard não só tinha senso de humor, pensou Austin, como também apreciava o grotesco.

A música parou e a sala ficou em silêncio. Uma figura estava na porta, prestes a entrar no arsenal. Cavendish, que havia retornado com a bebida na mão, murmurou: "Meu Deus!" Ele se juntou aos outros convidados como se estivesse buscando a proteção da multidão.

Todos os olhos estavam fixos na mulher alta que parecia ter sido exumada de um túmulo. O sangue salpicava sua longa mortalha e o rosto branco e magro de seu cadáver. Os lábios estavam ressequidos e os olhos, fundos em órbitas esqueléticas. Houve suspiros quando ela entrou na sala. Ela parou mais uma vez e olhou fixamente nos olhos de cada convidado. Em seguida, atravessou o piso como se estivesse flutuando em uma almofada de ar. Ela parou em frente a um relógio gigante de ébano e bateu palmas.

"Bem-vindos à Máscara da Morte Vermelha", disse ela com a voz clara de Racine Fauchard. "Por favor, continuem sua comemoração, meus amigos. Lembrem-se", sua voz ganhou um tremor melodramático, "a vida é efêmera quando a Morte Vermelha espreita a terra."

Os lábios enrugados se alargaram em um sorriso horrendo. Risos nervosos se espalharam pela multidão e o quarteto voltou a tocar. Os criados que estavam parados no meio do caminho continuaram a fazer suas rondas. Austin esperava que Madame Fauchard cumprimentasse seus convidados, mas, para sua surpresa, a aparição veio em sua direção e removeu a máscara horrível para revelar suas feições normais de camafeu.

"O senhor está muito bonito com seu boné e suas meias-calças, Monsieur Austin", disse ela, com uma inflexão sedutora em seu tom.

"Obrigado, Madame Fauchard. E eu nunca conheci uma praga mais charmosa."

Madame Fauchard inclinou a cabeça de forma coquete. "Você tem um jeito de cortesã com as palavras. "Ela se voltou para Skye." E você faz um lindo gato preto, Mademoiselle Bouchet."

"Merci, Madame Fauchard", disse Skye com um sorriso fino. "Vou tentar não comer o quarteto de cordas, por mais que eu goste de ratos."

Madame Fauchard estudou Skye com a inveja que uma beleza envelhecida reserva para uma mulher mais jovem. "Na verdade, eles são ratos. Gostaria que tivéssemos podido lhe dar mais opções de trajes. Mas você não se importa em fazer papel de bobo, não é, Sr. Austin?"

"De modo algum. Os bobos da corte já aconselharam os reis. É melhor fazer papel de bobo do que ser um."

Madame Fauchard riu alegremente e olhou para a porta. "Bien, vejo que o príncipe Próspero chegou."

Uma figura mascarada, vestida com meia-calça e túnica de veludo roxo, enfeitada com ouro e uma máscara para combinar, estava se dirigindo a eles. Ele tirou o boné de veludo com um floreio e se curvou diante de Madame Fauchard.

"Uma bela entrada, mamãe. Nossos convidados ficaram devidamente aterrorizados." "Como deveriam estar. Darei meus cumprimentos aos outros depois de falar com o Sr. Austin."

Emil fez outra reverência, desta vez para Skye e se despediu. "Você tem amigos interessantes", disse Austin, examinando a multidão. "Essas pessoas são seus vizinhos?"

"Pelo contrário. São os remanescentes das grandes famílias armamentistas do mundo. Uma riqueza imensa está representada nesta sala, toda ela construída sobre uma base de morte e destruição. Seus ancestrais criaram as pontas de lança e flechas que mataram centenas de milhares de pessoas, construíram os canhões que devastaram a Europa no século passado e fabricaram as bombas que arrasaram cidades inteiras. Você deveria se sentir honrado por estar em uma companhia tão importante."

"Espero que não se sinta insultada quando eu disser que não estou impressionada." Madame Fauchard respondeu com uma risada aguda. "Eu não a culpo.

Esses tolos tagarelas e empinados são europeus decadentes que vivem das riquezas obtidas com o suor de seus antepassados. Suas empresas e cartéis, outrora orgulhosos, hoje não passam de corporações sem rosto negociadas na Bolsa de Valores de Nova York."

"E quanto a Lord Cavendish?" disse Austin.

"Ainda mais lamentável do que os outros, porque ele tem apenas seu nome e nenhuma riqueza. Sua família já teve o segredo do aço forjado antes de os Fauchards o roubarem."

"E quanto aos Fauchards? Eles são imunes à decadência?

"Ninguém está imune, nem mesmo minha família. É por isso que controlarei as Indústrias Spear enquanto eu viver."

"Ninguém vive para sempre", disse Skye.

"O que você disse?" A cabeça de Madame Fauchard se virou e ela fixou Skye com olhos que brilhavam como brasas. Skye havia feito uma observação casual e não estava preparada para o calor da reação de Madame Fauchard.

"O que eu quis dizer é que todos nós somos mortais".

A chama nos olhos de Racine tremeluziu e morreu. "É verdade, mas alguns de nós são mais mortais do que outros. Os Fauchards prosperarão por décadas e séculos. Guarde minhas palavras. Agora, se me derem licença, preciso cuidar dos meus convidados. O jantar será servido em breve".

Ela recolocou a máscara hedionda e saiu para se juntar ao filho.

Skye parecia abalada. "O que foi aquilo tudo?"

"Madame Fauchard está preocupada com o fato de envelhecer. Não a culpo por isso. Ela deve ter sido uma beleza em sua época. Ela teria chamado minha atenção."

"Se você gosta de fazer amor com um cadáver", disse Skye com um movimento de cabeça.

Austin sorriu. "Parece que a gatinha tem garras."

"Muito afiadas e eu adoraria usá-las em sua amiga".

"Não sei por que você estava tão preocupado... "

"Estou entediado."

Austin estava observando a chegada de mais empregados. Cerca de uma dúzia de homens de aparência dura havia entrado silenciosamente no arsenal e se posicionado ao lado de todas as portas que davam para dentro ou para fora da grande câmara.

"Fiquem quietos", murmurou Austin. "Tenho a sensação de que a verdadeira festa ainda está para começar."

CAVENDISH ESTAVA INEBRIADO. O inglês havia enfiado o bico do corvo no topo da cabeça para permitir que sua boca rosada tivesse acesso livre à taça de vinho. Ele estava gorgolejando vinho durante todo o jantar em estilo medieval, devorando os pratos de caça exótica, desde cotovias até javalis, como um triturador de lixo. Austin pegou a comida para ser educado, tomou um gole ocasional de vinho e aconselhou Skye a fazer o mesmo. Eles precisariam estar sóbrios se os instintos dele estivessem corretos.

Assim que os pratos de sobremesa foram retirados, Cavendish se levantou cambaleante e bateu na lateral do copo de água com uma colher. Todos os olhares se voltaram em sua direção. Ele levantou a taça. "Eu gostaria de fazer um brinde ao nosso anfitrião e à nossa anfitriã."

"Sim, sim", responderam os outros convidados em sinal de reconhecimento, levantando suas bebidas também.

Animado com a resposta, Cavendish sorriu. "Como muitos de vocês sabem, as famílias Fauchard e Cavendish remontam há séculos. Todos nós sabemos como os Fauchard, ah, tomaram emprestado o processo Cavendish para forjar aço em massa, garantindo assim sua própria ascensão, enquanto meu povo se esvaiu no ocaso."

"As fortunas da guerra", disse o macaco de Os Assassinatos na Rua Morgue.

"Vou brindar a isso." Cavendish tomou um gole de sua taça. "Infelizmente, ou felizmente, dada a tendência dos Fauchards de sofrer acidentes fatais, nunca nos casamos com a família deles.

"A sorte do amor", disse a mulher envolta em sinos. Os convidados ao redor da mesa gritaram sua aprovação embriagada.

Cavendish esperou que os risos diminuíssem e disse: "Duvido que a palavra amor tenha sido pronunciada nesta casa. Mas qualquer pessoa pode amar. Quantas famílias podem se gabar de terem iniciado sozinhas a Guerra para Acabar com Todas as Guerras?"

Um silêncio pesado se abateu sobre a mesa. Os convidados olharam furtivamente para Madame Fauchard, que estava sentada na cabeceira da mesa com o filho à sua direita. Ela manteve o sorriso de cera que havia mantido durante todo o discurso, mas seus olhos irradiavam o mesmo calor que Austin havia visto quando Skye mencionou sua mortalidade.

"Monsieur Cavendish é muito lisonjeiro, mas ele exagera a influência da família Fauchard", disse ela em uma voz fria. "Houve muitas causas para a Grande Guerra. Ganância, estupidez e arrogância, para citar algumas. Todas as famílias nesta sala se juntaram ao grupo chauvinista para incentivar a guerra que fez fortunas para todos nós."

Cavendish não se deixou abater. "Receba o crédito onde o crédito é devido, minha cara Racine. É verdade que nós, os armamentistas, éramos donos dos jornais e subornávamos os políticos que clamavam pela guerra, mas foi a família Fauchard, em sua infinita sabedoria, que pagou para que o Grão-Duque Ferdinando fosse assassinado, mergulhando assim o mundo em uma briga sangrenta. Todos nós conhecemos os rumores de que Jules Fauchard fugiu do grupo, garantindo assim sua partida prematura da Terra."

"Monsieur Cavendish", disse Madame Fauchard, com a voz em tom de advertência. Mas o inglês estava em um ritmo acelerado.

"Mas o que muitos não sabem", disse ele, "é que os Fauchards também financiaram um certo cabo austríaco durante toda a sua ascensão política e incentivaram membros do Exército Imperial Japonês a enfrentar os Estados Unidos". Ele fez uma pausa para tomar um drinque. "Isso acabou sendo mais do que você esperava e as coisas saíram um pouco do seu controle, já que suas fábricas de escravos foram reduzidas a pó. Mas, como alguém disse há pouco, 'as fortunas da guerra'." "

A sala estava tomada por uma tensão quase insuportável.

Madame Fauchard havia retirado a máscara da peste e a aversão gravada em seu rosto era ainda mais terrível do que a Morte Vermelha. Austin não tinha dúvidas de que, se Racine fosse capaz de fazer telecinesia, as armas teriam saltado das paredes e cortado Cavendish em pedaços.

Um dos convidados quebrou o silêncio pesado. "Cavendish. Você já disse o suficiente. Sente-se."

Pela primeira vez, Cavendish se deu conta do olhar fulminante de Madame Fauchard. O cérebro do inglês havia alcançado sua boca e ele sabia que tinha ido longe demais. Seu sorriso bobo desapareceu e ele murchou como uma flor sob o calor de uma lâmpada solar. Ele se sentou pesadamente, mais sóbrio do que quando havia se levantado momentos antes.

Madame Fauchard se levantou como uma cobra se desenrolando e ergueu seu copo. "*Merci*. Agora vou fazer um brinde à grande e falecida Casa de Cavendish."

A pele corada do inglês ficou branca. Ele murmurou um agradecimento e disse: "A senhora deve me desculpar. Não estou me sentindo bem. Um pouco de indigestão, eu temo".

Levantando-se da cadeira, ele se dirigiu à saída e desapareceu pela porta.

Madame Fauchard olhou para o filho. "Por favor, cuide de nosso convidado. Não queremos que ele caia no fosso."

O comentário alegre pareceu quebrar a tensão e a conversa foi retomada como se os minutos anteriores nunca tivessem acontecido. Austin estava menos otimista. Ao ver Cavendish sair da sala, ele pensou que o inglês havia assinado sua própria sentença de morte. "O que está acontecendo?" disse Skye.

"Os Fauchards não gostam muito de ter sua roupa suja pendurada em público, especialmente quando há estranhos presentes."

Austin observou a Madame Fauchard se inclinar para dizer algo ao filho. Emil sorriu e se levantou da mesa. Ele pegou Marcel e juntos deixaram o arsenal. O conhaque após o jantar estava sendo servido quando Emil voltou cerca de dez minutos depois sem Marcel. Ele olhou diretamente para Austin e Skye enquanto sussurrava no ouvido de sua mãe. Madame Fauchard acenou com a cabeça, com o rosto impassível. A atitude foi sutil, mas Austin não deixou de perceber a implicação. Seu nome e o de Skye tinham acabado de ser adicionados à sentença de morte dos Cavendish.

Alguns minutos depois, Marcel voltou de sua missão. Emil viu que ele estava de volta, então se levantou e bateu palmas. "Senhoras e senhores da Máscara da Morte Vermelha, o Príncipe Próspero preparou um entretenimento memorável para encerrar as festividades da noite." Ele fez sinal para um servo, que acendeu uma tocha nas chamas de um braseiro e a entregou a Emil. Com grande cerimônia, Emil tirou uma grande chave antiga das dobras de sua túnica e abriu caminho pelo salão, atravessando o transepto até a parte de trás do arsenal. Ele fez uma pausa para inserir a chave em uma porta baixa de madeira entalhada com crânios e ossos humanos. Ao abrir a porta, sua tocha se acendeu e se espalhou no ar frio e mofado que fluía pelo portal.

"Sigam-me, se tiverem coragem", disse Emil com um sorriso presunçoso no rosto e depois se abaixou sob o batente.

Rindo alegremente, os convidados fizeram uma pausa e com taças de vinho na mão, seguiram Emil como as crianças seguindo o Flautista de Hamlin. Austin colocou a mão no braço de Skye e a impediu de ir com os outros.

"Faça de conta que você está bêbada", disse Austin.

"Eu gostaria de estar bêbada", disse Skye. "Merde! Aí vem a senhora Dragão”.

Madame Fauchard se aproximou e disse: "A Morte Vermelha deve se despedir, Monsieur Austin. Lamento que não tenhamos podido nos conhecer melhor".

"Eu também lamento. Foi um brinde interessante que Sir Cavendish fez", disse ele, arrastando as palavras.

"Grandes famílias são frequentemente alvo de fofocas maliciosas." Ela se voltou para Skye. "O baile de máscaras está chegando ao fim. Acredito que você tenha uma relíquia que pertence à minha família."

"Do que está falando?"

"Não brinque comigo. Eu sei que você tem o capacete."

"Então foi você quem enviou aquele homem horrível."

"Sebastian? Não, ele é o cãozinho de colo do meu filho. Se serve de consolo para você, ele será eliminado como resultado de suas falhas. Não importa, nós a convenceremos a nos dizer onde está nossa relíquia. Quanto a você, Monsieur Austin, devo me despedir."

"Até nos encontrarmos novamente", disse Austin, balançando ligeiramente. Ela olhou para ele com um olhar que se aproximava da tristeza. "Sim. Até nos encontrarmos novamente."

Escoltada por uma comitiva de criados, Madame Fauchard se dirigiu para a saída. Marcel estava parado por perto. Agora ele se aproximou e curvou o lábio em seu sorriso de gângster de cinema. "Monsieur Emil ficaria muito triste se você perdesse o entretenimento que ele preparou para você." "Não perderia por nada", disse Austin, deliberadamente arrastando as palavras.

Marcel acendeu outra tocha e fez um gesto na direção da porta. Austin e Skye alcançaram a extremidade traseira da multidão barulhenta. Marcel ficou na retaguarda para garantir que eles não se desviassem.

A procissão desceu uma pequena escada de pedra até uma passagem de cerca de dois metros de largura. À medida que os convidados se aprofundavam nas entranhas do castelo, as risadas começaram a diminuir. A alegria morreu completamente junto com a conversa, quando os convidados entraram em uma seção do túnel alinhada com prateleiras de pedra ao nível dos olhos que transbordavam de ossos humanos. Emil parou em frente a uma prateleira, escolheu uma caveira aleatoriamente e a segurou acima da cabeça, onde ela sorriu para os convidados como se estivesse se divertindo com seus trajes.

"Bem-vindo às catacumbas do Chateau Fauchard", proclamou Emil com a alegria de um guia turístico da Disney World. "Conheça um de meus ancestrais. Desculpe-me se ele é um pouco reservado. Ele não recebe muitas visitas."

Ele jogou o crânio de volta em um recesso, onde começou uma pequena avalanche de fêmures, costelas e clavículas. Em seguida, seguiu em frente, exortando os convidados a se apressarem ou perderiam o show. O túnel entrava em uma série de salas grandes e gradeadas que Emil explicou serem as masmorras e as câmaras de tortura. Foram instalados braseiros em cada sala, de modo que sua luz bruxuleante era filtrada por telas de vitrais de cores diferentes.

A estranha luz colorida iluminava os rostos de cera de figuras que pareciam tão realistas que ninguém ficaria surpreso se elas tivessem se movido. Em uma câmara, um grande macaco estava enfiando uma mulher em uma chaminé. Em outra, um homem estava cavando para sair de um túmulo. Cada cômodo tinha uma cena de uma história de Poe.

Emil voltou para Austin. A luz da tocha dava às suas feições mordazes um tom satânico que combinava com o ambiente.

"Bem, Monsieur Austin, o que está achando do meu pequeno show até agora?"

"Não me divertia tanto desde que fui ao museu de cera da Madame Tussaud."

"Você me lisonjeia. Bravo! O melhor ainda está por vir." Emil continuou andando até chegar a uma câmara cuja luz carmesim fazia com que todos os que estavam sob seu brilho especial parecessem vítimas da Morte Vermelha. No chão da sala havia um poço circular. Um pêndulo afiado estava balançando sobre uma estrutura de madeira. Amarrado na estrutura, com ratos rastejando sobre seu peito, estava um grande pássaro preto. Era a cena do filme "The Pit and the Pendulum", em que a vítima está sendo torturada pela Inquisição Espanhola. Só que, nesse caso, a vítima era Cavendish, que estava amarrado e amordaçado sobre a mesa.

"Vocês perceberão algumas diferenças nessa cena", disse Emil. "Os ratos que vocês veem correndo pela masmorra são reais. E a vítima também. O Sr. Cavendish é um bom esportista, como diriam os ingleses e concordou graciosamente em participar para nossa diversão."

Enquanto Emil conduzia os convidados em um aplauso educado, Cavendish lutava contra as amarras que o prendiam.

O pêndulo se abaixou até ficar a poucos centímetros de seu peito. "Ele vai ser morto!", gritou uma mulher.

"Cortado em fatias e cubos", disse Emil com uma alegria incongruente. Ele baixou a voz para um sussurro. "Lorde Cavendish é um presunto, eu temo. Não se preocupem, meus amigos. A lâmina é feita de madeira. Não queremos que nosso convidado se desfaça em pedaços. Mas se isso o preocupa..." Ele estalou os dedos e o pêndulo oscilante parou. Cavendish teve uma convulsão violenta e ficou imóvel.

Emil conduziu os convidados para a última masmorra. Embora não houvesse nenhuma cena montada na câmara, de certa forma ela era a mais assustadora de todas. As paredes eram revestidas de veludo preto, que roubava a luz que escapava pela tela preta opaca. A atmosfera era a mais opressiva. Houve um suspiro coletivo de alívio quando Emil disse a seus convidados para seguirem uma passagem que saía da masmorra. Quando Austin e Skye foram segui-los, ele os impediu.

Austin tropeçou bêbado e tirou o chapéu. "Depois de você, Gaston."

Emil havia se livrado de seu ar de próspero janota e agora sua voz era profissional e tão dura quanto aço frio.

"Enquanto Marcel conduz nossos convidados para fora das catacumbas, tenho algo especial para mostrar a você e à senhorita", disse ele, levantando uma dobra de veludo preto encostada na parede. Atrás do tecido havia uma fenda nas pedras com cerca de dois metros de largura.

Austin piscou os olhos. "O que está acontecendo? Isso faz parte do show?" "Sim", disse Emil com um sorriso duro. "Isso faz parte do show." Ele mostrou uma pistola.

Austin olhou para a arma e deu uma risada encharcada. "Um show e tanto", disse ele, balançando a cabeça de modo que os sinos tilintassem.

Ele passou pela abertura, com Skye e Emil atrás dela. Eles desceram mais dois lances de escada. A temperatura caiu e o ar ficou com aspecto de pântano. A água brilhava nas paredes e pingava em suas cabeças. Eles continuaram descendo até que Emil finalmente ordenou que parassem em frente a um recesso de cerca de um metro e meio de largura e um metro e meio de profundidade.

Ele colocou a tocha em uma arandela e tirou um pano de uma pilha de tijolos. Uma colher de pedreiro e um balde de argamassa estavam no chão, ao lado dos tijolos. De um nicho, ele retirou uma garrafa de vinho cujo vidro verde-escuro estava coberto de poeira e teias de aranha. A garrafa estava fechada com uma rolha, que Emil removeu com os dentes. Ele entregou a garrafa a Austin. "Beba, Monsieur Austin."

Austin ficou olhando para a garrafa. "Talvez devêssemos deixá-la respirar por um tempo."

"Ele teve séculos para respirar", disse Fauchard. Ele fez um gesto com sua arma. "Beba."

Austin sorriu tolamente, como se achasse que a arma era um brinquedo e levou a garrafa à boca. Um pouco do vinho escorreu por seu queixo e ele o limpou. Ele ofereceu a garrafa a Fauchard, que disse: "Não, obrigado. Prefiro permanecer consciente". "O quê?"

"Você nos causou muitos problemas", disse Emil. "Minha mãe me disse para me livrar de você da maneira mais adequada que eu pudesse imaginar. Um bom filho sempre faz o que sua mãe manda. Sebastian, cumprimente novamente a "Sra. Bouchet". "

Uma figura saiu das sombras e a luz da tocha iluminou as feições pálidas do homem que Austin havia apelidado de Doughboy. Seu braço direito estava em uma tipoia.

"Acho que você já conhece Sebastian", disse Emil. "Ele tem um presente para você, mademoiselle."

Sebastian jogou uma seta de balestra aos pés de Skye. "Este é seu."

"O que está acontecendo?" Austin disse.

"Seu vinho continha uma substância paralisante", disse Emil. "Dentro de alguns instantes, você não conseguirá se mover, mas todos os seus outros sentidos funcionarão bem e você saberá o que está acontecendo com você." Ele tirou um par de algemas de debaixo de sua capa e as pendurou na frente do rosto de Austin. "Talvez se você disser "*Pelo amor de Deus, Montresor*", eu o deixe ir."

"Seu desgraçado", disse Austin. Ele se apoiou na parede com a mão, como se a força estivesse diminuindo de suas pernas, mas seus olhos estavam fixos no ferrolho da balestra a alguns metros de distância.

Skye havia se assustado quando viu Sebastian pela primeira vez. Agora, vendo a situação de Austin, ela se lançou sobre a mão armada de Fauchard e o agarrou pelo pulso. Sebastian se aproximou por trás e colocou seu braço bom em volta da garganta dela. Embora ele estivesse operando com um braço em uma tipoia, sua força ainda era formidável e ela começou a desmaiar por falta de ar.

Austin se endireitou de repente. Segurando a garrafa pelo gargalo, ele a derrubou na cabeça de Sebastian. A garrafa se quebrou em uma chuva de vidro e vinho. Sebastian soltou Skye, que caiu no chão, depois ficou de pé por alguns segundos, com uma expressão de admiração nos olhos e tombou como uma sequoia caída.

Emil se afastou para evitar a queda do corpo de Sebastian e o cano feio da arma girou em direção a Austin. Austin deu um tranco no corpo e bateu Emil contra o recesso. Ele tateou a mão da arma de Emil, mas Fauchard disparou um tiro. O tiro foi disparado e a bala atingiu a parede a centímetros do rosto de Austin. Fragmentos de pedra salpicaram a bochecha de Austin e ele ficou temporariamente cego com o clarão do cano. Ele tropeçou nos tijolos e caiu de joelhos. Fauchard saiu dançando do caminho.

"Pena que você não terá a morte prolongada que planejei para você", ele ouviu Fauchard dizer. "Já que está de joelhos, por que não tenta implorar por sua vida?"

"Acho que não", disse Austin. Seus dedos se curvaram em torno de uma haste de madeira estreita. Ele pegou o projétil da balestra e o fincou na ponta no pé de Emil.

A ponta afiada atravessou facilmente o chinelo de ouro. Emil soltou um grito forte que ecoou por todo o cofre e deixou a arma cair.

A essa altura, Austin já estava de pé. Ele escolheu um ponto na mandíbula de Emil e aplicou todo o seu peso e força em um forte cruzado de direita que quase separou a cabeça de Fauchard de seus ombros. A arma caiu no chão e Emil se amassou ao lado de seu companheiro. Austin ajudou Skye a se levantar. Ela tinha a mão na garganta machucada e estava com dificuldade para recuperar o fôlego.

Ele se certificou de que ela conseguia respirar e em seguida, se curvou sobre o homem com cara de massa.

"Parece que Sebastian deixou o vinho subir à cabeça." "Emil disse que o vinho estava drogado. Como?"

"Eu o deixei escorrer pelo meu queixo. Vinho tão velho provavelmente tem gosto de vinagre."

Austin agarrou Emil pelos tornozelos e o puxou para dentro do recesso.

Em seguida, algemou uma extremidade das algemas no pulso de Fauchard e a outra em uma argola na parede. Enquanto tirava o boné de bobo da corte e o puxava para baixo sobre as orelhas de Fauchard, ele disse: "*Pelo amor de Deus, Montresor*".

Austin retirou a tocha de sua arandela e abriu caminho pelo túnel. Apesar de seu ato de embriaguez, ele havia tentado memorizar cada centímetro da rota que haviam seguido. Em pouco tempo, eles estavam de volta às masmorras, olhando para o corpo de Cavendish. Os ratos fugiram quando eles se aproximaram. O rosto rechonchudo do inglês estava congelado em um rito de horror.

Austin colocou os dedos no pescoço de Cavendish, mas não sentiu nenhuma pulsação. "Ele está morto."

"Não estou entendendo", disse Skye. "Não há sangue." Austin passou o polegar ao longo da borda da lâmina, que estava tocando as penas no peito de Cavendish. "Fauchard estava dizendo a verdade, para variar. A lâmina é feita de madeira. Emil não contou a Cavendish sua piada. Acho que nosso amigo estava morrendo de medo. Vamos lá, não há nada que possamos fazer por ele".

Eles continuaram pela passagem até uma escada íngreme, estreita e sinuosa. A atmosfera do túnel tornou-se menos mofada à medida que subiam e logo o ar fresco estava soprando em seus rostos. Chegaram a uma porta que se abria para o pátio e seguiram as risadas até a frente do castelo, onde os convidados estavam sendo conduzidos para debaixo da porta aberta.

Andando lentamente e se movimentando como se estivessem embriagados, Austin e Skye alcançaram os outros. Eles se misturaram à multidão, passaram pelo portão e atravessaram a ponte de pedra em arco. Os carros estavam se alinhando na entrada circular para buscar os convidados, que se despediam efusivamente uns dos outros. Logo todos os convidados haviam partido e só restavam Austin e Skye. Mais um carro estava chegando. Era o Rolls-Royce de Darnay. O motorista deve ter pensado que o carro pertencia a um convidado. Austin foi para o banco de trás e abriu a porta para Skye.

Ele ouviu alguém gritar em francês e se virou para ver Marcel correndo pela ponte. Um empregado que estava por perto ouviu o comando de Marcel e se colocou entre Austin e o carro. O guarda estava enfiando a mão debaixo do paletó do smoking quando Austin o derrubou com uma direita curta no meio do corpo e depois gritou para Skye entrar no banco de trás. Ele correu para o outro lado do carro, abriu a porta, puxou o motorista para fora, deu-lhe uma cotovelada na mandíbula e deslizou para trás do volante.

Ele engatou a marcha do carro e pisou no acelerador. O Rolls decolou, com os pneus levantando uma chuva de cascalho e derrapou ao redor da fonte. Austin viu um movimento à sua esquerda. Alguém estava correndo em direção ao carro. Ele girou o volante na direção oposta. Outro guarda entrou no brilho dos faróis. Ele estava com uma arma nas duas mãos.

Austin se abaixou atrás do painel e apertou o pedal do acelerador. O homem saltou sobre o capô e bateu no para-brisa, antes de sair rolando. Mas o para-brisa era uma rede de rachaduras em forma de teia de aranha devido ao impacto com o corpo do homem. Em seguida, a janela do lado do passageiro se desintegrou. Austin viu flashes de fuzil à frente e ouviu um som como o de alguém batendo com uma britadeira na grade cromada. Ele puxou o volante, sentiu o impacto de outro corpo e puxou o volante na direção oposta.

Uma luz queimou seu rosto e tornou impossível enxergar através do para-brisa danificado. Austin pisou no acelerador novamente, achando que estava indo para a saída, mas seu senso de direção havia sido perdido. O Rolls saiu do chão na borda do fosso, voou pelos ares e caiu na água. O *air bag* foi ativado e enquanto ele lutava para empurrá-lo para o lado, podia sentir a água entrando pela janela e atingindo suas pernas. As balas atingiram o teto do carro que estava afundando, mas a água diminuiu sua eficácia. Austin se encolheu atrás do painel e encheu os pulmões de ar. Um segundo depois, o carro afundou completamente.

O ROLLS-ROYCE inclinou seu longo capô para dentro da água como um submarino fazendo um mergulho de emergência e segundos depois, o carro se acomodou na lama e nos detritos acumulados ao longo dos séculos. Austin se arrastou para o espaçoso banco de trás, com as mãos cegamente estendidas à sua frente, como antenas de uma lagosta em busca de alimento. Seus dedos tateando encontraram carne macia. Skye agarrou seus pulsos e o puxou para cima em uma bolsa de ar rasa. Ele podia ouvir a respiração frenética dela.

Ele cuspiu uma boca cheia de água pútrida. "Você consegue me ouvir?"

A resposta gorgolejante só poderia ter sido um sim.

A água estava até o queixo dele. Ele esticou o pescoço para manter a boca e o nariz elevados e deu instruções rápidas.

"Não entre em pânico. Fique comigo. Aperte minha mão quando precisar de ar. Entendeu?"

Outro gorgolejo.

"Agora respire fundo três vezes e segure a última respiração."

Hiperventilando em uníssono, eles encheram os pulmões até o limite, assim que a bolsa de ar desapareceu e eles ficaram totalmente imersos.

Austin puxou Skye até a porta e a abriu com o ombro. Ele saiu de fininho e puxou Skye com ele. A água brilhava em verde por causa das tochas elétricas que brincavam na superfície da água. Ele e Skye estariam mortos assim que mostrassem a cabeça. Ele segurou a mão de Skye com força e a puxou para longe dos círculos dançantes de luz.

Eles haviam se afastado apenas alguns metros quando Skye apertou sua mão. Austin apertou de volta e continuou a nadar. Skye apertou seus dedos novamente. Ela já havia ficado sem ar. Austin se inclinou para cima em direção a um pedaço de escuridão. Ele inclinou a cabeça quando ela saiu da água, mantendo o perfil baixo de modo que apenas uma orelha e um olho ficassem expostos. Marcel e seus homens estavam disparando suas armas contra as bolhas que saíam do carro afogado. Ele puxou Skye para junto de si e ela sibilou como uma bomba de porão quebrada. Austin lhe deu um momento para encher os pulmões e a puxou para baixo novamente.

Ao nadar e emergir, eles se distanciaram de seus perseguidores, mas Marcel e seus homens estavam começando a ampliar a busca. Luzes brilhavam ao longo da borda do fosso e raios sondavam a água. Austin nadou para mais perto da parede do castelo. Seu braço esquerdo estava estendido e ele usava as pedras viscosas dos baluartes submersos do castelo como guia. Eles nadaram em torno de um dos contrafortes que se projetavam das fortificações do castelo e se esconderam na sombra do grande joelho de pedra.

"Quanto tempo falta?" Skye disse, mal conseguindo pronunciar as palavras, embora falasse com um saudável toque de raiva na voz. "Mais um mergulho. Temos que sair do fosso." Skye jurou em francês. Então, eles mergulharam novamente, nadaram para o outro lado e emergiram sob uma espessa moita de arbustos que se projetava sobre a margem.

Austin soltou o pulso de Skye, estendeu a mão para cima e agarrou dois punhados de galhos. Enfiando os dedos dos pés nas costuras dos blocos de pedra que revestiam o fosso, ele se ergueu como um alpinista atacando uma parede. Em seguida, arrastou-se de barriga para baixo até a borda e esticou os braços para baixo. Quando puxou Skye para a terra firme, o arbusto brilhou com a luz.

Eles rolaram para as sombras, mas já era tarde demais. Houve um coro de gritos e passos batendo na terra enquanto os homens de Marcel avançavam de ambos os lados. Com medo de atirar uns nos outros, eles estavam segurando o fogo. A única saída era a floresta que circundava o castelo.

Austin se dirigiu a uma brecha na floresta, cuja silhueta era visível contra o céu azul-escuro da noite. Uma faixa pálida de branco se destacava contra a escuridão. Era um caminho de cascalho para dentro da floresta. As roupas molhadas e o cansaço geral os impediram de quebrar qualquer recorde olímpico, mas o desespero deu asas aos seus pés.

Os homens de Marcel estavam gritando de excitação com a presa à vista. O caminho levava a um cruzamento onde três outras pistas se juntavam em um cruzamento de quatro pistas.

"Para que lado?" disse Skye.

As opções eram limitadas. Vozes vinham dos caminhos de ambos os lados.

"Em frente", disse ele.

Austin atravessou correndo o cruzamento com Skye em seus calcanhares. Enquanto corriam, ele examinava o bosque, procurando uma abertura, mas as árvores ficavam próximas umas das outras e o mato impenetrável e os espinheiros bloqueavam o caminho. Então, as árvores acabaram de repente e o caminho mergulhou entre sebes de pelo menos três metros de altura. Eles chegaram a outro cruzamento, este com duas pistas. Austin começou a descer em uma delas, depois voltou e deu alguns passos em outra. Ambas eram ladeadas por sebes altas, quase tão impenetráveis quanto as paredes do castelo.

"*Uh-oh*", disse ele.

"O que é isso de '*Uh-oh*'?"

"Acho que estamos em um labirinto de jardim."

Skye olhou ao redor. "Oh, *merde*!", disse ela. "E agora, o que vamos fazer?"

"Não temos um rato de laboratório para nos guiar por essa coisa, então sugiro que continuemos andando até encontrarmos a saída."

Como não parecia fazer diferença, eles pegaram o caminho da esquerda ao longo de um trecho de cerca viva que girava sobre si mesmo antes de se ramificar em mais duas pistas. O labirinto seria um desafio, pensou Austin. O desenho era feito à mão livre, com círculos e floreios e não com os ângulos retos de uma grade de palavras cruzadas. Eles dobravam uma esquina afiada apenas para descobrir que estavam voltando mais ou menos na mesma direção.

Os homens de Marcel estavam no labirinto agora. Algumas vezes, Austin e Skye pararam e prenderam a respiração até que as vozes desaparecessem do outro lado de uma cerca viva. Eles estavam a poucos metros um do outro, separados apenas por arbustos.

Austin sabia que Marcel traria mais reforços e seria apenas uma questão de tempo até que eles fossem pegos. Simplesmente não havia um final feliz para a história deles, a menos que encontrassem o caminho para fora do labirinto verde. Se ele fosse Marcel, estaria vigiando todas as rotas de fuga do labirinto. Droga!

Austin havia batido o dedo do pé em um objeto duro. Ele se ajoelhou e soltou uma série de xingamentos silenciosos. Mas sua raiva se transformou em uma alegria silenciosa quando ele descobriu que havia tropeçado em uma escada de madeira que provavelmente havia sido deixada por um jardineiro.

Ele levantou a escada do chão, encostou-a na cerca viva e subiu até o topo plano. Rastejou de barriga para baixo e quando os galhos afiados atravessaram seu fino traje de bobo da corte, ele teve a sensação de estar deitado em uma cama esponjosa de pregos. Mas a sebe aguentou seu peso. Luzes estavam se movendo em vários pontos do labirinto. Um grupo de busca estava vindo pelo caminho em direção a Skye. Ele chamou com uma voz suave e disse a Skye para subir a escada até a cerca. Em seguida, ele puxou a escada e eles se deitaram em cima dela. Não demorou muito.

Eles podiam ouvir botas rangendo no cascalho, respiração pesada e sussurros.

Austin esperou até que os perseguidores tivessem ido para outra rua e em seguida, moveu a escada de modo que a outra extremidade ficasse sobre a cerca viva mais próxima, preenchendo o espaço entre elas. Ele se arrastou pela escada e a manteve firme para que Skye o seguisse. Eles repetiram o processo com a próxima cerca viva.

Desde que se mantivessem em linha reta, poderiam sair do labirinto. Trabalharam em equipe, colocando a ponte improvisada, rastejando por ela, observando se havia alguém procurando e depois fazendo tudo de novo. Os galhos rasgavam as palmas das mãos e os joelhos, mas eles ignoraram o desconforto.

Austin podia ver a linha preta de árvores na escuridão, com apenas mais algumas sebes para atravessar, quando ouviram o barulho dos rotores do helicóptero vindo da direção do castelo. O helicóptero estava a algumas centenas de metros no ar, movendo-se em direção ao labirinto. Em seguida, um par de holofotes gêmeos se acendeu e examinou o solo abaixo.

Austin fez uma rápida mudança de escada para a próxima sebe, mas, em sua pressa, julgou mal a distância. Quando ele se arrastou pela escada, ela escorregou da cerca mais distante e ele caiu no caminho de cascalho. Ele se levantou, subiu novamente na cerca viva ao lado de Skye e colocou a escada com mais cuidado dessa vez. Então ele atravessou, seguido rapidamente por Skye.

O erro havia lhes custado um tempo precioso. O helicóptero estava fazendo sua primeira passagem sobre o labirinto, com os holofotes brilhantes transformando a noite em dia. Austin atravessou o último caminho e voltou para ajudar Skye. O pé dela escorregou de um dos degraus no meio do caminho e ele estendeu a mão para puxá-la em sua direção. O helicóptero estava se aproximando. Com Skye ao seu lado, Austin deslizou a escada pelo lado de fora da última sebe. Ela subiu até o chão com a velocidade de um macaco-aranha. Sua agilidade talvez se devesse em parte ao fato de Austin não ter pisado em suas mãos. Assim que chegou ao chão, Austin puxou a escada para baixo e a empurrou para perto da base da sebe. Depois, ele e Skye se esticaram ao lado dela. O helicóptero rugiu acima de suas cabeças.

Eles podiam sentir a corrente de ar enquanto o helicóptero fazia uma curva fechada e voltava sobre o labirinto, movendo-se para frente e para trás sobre as sebes. Depois de um minuto, o helicóptero disparou e começou a varrer a floresta.

Em seu rápido giro, as luzes do helicóptero iluminaram uma abertura na linha das árvores. Austin ajudou Skye a se levantar e eles correram pelo caminho de cascalho que beirava a cerca, depois correram por um caminho gramado dentro da floresta, sem saber ao certo para onde estavam indo, mas gratos por estarem fora do labirinto.

Vários minutos depois, eles saíram para o campo aberto. Estavam na borda de um prado ou campo, mas Austin estava mais interessado no contorno fantasmagórico de um prédio perto da borda do bosque. "O que é isso?" Skye sussurrou. "Qualquer porto em uma tempestade", sussurrou ele.

Ele disse a ela para ficar quieta e atravessou o campo à luz prateada da lua.

Austin conseguiu atravessar o campo iluminado pelo luar sem incidentes e foi se aproximando da parede do prédio de pedra do campo. Ele encontrou uma porta destrancada e entrou no interior escuro, onde suas narinas captaram os odores de óleo e gasolina da garagem. Ele se permitiu um pouco de otimismo; uma garagem poderia abrigar um carro ou um caminhão. Seus dedos tateando encontraram um interruptor de luz e um segundo depois, ele descobriu que não estava em uma garagem, mas em um pequeno hangar.

O biplano vermelho brilhante tinha asas para trás e uma cauda em forma de coração decorada com um desenho preto de uma águia de três cabeças. Ele passou os dedos ao longo da fuselagem de tecido, admirando a restauração meticulosa que havia sido feita na aeronave. Na parte de baixo de cada asa havia um tanque de metal em forma de torpedo. Uma caveira e ossos cruzados estavam estampados na parte externa dos contêineres. Veneno.

Ele olhou para as cabines de comando duplas. Os controles do piloto no cockpit traseiro consistiam em uma única alavanca na frente do assento e uma barra de pé que controlava o leme para a direção. O movimento para frente e para trás da alavanca controlava o elevador. Movê-lo de um lado para o outro acionava os ailerons nas extremidades das asas, que inclinavam o avião para fazer uma curva. O sistema era primitivo, mas ao mesmo tempo era um milagre de simplicidade que permitia que o avião fosse pilotado com uma só mão.

A cabine de comando abrigava uma série de instrumentos que não haviam sido fornecidos com o modelo original, com dispositivos úteis como um rádio atualizado, uma bússola moderna e um sistema de navegação GPS. Fones de ouvido conectavam os cockpits. Austin fez uma rápida inspeção no hangar. As paredes estavam repletas de ferramentas e peças sobressalentes. Ele deu uma olhada em um depósito cheio de contêineres de plástico marcados com caveiras e ossos cruzados. Os rótulos identificavam o conteúdo dos contêineres como pesticida.

Austin pegou uma lanterna elétrica em um suporte de parede, apagou as luzes e foi até a porta. Tudo estava quieto. Ele acendeu e apagou a luz três vezes e em seguida, observou quando uma sombra saiu do bosque e atravessou silenciosamente o campo até o hangar. Ele examinou o campo e o bosque para se certificar de que Skye não tinha sido vista e em seguida, puxou-a para dentro do hangar e fechou a porta.

"Por que você demorou tanto?", disse ela com irritação na voz. "Fiquei preocupada quando vi as luzes se acenderem e se apagarem."

Austin não se importou com o tom acusatório de Skye e entendeu isso como um sinal de que ela havia recuperado sua natural coragem. Ele lhe deu um beijo na bochecha. "Minhas desculpas", disse ele. "Havia uma fila no balcão de reservas".

Ela piscou para a escuridão. "Que lugar é esse?"

Austin ligou a lanterna e deixou o feixe percorrer toda a extensão da fuselagem do avião, desde a hélice de madeira até o brasão de armas na cauda.

"Você está olhando para a força aérea da família Fauchard. Eles devem usar isso para pulverizar os vinhedos."

"É lindo", disse ela.

"É mais do que lindo. É a nossa passagem para fora daqui."

"Você consegue pilotar essa coisa?" "Acho que sim."

"Você acha que sim?" Ela balançou a cabeça em descrença. "Você já pilotou algo assim?"

"Dezenas de vezes." Ele notou o ceticismo nos olhos dela e disse: "Está bem. Uma vez, em uma feira municipal".

"Uma feira de condado...", ela repetiu em um tom de chumbo.

"Uma grande feira de condado. Olhe, os aviões que pilotei tinham sistemas de controle um pouco mais sofisticados, mas os princípios são os mesmos."

"Espero que você pilote melhor do que dirige."

"Não foi minha ideia sair para nadar à meia-noite. Você deve se lembrar que fui distraído pelos capangas de Fauchard."

Ela beliscou a bochecha dele. "Como eu poderia me esquecer, querido? Bem, o que estamos esperando? O que eu tenho que fazer?"

Austin apontou para um banco de interruptores de parede etiquetados em francês. "Primeiro, eu gostaria que você me dissesse para que servem".

Austin ouviu enquanto Skye zia as etiquetas e depois a levou para a frente do avião. Ele colocou as mãos dela na hélice e lhe disse para pular para trás assim que ela tivesse girado as pás. Em seguida, ele subiu na cabine do piloto, verificou rapidamente os controles e deu a Skye o sinal de positivo. Skye agarrou a hélice com as duas mãos, girou as pás e saltou para trás conforme as instruções. O motor tossiu algumas vezes, mas não pegou.

Austin ajustou ligeiramente o acelerador e disse a ela para tentar novamente. A determinação sombria se refletiu no rosto de Skye quando ela reuniu cada grama de força que tinha à sua disposição. Ela colocou todo o seu peso no esforço. Dessa vez, o motor pegou e explodiu em um rugido que foi amplificado pelas paredes.

Skye atravessou a fumaça roxa do escapamento e acionou os interruptores para abrir a porta e acender as luzes do campo de pouso. Em seguida, subiu na cabine do piloto. Ela ainda estava afivelando o cinto de segurança quando o avião saiu do hangar.

Austin não perdeu tempo taxiando antes de decolar. Ele acionou o motor e o avião começou a ganhar velocidade, avançando pelo campo entre as linhas duplas de luzes. Ele tentou manter um toque suave nos controles, mas, sob sua mão inexperiente, o avião deu uma guinada e o movimento de bamboleio diminuiu a aceleração do avião. Ele sabia que, se o avião não atingisse a velocidade de decolagem logo, ele se chocaria contra as árvores no final da pista de pouso. Austin se obrigou a relaxar, deixando que os controles dissessem às suas mãos e pés o que fazer. O avião se endireitou e ganhou velocidade. Austin deu um leve puxão no elevador. As rodas saíram do chão e o avião começou a subir, mas ainda estava muito baixo para passar pelas árvores.

Austin forçou mais alguns metros de elevação das asas. O robusto biplano deve ter ouvido suas preces, pois pareceu se elevar ligeiramente e raspou as copas das árvores com o trem de pouso. As asas balançaram com o impacto, mas o avião recuperou a estabilidade.

Austin manteve o avião em uma subida constante e olhou para a esquerda e para a direita para se orientar. O campo estava quase todo escuro, exceto pelo Chateau Fauchard, cujas torres sinistras eram iluminadas por holofotes. Ele tentou desenhar um mapa em sua mente usando suas lembranças do caminho da estrada principal. Ele podia ver a entrada de automóveis circular com sua estranha fonte e o caminho iluminado que descia a colina até o longo túnel de árvores.

Ele inclinou o avião para pegar a estrada através dos vinhedos, indo para o leste a uma altitude de cerca de mil pés. Ele estava enfrentando uma leve brisa que mantinha a velocidade do avião em um nível subsônico de oitenta milhas por hora. Satisfeito por estar em uma rota que os levaria de volta à civilização, ele pegou o microfone conectado à cabine de comando do Skye.

"Desculpe pela decolagem difícil", ele gritou por cima do ronco do motor. "Espero que não tenha lhe abalado muito."

"Ficarei bem assim que colocar meus dentes de volta na cabeça."

"Fico feliz em ouvir isso. Você precisará de suas dentaduras quando formos jantar."

"Verdadeiramente um homem com uma mente de um só caminho. Você tem alguma ideia de para onde estamos indo?"

"Estamos indo mais ou menos na mesma direção em que viemos. Fique atenta às luzes. Tentarei pousar em uma estrada perto de uma cidade e espero que não haja muito tráfego a essa hora da noite. Relaxe e aproveite o passeio".

Austin voltou sua atenção para a tarefa de aterrissar com segurança. Apesar de sua atitude arrogante, ele não tinha ilusões sobre as dificuldades que estavam por vir. Ele estava voando praticamente às cegas, sobre território desconhecido, em uma aeronave antiga que ele não tinha o direito de operar, apesar de sua vasta experiência em feiras de condados. Ao mesmo tempo, ele estava desfrutando da confiabilidade simples incorporada à aeronave antiga. Essa era a verdadeira pilotagem no assento da calça. Nenhuma bolha na cabine de comando o separava do vento frio. Ele estava praticamente sentado em cima do motor e o barulho era insuportável. Ele voltou a ter respeito pelos homens que pilotaram essas relíquias em combate.

Ele gostaria de ter conseguido mais alguns nós do avião, que parecia estar abrindo caminho pelo céu noturno. Ele ficou animado quando, após vários minutos de voo, começou a ver pontos de luz à distância. O avião estava se aproximando do perímetro das vastas propriedades de Fauchard. Sua complacência foi quebrada pela voz de Skye, gritando em seus fones de ouvido.

Ao mesmo tempo, ele viu um movimento pelo canto do olho e olhou para a esquerda. O helicóptero que os havia perseguido no labirinto havia se materializado a cerca de trinta metros de distância como que por mágica. As luzes da cabine estavam acesas e ele pôde ver um dos guardas do Chateau Fauchard sentado no assento do passageiro. Ele tinha uma arma automática no colo, mas não tentou derrubar o avião, embora fosse um alvo fácil.

Um momento depois, a voz agora familiar de Emil Fauchard soou no rádio do avião.

"Boa noite, Sr. Austin. Que bom vê-lo novamente." "Que surpresa agradável, Emil. Não estou vendo você no helicóptero." "Isso é porque estou no centro de controle de segurança do castelo. Posso vê-lo claramente na câmera do helicóptero."

Austin olhou para a câmera pendurada sob a barriga do helicóptero e fez um aceno amigável.

"Pensei que você ainda estivesse no calabouço com o resto dos ratos."

Emil ignorou o insulto. "O que você acha do meu Fokker Aviatik, Austin?"

"Eu teria preferido um F-16 carregado com mísseis ar-ar, mas este serve por enquanto. Que bom que você me deixou usá-lo."

"De forma alguma. Nós, Fauchards, somos muito generosos quando se trata de nossos convidados. Agora, preciso pedir que você retorne ou será abatido."

O homem no helicóptero se mexeu e apontou o que parecia ser uma AK-47 pela abertura da cabine.

"Vocês obviamente estavam nos rastreando. Por que não nos abateu quando teve a chance?"

"Eu preferia manter meu avião intacto." "Meninos e seus brinquedos." "O quê?"

Austin deixou o biplano se desviar por alguns metros. O helicóptero se desviou para evitar uma colisão.

"Desculpe", disse Austin. "Não estou acostumado com este avião." "Suas manobras infantis não o levarão a lugar algum. Estou intimamente familiarizado com as capacidades do Aviatik. Eu odiaria perdê-lo, mas estou disposto a sofrer a perda do avião, se necessário. Observe." Emil deve ter dado uma ordem a seu piloto, pois o helicóptero se elevou acima do Aviatik e desceu até que seus trens de pouso estivessem alguns metros acima da cabeça de Austin. O biplano se inclinou e guinou perigosamente sob a poderosa corrente de ar. Austin empurrou o nariz do avião para baixo e o helicóptero o seguiu, permanecendo com a aeronave para mostrar que a fuga era impossível. Depois de alguns segundos, o helicóptero se afastou e começou a acompanhar o avião novamente.

A voz de Emil chegou pelos fones de ouvido de Austin. "Como você pode ver, posso forçá-lo a descer a qualquer momento. Dê meia-volta ou você e sua amiga morrerão." "Talvez eu não seja útil para você, mas se ela morrer, o segredo do capacete irá com ela."

"É um risco que estou disposto a correr."

"Talvez você deva perguntar à sua mãe primeiro", disse Austin. Emil xingou em francês e segundos depois, o helicóptero apareceu sobre o biplano. Os trens de pouso desceram com força sobre as asas do Aviatik, acima da cabeça de Austin e empurraram o biplano para baixo. O helicóptero subiu e bateu no Aviatik novamente. Austin lutou para manter o controle. Era uma disputa desigual. O avião de madeira e tecido não era páreo para o helicóptero mais rápido e mais manobrável. Emil podia bater no avião até que ele caísse ou se despedaçasse.

Austin pegou o microfone. "Você venceu, Emil. O que você quer que eu faça?"

"Volte para a pista de pouso. Não tente nenhum truque. Estarei esperando por você."

Aposto que você estará esperando, pensou Austin.

Austin inclinou o avião e deu a volta. Skye estava ouvindo a conversa com seus fones de ouvido. "Kurt, não podemos voltar", disse ela pelo interfone. "Ele vai matar você."

"Se não voltarmos, ele vai matar nós dois."

"Não quero que você faça isso por mim."

"Não estou fazendo. Estou fazendo isso por mim."

"Droga, Austin. Você é tão teimoso quanto um francês."

"Vou considerar isso como um elogio. Mas eu me limito a comer caracóis e pernas de rã."

"Tudo bem, eu desisto", disse ela com exasperação. "Mas não vou desistir sem lutar."

"Nem eu. Certifique-se de que seu cinto de segurança está apertado." Ele desligou o intercomunicador e se concentrou nas torres sinistras que marcavam o lar ancestral do homem que queria matá-lo. Quando o biplano se aproximou do castelo, Austin pôde ver as linhas gêmeas de luz que marcavam o campo de pouso. Ele colocou o Aviatik em uma curva como se estivesse indo em direção às luzes, mas quando se aproximou do castelo, virou na direção oposta e voou diretamente para a torre mais próxima.

O helicóptero continuou a perseguição. A voz de Emils veio pelo rádio. Ele estava gritando em francês. Austin deu de ombros, desligou o rádio e voltou toda a sua atenção para a tarefa que tinha pela frente.

O helicóptero se afastou justamente quando parecia que o avião iria se chocar contra a torre. Com alguns metros de sobra, Austin desviou, errando a torre por alguns metros e sobrevoou o próprio castelo, em uma linha diagonal em direção à torre oposta. Ele colocou o avião em um círculo apertado ao redor da torre e voltou sobre o complexo em um oito. Em seguida, voou ao redor da torre seguinte e executou o mesmo padrão. Ele só podia imaginar qual seria a reação de Emil, mas não se importava. Ele estava apostando que Fauchard não tentaria forçá-lo a descer, desde que ele permanecesse sobre o castelo.

Austin sabia que não poderia ficar correndo de um lado para o outro para sempre. Nem pretendia fazê-lo. A cada curva, seus olhos percorriam o terreno além do fosso. Ele ligou o rádio novamente. Em seguida, contornou a torre e começou outro oito, mas na metade do caminho desviou, passou pela entrada circular com sua fonte bizarra e foi em direção às luzes que marcavam a longa estrada.

O helicóptero estava circulando no alto. Quando Austin se afastou das paredes, o helicóptero desceu até ficar diretamente sobre o Aviatik. Austin colocou a aeronave em um planeio profundo até que as rodas estivessem a apenas alguns metros sobre a calçada. O piloto do helicóptero poderia tê-lo forçado a descer a qualquer momento, mas provavelmente pensou que Austin iria pousar na entrada da garagem e por isso, não o fez. O momento de indecisão lhe custou caro.

Em vez de aterrissar, Austin voou para dentro do túnel de árvores.

O helicóptero subiu, com as rodas cortando as copas das árvores. O piloto fez uma curva e deu a volta.

Austin ouviu a voz de Fauchard no rádio. Ele estava gritando: "Pegue-o! Peguem-no!"

Seguindo as ordens de Fauchard, o piloto do helicóptero seguiu o Aviatik até o caramanchão como um cão de caça perseguindo uma raposa em um buraco.

Com sua velocidade superior, o helicóptero rapidamente alcançou o avião. Austin ouviu o barulho dos rotores sobre o som do motor do Aviatik. Seus lábios se alargaram em um sorriso apertado. Ele estava preocupado que o helicóptero simplesmente sobrevoasse a floresta e esperasse que ele saísse do outro lado do túnel. O insulto sobre a mãe de Fauchard deve ter irritado Emil além do razoável, como Austin esperava que acontecesse. Ninguém gostava de ser chamado de filhinho da mamãe, especialmente quando era verdade.

Austin estava mantendo as rodas do avião um metro e meio acima da estrada. Ele tinha alguns metros de espaço livre acima e em ambos os lados, mas era um ajuste apertado e um pequeno desvio deixaria o avião sem asas ou Austin sem cabeça.

O helicóptero estava bem atrás dele, mas Austin tentou tirar o perseguidor da cabeça. Ele manteve sua atenção fixa no ponto escuro distante que marcava a outra extremidade do túnel. Mais ou menos na metade do túnel, Austin estendeu a mão calmamente e puxou a alavanca que ativava os pulverizadores.

O pesticida foi pulverizado dos tanques das asas em fluxos duplos tóxicos, expandindo-se em uma nuvem branca nociva. O líquido venenoso cobriu o para-brisa do helicóptero e cegou o piloto, depois fluiu pelas janelas de ventilação abertas, transformando a cabine do helicóptero em uma câmara de gás voadora.

O piloto gritou de dor e tirou as mãos dos controles para limpar o líquido ardente dos olhos. O helicóptero deslizou para o lado e os rotores bateram nas árvores. As lâminas se desintegraram e a fuselagem girou, entrou na floresta e se despedaçou. O combustível pulverizado se inflamou e o helicóptero explodiu em uma enorme bola de fogo laranja e branca.

Voando à frente da explosão, Austin saiu do túnel como uma bala de canhão. Ele puxou o elevador para trás e o avião saiu da floresta. Enquanto o Aviatik ganhava altitude lentamente, Austin olhou por cima do ombro. Fumaça e fogo jorravam da boca do túnel e o incêndio havia se espalhado pelas árvores.

Ele ligou o intercomunicador novamente. "Estamos livres", disse ele.

"Eu estava tentando falar com você", disse Skye. "O que aconteceu lá atrás?

"Eu estava fazendo um pouco de controle de pragas", disse Austin.

Ao longe, ele podia ver pontos de luz marcando estradas e cidades. Em pouco tempo, os faróis dos carros estavam se movendo abaixo deles. Austin procurou até encontrar uma estrada bem iluminada o suficiente para pousar, mas sem tráfego e executou pouso arriscado, mas seguro. Ele tirou o avião da rodovia e o deixou na beira de um prado.

Assim que seus pés voltaram ao chão, Skye abraçou Austin e encostou seus lábios nos dele em um beijo mais do que amigável. Em seguida, eles começaram a andar. Apesar de seus cortes e hematomas, eles estavam de bom humor após a fuga. Austin respirou o cheiro da grama e dos celeiros e colocou o braço em volta de Skye.

Após cerca de uma hora de caminhada, eles chegaram a uma pousada pitoresca. O recepcionista estava meio adormecido, mas se levantou com toda a atenção quando Austin e Skye entraram no saguão e perguntaram se podiam ficar em um quarto.

Ele olhou para a fantasia de bobo da corte rasgada de Austin, depois para Skye, que parecia um gato de rua que havia brigado e depois de volta para Austin. "*Americain*?", ele disse. "*Oui*", disse Austin com um sorriso cansado.

O funcionário acenou com a cabeça e empurrou o livro de visitas para o outro lado da mesa.

TROUT ESTAVA ESTICADO no beliche apertado, com as mãos atrás da cabeça, quando percebeu que uma vibração quase inaudível havia substituído o ronco baixo dos motores do submarino. Ele sentiu um leve solavanco, como se o submarino tivesse parado em um local amortecido. Em seguida, houve silêncio.

Gamay, que estava cochilando no beliche de cima, disse: "O que foi isso?"

"Acho que atracamos", disse Trout.

Tirando seu corpo comprido da plataforma de dormir apertada, Trout se levantou e encostou o ouvido na porta. Ele não ouviu nada e supôs que o submarino havia chegado ao seu destino. Minutos depois, dois guardas armados destrancaram a porta da cabine e disseram para eles se mexerem. Sandy estava esperando no corredor sob os olhos atentos de um segundo par de guardas. Ela havia sido transferida para outra cabine e era a primeira vez que eles viam o piloto do Alvin desde a visita de MacLean.

Trout deu a Sandy uma piscadela de tranquilidade e ela o cumprimentou com um sorriso nervoso. Sandy estava se comportando bem, mas Trout não ficou surpreso com sua resistência. Qualquer pessoa que pilotasse um veículo de submersão profunda regularmente poderia ficar assustada, mas não intimidada. Com guardas na frente e atrás, eles subiram vários níveis até uma escotilha que os levou para o convés do submarino, à frente da torre de comando.

O submarino tinha cerca de quatrocentos pés de comprimento. Estava ancorado em um compartimento submarino cavernoso que tinha um teto alto e arqueado. Na extremidade mais distante da câmara, um intrincado sistema de correias transportadoras e guinchos de escada desaparecia na parede. Os guardas os empurraram para um passadiço. MacLean estava esperando na doca.

"Bom dia, meus caros passageiros", disse o químico, com um sorriso genial. "Acompanhem-me, se quiserem, enquanto entramos na próxima fase de nossa aventura."

MacLean abriu caminho até um grande elevador de carga. Quando a porta se fechou, ele olhou para o relógio e seu sorriso desapareceu.

"Você tem cerca de trinta e dois segundos para falar", disse ele.

"Só preciso de dois segundos para lhe perguntar onde estamos", disse Trout.

"Não sei onde fica, mas suspeito, pelo clima e pelo terreno, que seja no Mar do Norte ou na Escandinávia. Talvez até na Escócia." Ele consultou seu relógio novamente. "Acabou o tempo."

A porta do elevador se abriu e eles entraram em uma pequena sala. O guarda armado que os aguardava falou em seu walkie-talkie e os conduziu para fora, para um micro ônibus que os aguardava. O guarda fez sinal para que subissem a bordo e seguiu-os, sentando-se na parte de trás, onde podia ficar de olho nos passageiros. Antes que o guarda abaixasse as cortinas da janela, Trout vislumbrou uma enseada longa e estreita bem abaixo da beira da estrada.

Depois de uma viagem de cerca de vinte minutos por estradas não pavimentadas, o ônibus parou e o guarda ordenou que descessem. Eles estavam em um complexo de prédios cercados por uma cerca alta de arame farpado, coberta por transformadores elétricos. Havia guardas por toda parte e o complexo lembrava perturbadoramente um campo de concentração. O guarda apontou para um prédio de concreto baixo, do tamanho de um armazém. Para chegar a ele, tiveram de passar por mais arame farpado. Quando se aproximaram da entrada do prédio, um grito sobrenatural vindo de dentro da estrutura perfurou o ar. Seguiu-se um coro de uivos estridentes.

O rosto de Sandy registrou seu alarme. "Isso é um zoológico?", ela disse.

"Suponho que se possa dizer que sim", disse MacLean. Seu sorriso sombrio não era especialmente reconfortante. "Mas você encontrará aqui criaturas que o zoológico de Londres nunca sonhou que existissem."

"Não estou entendendo", disse Gamay.

"Você vai entender."

Trout agarrou a química pela manga. "Por favor, não brinque conosco."

"Desculpe-me pelas tentativas ruins de humor. Já passei por essa orientação muitas vezes e isso está começando a me afetar. Tente não ficar muito assustado com o que você está prestes a ver. O pequeno show de horror não tem a intenção de prejudicá-lo, apenas de assustá-lo e fazê-lo se submeter."

Trout lhe deu um leve sorriso. "O senhor não sabe como isso nos faz sentir bem, Dr. MacLean".

MacLean levantou uma sobrancelha espessa. "Vejo que você também tem um senso de humor sombrio."

"É a minha educação ianque. Nossos invernos longos e ruins desencorajam uma visão ensolarada do mundo."

"Ótimo", disse MacLean. "Você precisará de todo o pessimismo que conseguir reunir se quiser sobreviver a este inferno. Bem-vindo à estranha ilha do Dr. Moreau", disse ele, referindo-se à história fictícia do cientista louco que transformou homens em bestas.

O guarda havia aberto as portas duplas de segurança de aço e o mau cheiro que vinha de dentro do prédio dominava todos os pensamentos. O odor fétido era um incômodo menor em comparação com os sons e as imagens da grande sala.

As paredes eram revestidas de jaulas ocupadas por feras semelhantes a homens que arranhavam e mordiam as barras. As gaiolas abrigavam de vinte e cinco a trinta dessas criaturas. Elas se apoiavam em duas pernas, usavam trapos imundos e estavam meio agachadas. Seus longos cabelos e barbas brancos e fibrosos obscureciam grande parte de seus rostos, mas havia vislumbres de feições envelhecidas e enrugadas, a pele coberta de manchas escuras da idade. Suas bocas estavam abertas em um uivo feroz de raiva e fúria, exibindo dentes esfarrapados e manchados. Seus olhos eram vermelhos como sangue e brilhavam com uma luminosidade aterrorizante.

Sandy já estava farta. Em uma demonstração de bom senso, ela correu para a porta, mas foi bloqueada por um homem alto vestido com camuflagem do exército. Ele a pegou facilmente pelo braço e a levou de volta para dentro do prédio. Ele tinha um nariz grande, um queixo bem afilado e uma boca de soslaio cheia de dentes de ouro. Uma boina preta estava empoleirada em sua cabeça. Sua presença teve um efeito estranho sobre as criaturas enjauladas. Elas ficaram em silêncio quando ele chegou e se retiraram para o fundo de suas gaiolas.

"Bom dia, Dr. MacLean, ele disse, falando com um sotaque europeu. Ele observou os Trouts, deixando seu olhar fixo em Gamay. Esses são nossos mais novos recrutas? "" Eles são especialistas em nossos campos de estudo", disse MacLean.

Houve uma agitação na porta.

"Que sorte. Você e nossos novos convidados chegaram na hora da alimentação."

Uma equipe de guardas entrou, empurrando um carrinho cheio de armadilhas para ratos, do tipo caixa, que capturam roedores sem matá-los. Os guardas descarregaram o carrinho, conduziram as armadilhas até as gaiolas e soltaram os ratos.

Com os olhos brilhando como rubis, as criaturas de cabelos brancos voltaram para a frente das gaiolas. Elas deviam estar familiarizadas com o procedimento, pois estavam prontas quando os ratos saíram correndo das armadilhas. Eles atacaram os infelizes roedores com a velocidade de panteras. Rosnando ferozmente, eles rasgaram os ratos em pedaços e os devoraram com todo o gosto de um gourmet em um restaurante cinco estrelas.

Sandy correu para a porta novamente. Dessa vez, o homem que usava a boina se afastou e a deixou ir, rindo muito. Gamay ficou tentada a segui-la, mas sabia que arrancaria o braço do homem se ele encostasse a mão nela.

"A jovem senhora evidentemente não aprecia nosso sistema de reciclagem. Controlamos nossa infestação de ratos e alimentamos nossos animais de estimação ao mesmo tempo." Virando-se para MacLean, ele disse: "Espero que você tenha dito aos nossos hóspedes que este é um lugar adorável".

"O senhor é muito mais eloquente e persuasivo do que eu jamais poderia ser, Coronel", disse MacLean.

"Isso é verdade", disse o homem. Ele se virou para encarar Trout. "Sou o Coronel Strega, o comandante desta instalação laboratorial. Os demônios imundos que você vê desfrutando de suas refeições finas já foram homens como você. Se o senhor e as senhoras não fizerem o que lhes foi ordenado, podemos transformá-los em um desses demônios. Tudo dependerá do meu humor e da minha generosidade. As regras aqui são simples. Você trabalhará sem reclamar e em troca, terá permissão para viver. Você entendeu?"

Trout estava se esforçando ao máximo para ignorar os rangidos e arrotos que vinham das gaiolas. "Entendo, Coronel e vou passar sua mensagem para minha amiga de estômago fraco."

Strega olhou para Trout com seus olhos amarelos de lobo, como se estivesse tentando memorizar seu rosto. Depois, deu um sorriso de 14 quilates para Gamay, bateu os calcanhares, deu meia-volta e se dirigiu para a porta. Os guardas empurraram os Trouts para fora do prédio, embora eles não precisassem de nenhuma persuasão. Strega estava entrando em um Mercedes conversível. Sandy estava encostada no prédio, vomitando. Gamay foi até lá e colocou o braço em volta da piloto do Alvin.

"Desculpe por tudo isso", disse MacLean. "Strega insiste nessa orientação para os recém-chegados. É garantido que eles vão se assustar." "Ela me assustou mais do que isso", disse Sandy. "Da próxima vez, vou saber usar fralda".

MacLean suspirou. "Todos nós tivemos um dia difícil. Vamos acomodá-los em seus aposentos. Depois que tiverem a chance de tomar banho e se trocar, vamos nos encontrar para um drinque em minha casa."

O ônibus percorreu mais 800 metros, passando por mais cercas farpadas e eletrificadas, finalmente parando em um complexo com um grande prédio de telhado redondo cercado por pequenas estruturas de telhado plano.

"Esse é o laboratório onde estaremos trabalhando", disse MacLean. Ele apontou para um prédio isolado. "Essa é a casa de Strega. Os guardas têm seus alojamentos bem ao lado. Os chalés são para a equipe científica. Parecem bunkers, mas vocês os acharão bastante confortáveis."

O guarda ordenou que todos saíssem do ônibus e indicou aos Trouts e a Sandy um par de chalés adjacentes. A casa dos MacLean ficava ao lado. Trout e Gamay foram para seus aposentos, basicamente um quarto com uma cama de ferro, uma pequena mesa e cadeira e um banheiro. Era espartano, mas limpo. Eles tiraram as roupas e tomaram longas duchas quentes. Trout se barbeou com a lâmina de barbear descartável e sem brilho deixada para ele.

Dois macacões de uma peça só, cor de limão, estavam cuidadosamente dobrados sobre a cama. Eles não queriam vestir um uniforme de presidiário, mas suas próprias roupas cheiravam mal mesmo antes de visitarem o biotério. O macacão de Trout era um pouco curto nas mangas e nas pernas, mas não era desconfortável. A gravata borboleta não combinava, mas ele a usou de qualquer forma. Gamay teria ficado glamourosa mesmo vestida de pano de saco.

Eles foram até a casa ao lado para chamar Sandy, mas ela estava dormindo e eles decidiram não a acordar. MacLean os recebeu em seu chalé, que era idêntico aos outros, exceto pelo bar bem abastecido. Ele insistiu para que o chamassem de Mac, depois serviu três copos de uísque escocês e levou a garrafa com ele quando saíram. O ar estava fresco, mas não era desconfortável.

"Acho que meu alojamento pode estar grampeado", explicou MacLean. "O Coronel Strega é um homem cheio de recursos."

"Não sei se gosto do senso de humor dele", disse Gamay.

"Ele é mais conhecido por suas outras qualidades. A Corte Mundial gostaria de falar com ele a respeito de algumas valas comuns na Bósnia. Como está sua bebida?"

"Ótimo. Não poderíamos fazer melhor no Club Med", disse ela. "Quando fico muito deprimida, finjo que estou de férias em um resort fora do comum", disse MacLean.

"Nos resorts que visitei, o almoço não era entregue em armadilhas para ratos", disse Trout.

Houve um silêncio incômodo, que foi quebrado por Gamay. "O que, ou quem, eram aquelas criaturas repugnantes naquelas gaiolas? MacLean demorou a responder. "Foram erros." "Como colega cientista, você entenderá quando dissermos que precisa ser mais específico", disse Trout.

"Desculpe-me. Talvez seja melhor eu começar do início." MacLean colocou mais uísque em seu copo, deu um gole forte e olhou para o espaço com um olhar distante.

"Parece que foi há muito tempo, mas faz apenas três anos que fui contratado por uma pequena empresa de pesquisa nos arredores de Paris para trabalhar com enzimas, as proteínas que são produzidas pelas células vivas. Estávamos interessados na função que as enzimas desempenham no processo de envelhecimento. Nossa empresa tinha apenas recursos limitados, por isso ficamos extasiados quando um grande conglomerado absorveu nosso laboratório."

"Quem estava por trás desse conglomerado?" perguntou Trout. "Nós não sabíamos e não nos importávamos. Ele nem mesmo tinha um nome. Recebemos aumentos substanciais. Prometeram-nos mais financiamento e recursos. Não nos importamos quando novas condições foram impostas." "Que tipo de condições?"

"Sob nossa nova administração, os guardas nos vigiavam constantemente. Homens de jaleco e terno, mas guardas mesmo assim. Nossos movimentos eram restritos. Morávamos em um alojamento próximo ao laboratório. Os veículos da empresa nos buscavam todas as manhãs e noites. Aqueles que tinham família podiam receber visitas de tempos em tempos, mas todos nós éramos alertados sobre o sigilo de nosso trabalho. Até assinamos contratos concordando com as regras rígidas, mas você precisa entender que estávamos cegos. Estávamos em uma busca pela verdadeira Pedra Filosofal."

"Pensei que você fosse um químico, não um alquimista", disse Gamay. "Se bem me lembro, a Pedra Filosofal era uma substância que podia transformar metais comuns, como chumbo, em prata ou ouro."

MacLean assentiu com a cabeça. "Essa é uma concepção comum. Muitos antigos acreditavam que a pedra era o lendário "elixir da vida". Se você misturasse essa substância maravilhosa com vinho, a solução poderia curar feridas, restaurar a juventude e prolongar a vida. Essa é a pedra que estávamos procurando."

"A busca pela imortalidade", refletiu Trout. "Talvez fosse mais fácil transformar chumbo em ouro."

Um leve sorriso cruzou os lábios de MacLean. "Muitas vezes, durante nossa pesquisa, tive o mesmo pensamento. Muitas vezes ponderei sobre a impossibilidade da tarefa que havíamos nos proposto."

\* "Você não é o primeiro a fracassar nessa busca", disse Trout.

"Oh não, Dr. Trout. Você entendeu errado. Nós não fracassamos."

"Espere, Mac. Você está dizendo que o elixir da vida existe?"

"Sim. Nós o descobrimos no fundo do mar, nas fontes hidrotermais da Cidade Perdida."

Eles ficaram olhando para MacLean, imaginando se a insanidade desta ilha havia transformado o escocês em um louco.

"Há muito tempo que estou enfiando meu fucinho na lama do mar", disse Trout depois de um momento. "Ainda não descobri nada que se pareça com a Fonte da Juventude."

Gamay balançou a cabeça. "Você terá que desculpar meu ceticismo. Como bióloga marinha, estou mais familiarizada do que Paul com os respiradouros e para ser sincera, não tenho a menor ideia do que você está falando."

Os olhos azuis de MacLean brilharam de diversão. "Você sabe mais do que pensa, moça. Por favor, explique por que os cientistas de todo o mundo estão entusiasmados com os micróbios que foram encontrados nos respiradouros."

"Isso é fácil", disse Gamay, encolhendo os ombros. "Essas bactérias não se parecem com nada que já tenha sido encontrado antes. São 'fósseis vivos'." As condições na Cidade Perdida são semelhantes àquelas que existiam no início da vida na Terra. Se você descobrir como a vida evoluiu em torno dos respiradouros, poderá ver como ela poderia ter começado na Terra, ou mesmo em outros planetas."

"Exatamente isso. Meu trabalho começou com uma premissa simples. Se você tivesse algo envolvido na criação da vida, talvez pudesse estender a vida também. Nossa empresa teve acesso a amostras coletadas em expedições anteriores à Cidade Perdida. A enzima que esses micróbios produziam era a chave."

"De que forma?"

"Toda criatura viva na Terra é programada para uma tarefa: reproduzir-se o maior número de vezes possível. Uma vez que seu trabalho é feito, ele se torna redundante, portanto, todos os organismos têm um gene de autodestruição embutido que os despacha para abrir caminho para as gerações futuras. Nos seres humanos, às vezes o gene é ativado prematuramente e ocorre a *progeria de Werner*, em que uma criança de oito anos de idade se parece com uma de oitenta. Pensamos que, se esse gene pode ser ativado, ele também pode ser desativado, o que resulta em um envelhecimento mais lento."

"Como você testaria algo assim?" disse Trout. "Teria de dar o gene a indivíduos em teste e esperar décadas para ver se eles viveriam mais do que o grupo de controle."

"Esse é um bom ponto. Também haveria problemas com patentes. Sua patente poderia expirar antes de colocar o produto no mercado. Mas essa enzima não só desliga o gene, como também serve como um super antioxidante que desarma os radicais livres. Ela não só pode retardar os processos químicos que levam ao envelhecimento, como também pode restaurar a juventude." "A Pedra Filosofal?" "Sim. Agora você entende." "Você realmente conseguiu fazer isso?" disse Trout.

"Sim, em animais de laboratório. Pegamos camundongos que eram idosos pelos padrões humanos e restauramos sua juventude de forma dramática." "De forma dramática?"

"Pegamos camundongos cuja idade em anos humanos era de noventa anos e a reduzimos para quarenta e cinco."

"Você está dizendo que reverteu a idade do animal pela metade?" "Sem dúvida. Tônus muscular. Estrutura óssea. Níveis de energia. Capacidade reprodutiva. Os camundongos ficaram ainda mais surpresos com isso do que nós."

"Essa é uma conquista notável", disse Gamay, "mas os seres humanos são muito mais complicados do que os camundongos."

"Sim", disse ele com um suspiro. "Sabemos disso agora." Gamay captou a mensagem não dita de MacLean. "Você fez experimentos com seres humanos, não foi?" "Não na minha equipe original. Passaram-se anos antes de realizarmos experimentos com seres humanos. Teríamos feito isso sob as mais rigorosas condições." Ele engoliu sua bebida, como se ela pudesse lavar memórias desagradáveis. "Minha equipe apresentou suas descobertas preliminares e não ouvimos nada por um tempo. Depois, fomos informados de que a equipe estava sendo dissolvida e o laboratório desmontado. Foi tudo muito civilizado. Um aperto de mão e um sorriso. Até recebemos bônus. Algum tempo depois, enquanto ele estava limpando os arquivos do computador, um colega encontrou uma fita de vídeo que detalhava experimentos humanos. Eles estavam sendo realizados em uma ilha em algum lugar".

Trout apontou para o chão a seus pés. "Aqui?" "Uma suposição razoável, você não diria?" disse MacLean. "O que aconteceu depois?"

"Cometemos um segundo erro fatal ao subestimar a crueldade dessas pessoas. Voltamos à empresa como um grupo e exigimos que eles parassem. Disseram-nos que os participantes eram todos voluntários e que não tínhamos mais nada a ver com isso. Ameaçamos tornar públicas as informações. Eles nos pediram para esperar. Em uma semana, membros da minha antiga equipe começaram a sofrer "acidentes" fatais. Atropelamentos e fugas. Incêndios. Eletrocutados pelo uso imprudente de eletrodomésticos e ferramentas. Alguns homens saudáveis tiveram ataques cardíacos. Vinte e um no total".

Trout soltou um assobio baixo. "Você acha que eles foram assassinados?" "Sei que foram assassinados." "A polícia suspeitou de crime?" perguntou Gamay. "Sim, em alguns casos, mas nunca puderam provar nada. Meus colegas tinham ido para casa em vários países diferentes. E como eu disse, estávamos trabalhando em segredo." "Mesmo assim, você sobreviveu", disse ela.

"Pura sorte. Eu estava fora em uma escavação arqueológica. Meu hobby. Quando voltei para casa, encontrei uma mensagem de um colega, já assassinado, avisando que minha vida corria perigo. Fugi para a Grécia, mas meus antigos empregadores me localizaram e me trouxeram para cá." "Por que eles não mataram você também?"

MacLean riu sem humor. "Eles queriam que eu liderasse uma equipe de pesquisa reconstituída. Parece que eram espertos demais para suas habilidades. Depois que mataram a equipe original, começaram a surgir falhas na fórmula. Isso era inevitável em uma pesquisa tão complexa. Você viu os erros deles dançando em suas gaiolas agora a pouco."

"Você está dizendo que esse elixir da juventude criou essas feras rosnantes?"

disse Trout.

MacLean sorriu. "Dissemos aos tolos que era preciso trabalhar mais. A enzima tem um efeito diferente nos seres humanos. Somos criaturas complicadas, como você disse. Havia um equilíbrio delicado envolvido. Na mistura errada, o produto químico simplesmente matava o indivíduo. Em outros, desencadeava a progéria. Com aquelas pobres criaturas que você viu, a substância voltou no tempo e trouxe à tona as características agressivas que serviram bem aos nossos ancestrais quando eles eram répteis ou macacos. Não deixe que a aparência deles o engane. Eles ainda têm inteligência humana, como Strega aprendeu."

"O que você quer dizer com isso?"

"Há dois tipos de criaturas. Os Alfas faziam parte do experimento original, que, segundo me disseram, começou há muitos anos. Os Betas foram criados na rodada mais recente de experimentos. Há pouco tempo, alguns deles conseguiram escapar. Aparentemente, eles foram liderados pelos Alfas. Eles construíram uma balsa tosca e desembarcaram em outra ilha, onde mataram várias pessoas. Strega os perseguiu e os trouxe de volta. Ele submeteu alguns dos Alfas às mais terríveis torturas antes de matá-los na frente dos outros como uma lição."

"Se eles são tão problemáticos, por que os mantêm por perto?" disse Gamay.

"Aparentemente, nossos empregadores acreditam que eles têm algum valor. Um pouco como nós. Ferramentas descartáveis. As últimas cobaias eram imigrantes ilegais de países pobres que achavam que estavam indo para a Europa ou para a América em busca de emprego e de uma vida melhor."

A mandíbula de Trout se endureceu. "Esse é um dos esquemas mais monstruosos de que já ouvi falar. Uma coisa que não consigo entender. Por que esses capangas sequestraram o Alvin e nos raptaram?"

"A enzima tem um prazo de validade curto. Eles construíram o submarino para que a enzima possa ser extraída assim que for colhida. Ela é separada dos micróbios. Depois de estabilizada, o submarino transporta o produto acabado para cá para pesquisa e desenvolvimento adicionais. Eles sabiam de sua expedição. Deviam estar com medo de que o projeto de mineração submarina deles fosse descoberto. Por acaso, você estava a poucos minutos de descobri-lo."

"Não foi por acaso. Estávamos procurando a fonte do Gorgonweed", disse Gamay.

"Agora é minha vez de ficar intrigado.

O que é Gorgonweed?"

"É uma forma mutante de uma alga comum", disse Gamay. "Ela está causando estragos em todo o mundo. A origem dessa mutação foi rastreada até a Cidade Perdida. Estávamos tentando identificar sua causa exata. Não divulgamos essa parte da expedição porque não queríamos deixar as pessoas em pânico. A situação é muito pior do que todos disseram em público."

"Em que sentido?"

Gamay disse: "Se for permitido que a erva daninha se prolifere, os oceanos se tornarão apenas enormes tapetes encharcados de vegetação. O comércio marítimo seria impossível. Os portos seriam fechados. A maioria das espécies de peixes morreria, criando uma enorme perturbação na cadeia alimentar que certamente afetaria a produção terrestre. O clima criado pelos ciclos oceânicos normais se tornaria caótico. Os governos cairão. Haverá doenças e fome. Milhões de pessoas morreriam."

"Meu Deus. Eu estava com medo de que algo assim pudesse acontecer."

"O que você quer dizer com isso?" Gamay disse.

"Os micróbios eram perfeitamente inofensivos em seu habitat natural. Sempre houve a possibilidade de que eles migrassem quando perturbássemos seu habitat. Evidentemente, eles sofreram mutação nos genes de organismos superiores."

"Isso pode ser revertido?"

"Há uma boa chance de podermos aplicar o trabalho que estamos fazendo agora para a solução."

"Você acha que o Coronel Strega estaria aberto a uma sugestão de direcionarmos nossas energias para salvar o mundo de uma infestação de Gorgonweed?" disse Trout.

MacLean riu. "O Coronel Strega acredita que este acampamento é o mundo. E que ele é Deus."

"Mais um motivo para fugirmos", disse Trout.

"Essas pessoas que nos sequestraram deviam saber que seria iniciada uma busca em massa pelo Alvin", disse Gamay.

MacLean olhou para seu copo vazio e depois seus olhos encontraram os dela. "De acordo com Strega, a situação seria resolvida. Ele não entrou em detalhes, mas vários mutantes foram retirados da ilha há pouco tempo. Acho que eles tinham algo a ver com o plano."

"Sem detalhes?"

MacLean balançou a cabeça.

Trout se forçou a lidar com o problema em questão.

"Você disse que foi trazido de volta para cá para reconstituir uma equipe científica", disse ele.

"Sim, há seis outras almas infelizes que foram atraídas para cá, como os imigrantes, com promessas de trabalho. Você as conhecerá no jantar. Nosso empregador se esforçou muito para garantir que fossem pessoas solteiras com pouco ou nenhum vínculo familiar."

"Quanto tempo temos?"

"Todos nós sabemos que seremos mortos assim que extrairmos o elixir puro. Nós nos arrastamos o máximo que pudemos, enquanto mostramos algum progresso. Tem sido um equilíbrio delicado. Uma remessa do elixir foi enviada enquanto estávamos no submarino."

"O que isso significa para nós?"

"Nós nos tornaremos redundantes depois que a fórmula chegar ao seu destino e nossos empregadores verificarem se ela funcionará."

"Funcionará?"

MacLean assentiu com a cabeça. "Ah, sim. Os resultados iniciais serão bastante rápidos e dramáticos. Assim que Strega receber a notícia, ele começará a nos jogar aos animais, um por um." Ele balançou a cabeça. "Receio que eu o tenha resgatado apenas para colocá-lo em uma situação sem esperança."

Trout se levantou de sua cadeira e olhou ao redor do acampamento, pensando que a beleza acidentada da ilha estava fora de lugar com os horrores que ele tinha visto.

"Alguma ideia?", disse ele.

Acho que seria útil se Mac nos contasse tudo o que sabe sobre esse lugar", disse Gamay. Cada detalhe, por mais bobo ou estúpido que pareça."

"Se ainda estiver pensando em fugir, esqueça", disse MacLean com ar sombrio. "Não tem jeito."

Gamay olhou para o marido. "Sempre há um jeito", disse ela com um sorriso. "Só não sabemos qual é."

SKYE TINHA CAÍDO em um sono profundo quando Austin se arrastou para a cama com colchão de penas do albergue. Ela se agarrou ao lado dele durante toda a noite, com o sono frequentemente perturbado por murmúrios febris de morte e água escura. Os nervos de Austin também estavam à flor da pele. Várias vezes, ele se soltou do aperto quente de Skye e foi até a janela. Exceto pelas mariposas que se agitavam em torno do letreiro iluminado da pousada, tudo estava parado. Mas Austin estava longe de ser complacente. A família Fauchard tinha um longo alcance.

Depois de uma noite de sono agitada, eles foram acordados pela luz do sol que inundava o quarto. Eles vestiram os roupões de banho de tecido felpudo que Skye encontrou em um armário e tomaram o café da manhã no quarto. Austin havia jogado seus trajes esfarrapados no lixo. Eles recrutaram a empregada que trouxe a comida e a mandaram comprar roupas. Fortalecida com uma xícara de café forte, Skye recuperou seu brilho habitual, mas o Chateau Fauchard ainda pesava muito em sua mente.

"Devemos denunciar os Fauchard às autoridades?", perguntou ela. "Os Fauchard são uma família rica e poderosa", disse Austin. "Isso não significa que eles estejam acima da lei", disse ela.

"Eu concordo com você. Em que parte da nossa história você acha que a polícia acreditaria?"

Se fizermos barulho, podemos até ser acusados de roubar o avião do Emil."

"Entendo o que você quer dizer", disse ela com uma careta. "Bem, então, o que faremos?"

"Voltamos para Paris. Nos reagrupamos. Descobrir toda a sujeira que pudermos sobre os Fauchards." Austin limpou a garganta. "Quem vai dizer ao seu amigo Darnay que o Rolls-Royce dele, crivado de balas, está no fundo do fosso de um castelo?"

"Eu o informarei. Não se preocupe, Charles estava pensando em trocá-lo por um Bentley. Ele simplesmente vai informar que foi roubado." Os lábios dela se alargaram em seu habitual sorriso ensolarado. "Conhecendo Charles, eu diria que, para começar, ele foi roubado." Uma nuvem escura lançou uma sombra sobre seu sorriso. "Você acredita no que aquele pobre inglês Cavendish disse? Que os Fauchards começaram a Primeira Guerra Mundial e tiveram pelo menos alguma responsabilidade pela Segunda Guerra Mundial?"

Austin mastigou a pergunta junto com uma mordida no croissant. "Não sei. É preciso mais do que algumas pessoas para começar uma guerra. A arrogância, a estupidez e o erro de cálculo desempenham um papel importante."

"É verdade, mas pense nisso, Kurt. Em 1914, as Grandes Potências eram lideradas por alguns dos líderes mais ineptos da história. A decisão de iniciar a guerra estava nas mãos de poucas pessoas. Nenhuma delas era particularmente inteligente. Um czar ou um kaiser não precisava pedir permissão ao seu povo para entrar em guerra. Será que um grupo pequeno, rico e determinado, como os Fauchards e outros fabricantes de armas, não poderia manipular esses líderes, tirar proveito de suas deficiências e influenciar suas decisões? E depois proporcionar um evento como o assassinato do Grão-Duque que daria início ao tiroteio?"

"Certamente é possível. A Segunda Guerra Mundial foi uma situação diferente, mas você tinha a mesma mistura volátil esperando por uma faísca para desencadear a explosão."

"Então você acha que há algo nas acusações?"

"Agora que conheci os Fauchards, concordo que se alguém pudesse iniciar uma guerra, seriam eles. A maneira assassina com que reagiram quando Cavendish falou demais."

Ela estremeceu ao se lembrar da morte do inglês. "Cavendish alegou que Jules Fauchard estava tentando impedir a guerra", disse Skye. "Sabemos que ele chegou apenas até a geleira de Dormeur. Se ele tivesse conseguido atravessar os Alpes, teria aterrissado na Suíça."

"Estou vendo onde você quer chegar. Um país neutro onde ele poderia ter revelado ao mundo o que sua família estava tramando." Ele fez uma pausa. "Vamos pensar sobre isso. Fauchard era rico e influente, mas precisaria de provas para defender seu caso. Documentos ou papéis secretos."

"É claro!" disse Skye. "O cofre forte que Jules estava carregando com ele. Os Fauchard não queriam que seu pequeno e sujo segredo de família fosse revelado."

"Ainda estou intrigado", disse Austin, depois de pensar um pouco. "Digamos que conseguimos exumar o corpo de Jules e recuperar documentos incriminadores. Os Fauchards poderiam resistir à má publicidade. Eles contratariam uma empresa de relações públicas de alto custo para dar uma guinada na história. Eles poderiam dizer que os documentos eram falsos. Além de alguns historiadores, não sei se alguém se importaria tanto tempo depois do fato."

"Então por que eles recorreram à inundação do túnel, matando Renaud e tentando nos matar?"

"Aqui está outra teoria. Vamos supor que as Indústrias Spear estejam à beira de um grande negócio. Uma fusão. Um novo produto. Talvez até uma nova guerra", disse ele com um sorriso irônico. "As manchetes sobre o passado desagradável da família poderiam estragar seus planos."

"Isso faria sentido", disse ela.

"O que não faz sentido é por que Jules estava com o capacete."

"Os Fauchards são excêntricos", ela se aventurou.

"Você está sendo gentil", disse Austin, com a testa franzida. "Eles são maníacos homicidas, mas não agem sem um propósito. Acho que os Fauchards não estavam simplesmente preocupados com a exposição da história de sua família. Eles querem desesperadamente recuperar o capacete. Há algo naquele velho pote de aço que é de grande importância para eles. Temos que descobrir o que é."

"Talvez Charles tenha progredido em seu exame. Preciso ir vê-lo assim que puder."

Uma batida na porta interrompeu a conversa. A empregada havia retornado de sua missão com sacolas de compras na mão. Austin tinha algum dinheiro e cartões de crédito, além de seu passaporte. Ele deu uma gorjeta substancial para a empregada e em seguida, ele e Skye experimentaram suas novas roupas. O vestido vermelho caiu como uma luva na silhueta esbelta de Skye. Austin experimentou sua calça preta e camisa branca. Conservadores, mas não chamariam a atenção.

O recepcionista chamou um carro alugado para eles e embora o Peugeot que alugaram não fosse um Rolls, a viagem de volta a Paris pelo campo ensolarado ajudou a remover as teias de aranha remanescentes das catacumbas de Fauchard. Austin manteve o pé pesado no acelerador. Quanto maior fosse a distância entre eles e o castelo, melhor.

Austin quase começou a cantar a "Marselhesa" quando viu o pico da Torre Eiffel aparecendo ao longe. Pouco tempo depois, eles estavam em Paris. Austin passou pelo apartamento de Skye e ela ligou para o negociante de antiguidades para avisá-lo que estava chegando à Provence. Darnay ficou encantado com os planos dela, dizendo que eles tinham muito a conversar. Skye fez uma mala para a noite e Austin a deixou na estação ferroviária, onde ela o beijou nas duas faces antes de embarcar em um trem para o sul.

O recepcionista do hotel sorriu amplamente quando Austin foi buscar sua chave.

"Ah, Monsieur Austin. Estamos muito felizes por tê-lo de volta. Um cavalheiro está esperando aqui há algum tempo para vê-lo." Ele deu uma olhada para o saguão.

Uma pessoa estava esticada em uma confortável cadeira de couro, aparentemente dormindo. Um exemplar do Le Figaro cobria seu rosto. Austin foi até lá, levantou o jornal e viu as feições de Joe Zavala, de pele escura.

Austin bateu no ombro de Zavala. "Segurança do hotel", disse ele em um sotaque de inspetor Clouseau. "Você terá que vir comigo."

Zavala abriu os olhos. "Já não era sem tempo."

"O sentimento é mútuo, velho amigo. Pensei que você estivesse nos Alpes melhorando as relações franco-americanas."

Zavala se sentou na cadeira. "Denise queria que eu conhecesse seus pais. Isso é sempre um mau sinal. Onde você esteve? Tentei ligar, mas não houve resposta no seu celular."

Austin se sentou em uma cadeira. "Há uma boa explicação para isso. Meu celular está no fundo do fosso de um castelo."

"Devo admitir que essa é uma desculpa que nunca ouvi antes. Devo perguntar como ele foi parar lá?"

"Longa história. O que era tão urgente que você teve de acampar no saguão de um hotel?"

O rosto de Zavala ficou estranhamente sombrio: "Rudi me ligou quando não conseguiu falar com você". Rudi Gunn era o segundo em comando de Pitt. "Houve um acidente no local da Cidade Perdida. Paul e Gamay mergulharam no Alvin. Eles não chegaram a subir. Havia um piloto a bordo também."

"Oh, diabos", disse Austin. "O que aconteceu?"

"Ninguém parece saber. Houve um ataque ao navio de pesquisa mais ou menos na mesma hora em que eles perderam contato com o submersível."

"Não faz sentido. Quem atacaria uma expedição científica pacífica?"

"Você me pegou. Peguei um trem rápido para Paris ontem à noite, me instalei aqui e verifiquei com o pobre funcionário da recepção a cada quinze minutos." "Há quanto tempo eles estão desaparecidos?" "Mais de vinte e quatro horas sem contato." "Presumo que Dirk e Rudi tenham sido alertados?" Zavala assentiu com a cabeça. "Dirk quer que o mantenhamos informado. Ele pediu ajuda à marinha. Falei com Rudi há meia hora. Ele enviou o navio de pesquisa Searcher para que pudéssemos ouvir algo a qualquer momento. "

"Qual é a situação do suporte de vida no Alvin? "

" Restam cerca de quarenta e oito horas de comida e ar." Zavala olhou para o relógio.

Austin amaldiçoou silenciosamente. Enquanto ele estava comendo croissants com Skye, os Trouts, se ainda estivessem vivos, estavam precisando desesperadamente de ajuda. "Temos que agir rápido."

"Há um jato executivo da NUMA no aeroporto De Gaulle. Podemos chegar aos Açores em algumas horas e Rudi providenciou transporte para a próxima etapa da viagem."

Austin disse a Zavala para ficar quieto enquanto ele subia para seu quarto. Ele se desfez de seu novo guarda-roupa em troca de seu uniforme padrão de jeans e suéter, depois jogou algumas roupas em uma mochila e estava de volta ao saguão em poucos minutos. O jato estava aquecendo os motores quando eles chegaram ao aeroporto. Depois de uma viagem rápida para os Açores, eles entraram em um hidroavião e seguiram para o Atlântico.

O navio de pesquisa NUMA Searcher estava voltando da Europa quando a ligação de Gunn o desviou para a Cordilheira do Meio Atlântico. Austin ficou feliz ao saber que o Searcher estava no local. O navio de pesquisa tinha apenas alguns meses de idade e estava repleto de equipamentos de sensoriamento remoto de última geração e robôs submarinos.

Quando o hidroavião começou a descer, Austin olhou pela janela e viu que a marinha não havia perdido tempo em reagir à solicitação de Pitt. A embarcação da NUMA e o Atlantis haviam sido acompanhados por um cruzador da marinha.

O hidroavião aterrissou na água perto da embarcação da NUMA de casco elegante. Alertada pelo piloto do hidroavião, a Searcher tinha um barco esperando para levar Austin e Zavala até o navio. O capitão, um californiano alto e de pele cor de oliva chamado Paul Gutierrez, estava esperando por eles. O capitão Gutierrez não perdeu tempo e os conduziu até a ponte. Na casa do leme, os olhos cor de coral de Austin olhavam para o mar, onde uma lancha estava se aproximando do Atlantis vindo do navio da marinha.

"Parece que estamos prestes a ter companhia."

"A marinha chegou em poucas horas. Eles estão de olho em novos ataques. Deixe-me mostrar o que estamos fazendo." Ele estendeu um gráfico da área. As seções da carta foram riscadas com um lápis preto. "Tivemos sorte com as condições climáticas. Isso lhe dará uma ideia da área que cobrimos. Fizemos pesquisas com sonar e enviamos nossos veículos operados remotamente." "Impressionante."

"Obrigado. O equipamento do Searcher consegue detectar uma moeda de dez centavos a mil braças de profundidade. Cobrimos toda a Cidade Perdida e algumas das áreas mais afastadas, onde descobrimos mais campos de fontes hidrotermais. O Atlantis também está verificando o cume. As capacidades do Searcher são incríveis, se é que posso dizer isso". Ele balançou a cabeça. "Não consigo entender. O Alvin é um dos submarinos mais resistentes do mundo. Ele já submergiu centenas de vezes sem nenhum problema." "Nenhum sinal do submersível até agora?"

"Não, mas isso não é o fim da história." Gutierrez entregou a Austin uma impressão mostrando o fundo como visto no monitor do sonar. "Depois que cobrimos a Cidade Perdida, começamos a olhar para além da área imediata. Há pelo menos três outras cidades de ventilação de tamanho comparável ou maior localizadas no cume. Veja o que encontramos em uma delas, que estamos chamando de *LC II*. "Isso nos deixou muito perplexos."

Austin pegou emprestada uma lupa. Anos de trabalho de pesquisa lhe deram um olho habilidoso para ler o sonar, mas as marcas que ele viu eram intrigantes. "O que são essas estranhas linhas duplas?"

"Nós nos perguntamos a mesma coisa. Então, enviamos um ROV e tiramos essas fotos."

Austin estudou as fotos brilhantes de oito por dez. As colunas altas da Cidade Perdida estavam claramente definidas, assim como os rastros que atravessavam as torres.

"Parecem marcas de uma grande escavadeira ou de um tanque", disse Austin.

"Muito grande", disse o capitão. "Quando usamos as colunas como escala, estimamos que os rastros devem ter pelo menos trinta pés de distância."

"Qual é a profundidade aqui?"

"Vinte e cinco centenas de pés."

Zavala assobiou. "Um feito de engenharia respeitável, mas não impossível. Você se lembra de alguma coisa, Kurt?"

"Big John", disse Austin com um sorriso. Em resposta à expressão de dúvida do capitão, ele explicou que Big John era o apelido de um veículo que rastejava pelo fundo do mar que a NUMA havia desenvolvido vários anos antes como um laboratório móvel para o oceano profundo. Ele apontou para uma foto que mostrava os rastros chegando a um fim abrupto. "O que quer que estivesse lá embaixo parece ter emergido. Ao contrário do Big John, essa tartaruga mecânica pode nadar e também rastejar."

"E meu palpite é que ela levou o Alvin com ela", disse Zavala. "Parece coincidência demais que o Alvin tenha desaparecido perto desses rastros", disse o capitão Gutierrez com um aceno de cabeça.

"Há outra estranha coincidência", disse Austin. "Soube que vocês foram atacados mais ou menos na mesma hora do desaparecimento do Alvin".

"Quando estávamos começando a entrar em pânico por causa do Alvin, fomos abordados por um navio estranho", disse Gutierrez. "Era um velho cargueiro enferrujado. O nome no casco era Celtic Rainbow e vinha de Malta. Eles pediram socorro. Quando retornamos à ligação, não houve resposta. Apenas o pedido de socorro, repetido várias vezes. Então avistamos fumaça, aparentemente vinda de um porão."

"Alguém tentou abandonar o navio?"

"Isso é que foi uma loucura. Ninguém. Nem uma alma no convés. Eu ia enviar um barco para investigar, mas o capitão Beck se ofereceu para ir até lá com um grupo de seus homens. "

" Beck?"

"Ele dirigia uma equipe de segurança oceânica. Como você deve saber, os piratas atacaram ou ameaçaram navios de pesquisa em todo o mundo. A instituição estava trabalhando com Beck para estabelecer procedimentos de segurança para seus navios de pesquisa. Ele tinha três homens, todos ex-SEALs como ele, a bordo para uma missão de treinamento. Eles estavam ensinando à tripulação e aos cientistas como reagir a um ataque de piratas. Ele me pareceu um homem muito capaz".

"Nada melhor", disse um homem em um uniforme da marinha que havia entrado na cabine de comando. "Pelo que ouvi, Beck era um verdadeiro profissional. Sou o Alferes Pete Muller. Aquele é o meu navio ali", disse ele, apontando para o cruzador. Austin estendeu a mão. "Prazer em conhecê-lo, Alferes".

"É sempre um prazer conversar com o pessoal da NUMA."

"O que aconteceu com o capitão Beck e seus homens?" disse Austin.

"Receio que todos tenham sido mortos", disse o alferes.

"Lamento muito ouvir isso.

"Encontramos o corpo do capitão na água, mas nenhum sinal de seus homens ou do navio", disse Muller.

"Como um cargueiro pode simplesmente desaparecer?"

"Nosso navio era o mais próximo quando o Atlantis enviou o SOS. Quando chegamos, os atacantes já haviam desaparecido. Protegemos a situação aqui e depois perseguimos os agressores. Sabíamos a direção deles e com nossa velocidade superior, os teríamos ultrapassado. Nós os tínhamos no radar quando o sinal desapareceu. Encontramos destroços e uma mancha de óleo, mas nenhum navio."

"Não estou entendendo", disse Austin. "Os SEALs estão entre as pessoas mais altamente treinadas em guerra especial na face da terra. Embarcar em um navio potencialmente hostil é uma de suas especialidades."

"Receio que eles tenham se deparado com algo para o qual nunca foram treinados." Austin notou algo na expressão do Alferes Muller que ele raramente via no rosto de um militar. Era o olhar de medo.

"Tenho a sensação de que há mais aqui do que me disseram. Talvez o capitão possa nos contar sobre o ataque."

"Posso fazer melhor do que isso", disse Gutierrez. "Vou deixar você ver isso."

AS IMAGENS tremidas na tela de vídeo saltaram de forma espástica, tornando óbvio que haviam sido filmadas com uma câmera de mão em circunstâncias instáveis. A câmera mostrava três homens vistos por trás. Eles usavam bandanas enroladas na cabeça e armas automáticas penduradas nos ombros. Os homens estavam em um bote inflável em movimento e a cena subia e descia com as ondas enquanto o barco se aproximava de um cargueiro enferrujado de tamanho médio. Uma voz dura podia ser ouvida por cima do zumbido do motor de popa.

"Aproximando-se do alvo. Atenção, rapazes, isso não é um passeio divertido. Vamos tentar uma inserção falsa para ver se conseguimos atrair fogo."

O homem mais próximo da lente se virou e fez um sinal de positivo com o polegar. Então a imagem congelou.

O Alferes Muller levantou-se da cadeira e ficou ao lado da tela plana na parede. Ele apontou para o homem de pele escura que sorria para a lente da câmera.

"Esse é Sal Russo", disse ele a Austin e aos demais presentes na sala. "De alto nível; experiente e duro como pregos. Ajudou a formar a SEAL Team Six, a unidade antiterrorismo. Recebeu uma cesta cheia de medalhas por seu serviço no Golfo Pérsico antes de se juntar à companhia de Beck."

"E essa deve ser a voz do capitão Beck ao fundo", disse Austin. Ele estava sentado em uma cadeira dobrável ao lado de Zavala e Gutierrez.

"É isso mesmo. Beck tinha uma câmera de vídeo em um arnês no peito. Ele a usava como uma ferramenta de treinamento para mostrar às suas equipes onde elas cometiam erros e o que faziam certo. Ele ainda estava usando a câmera quando tiramos seu corpo da água. Felizmente, ela estava em uma caixa à prova d'água. A imagem fica um pouco tremida de vez em quando, mas lhe dará uma boa ideia do que eles encontraram."

Muller apertou o botão de continuar no controle remoto e voltou para sua cadeira. O homem na tela ganhou vida e virou de costas para a câmera novamente. O zumbido do motor de popa aumentou em vários decibéis, a proa se ergueu quando o barco se levantou e se dirigiu diretamente para a escada de embarque que estava pendurada na proa a estibordo. A 30 metros da escada, o barco se desviou e acelerou para longe do cargueiro.

"A tentativa de atrair fogo não teve sucesso", disse a voz. "Vamos dar uma olhada no nome na popa."

A câmera mostrou o barco dando a volta por trás do navio, onde as palavras CELTIC RAINBOW (arco-íris celta) e abaixo, MALTA, eram visíveis no casco descascado. Em seguida, o barco se moveu ao lado da embarcação maior e voltou para a escada. Ao chegarem ao lado, um homem agarrou um degrau e segurou o barco no lugar.

Todos colocaram máscaras de gás e dois SEALs subiram a escada. O homem da proa empurrou o barco por alguns metros e apontou sua arma para o convés, pronto para abater qualquer pessoa que tentasse emboscar os embarcados. Os dois homens subiram para o convés sem incidentes. O homem da ponta acenou para que o barco voltasse a entrar.

"Inserção suave e sem resistência", disse Beck. "Reforço entrando agora."

Com o barco amarrado à escada, Beck e Russo começaram a subir. Houve uma imagem agitada da lateral do navio e o microfone captou o som de uma respiração pesada. A voz de Beck podia ser ouvida murmurando: "Estou ficando velho demais para essa porcaria. Puff. Mas é muito mais divertido do que ficar sentado em uma mesa".

A câmera fez uma panorâmica do convés para mostrar os SEALs agachados, com as armas prontas. A fumaça da nuvem se espalhou pelo convés. Conforme estabelecido em seu pré-plano, Russo pegou um homem e correu de cabeça para baixo para o outro lado do navio e em seguida, eles se dirigiram para a popa. Beck e o outro SEAL fizeram o mesmo no convés de estibordo e a equipe se reuniu na amurada da popa. "O lado de bombordo está livre", disse Russo. Ele olhou para a fumaça. "Parece que o fogo está se apagando."

"Você está certo", disse Beck. "A fumaça está diminuindo. Tirem suas máscaras."

Os homens fizeram como ordenado, colocando as máscaras nos cintos.

"Muito bem, vamos verificar a ponte para ver quem está enviando a mensagem."

A câmera mostrou os homens se movendo em forma de salto, primeiro uma equipe e depois as outras, de modo que a equipe líder estivesse sempre coberta. Eles subiram as escadas, parando em cada convés antes de continuar, alcançando as asas da ponte sem nenhum incidente.

A voz de alguém chamando "*Mayday*" estava saindo pela porta aberta da casa do leme.

Velocidade, surpresa e furtividade são as essências de uma missão SEAL. O fato de ter que embarcar no navio em plena luz do dia excluía dois desses elementos, então eles não perderam tempo fora da casa do leme. A câmera os seguiu e a voz de Beck pôde ser ouvida dizendo: "Bom trabalho. Que inferno. O maldito lugar está vazio".

A câmera mostrou uma varredura de 360 graus da casa do leme e em seguida, Beck foi até o rádio do navio. Uma mão, obviamente a dele, estendeu-se e pegou um gravador ao lado do microfone do rádio. A mensagem de *Mayday* que eles tinham ouvido estava sendo repetida várias vezes. A mão desligou o gravador e os *Maydays* pararam.

"Puta que pariu!", disse um dos homens. "Que diabos é isso?"

A voz de Beck podia ser ouvida ao fundo, calma, mas com um inconfundível senso de urgência, ordenando que seus homens engatilhassem as armas, ficassem atentos e voltassem em tempo recorde para o barco.

Então, os portões do Hades se abriram.

Alguém ou alguma coisa se lançou pela porta, gritando como uma criatura furiosa. Em seguida, veio a explosão estrondosa de uma espingarda à queima-roupa. Mais gritos, corpos empertigados e o barulho de disparos de armas automáticas. Havia flashes borrados de cabelos ou pelos brancos sujos e vislumbres de rostos saídos de um pesadelo.

"Por aqui, capitão!"

Chip Russo estava de costas para a câmera, bloqueando a maior parte da imagem. Mais tiros e gritos horríveis. Depois, uma série de imagens embaçadas.

Beck estava fora da casa do leme e parecia estar meio caindo, meio escalando os corredores. Sua respiração saía em grandes e roucos suspiros. Russo podia ser ouvido ao fundo gritando:

"Mexa-se, capitão, mexa-se! Peguei um dos filhos da puta de olhos vermelhos, mas eles estão atrás de nós".

"Meus homens."

"Tarde demais! Mexam-se. Que inferno."

Outra rajada de tiros. Depois, um homem gritando.

Beck havia conseguido chegar ao convés principal. Ele estava correndo agora, bufando como uma locomotiva subindo uma colina íngreme, com suas botas batendo. Ele estava perto da proa, a poucos metros da escada.

Houve um grito desumano vindo de fora da câmera. Mais cabelos brancos e corpos em movimento, depois outro tiro de espingarda. Um vislumbre de olhos vermelhos luminosos. Depois, um gorgolejo e um redemoinho no céu e no mar. A tela ficou escura.

Austin quebrou o silêncio atônito que se seguiu. "Seu vídeo levanta mais perguntas do que respostas."

"Beck quase conseguiu voltar para o barco", disse Muller, "mas alguém ou alguma coisa o emboscou quando ele estava prestes a descer a escada. Quando seu corpo foi encontrado, sua garganta havia sido rasgada."

"Você poderia voltar alguns segundos no vídeo?" disse Zavala. Muller concordou. "Certo, pare aí mesmo."

Os olhos vermelhos ardentes quase encheram a tela. A imagem estava confusa, mas a imprecisão não diminuía a intensidade feral. Fez-se um silêncio na sala, quebrado apenas pelo zumbido do ventilador. Finalmente, Austin disse: "O que você acha desse vídeo, Alferes?" Muller balançou a cabeça como um homem a quem tivessem pedido para explicar os mistérios do universo. "A única coisa de que tenho certeza é que o Capitão Beck e seus homens se meteram em uma grande confusão. Quem, ou o que quer que seja, os emboscou não esperava se deparar com uma unidade SEAL armada."

"Meu palpite é que eles pretendiam atacar o Atlantis, mas mudaram de ideia após a luta com Beck e seus homens", disse Austin. "Essa também foi a minha opinião", disse Muller.

O capitão Gutierrez se levantou de sua cadeira. "Tenho que voltar para a ponte. Os senhores me avisem se houver algo mais que eu possa fazer para ajudar."

Austin agradeceu a Gutierrez e depois que ele saiu, voltou-se para Muller. "Suponho que você voltará para a sua nave."

"Ainda não. Uma embarcação de apoio está chegando para ficar de guarda. Deve chegar em algumas horas. Eu tenho tempo. Agora que o capitão foi embora, eu gostaria de conversar sobre essa situação, se você não se importar."

"De modo algum", disse Austin. "Pelo pouco que vi, há muito sobre o que conversar."

Muller sorriu. "Quando ouvi essa história maluca pela primeira vez, pensei que poderíamos estar lidando com piratas, embora não houvesse nenhuma evidência de que eles estivessem operando nesta parte do mundo."

"Você mudou de ideia sobre os piratas?" disse Austin.

"Eu descartei essa teoria. Esqueci de mencionar que sou um oficial de inteligência da marinha. Depois que vi o vídeo, entrei em contato com minha equipe em Washington e pedi que pesquisassem tudo o que pudessem sobre 'monstros ou demônios de olhos vermelhos'." Você deveria ter ouvido as respostas desrespeitosas que recebi, mas eles pesquisaram em todas as fontes possíveis, desde Drácula, fotografia, filmes de Hollywood. Você sabia que existe um grupo de rock chamado "*Red-Eyed Demons'*?"

"Minha formação em rock parou com os Rolling Stones", disse Austin.

"Eu também. De qualquer forma, passei algum tempo analisando seus relatórios e continuei voltando a isso."

Muller tirou uma folha de papel de sua pasta e a entregou a Austin, que a desdobrou e leu a manchete.

ELENCO E EQUIPE DE TV AINDA DESAPARECIDOS, POLÍCIA FICA PERPLEXA

Era uma notícia da Reuters com data de Londres. Ele continuou lendo.

As autoridades dizem que ainda não têm pistas sobre o desaparecimento de sete participantes e quatro membros da equipe técnica que estavam filmando um episódio do programa de televisão Outcasts em uma ilha remota na costa da Escócia.

De acordo com as regras do jogo, os outros membros do chamado clã votam em um "Pária" para fora da ilha a cada semana. Um helicóptero enviado para buscar o último exilado não encontrou nenhum sinal dos outros. A polícia, trabalhando com o FBI, encontrou rastros de sangue, sugerindo a possibilidade de violência.

A única sobrevivente, que foi encontrada escondida, está se recuperando em casa. Ela foi citada como tendo dito que os sobreviventes foram atacados por "demônios de olhos vermelhos". As autoridades descartaram esse relato, dizendo que a vítima estava sofrendo de alucinações causadas pelo choque.

O popular programa de TV, um desdobramento de produções anteriores do tipo Survivor, foi criticado por alguns por incentivar uma tensão ainda maior entre os participantes e submetê-los a testes arriscados que envolvem estresse físico e mental. A emissora ofereceu uma recompensa de US$ 50.000 por informações.

Kurt entregou o artigo a Zavala, que leu a história e disse: "Como isso se relaciona com o desaparecimento de Alvin?"

"É uma conexão tênue, admito, mas tente seguir minha linha de raciocínio complicada. Voltei àqueles rastros submarinos. Ficou claro que algo estava acontecendo na Cidade Perdida e alguém queria que a atividade fosse mantida em segredo."

"Isso parece certo", disse Zavala. "Quem fez esses rastros não gostaria que ninguém ficasse bisbilhotando as aberturas térmicas."

"Se você tivesse um segredo como esse, o que faria se um submersível carregado de câmeras caísse no seu quintal?"

"Simples", disse Zavala. "A expedição foi divulgada, então eu tiraria meu equipamento de lá."

Austin disse: "Não é tão simples. Alguém certamente veria os rastros e faria perguntas. Você teria que eliminar os observadores externos. E você teria que cuidar de qualquer testemunha."

"Então isso explicaria por que um navio cheio de aberrações de olhos vermelhos foi lançado no Atlantis", disse Zavala.

Austin disse: "Suponha que o Atlantis tenha desaparecido. Um pouco mais tarde, o Alvin emergiu e quando viu que o navio de apoio havia desaparecido, pediu ajuda. Uma busca em massa seria iniciada. Há sempre a chance de que a busca encontre rastros do Alvin e atraia mais atenção."

"O que significa que o que quer que tenha feito esses rastros pode ter capturado o Alvin", disse Zavala.

"Gutierrez diz que o submersível não está lá embaixo e eu acredito nele", disse Muller.

Austin deu uma olhada no artigo da notícia novamente. "Olhos vermelhos aqui. Olhos vermelhos ali. Como você disse, uma conexão tênue."

"Eu concordo. Foi por isso que encomendei uma série de fotos de satélite das águas que cercam a Ilha dos Outcasts." De sua pasta, ele tirou uma pilha de fotos e as espalhou em uma mesa. "A maioria das ilhas tem pequenas vilas de pescadores que estão lá há anos. Em outras, os únicos habitantes são pássaros. Esta era incomum o suficiente para chamar minha atenção".

Ele deslizou uma foto em direção a Austin. A foto mostrava vários edifícios, a maioria deles agrupados longe da costa e algumas estradas primitivas.

"Alguma ideia do que são essas estruturas?" disse Austin.

"Essa ilha era originalmente propriedade do governo britânico, que a operou como uma estação de submarinos durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Mais tarde, foi vendida para uma empresa privada. Ainda estamos investigando isso. Supostamente, era usada para pesquisa de aves, embora ninguém saiba ao certo, pois o acesso à ilha é proibido."

"Este pode ser um barco de patrulha para fazer cumprir a ordem de não transgressão", disse Austin, apontando para uma pequena linha branca que marcava uma esteira.

"Essa é uma boa aposta", concordou Muller. "As fotos foram tiradas em horários diferentes durante o dia e o barco está sempre em algum ponto da ilha, seguindo praticamente a mesma rota."

Enquanto examinava as rochas e os bancos de areia que protegiam a ilha, Austin notou um objeto escuro e oval próximo à abertura do porto. Ele o viu novamente em outras fotos, mas em posições diferentes. Ele tinha um contorno vago, como se estivesse embaixo d'água e não na superfície. Ele entregou as fotos a Zavala.

"Dê uma olhada nelas e veja se encontra algo incomum, Joe." Como especialista da equipe em veículos submarinos operados remotamente e tripulados, Zavala notou o objeto estranho imediatamente. Ele espalhou as fotos. "É algum tipo de veículo subaquático."

"Deixe-me ver isso", disse Muller. "Eu vou me danar. Eu estava tão concentrado no que estava acima da água que não notei o que estava embaixo dela. Devo ter pensado que era algum tipo de peixe."

"É um peixe mesmo", disse Zavala. "Operado por bateria e motorizado. Meu palpite é que se trata de um AUV."

"Um veículo subaquático autônomo?"

Originalmente construídos para uso comercial e de pesquisa, os AUVs foram o desenvolvimento mais quente em tecnologia submarina. Os veículos robôs podiam operar por conta própria, guiados por instruções pré-programadas, ao contrário dos veículos operados remotamente, que precisavam ser guiados por um cabo.

"Esse AUV poderia ter um sonar e instrumentação acústica e seria capaz de detectar qualquer coisa ou pessoa que se movesse nas águas ao redor da ilha ou sob elas. Ele poderia enviar um alarme para monitores em terra."

"A marinha tem usado AUVs como substitutos dos golfinhos que farejavam minas. Ouvi dizer que alguns AUVs podem ser programados para atacar", disse Muller.

Austin olhou para as fotos e disse: "Parece que talvez tenhamos que tomar uma decisão rápida".

"Olhe, não estou lhe dizendo o que deve ser feito e sei que está preocupado com seus amigos", disse Muller. "Mas não há muito que você possa fazer aqui. O capitão Gutierrez continuará a busca e poderá notificá-lo se e quando encontrar algo."

"Você gostaria que nós verificássemos esse lugar?"

"A marinha dos EUA não pode invadir esta ilha, mas algumas pessoas altamente treinadas e determinadas poderiam."

Austin se virou para Zavala. "O que você acha que devemos fazer, Joe?"

"É um jogo de azar", disse Zavala. "Enquanto estivermos perseguindo os cretinos com olhos vermelhos, Paul e Gamay podem estar em um milhão de outros lugares."

Austin sabia que Zavala estava certo, mas seus instintos o apontavam para a ilha.

"Pedimos ao hidroavião para ficar de prontidão", disse ele ao Alferes Mullen. "Vamos voltar para os Açores e pegar um jato. Com sorte, poderemos dar uma olhada de perto na sua ilha misteriosa amanhã."

"Eu esperava que você dissesse isso", disse Muller com um sorriso.

Menos de uma hora depois, o hidroavião decolou da água e subiu no ar. A aeronave fez um círculo sobre o navio de pesquisa e o cruzador e em seguida, rumou para os Açores, levando Austin e Zavala na primeira etapa de sua jornada rumo ao desconhecido.

DARNAY MORAVA em uma casa de fazenda convertida em estuque e azulejos vermelhos com vista para a histórica cidade velha de Aix-en-Provence. Skye havia ligado para o negociante de antiguidades da estação de trem para avisá-lo que ela havia chegado e Darnay estava esperando na porta da frente quando o táxi a deixou em sua casa. Eles trocaram abraços e beijos superficiais nas bochechas, depois Darnay a conduziu a um amplo terraço que margeava uma piscina cercada de girassóis. Ele a sentou em uma mesa de mármore e ferro forjado e serviu dois coquetéis Kir de creme de cassis e vinho branco.

"Você não sabe como estou feliz em vê-la, minha querida", disse Darnay.

Eles trocaram copos e beberam a mistura doce e fria.

"É bom estar aqui, Charles." Skye fechou os olhos e deixou a luz do sol iluminar seu rosto enquanto respirava o ar tingido com os aromas de lavanda roxa e do distante Mediterrâneo.

"Você não falou muito quando ligou", disse Darnay. "Sua visita aos Fauchards correu bem, creio eu."

Os olhos dela se abriram. "Tão bem quanto se poderia esperar", disse ela.

"Bom. E o Sr. Austin gostou de dirigir meu Rolls?" Skye hesitou. "Sim e não." Darnay levantou uma sobrancelha.

"Antes que eu lhe conte o que aconteceu, é melhor você nos servir outro drinque".

Darnay serviu os copos e Skye passou os quarenta e cinco minutos seguintes descrevendo os eventos no castelo Fauchard, desde o momento em que Emil os cumprimentou na porta da frente até o voo maluco no avião roubado. O rosto de Darnay ficava mais sério a cada nova revelação. "Esse Emil e sua mãe são monstros!", disse ele. "Sentimos muito pelo seu carro. Mas, como você vê, não havia como evitar, dadas as circunstâncias."

Um sorriso largo substituiu a expressão sombria de Darnay. "O que mais importa é que você está segura. A perda do Rolls não tem importância. O carro me custou uma fração de seu valor. Um '*roubo*', como diria seu amigo americano."

"Pensei que fosse algo assim.

Darnay fez uma pausa para pensar. "Estou intrigado com sua descrição do retrato de Jules Fauchard. Tem certeza de que ele estava usando o mesmo capacete?"

"Sim. Você fez algum progresso na identificação dele?"

"Um grande progresso." Ele esvaziou seu copo. "Se você estiver suficientemente revigorado, vamos ver o Weebel." "O que é um Weebel?"

"Não é o quê, mas quem. Oskar Weebel é um alsaciano que vive na cidade. Ele tem o capacete."

"Não estou entendendo."

Darnay se levantou de sua cadeira e pegou Skye pela mão. "Você entenderá quando o conhecer".

Minutos depois, eles estavam no Jaguar de Darnay, acelerando em uma estrada estreita e sinuosa. Darnay conduzia o carro casualmente pelas curvas como se estivesse em uma reta.

"Conte-me mais sobre seu amigo", disse Skye quando entraram nos arredores da histórica cidade velha. Darnay virou em uma rua estreita entre o Atelier de Cezanne e a Cathedrale Saint Sauveur.

"Weebel é um mestre artesão", disse Darnay. "Um dos melhores que já encontrei. Ele fabrica reproduções de armas e armaduras antigas. Atualmente, ele terceiriza a maior parte de sua produção. Mas seu próprio trabalho é tão bom que alguns dos melhores museus e colecionadores mais exigentes do mundo não sabem que o que consideram peças antigas foi, na verdade, forjado em sua oficina."

"Falsificações?"

Darnay se encolheu. "Essa é uma palavra muito feia para vir de uma boca tão bonita. Prefiro chamá-las de reproduções de alta qualidade."

"Desculpe-me por perguntar, Charles, mas alguma dessas reproduções maravilhosas foi vendida para os museus e colecionadores que são seus clientes?"

"Raramente faço afirmações sobre a autenticidade de meus produtos. Algo assim poderia me levar para a cadeia por fraude. Eu apenas insinuo que o item em questão pode ter uma certa procedência e deixo que o cliente ligue os pontos. Como disse o comediante americano W. C. Fields, "Não se pode enganar um homem honesto". Chegamos!"

Ele encostou o Jaguar no meio-fio e levou Skye a um prédio de pedra de dois andares de arquitetura medieval. Ele tocou a campainha e um momento depois, um homem baixo e redondo, na casa dos sessenta anos, vestindo um jaleco cinza-claro de operário, abriu a porta e os cumprimentou com um largo sorriso. Ele os conduziu para dentro da casa, onde Darnay fez as apresentações.

Weebel parecia ter sido montado com peças sobressalentes que não combinavam. Sua cabeça calva era grande demais para seus ombros. Quando ele tirou os óculos antiquados, seus olhos bondosos pareciam pequenos demais para seu rosto. Suas pernas eram atarracadas. No entanto, sua boca e dentes perfeitos poderiam ter vindo de um modelo de moda e seus dedos eram longos e finos, como os de um pianista de concerto. Ele lembrava a Mole do clássico inglês The Wind in the Willows (O vento nos salgueiros), de Kenneth Grahame.

Weebel lançou um olhar tímido na direção de Skye. Ele disse: "Agora eu sei por que não tive notícias suas, Charles. Você estava distraído de outra forma".

"De fato, Mademoiselle Labelle chegou há pouco tempo, meu bom amigo. Desde a chegada dela, passei o tempo todo contando a ela sobre suas habilidades maravilhosas."

Weebel respondeu com um tchauzinho modesto, mas ficou evidente em sua expressão que o elogio o agradou. "Obrigado, Charles. Eu estava preparando um chá de hibisco", disse ele e os conduziu a uma cozinha bem organizada, onde se sentaram em uma mesa de cavalete. Weebel serviu o chá e em seguida, fez várias perguntas a Skye sobre seu trabalho. Enquanto ela respondia pacientemente às perguntas, teve a sensação de que Weebel estava guardando suas respostas em arquivos mentais bem organizados.

"Charles também me falou sobre seu trabalho, Monsieur Weebel." Quando ele se empolgou, Weebel pontuou sua fala com um rápido "*Aha*", pronunciado como uma palavra.

"Ele contou. Bem, então. *Aha*. Vou lhe mostrar, minha oficina". Ele os conduziu por uma escada estreita até o porão, que estava bem iluminado com luzes fluorescentes. Era basicamente uma oficina de ferreiro equipada com uma forja, bigorna, cinzéis, martelos especializados e pinças, todas as ferramentas voltadas para a tarefa básica do armeiro, que era bater placas de metal quente. Uma variedade de couraças, armaduras para as pernas, manoplas e outros equipamentos de proteção estavam pendurados nas paredes. O olhar experiente de Darnay olhou para uma prateleira que continha vários capacetes de vários estilos.

"Onde está a peça que deixei aqui?"

"Um capacete especial como esse merece tratamento especial", disse Weebel. Ele foi até a armadura que estava no canto, levantou o visor e colocou a mão dentro dela. "Este é um item produzido em massa. *Aha*. Eu os mando fabricar na China, principalmente para o comércio de restaurantes."

Ele ativou um interruptor dentro do traje e uma seção do painel da parede com cerca de um metro de largura se abriu com um clique suave para revelar uma porta de aço. Ele digitou um número no teclado de combinação. Atrás da porta havia uma sala do tamanho de um closet. As paredes eram forradas com prateleiras empilhadas com caixas de madeira de tamanhos diferentes, cada uma marcada com um número.

Weebel escolheu uma caixa alta e quadrada, que levou para a oficina. Ele a colocou em uma mesa e retirou o capacete Fauchard. Skye olhou para o rosto em relevo e se lembrou do retrato de Jules que havia visto no castelo Fauchard.

"Uma peça extraordinária. Notável. *Aha*." Weebel acenou com as mãos sobre o capacete como um vidente olhando para uma bola de cristal. "Pedi ao meu metalurgista para dar uma olhada. O ferro usado para fazer o aço era muito incomum. Ele acredita que pode ter vindo de um meteorito."

Darnay sorriu para Skye. "Essa era a teoria de Mademoiselle Labelle. Você datou essa peça?"

"Algumas das características do design eram inovadoras, como você apontou. Eu a colocaria no século XV, que foi quando a gravação de características faciais humanas ou animais na viseira se popularizou. É possível que o metal em si seja muito mais antigo e que o capacete tenha sido fundido a partir de um anterior. Esse amassado é uma marca de prova aparentemente feita para testar a vulnerabilidade do metal a uma bala. Ele se saiu muito bem em parar o projétil. Não tão bem com este buraco. Ele pode ter sido feito a curta distância ou por uma arma de fogo de grande potência, talvez em uma data mais recente. Talvez alguém tenha usado isso para praticar tiro ao alvo". "E quanto ao fabricante?" "O capacete é uma das peças mais finas que já vi. Dê uma olhada aqui na parte interna. Não se vê uma marca de martelo. Mesmo sem a marca registrada, eu saberia que havia apenas um fabricante de armaduras que produzia um metal de tão alta qualidade. A família Fauchard." "O que você pode me dizer sobre o fabricante?" disse Skye. "Os Fauchard eram uma das três famílias que fundaram a guilda que se tornou o que conhecemos hoje como Spear Industries. Cada família era especializada em uma determinada área. Uma família forjava o metal, a outra moldava a armadura propriamente dita. Os Fauchards eram o braço de vendas, que enviava agentes para viajar pela Europa para vender seus produtos. Como resultado, eles eram bem relacionados politicamente. Normalmente, eles não usavam sua marca registrada. Eles acreditavam que a qualidade de suas armaduras falava por si só e é por isso que é estranho ver que gravaram seu brasão na coroa dessa peça. O elmo deve ter um significado especial para a família."

"Madame Fauchard me disse que cada cabeça de águia representa as famílias fundadoras originais", disse Skye.

Os olhos de Weebel se arregalaram rapidamente. "Você realmente falou com Madame Fauchard? Skye assentiu com a cabeça.

"Extraordinário." Dizem que ela é totalmente reclusa. "Como ela era? "Uma combinação de um escorpião e uma aranha viúva negra. Skye respondeu sem hesitar. "Ela disse que a águia no meio representa os Fauchards, que passaram a dominar a empresa por meio da morte e do casamento."

Weebel soltou uma risada nervosa. "Ela lhe disse que muitas dessas mortes foram prematuras e que os casamentos foram, em sua maioria, forçados para consolidar o poder deles?"

"Madame Fauchard é muito seletiva quando se trata de falar sobre sua família. Por exemplo, ela nega a história de que eles eram poderosos o suficiente para instigar a Primeira Guerra Mundial e que participaram da promoção da Segunda Guerra Mundial."

"Esses rumores circularam por muitos anos. Vários comerciantes de armas incentivaram e facilitaram a guerra. Os Fauchards estavam no meio disso. Aha. Onde você ouviu essa história?"

"De um inglês chamado Cavendish. Ele também disse que os Fauchards roubaram o processo de fabricação de aço de sua família."

"Ah, Sir Cavendish. Sim, isso é bem verdade. Sua família criou um processo de aço superior. Os Fauchards o roubaram. "Seus dedos acariciaram o capacete. "Diga-me, você vê algo incomum no desenho da águia?"

Ela inspecionou o capacete e não viu nada que já não tivesse visto antes.

"Espere. Estou vendo. Há mais lanças em uma garra do que na outra."

"Um olho afiado, *aha..*. Notei a mesma coisa e comparei com o brasão de Fauchard. O número de lanças em cada garra é o mesmo da marca original. Quando examinei o capacete mais de perto, descobri que a lança extra foi adicionada muito depois de sua fabricação. Provavelmente nos últimos cem anos ou mais."

"Por que alguém faria isso?" disse Skye.

Weebel sorriu misteriosamente e colocou o capacete sob uma lente de aumento presa a um suporte. "Veja você mesma, Mademoiselle Labelle." Skye olhou através do vidro por um momento. "A haste e a cabeça da lança são, na verdade, algum tipo de escrita. Números e letras. Venha ver, Charles."

Darnay deu uma olhada na lupa. "Parece ser uma equação algébrica."

"Sim, sim, aha. Essa também foi a minha impressão", disse Weebel. "Não consegui decifrá-la. Precisamos de um especialista."

"Kurt disse que esse capacete pode conter a chave que abre o quebra-cabeça de Fauchard", disse Skye. "Preciso levá-lo de volta a Paris para que eu possa mostrá-lo a um criptologista ou matemático da universidade."

"Isso é lamentável", disse Weebel. "Eu esperava reproduzir essa linda peça. Mais tarde, talvez?"

Skye sorriu. "Sim, senhor Weebel. Talvez mais tarde." Ele recolocou o capacete em seu estojo e o entregou a Skye. Ela e Darnay lhe agradeceram e se despediram. Ela pediu a Darnay que a levasse à estação de trem. Ele ficou desapontado com sua decisão de ir embora e tentou persuadi-la a ficar. Ela disse que estava ansiosa para voltar a Paris, mas prometeu retornar em breve para uma visita mais longa.

"Se essa é sua decisão, devo respeitá-la", disse Darnay. "Você vai ver o Sr. Austin?"

"Espero que sim. Temos um jantar marcado. Por que está perguntando? "Temo que você esteja em perigo e me sentiria melhor se soubesse que ele está por perto para ficar de olho em você."

"Eu sei cuidar de mim mesma, Charles. Ela o beijou nas bochechas. "Mas, se isso o faz se sentir melhor, vou ligar para o Kurt no meu celular." "Isso faz com que eu me sinta melhor. Por favor, me dê um toque quando chegar em casa."

"Você se preocupa demais", disse ela. "Mas eu ligo para você." Fiel à sua palavra, ela tentou ligar para Austin enquanto o trem seguia para o norte. O funcionário do hotel de Austin disse que ele havia deixado uma mensagem para ela. "Ele disse que tinha um assunto urgente para resolver e que entraria em contato com você."

Ela se perguntou o que seria tão urgente a ponto de ele sair em tão pouco tempo, mas, pelo que tinha visto, Austin era um homem de ação e ela não ficou surpresa. Ela tinha certeza de que ele ligaria para ela como prometido. A viagem de Aix levou pouco menos de três horas. Era tarde da noite quando o trem chegou de volta a Paris. Ela chamou um táxi para levá-la de volta ao seu apartamento.

Pagou a corrida e estava se dirigindo à porta quando alguém disse em voz alta: "*Excusez mwa. Parlay-voo Anglay*?"

Ela se virou e com a iluminação do poste, viu um homem alto, de meia-idade, parado atrás dela. A mulher sorridente ao seu lado tinha um Guia Verde Michelin na mão.

Turistas. Provavelmente americanos, pelo sotaque atroz. "Sim, eu falo inglês", disse ela. "Você está perdido?"

O homem sorriu envergonhado. "Alguma vez ficamos." "Meu marido odeia pedir informações, mesmo em casa", disse a mulher. "Estamos procurando o Louvre."

Skye tentou não sorrir, imaginando por que alguém iria querer encontrar o Louvre à noite. "Ele fica na margem direita. Você está a uma certa distância dele. Mas é uma caminhada curta até a estação de metrô e o trem o levará até lá. Posso lhe dar instruções."

"Temos um mapa em nosso carro", disse a mulher. "Talvez você possa nos mostrar onde estamos".

Pior ainda. Paris não era lugar para motoristas que não conheciam a cidade. Ela os seguiu até o carro, que estava parado no meio-fio. A mulher abriu a porta traseira, inclinou-se para dentro e em seguida, tirou a cabeça para fora.

"Você poderia atravessar o banco e pegar o mapa, querida? Minhas costas"

"É claro." Segurando a bolsa com o capacete na mão esquerda, Skye se inclinou para dentro do carro, mas não viu nenhum mapa no banco. Então, ela sentiu uma pontada na coxa direita, como se tivesse sido picada por uma abelha. Ao colocar a mão sobre a picada como reflexo, ela percebeu que os americanos a estavam encarando. Inexplicavelmente, seus rostos começaram a se dissolver.

"Você está bem, querida?", disse a mulher.

"Eu" A língua de Skye parecia grossa. O pensamento que ela estava tentando expressar se desfez.

"Por que você não se senta por um minuto?", disse o homem, pressionando-a para dentro do carro.

Sua voz parecia vir de muito longe. Ela estava fraca demais para resistir quando ele tirou o estojo do capacete de suas mãos. A mulher entrou ao lado dela e fechou a porta. Skye estava vagamente ciente de que o homem tinha ido para o banco do motorista e que o carro estava em movimento. Ela olhou pela janela, mas viu apenas imagens embaçadas.

Então, uma cortina preta desceu sobre seus olhos.

TROUT ERA O retrato da diligência científica enquanto verificava o gráfico exibido na tela do espectrômetro e anotava suas observações em um caderno. Era a terceira vez que ele analisava a mesma amostra mineral da Cidade Perdida e a anotação não tinha nada a ver com o que estava na tela. Usando suas conversas com MacLean como guia, Trout estava desenhando um esboço da ilha.

O laboratório não parecia grande coisa do lado de fora. Estava alojado em três cabanas Quonset que serviram como alojamentos da equipe de apoio da antiga base de submarinos britânicos que ocupava a ilha. Dois dos edifícios de aço corrugado em forma de meio cilindro foram soldados de ponta a ponta. Uma terceira cabana foi anexada na seção intermediária, de modo que o espaço do laboratório tinha a forma de um grande T. Uma cabana inteira foi ocupada por cubas de dosagem e o restante do espaço foi usado para análises científicas.

A parte externa, de cor verde-oliva, estava cheia de ferrugem e projetava um ar geral de abandono, mas, por dentro, as cabanas eram quentes e bem iluminadas. O laboratório espaçoso era equipado com ferramentas científicas de última geração, tão atualizadas quanto qualquer coisa que Trout já tinha visto em uma instalação NUMA. A principal diferença era a presença de guardas, que ficavam parados perto de cada porta com armas automáticas penduradas nos ombros.

MacLean disse que tinha sido trazido de avião, o que lhe deu uma visão panorâmica da ilha. Quando o avião se aproximou, ele viu que a ilha tinha o formato de uma xícara de chá. Altos penhascos verticais circundavam o perímetro da ilha, quebrados em um ponto por um porto longo e estreito. Uma praia em forma de meia lua com uma milha de comprimento ficava entre o porto e os penhascos baixos que se erguiam bruscamente até um muro alto, cuja face era branca como a neve, devido ao acúmulo de dejetos de aves marinhas.

O cercado do submarino ficava na cabeceira da enseada. Uma estrada partia dos alojamentos da tripulação acima da entrada do cercado, ao longo dos penhascos que margeavam o porto. Depois de passar por uma igreja abandonada, um cemitério e as ruínas de uma antiga vila de pescadores, a estrada se unia a outro caminho que levava para o interior, subindo por uma passagem estreita e depois descendo para o interior da ilha, que já foi a caldeira de um vulcão morto há muito tempo.

Em contraste com as muralhas rochosas que a protegiam do mar, o interior era uma charneca ondulante pontilhada aqui e ali por pequenas moitas de pinheiros e tenazes carvalhos. A estrada finalmente terminava na antiga base naval que agora abrigava o complexo de laboratórios sob o comando de Strega.

MacLean atravessou o laboratório em direção à estação de trabalho de Trout. "Desculpe interromper seu trabalho", disse ele. "Como está indo sua análise?"

Trout bateu no bloco de notas com sua caneta. "Estou em uma situação difícil, Mac."

MacLean se inclinou sobre o ombro de Trout como se estivessem conversando. "Acabei de chegar de uma reunião com Strega", disse ele em voz baixa. "Evidentemente, o teste da fórmula foi um sucesso."

"Parabéns, suponho. Então, isso significa que perdemos nossa utilidade? Por que ainda não estamos mortos?"

"Strega pode ser um assassino brutal, mas é meticuloso. Ele cuidará dos detalhes da operação na ilha primeiro, assim terá tempo para se divertir sem distrações. Meu palpite é que amanhã ele nos levará para um belo piquenique e nos fará cavar nossas próprias sepulturas."

"Isso nos dá esta noite", disse Trout. Ele entregou o caderno a MacLean: "Como isso combina com sua observação da topografia da ilha?"

MacLean examinou o mapa. "Você tem habilidade em cartografia. Ele é preciso em todos os detalhes. E agora?"

"É assim que vejo as coisas, Mac. Como diria Kurt Austin, KISS." "Desculpe-me?"

"Mantenha as coisas simples, estúpido. Passamos pela passagem, que por acaso é a única saída. Vamos para o porto. Você disse que havia um píer lá."

"Eu não tinha certeza. Chegamos ao anoitecer."

"É uma suposição razoável. Vamos supor que onde há um píer, há um barco. Pegamos o barco emprestado. Depois, quando estivermos no mar, descobriremos onde estamos."

"E quanto às contingências, caso algo dê errado?" "Não há contingências. Se algo der errado, estamos mortos. Mas vale a pena tentar quando você considera a alternativa."

MacLean estudou o rosto de Trout. Por trás das feições acadêmicas, havia uma força e uma determinação inconfundíveis. Sua boca se alargou em um sorriso sombrio. "A simplicidade me agrada. O que preocupa é a execução do plano."

Trout estremeceu. "Eu preferiria não usar a palavra execução." "Desculpe-me por deixar transparecer meu pessimismo. Essas pessoas me derrubaram. Vou dar tudo de mim."

Trout se recostou em sua cadeira em pensamento e olhou para Gamay e Sandy do outro lado da sala, que estavam sentadas lado a lado examinando amostras das aberturas térmicas. Em seguida, seus olhos percorreram o laboratório, onde os outros cientistas estavam imersos em suas tarefas, alegremente inconscientes da desgraça que se aproximava. MacLean se juntou a ele em seu olhar. "E quanto a essas outras pobres almas?"

"Será que Strega poderia ter incorporado algum deles para ficar de olho em nós?" "Conversei com todos no trem. O medo deles por suas vidas é tão genuíno quanto o nosso."

A mandíbula de Trout endureceu quando ele considerou realisticamente as complexidades de uma fuga e as chances de qualquer plano dar errado.

"Vai ser arriscado o suficiente com nós quatro. Um grupo grande atrairia mais atenção. Nossa única esperança é sairmos inteiros do complexo do laboratório. Se conseguirmos o controle de um barco, ele terá um localizador de posição e um rádio. Podemos pedir ajuda."

"E se não conseguirmos?"

"Estaremos todos no mesmo barco que está afundando." "Muito bem. Como você propõe que passemos pelos homens que guardam a cerca eletrificada?"

"Estive pensando nisso. Teremos de criar uma distração."

"Terá de ser algo grande. Os homens de Strega são todos assassinos profissionais."

"Eles podem estar com as mãos ocupadas tentando salvar a própria pele." O rosto de MacLean ficou cinza quando Trout delineou seu plano. "Meu Deus, cara. As coisas podem ficar completamente fora de controle." "Espero que seja exatamente isso que aconteça. Se não conseguirmos comandar o transporte, teremos que ir a pé, o que significa que precisaremos de cada minuto que pudermos ganhar."

"Não olhe agora, mas um dos guardas está observando", disse MacLean. "Vou gesticular e agitar meus braços como se estivesse com raiva e frustrado. Não se assuste." "Fique à vontade." MacLean apontou para a tela do espectrômetro e fez uma careta. Ele pegou o caderno, bateu nele, murmurou alguns palavrões e saiu em disparada pela sala. Trout ficou de pé e olhou para MacLean com uma expressão de desaprovação. O guarda riu do confronto, depois tirou um maço de cigarros do bolso e saiu para fumar.

Trout se levantou e atravessou o laboratório para dar a boa notícia a Gamay e Sandy.

AUSTIN PASSOU pela porta da frente de um bar barulhento chamado *Bloody Sea Serpent* e atravessou a sala cheia de fumaça até a mesa do canto, onde Zavala estava, conversando com um homem desdentado que parecia uma versão escocesa do Velho do Mar. Zavala viu Austin entrar e apertou a mão do homem, que então se juntou à multidão no bar.

Austin sentou-se na cadeira agora vazia e disse: "Fico feliz em ver que você está fazendo amigos".

"Não é fácil para um garoto mexicano-americano como eu. O sotaque deles é tão forte quanto chili e como se as coisas não fossem difíceis o suficiente, não há uma única onça de tequila em toda a cidade." Ele levantou sua caneca de cerveja para enfatizar a terrível situação.

"Terrível", disse Austin, com uma distinta falta de simpatia. Ele fez sinal para uma garçonete e um minuto depois, estava bebendo uma caneca de cerveja preta. "Como foi sua missão?" disse Zavala.

Em resposta, Austin enfiou a mão no bolso de seu blusão, tirou um chaveiro e o colocou sobre a mesa. "Você vê diante de si a chave da mais nova adição à frota mundial de embarcações de última geração da NUMA."

"Você teve algum problema?" disse Zavala. Austin balançou a cabeça. "Dei uma volta pelo píer de pesca e escolhi o barco de pior aparência que encontrei. Depois fiz uma oferta irrecusável ao proprietário." "Ele não desconfiou?"

"Eu disse que era um produtor de TV americano fazendo um programa sobre o mistério dos Outcasts e que precisávamos do barco imediatamente. Depois que lhe mostrei o dinheiro, eu poderia ter dito que era do Planeta NUMA, se ele não se importasse. Ele poderá comprar um barco novo com esse dinheiro. Fizemos uma rápida declaração de venda para torná-la legal. Eu lhe prometi silêncio e um pequeno papel no programa."

"Ele tinha alguma teoria sobre o desaparecimento da equipe da Outcasts?"

"Muitas delas. Em sua maioria, fofocas da orla. Ele disse que a polícia vasculhou a ilha, mas as autoridades têm mantido um controle rígido sobre as informações. De acordo com os boatos na orla, os investigadores encontraram vestígios de sangue e partes de corpos. As pessoas não parecem muito preocupadas com tudo isso. Há um boato de que tudo não passou de um golpe publicitário e que a equipe desaparecida aparecerá em uma ilha tropical em algum lugar para um novo programa. Eles acham que a única sobrevivente é uma atriz que está recebendo muito dinheiro para contar uma história sobre os canibais de olhos vermelhos. E quanto às suas fontes?"

"Ouvi algumas das mesmas coisas com o cara com quem estava conversando. Ele está por aqui desde que os saiotes escoceses foram inventados e conhece tudo e todos. Eu disse que era um mergulhador esportivo.", disse Zavala.

"Seu amigo mencionou alguma conexão entre o incidente da Outcasts e a ilha?" disse Austin.

"No começo, houve uma conversa", disse Zavala. "Depois, o boato de golpe publicitário começou a circular e foi isso."

"A que distância fica a ilha do cenário da Outcasts?" "Cerca de oito quilômetros. Os habitantes locais acham que é uma operação semioficial e que ainda é propriedade do governo", disse Zavala. "Dada a história do lugar, isso não é muito improvável. Os pescadores evitam o local. Barcos de patrulha armados aparecem no momento em que alguém pensa em se aproximar. Alguns pescadores juram que já foram seguidos por submarinos em miniatura." "Isso se encaixa no que sabemos pelas fotos de satélite", disse Austin. "Eles devem ter se deparado com o cão de guarda do AUV."

A porta do bar se abriu e o pescador que havia vendido o barco a Austin entrou. Austin imaginou que o homem pagaria uma bebida para todos na casa e não quis se envolver em nenhuma comemoração de boa sorte e nas inevitáveis perguntas que surgiriam. Ele esvaziou sua caneca e sugeriu que Zavala fizesse o mesmo. Eles saíram pela porta dos fundos do bar e pararam na pensão para pegar suas malas de equipamentos. Minutos depois, eles estavam caminhando por uma rua estreita de paralelepípedos que os levava ao porto envolto em neblina.

Austin liderou o caminho ao longo da linha de barcos e entrou na frente de uma embarcação com cerca de vinte e cinco pés de comprimento. O casco de madeira *lapstrake*, ou "construído em clínquer", com tábuas sobrepostas, tinha uma proa inclinada para cima, construída para mares agitados. O convés era aberto, exceto por uma pequena casa do leme perto da proa. Mesmo na névoa, eles podiam ver que o barco estava sendo mantido unido por várias camadas de tinta.

"Ele é o que os pescadores locais chamam de '*creeler*'", disse Austin. O antigo proprietário diz que ele foi construído em 1971."

"Isso é 1871 ou 1971?" disse Zavala, rindo. "Mal posso esperar para ver a cara do Pitt quando ele receber a conta desse pequeno iate de luxo." "Conhecendo o Pitt, acho que ele entenderia", disse Austin. Zavala leu o nome na popa. "Spooter?" "É o termo local para um molusco. Supõe-se que o Spoot tenha qualidades afrodisíacas."

"Realmente", disse Zavala, despertando seu interesse. "Acho que faz tanto sentido quanto chifre de rinoceronte."

Eles subiram a bordo do barco e Zavala examinou o convés enquanto Austin enfiava a cabeça em uma casa do leme tão grande quanto duas cabines telefônicas juntas. A cabine cheirava a fumaça de cigarro e vapores de diesel. Quando Austin voltou para fora, Zavala bateu o pé na tábua.

"Parece sólido o suficiente".

"Esse velho balde enferrujado é, na verdade, mais resistente à navegação do que parece. Vamos ver se ele tem um mapa".

Austin remexeu na casa do leme e encontrou um mapa manchado de graxa que mostrava que a ilha ficava a 16 quilômetros do estaleiro, do outro lado da baía. Austin apontou para o porto da ilha e explicou a Zavala o plano que estava pensando.

"O que você acha disso?"

"Uma solução de baixa tecnologia para um desafio de alta tecnologia. Acho que pode funcionar. Quando vamos?"

"Não há tempo como o presente", disse Austin. "Convenci o antigo proprietário a encher o tanque de combustível."

Ele foi para a cabine do piloto. Em pouco tempo, o motor estava aquecendo, o equipamento guardado e a bússola definida. O barco tinha passado por momentos difíceis, mas seus componentes eletrônicos eram relativamente novos e permitiriam que eles navegassem em águas desconhecidas durante a neblina noturna.

Zavala soltou os cabos de amarração enquanto Austin assumiu o leme e apontou a proa para fora do porto. O motor roncava e arfava como se estivesse em suas últimas pernas, mas o Spooler abriu caminho entre as brumas e começou sua viagem para a ilha misteriosa.

PARA UM HOMEM de quase um metro e oitenta de altura, Trout se movia com uma furtividade incomum. Somente os olhos mais atentos o teriam visto sair do complexo de prisioneiros pouco depois da meia-noite. Ele andava de sombra em sombra, mantendo-se longe dos holofotes. Sua cautela excessiva provou ser desnecessária. Nenhum guarda patrulhava o complexo e as torres de vigilância estavam desocupadas. Risadas de bêbados e música alta vinham do alojamento, onde os guardas estavam dando uma festa. Trout supôs que os guardas estavam comemorando o fim de seu trabalho tedioso nesse posto avançado solitário. O barulho estridente foi diminuindo à medida que Trout trotava ao longo de uma estrada de terra longe do alojamento. Sem tentar mais se esconder, ele percorreu a distância rapidamente com seu passo longo. Ele sabia que estava se aproximando de seu objetivo quando o mau cheiro atingiu suas narinas. Sua determinação vacilou ao considerar a tarefa que se propusera, mas ele se manteve firme e prosseguiu em direção à câmara de horrores que o Coronel Strega havia chamado de forma jocosa de "Zoológico".

Trout diminuiu a velocidade para caminhar ao entrar na área iluminada ao redor do prédio de concreto e foi direto para a porta da frente. Ele passou o feixe de sua lanterna ao redor do batente da porta, mas não viu nenhuma indicação de conexões de alarme. Ninguém poderia imaginar que a casa de bloco fosse arrombada, Trout pensou, embora fosse exatamente isso que ele estava prestes a fazer.

As portas duplas de aço poderiam ter resistido a um aríete, mas estavam protegidas apenas por um cadeado comum. Usando um martelo e um cinzel de ponta afiada emprestados do laboratório, onde as ferramentas eram usadas para lascar amostras de rocha, ele conseguiu abrir o trinco rapidamente. Ele olhou em volta, quase desejando que alguém o impedisse, depois abriu as portas e entrou no prédio.

O cheiro horrível lá dentro o atingiu como um taco de beisebol e ele teve de reprimir o reflexo de vômito. A grande sala estava na penumbra, iluminada por algumas luzes fracas no teto. Sua entrada barulhenta deve ter alertado os ocupantes do zoológico, pois ele ouviu uma leve agitação nas celas escuras. Pares de olhos vermelhos ardentes observavam cada movimento seu. Trout se sentiu como uma amêijoa em um churrasco.

Ele passou o feixe da lanterna pela parede até encontrar um interruptor. Quando a sala se inundou de luz, um coro de rosnados encheu o ar e as criaturas recuaram para o fundo de suas gaiolas. Após um momento, percebendo que Trout não era uma ameaça, elas se arrastaram de volta e pressionaram seus rostos de pesadelo contra as grades.

Trout sentiu que essas criaturas estavam olhando para ele com mais do que uma fome feroz. Elas estavam curiosas e seus rosnados e murmúrios baixos eram uma forma de comunicação. Ele lembrou a si mesmo que eles haviam realizado um ataque assassino em uma ilha vizinha e que seria um erro pensar nessas criaturas como meros animais. Elas já foram humanas e podiam pensar.

Trout tentou ignorar seus olhares inabaláveis e continuou a inspecionar a sala. Ele encontrou o que estava procurando atrás de um painel de metal na parede e seus dedos tocaram em uma série de interruptores com números que correspondiam aos pintados em cada gaiola. Os números estavam identificados como Alfa e Beta. Ele hesitou, pensando nas forças infernais que estava prestes a liberar. Agora ou nunca. Ele apertou um interruptor rotulado como alfa como um experimento. Um motor zumbiu e a porta de uma gaiola se abriu com um ruído metálico. A criatura que ocupava a cela correu para a parte de trás de sua jaula e depois avançou, parando na porta aberta como se suspeitasse de um truque.

Trout apertou os outros interruptores em uma rápida sucessão. Porta após porta se abriram. Ainda assim, nenhuma das criaturas se aventurou a sair. Elas estavam balbuciando e gesticulando umas para as outras em uma comunicação primitiva. Trout não ficou por perto para acompanhar a conversa. Depois de soltar os demônios, ele correu para fora.

MACLEAN estava esperando com Gamay e Sandy em um bosque denso a cerca de cem metros do portão do complexo. Ao delinear seu plano, Trout havia dito a elas que se afastassem de seus chalés assim que ele estivesse a caminho e que ficassem escondidas até que ele as encontrasse. MacLean tinha ouvido a festa de bebedeira que estava acontecendo no alojamento, mas ainda estava nervoso, pois conhecia os guardas imprevisíveis há mais tempo do que Trout. Seus piores temores se concretizaram quando ele ouviu o som de pés batendo. Alguém estava correndo em sua direção. Ele forçou os olhos contra a escuridão, sem saber se deveria correr ou lutar.

Então alguém gritou "Mac". Era Trout. Gamay saiu das árvores e o abraçou com força. "Estou muito feliz por vê-lo", disse ela.

"Pelo amor de Deus, cara", disse MacLean. "Pensei que tivesse acontecido alguma coisa."

Trout recuperou o fôlego. "Foi mais fácil do que eu pensava." Trout ficou tenso quando uma figura emergiu das árvores, depois outra, até que todos os seis colegas cientistas estavam reunidos. "Sinto muito", disse MacLean. "Não podia deixá-los." "A ideia foi minha", disse Gamay.

"Não se preocupe. Mudei de ideia e estava prestes a voltar para buscá-los. Estão todos aqui?"

"Sim", disse um dos cientistas. "Ninguém nos viu. Mas o que vamos fazer agora?"

"Vamos esperar", respondeu Trout. Ele atravessou as árvores e se posicionou atrás de um carvalho, de onde tinha uma visão clara do portão principal. Dois guardas descansavam em frente à guarita. Ele voltou para junto dos outros e lhes disse para serem pacientes.

Trout sabia que havia assumido um risco calculado ao liberar as criaturas de suas gaiolas. Quando sentissem o gosto da liberdade, elas poderiam simplesmente fugir para as colinas. Ele apostou que o desejo de fugir seria temperado por uma emoção demasiadamente humana, uma sede de vingança contra aqueles que os haviam atormentado e aprisionado.

Ele verificou o portão novamente. Os guardas estavam fumando cigarros e passando uma garrafa de um lado para o outro. Se eles não podiam participar da festa, pelo menos podiam ter uma para eles. Ele voltou com calma para o outro lado do bosque, onde tinha uma visão desobstruída do zoológico.

Em sua saída apressada, ele havia deixado as portas da casamata parcialmente abertas. Um raio de luz veio de dentro do prédio. Ele viu formas escuras começarem a emergir do prédio. Elas pararam, continuaram, movendo-se como uma linha de escaramuça em direção aos alojamentos dos guardas e desapareceram nas sombras.

Pelos sons de risadas grosseiras e música, a festa estava a todo vapor e por um momento, Trout temeu que tivesse calculado mal. Então, de repente, as risadas foram repentinas e o grupo começou a se reunir. Então, de repente, as risadas cessaram. Foram substituídos por xingamentos, alguns tiros e em seguida, gritos de dor e terror.

Trout só podia imaginar o banho de sangue que estava acontecendo e não pôde deixar de sentir um pouco de pena dos guardas. Mas lembrou a si mesmo que os guardas estavam preparados para exterminar seus prisioneiros a uma ordem de Strega.

As sentinelas do portão ouviram o estranho barulho vindo de seus alojamentos. Eles conversaram entre si, sem saber o que fazer. Pareciam estar discutindo. Eles interromperam a discussão acalorada quando viram faróis vindo em sua direção. Eles levantaram suas armas automáticas e apontaram para o veículo que se aproximava rapidamente, que estava ziguezagueando e buzinando.

O veículo entrou na área iluminada perto do portão e Trout viu que era o conversível de Strega e que os assentos dianteiro e traseiro estavam escondidos sob uma massa de corpos contorcidos. Mais criaturas estavam penduradas no capô. Outras se penduravam nas laterais, resistindo aos esforços do motorista para desalojá-las com guinadas violentas.

Os guardas varreram o veículo em sentido contrário com tiros automáticos. Duas das criaturas caíram do capô e rolaram no chão, fazendo a noite se abrir com seus gritos de medo, mas as outras se agarraram. O carro fez uma curva violenta, ficou fora de controle e bateu de frente na guarita. O impacto deslocou as criaturas e a porta do motorista se abriu. O Coronel Strega saiu do lado do motorista, com a pistola na mão. Seu uniforme estava manchado de sangue e em farrapos. O sangue jorrava de uma dúzia de ferimentos em sua cabeça e corpo.

Ele cambaleou alguns metros e disparou um tiro que matou um dos atacantes, mas antes que ele pudesse dar outro tiro, as criaturas restantes derrubaram o coronel no chão. Trout podia ver seus braços e pernas se debatendo sob os corpos que se agitavam sobre ele e então, o coronel se enrijeceu e ficou imóvel. As criaturas arrastaram o que restava dele para as sombras. Os dois guardas já estavam fartos. Eles dispararam alguns tiros, matando uma ou duas das criaturas e fugiram para salvar suas vidas, com uma horda de demônios de olhos vermelhos em seu encalço.

Trout reuniu Gamay e os outros e os levou para o campo aberto, passando pelos corpos contorcidos até o Mercedes. Ele assumiu o volante e engatou a marcha à ré, mas o veículo estava preso nos destroços da guarita. Ele instruiu os cientistas a empurrar e puxar e depois de muitos grunhidos, as rodas ficaram livres e todos entraram no conversível.

Trout praticamente pisou no acelerador. O veículo deu um solavanco para a frente e atravessou os portões como se eles não existissem e seguiu pela estrada que os levaria ao mar e ao que Trout esperava que fosse a liberdade.

A MAIS NOVA ADIÇÃO à frota da NUMA começou a apresentar vazamentos em poucos minutos ao sair do porto. A transição de uma calmaria praticamente plana para mares de dois pés em águas abertas não foi uma mudança grave, mas foi suficiente para abrir as costuras no casco antigo do barco. Austin, que estava no leme, percebeu que o leme estava respondendo lentamente e que o barco estava se acomodando. Ele acionou o interruptor da bomba do porão, mas o motor não deu partida.

"Deviam ter dado a esse barco o nome de Busted Flush", resmungou Austin.

"Vou dar uma olhada", disse Zavala. No coração de todo engenheiro brilhante há um mecânico e Zavala não era diferente. Ele ficava mais feliz quando colocava os dedos na graxa. Ele desceu por uma escotilha do convés e depois de um ou dois minutos, gritou para Austin: "Tente novamente". A bomba começou com uma série de engasgos e suspiros. Quando ele emergiu, parecia uma vareta de nível de óleo de carro, mas tinha um sorriso no rosto manchado de óleo.

"Conserto de motor 101%. Quando tudo mais falhar, procure um fio solto", disse ele.

O conserto não havia chegado nem um minuto antes do previsto. O barco estava balançando como se tivesse um pneu furado. Mas a bomba do porão funcionou heroicamente, mantendo-se à frente dos vazamentos e depois de alguns minutos, o Spooler voltou a se equilibrar, mais ou menos e continuou em seu rumo.

A essa altura, Austin já havia descoberto que, quando o Spooler não estava afundando, ele se comportava muito bem. O barco *creeler* foi construído para as condições locais e sua proa graciosa e elevada cortava o mar com tanta facilidade quanto uma canoa em um lago. Com o vento a seu favor e o motor funcionando bem e falhando apenas ocasionalmente, eles atravessaram a baía em um bom ritmo.

Austin deu uma olhada na tela do radar e viu que estavam no curso certo. Ele olhou para o para-brisa encharcado de respingos das ondas, mas viu apenas escuridão. Enquanto Zavala assumia o leme, ele saiu da cabine. O ar frio e úmido o atingiu no rosto. Ele sentiu, em vez de ver, uma massa escura emergindo do mar escuro. Voltou para a quente cabine do leme.

"A ilha deve estar bem à frente", disse ele.

O barco avançou pela noite e em pouco tempo, a presença iminente que Austin havia sentido antes começou a se delinear. A silhueta da ilha era claramente visível contra o azul-escuro do céu. Austin moveu o leme ligeiramente para estibordo e cortou alguns pontos da bússola. As chances eram boas de que o barco estivesse sendo vigiado há algum tempo e ele queria criar a impressão para qualquer observador de que o Spooler estava contornando a ilha.

Os olhos e ouvidos eletrônicos do AUV seriam menos fáceis de enganar com uma farsa. Mas não seria impossível. Austin estudou as imagens das fotos de satélite tiradas durante várias horas e calculou o tempo do veículo, ciente de que a fórmula estava sujeita a variações naturais e humanas. Ele havia rastreado a posição do veículo e calculado a programação do AUV. Periodicamente, o AUV voltava para recarregar suas baterias.

Ele verificou a hora. O AUV deveria estar do outro lado da ilha. Na esperança de passar despercebido pelo radar, ele afrouxou o leme, aproximando o barco dos penhascos marítimos e rezou para que seus cálculos estivessem corretos.

O CENTRO DE COMANDO que protegia a segurança da ilha de estranhos intrometidos ficava em um prédio atarracado, com telhado plano e blocos de concreto, situado na entrada da enseada. Cinquenta por cento do prédio estava abarrotado de equipamentos de vigilância eletrônica. A outra metade servia de quartel para os doze guardas que comandavam o posto.

O contingente havia sido dividido em equipes de quatro homens que trabalhavam em três turnos. Durante o dia, três guardas patrulhavam o perímetro da ilha de barco, enquanto o quarto homem ficava no centro de comando.

À noite, a rotina mudava. O barco de patrulha permanecia em terra durante o turno da noite porque era difícil navegar no escuro pelas perigosas rochas com pontas de faca que se escondiam nas águas ao redor da ilha. O barco era mantido de prontidão, pronto para responder se o AUV ou o radar detectassem intrusos. A equipe noturna se revezava para recarregar o AUV em uma estação elétrica no convés. O operador do radar tinha visto o sinal na tela muito antes de o barco se aproximar da ilha e tinha visto o barco mudar de curso e se aproximar.

O homem do radar era um mercenário alemão chamado Max. Por experiência, ele sabia que os barcos de pesca raramente saíam à noite, mas relaxou quando o ponto passou pela ilha. Ele acendeu um cigarro e folheou as páginas bem viradas de uma revista masculina por alguns minutos e então seus olhos voltaram para a tela. Ela estava em branco. Ele soltou um palavrão, jogou o cigarro em um cinzeiro e se inclinou para frente, com o nariz praticamente tocando a tela. Ele até bateu no vidro com os nós dos dedos, como se isso fosse adiantar alguma coisa.

Ainda não havia sinal do alvo. O barco deve ter entrado no ponto cego do radar ao longo da base dos penhascos enquanto ele estudava a anatomia feminina na revista. Era um incômodo, mas não uma catástrofe. Ainda havia o AUV. Ele se voltou para outro monitor que mantinha o controle do AUV. Enquanto fazia suas rondas, o veículo emitia sinais para uma série de transponders flutuantes que circundavam a ilha. Os transponders retransmitiam as batidas para o centro de comando e a localização do submersível podia ser identificada a qualquer momento ao longo de sua rota.

O submersível tinha doze pés de comprimento, era plano e largo, uma combinação de manta e tubarão e tinha uma barbatana dorsal alta no topo. Um dos guardas havia dito que o perfil ameaçador o lembrava de sua ex-sogra, cujo nome era Gertrude e o nome pegou. O Gertrude navegava a poucos metros abaixo da superfície, com seu sonar escaneando a água por 30 metros de cada lado. Suas câmeras de TV registravam a cena subaquática.

Os comandos também podiam ser transmitidos de volta para o AUV. Esse era um recurso inestimável, dada a função dupla do veículo como cão de guarda subaquático e transportador de armas. O AUV carregava quatro torpedos em miniatura, cada um com potência para afundar um contratorpedeiro.

Max ordenou que o Gertrude retornasse em velocidade máxima para a área onde ele havia visto o barco pela última vez. Em seguida, ele apertou um botão do interfone.

"Desculpem interromper o jogo de vocês, rapazes", disse ele ao microfone. "Temos um barco dentro da zona de segurança."

A tripulação do barco estava jogando pôquer no quartel quando o alto-falante da parede estalou com a notícia de um intruso. Dois dos homens eram ex-legionários franceses e o outro era um mercenário sul-africano. O sul-africano jogou suas cartas no chão com desgosto e foi até o interfone.

"Onde está o alvo?"

"Ele entrou no perímetro de segurança no lado norte e depois entrou no ponto cego do radar. Enviei o Gertrude para dar uma olhada".

"Que diabos", disse o mercenário. "Minha sorte está péssima hoje."

Os três homens vestiram suas jaquetas, botas e pegaram seus rifles de assalto FA-MAS compactos. Um momento depois, eles trotaram até o final do píer coberto de neblina e subiram em um barco inflável rígido de 30 pés. Os motores a diesel gêmeos roncaram. A tripulação soltou os cabos de amarração e em pouco tempo, o sistema de hélices estava impulsionando o barco a quase quarenta nós.

O barco mal estava no mar há alguns minutos quando o homem no centro de comando informou que o alvo havia reaparecido no radar fora da boca da enseada. Ele guiou o barco de patrulha até o alvo e observou quando os dois pontos se fundiram na tela.

Enquanto dois guardas estavam prontos para explodir qualquer coisa que se movesse, o timoneiro aproximou o barco de patrulha, até que seu holofote pudesse identificar cada centímetro quadrado de tinta descascada. O sul-africano baixou o rifle e começou a rir. Os outros se juntaram a ele.

"Spooler", disse ele. "Acabamos com o nosso jogo de pôquer por causa de um Spooler?" "Do que está reclamando? Você estava perdendo". Eles riram novamente.

"Melhor entrarmos à bodo do velho barco", disse o timoneiro. Os guardas eram todos militares treinados que não deixavam que sua diversão atrapalhasse sua cautela. A brincadeira acabou e o treinamento entrou em ação. O barco de patrulha se aproximou do Spooler e dois homens subiram a bordo com as armas em punho, enquanto o outro os protegia com seu rifle. Eles verificaram a casa do leme vazia, abriram a escotilha e olharam para baixo.

"Nada", disse um dos mercenários ao homem no barco de patrulha. Ele se encostou na amurada e acendeu um cigarro.

Seu companheiro disse: "Eu não ficaria empoleirado aí por muito tempo, se fosse você".

"Diabos", disse o outro homem. "Quem morreu e o fez rei?" O legionário sorriu e subiu novamente no barco de patrulha. "Cuidado", disse ele. "Não molhe seus pés."

O sul-africano olhou para suas botas. A água estava saindo rapidamente da escotilha do motor e inundando o convés. O barco estava afundando. Ele soltou um grito, o que fez seus colegas rirem. O timoneiro afastou o barco de patrulha por alguns metros, como se estivesse deixando seu companheiro entregue à própria sorte, mas voltou quando o sul-africano proferiu uma série de palavrões em africâner.

O sul-africano praticamente caiu dentro do barco de patrulha e em seguida, ele e os outros observaram enquanto a água alcançava a boca do barco. Então, apenas o mastro era visível e alguns minutos depois, ele havia desaparecido e a única evidência de um barco era uma mancha de água borbulhante.

"Certo, então vocês fizeram uma pequena brincadeira", disse o sul-africano. "Vamos voltar e abrir outra garrafa."

O timoneiro pegou o rádio e informou ao centro de comando.

"Não faz sentido", disse o homem do radar. "Aquela coisa estava se movendo em linha reta quando a captei no radar."

"Você esteve bebendo?"

"É claro que estive bebendo."

A patrulha costeira estava comemorando depois de ouvir os boatos dos guardas do complexo de que eles poderiam estar encerrando a operação da ilha.

"Isso explica tudo."

"Mas..."

"As correntes são fortes ao redor da maldita ilha. Ele poderia ter sido apanhado."

"Acho que sim", disse Max.

"Não posso ajudá-lo nisso, amigo. Ele está afundado. Estamos chegando."

A voz do centro de comando disse: "Cuidado com a Gertrude. Ela está na área".

Segundos depois, a enorme barbatana cortou a água perto do barco. Os homens no barco de patrulha estavam acostumados a ver o Gertrude, mas nunca se sentiram confortáveis quando o AUV estava na área. Estavam nervosos com seu potencial destrutivo e com o fato de que ele operava em grande parte por conta própria. O AUV parou a quinze metros de distância. Ele estava combinando o perfil sonoro do barco de patrulha com as informações armazenadas em seu banco de dados. "Tenha certeza de que ela não está armada." Risos. "Vou pedir para o peixe dar uma olhada. "Faça isso. Vamos dar o fora daqui." Os motores a diesel roncaram, o barco deu uma guinada e voltou para a doca.

A barbatana foi para frente e para trás por vários minutos, seguindo linhas paralelas em um padrão de busca de corte de grama. O sonar de sondagem detectou o barco de pesca, agora deitado no fundo e transmitiu uma imagem. O homem do radar observou a tela por vários minutos e em seguida, comandou o AUV para retomar sua patrulha normal.

Momentos depois que o AUV se afastou, duas figuras emergiram da cabine do barco afundado. Com fortes impulsos rítmicos que consumiam a distância, eles começaram a nadar na direção A da ilha.

TROUT PISOU NO ACELERADOR até o chão depois de passar com o Mercedes de Strega pelo portão do complexo. MacLean, que estava no banco do passageiro com Gamay entre eles, olhava para o velocímetro enquanto o carro passava pela passagem.

"Dr. Trout!", disse ele em uma voz calma, mas assertiva. "Há uma curva acentuada na estrada à frente. Se não reduzir a velocidade, teremos de criar asas."

Gamay colocou uma mão no braço do marido.

Trout olhou para o velocímetro. Eles estavam a mais de setenta milhas por hora. Ele pisou nos freios e acendeu os faróis a tempo de ver que a curva era mais do que acentuada; era angular. À direita, havia um desnível sem *guard-rail*.

Os pneus derraparam perto da borda irregular do penhasco, mas o Mercedes permaneceu na estrada, que se endireitou e começou uma descida gradual. Trout soltou o fôlego que estava prendendo e relaxou o aperto mortal no volante, um dedo de cada vez.

"Obrigado pelo aviso, Mac."

MacLean comprimiu os lábios em um sorriso apertado. "Eu não gostaria que fôssemos parados por excesso de velocidade."

Trout olhou por cima do ombro para o emaranhado de braços e pernas no banco de trás.

"Todos ainda estão conosco?", ele perguntou.

"Não vamos a lugar nenhum, a menos que você nos tire de lá com um pé de cabra", disse Sandy.

Trout se deu ao luxo de dar uma gargalhada. Apesar de sua calma exterior, ele estava tão tenso quanto uma mola de relógio. O comportamento calmo de MacLean fez com que Trout voltasse à realidade. A adrenalina que corria em suas veias o havia ajudado a escapar do complexo, mas, se quisessem sobreviver, ele precisaria ser calmo e deliberado. A estrada continuou a descer até chegar ao nível do mar e terminou em um cruzamento com duas estradas.

Trout parou o Mercedes e apontou para a estrada à esquerda. "É por aqui que viemos?"

"É isso mesmo", disse MacLean. "A estrada segue ao longo da borda da enseada até o cercado de submarinos. Há uma guarnição e alojamentos de guardas lá. Se virarmos à direita, chegaremos à boca do porto. Há um centro de comando e uma doca lá para as patrulhas de barco".

Trout disse: "Você fez sua lição de casa".

"Você não é o único que tentou descobrir como sair dessa maldita rocha."

"Parece uma escolha bastante clara. O barco de patrulha pode ser nossa passagem para fora da ilha."

"Concordo", disse Gamay. "Além disso, se vamos mexer em um vespeiro, quanto menos vespas, melhor."

Trout assentiu e virou o Mercedes para a direita. A estrada seguia por mais 800 metros ao longo de uma praia que margeava a enseada. Ele viu luzes brilhando ao longe e saiu da estrada. Ele disse aos outros para onde estava indo e sugeriu que saíssem e se alongassem, mas que ficassem perto do carro. Em seguida, começou a caminhar. O ar estava pesado com o cheiro do mar e era bom estar fora do complexo. Ele não tinha ilusões. Sua liberdade era tão efêmera quanto as ondas que batiam na praia.

Trout viu que as luzes vinham de um prédio de blocos de concreto. As cortinas das janelas estavam fechadas. Ele se afastou do prédio e continuou andando até chegar a um píer de madeira que se projetava para a água. Não havia nenhum barco de patrulha. Nem mesmo um barco a remo. A brisa fresca do mar não era nada perto do frio que ele sentia na boca do estômago. Ele caminhou de volta para o Mercedes e se acomodou atrás do volante.

"O barco de patrulha se foi", ele anunciou. "Podemos esperar e torcer para que ele volte, mas assim que o sol nascer, todas as apostas estarão canceladas. Sugiro que procuremos o cercado do submarino."

"É o último lugar em que eles esperariam que estivéssemos", disse Gamay em apoio.

"É o último lugar em que eu esperaria que estivéssemos", disse MacLean. "Não somos o que se poderia chamar de contingente das Forças Especiais."

"Havia apenas uma centena de desajustados no Álamo."

"Eu conheço minha história americana, Paul. Os defensores do Álamo foram massacrados. E não me fale sobre os escoceses em Culloden. Eles também foram massacrados."

Trout sorriu. "Tempos desesperados exigem medidas desesperadas."

"Isso é algo que eu posso entender. Mas ainda não sei que medidas você tem em mente."

"Vou tentar entrar a bordo do submarino e procurar um rádio. Se isso não funcionar, pensarei em outra coisa."

"Acredito que sim", disse MacLean, examinando Trout como se ele fosse um espécime de laboratório interessante. "Você é um homem muito engenhoso para um geólogo de oceano profundo."

"Eu tento ser!", disse Trout e girou a chave de ignição.

Ele dirigiu o veículo ao longo da margem da enseada até chegar à igreja e ao cemitério abandonados. Ele estacionou atrás do prédio em ruínas e disse aos outros para ficarem quietos. Gamay insistiu em ir com ele dessa vez. Eles seguiram por uma estrada de cascalho que levava até onde a enseada se estreitava em um ponto arredondado.

Holofotes iluminavam o perímetro ao redor do quartel. Os Trouts foram até cerca de 30 metros do quartel e estudaram o layout. O prédio estava situado próximo à borda do penhasco, com uma plataforma de observação suspensa sobre a entrada da estrutura principal. Uma escada fechada descia da parte de baixo da plataforma. "Vamos dar uma olhada nessa escada", disse ele.

"Acho que não precisamos nos preocupar. Parece que uma despedida de solteiro *Klingon* está acontecendo", disse Gamay.

Assim como os homens no complexo, os sub-guardas devem ter percebido que seu dever estava prestes a terminar, pois uma comemoração semelhante, com bebedeira, estava em andamento na guarita. Aparentemente, eles não haviam descoberto o destino de seus companheiros na área do laboratório. Gamay e Trout avançaram até ficarem embaixo da plataforma. A escada caía na borda do penhasco. Eles desceram pela face do penhasco até uma passarela estreita de metal construída a alguns metros acima do nível da água e seguiram uma linha de luzes na altura dos tornozelos até a entrada aberta do cercado do submarino.

O submarino gigante que os havia sequestrado estava à frente. Algumas luzes do convés haviam sido deixadas acesas, então eles conseguiram encontrar o corredor e caminhar pelo convés até a escotilha de entrada. Trout levantou a tampa da escotilha e colocou a cabeça para dentro. Luzes de baixo nível iluminavam o interior do submarino.

Eles desceram uma escada e começaram a percorrer o submarino tão silenciosamente quanto as sombras. Trout, que estava na liderança, parou para espiar em cada canto, mas não encontrou ninguém. A sala de controle estava na penumbra, iluminada por luzes que brilhavam nos vários painéis de instrumentos. A cabine de rádio era um pequeno espaço fora da sala de controle. Enquanto Gamay vigiava, Trout sentou-se em frente ao console de comunicações, pegou o radiofone, discou o número principal da NUMA e prendeu a respiração, sem saber o que aconteceria.

"*National Underwater and ... Agency*", disse uma voz feminina amigável.

A transmissão fraca foi interrompida, provavelmente pelas paredes e pelo teto do compartimento do submarino.

"Rudi Gunn, por favor. Diga a ele que é Paul Trout que está ligando."

"Um... mento".

O momento parecia um dia. Em sua mente, ele imaginou o saguão do edifício da NUMA com seu globo central. Em seguida, a voz do diretor assistente da NUMA apareceu no telefone. Ele podia imaginar Gunn, de constituição leve, sentado em seu grande escritório, provavelmente aplicando sua genialidade em um problema logístico complexo.

"Trout? Onde, em nome de Deus... você está? Estamos procurando... na Criação. Você está bem?"

"Bem, Rudi. Gamay também está aqui. Temos que falar rápido. O Alvin foi sequestrado. Estamos em uma ilha, acho que em águas escocesas ou escandinavas. Há outros sete cientistas que também estão sendo mantidos prisioneiros. Estávamos trabalhando em um experimento maluco. Conseguimos escapar, mas talvez não dure muito tempo."

"Estou tendo problemas para ouvi-lo, mas entendo. Você pode ficar no... rádio?"

"Temos que voltar para os outros."

"Deixe o radiofone ligado. Tentaremos localizá-lo pelo... sinal".

A resposta de Trout foi interrompida por um aviso sussurrado de Gamay. Alguém estava assobiando uma música sem sentido. Ele recolocou cuidadosamente o microfone em sua base e desligou o radiofone. Em seguida, ele e Gamay se ajoelharam e tentaram, com pouco sucesso, enfiar seus corpos sob o console. O apito se aproximou. O assobiador parou para olhar através da vidraça da porta e aparentemente, não viu nada de errado, pois o assobio ficou mais fraco.

Os Trouts saíram de seu esconderijo. Paul ligou para Gunn novamente e disse a ele que eles estavam deixando o rádio ligado. Ele verificou a passagem, viu que estava vazia e eles voltaram pelo caminho por onde tinham vindo. Eles se moveram com ainda mais cautela, mantendo os ouvidos atentos a um apito revelador. Eles saíram da escotilha do convés, trotaram ao longo da passarela e subiram a escada que os levaria de volta à estrada de acesso.

Voltaram para a igreja e estavam atravessando o cemitério quando a noite se iluminou. Além do brilho ofuscante, várias formas podiam ser vistas saindo de trás das lápides como espíritos inquietos. Então, mãos rudes agarraram Trout e Gamay e guardas os levaram para dentro da igreja. Um guarda de aparência dura estava em frente ao altar, com um sorriso no rosto que não combinava com a metralhadora na altura da cintura, com o cano apontado para o umbigo de Trout.

"Olá, amigo", disse o homem, com uma rápida olhada para Gamay. "Este é o fim da estrada para você e seus amigos."

A coruja estava empoleirada em uma árvore murcha perto da beira do mar, com sua audição aguçada em sintonia com o barulho de um rato correndo entre os tufos de grama. O pássaro estava prestes a se lançar sobre a infeliz criatura quando seus olhos redondos e amarelos perceberam um movimento na praia. Algo grande e brilhante havia se desprendido de uma onda e subido na areia molhada. A coruja abriu as asas e voou silenciosamente para o interior. O camundongo correu para a grama, sem se importar com a sua fuga.

Uma segunda figura de pele negra emergiu das ondas como uma criatura primitiva que se arrastava para fora da lama primordial. Austin e Zavala levantaram suas máscaras, abriram o zíper de suas mochilas à prova d'água e pegaram as pistolas SIG-Sauer 9 milímetros que a malfadada equipe SEAL havia deixado a bordo do navio de pesquisa. Vendo que estavam sozinhos, eles tiraram seus cilindros de ar e saíram de suas roupas secas.

Eles se esgueiraram pela lateral do Spooler quando o barco de patrulha se aproximou, primeiro abrindo as comportas para mandar o barco de pesca para o fundo. Eles observaram de dentro da casa do leme enquanto o AUV verificava o barco afundado. Quando o AUV partiu, eles começaram a nadar em direção à terra. As correntes os desviaram do curso, mas Austin tinha certeza razoável de que haviam nadado até perto de onde deveriam estar.

Uma olhada em seu relógio disse a Austin que faltavam seis horas para o amanhecer. Ele fez um sinal para Zavala. Depois de uma caminhada de cinco minutos na areia, seus pés rangeram cascalho duro. Austin tirou um minicomputador da mochila e examinou a imagem que a foto de satélite havia tirado da ilha.

"Se continuarmos nesta estrada, chegaremos ao complexo. São cerca de 3 quilômetros pelo que parece ser uma passagem".

Sem dizer mais nada, eles começaram a caminhar pela estrada escura.

O HOMEM que apontava a arma para Trout tinha o rosto de um lagarto, só dentes e nenhum lábio.

"Estávamos esperando por você", disse o homem com sotaque australiano.

"Como você sabia onde estávamos?" disse Trout.

O homem riu. "Acho que você não sabia que temos câmeras de vigilância espalhadas pela ilha. Se os rapazes não estivessem tão bêbados, talvez tivéssemos visto você antes."

"Desculpe interromper sua festa."

"Seus amigos não estavam com vontade de conversar", disse ele. "Onde você conseguiu o carro do Strega?"

"O coronel não o estava usando, então pensamos em levá-lo para dar uma volta."

O homem girou o rifle e enfiou a coronha no meio do corpo de Trout. Trout sentiu como se seu coração tivesse parado. Ele se dobrou, segurando o estômago e caiu de joelhos. Quando as ondas de náusea diminuíram, ele cambaleou dolorosamente até ficar de pé. O homem agarrou a parte da frente do macacão de Trout e o puxou para perto de si. Ele cheirava a uísque.

"Não gosto de respostas espertinhas", disse ele. Ele empurrou Trout para longe e apontou sua arma para Gamay. "Onde você conseguiu o carro?" "Strega está morto", disse Trout, ainda com falta de ar. "Morto!" Os olhos se estreitaram. "Como ele morreu?" Trout sabia que, mesmo que dissesse a verdade, o homem não acreditaria nele. "É melhor eu lhe mostrar". O guarda hesitou.

"O que você está fazendo?", disse ele, levantando a arma. "Nada. Não estamos em posição de machucá-lo." O comentário atingiu o ego do homem, como Trout esperava que acontecesse. "Certo quanto a isso, amigo."

Ele e os outros guardas levaram Trout e Gamay para os fundos da igreja, onde o Mercedes estava estacionado. Sandy, MacLean e os outros cientistas estavam amontoados perto do veículo sob o olhar atento de mais dois homens armados. Uma caminhonete com caçamba longa estava estacionada ao lado do Mercedes. Os prisioneiros, incluindo Gamay, foram mandados para a parte de trás da caminhonete. Alguns dos guardas foram com a caminhonete, enquanto outros dois entraram no banco de trás do Mercedes. O australiano disse a Trout para dirigir o carro. Em seguida, ele entrou ao lado de Trout e ordenou que ele voltasse para o complexo. "É melhor que isso seja bom", disse ele.

"Por que você simplesmente não nos deixa?" disse Trout. "O experimento foi concluído."

"Boa tentativa. Nós vamos embora e no dia seguinte, um sujeito aparece e o encontra balançando a camiseta na praia. As coisas têm um jeito de pegar você no meu negócio. Agora dirija e fique de boca fechada".

Trout fez o que lhe foi pedido. Quando chegaram ao complexo, o australiano ordenou que Trout parasse. Ele tirou as chaves da ignição e saiu para dar uma olhada. Os outros guardas desceram da caminhonete e olharam para a escuridão com suas armas prontas.

O australiano inspecionou os destroços do portão e a casa de entrada derrubada. Havia um silêncio sinistro no local. Não havia gritos noturnos de pássaros ou zumbidos de insetos. Não havia sinal da carnificina que Trout havia testemunhado. Ele se lembrou do banquete de comedores de ratos que Strega havia orquestrado e decidiu que não queria saber o que aconteceu com os corpos.

O australiano entrou novamente no Mercedes. "Que diabos está acontecendo aqui?", disse ele.

"Você sabia no que estávamos trabalhando nos laboratórios?"

"Sim. Guerra germinativa. Algo a ver com o material que o submarino estava trazendo do fundo do mar. Eles nunca nos deixaram entrar no complexo. Diziam que poderíamos pegar alguma coisa."

Trout riu.

"Qual é a graça?" Havia um tom perigoso na voz do australiano.

"Eles estavam mentindo", disse Trout. "Estávamos fazendo pesquisa de enzimas."

"Do que você está falando?"

"Você já ouviu falar da Pedra Filosofal?"

O cano da arma atingiu Trout nas costelas. "Essa é a minha filosofia."

Trout estremeceu, mas manteve a calma. "Era uma fórmula secreta que supostamente transformava outros materiais em ouro."

"Não existe tal coisa."

"Você acha que as pessoas que o contrataram teriam todo esse trabalho se não existisse tal coisa?"

Pausa. "Certo, amigo, mostre-nos esse ouro."

"Eu o levarei ao depósito onde ele está guardado. Talvez você repense minha sugestão de nos deixar."

O australiano sorriu. "Farei isso", disse ele.

Trout sabia que ele e seus colegas cientistas estariam condenados, mesmo que conseguisse produzir todo o ouro de Fort Knox. Nenhum outro motivo o teria persuadido a retornar ao Zoógico. Ele dirigiu e estacionou em frente à porta de entrada escancarada.

"Chegamos!", disse ele.

Eles saíram do Mercedes e o australiano pegou a chave de ignição e ordenou que seus homens saíssem do caminhão, deixando um para trás, que foi instruído a atirar em qualquer um que saísse da linha. Em seguida, ele disse a Trout para liderar o caminho.

"Puxa, que fedor é esse?", disse o guarda.

"É o cheiro do ouro", disse o australiano com uma risada.

Trout se dirigiu à porta como se estivesse em um transe. Ele sabia que estava assumindo um risco calculado, mas achava que as criaturas que haviam sido aprisionadas no prédio voltariam para o lugar que havia sido seu lar. Ele sabia que tinha adivinhado certo quando entrou na escuridão fétida, ouviu o som doentio de ossos sendo esmagados e viu pares de olhos vermelhos queimando na escuridão. Ele passou a mão pela parede e acendeu a luz.

As criaturas estavam de volta em suas gaiolas com as portas abertas. Elas estavam ocupadas se banqueteando com os restos do Coronel Strega e seus lacaios. Quando a luz se acendeu, elas se retiraram para o fundo de suas jaulas. Houve um grito de repulsa e surpresa do guarda australiano.

O australiano agarrou Trout e o empurrou contra a parede. "Você e seus amigos vão morrer por isso."

Trout agarrou o cano da arma e tentou arrancá-la das mãos do australiano, mas o adversário tinha a vantagem de estar no gatilho. Ele disparou um tiro, arrancando uma lasca da parede a poucos centímetros do pescoço de Trout. Enquanto lutavam pela arma, as criaturas vieram para a frente de suas jaulas. A visão dos uniformes dos guardas provocou um ataque feroz. As criaturas saltaram para dentro da sala em uma massa uivante de dentes e garras.

O guarda conseguiu disparar alguns tiros antes de ser abatido pelo ataque. Duas criaturas pularam nas costas do australiano, empurrando-o para o chão. Outra criatura avançou em direção a Trout, mas parou no meio do caminho e ficou olhando. Naquele breve instante, Trout poderia jurar que viu um vislumbre de humanidade no rosto da criatura. Quando viu que Trout não estava usando uniforme, ele atacou o australiano.

Trout correu para a porta e derrubou o homem que estava guardando os prisioneiros. Uma das criaturas que havia seguido Trout pela porta viu o guarda caído e o eliminou rapidamente.

Trout gritou para Gamay dirigir a caminhonete. Ele deslizou para trás do volante do Mercedes e pegou a chave de ignição. Foi-se. Ele se lembrou de que o australiano a havia levado com ele. Gamay avisou que a chave da caminhonete também havia sumido. Trout saltou do carro, agarrou Gamay e disse a todos que corressem para salvar suas vidas.

Pela súbita quietude do zoológico, Trout imaginou que as criaturas estavam gostando de receber os guardas para o jantar. Ele não queria estar por perto na hora da sobremesa.

AUSTIN E Zavala estavam a cerca de um quilômetro do complexo quando ouviram pés batendo na estrada na escuridão à frente. Eles saíram correndo da estrada de cascalho e se jogaram de barriga para baixo na grama alta.

À medida que os passos se aproximavam, eles se misturaram ao murmúrio baixo de vozes e a um chiado que sugeria que algumas das pessoas que vinham em sua direção não estavam nas melhores condições físicas. Então, ele ouviu uma voz familiar implorando. "Por favor, andem logo, pessoal. Teremos muito tempo para descansar depois."

Trout parou rapidamente quando duas figuras se materializaram na escuridão.

"Vocês estão muito longe da Cidade Perdida", disse Austin.

"Kurt e Joe!" Trout disse com alívio.

Gamay abraçou seus colegas da NUMA.

"Estes são meus amigos, Mac e Sandy", disse Trout. "Vou apresentar os outros mais tarde. Vocês têm um barco?"

Austin disse: "Receio que tenhamos queimado nossas pontes. Vimos um barco de patrulha na água mais cedo. Você sabe onde eles o mantêm amarrado?"

"Eu sei onde ele pode estar." Trout inclinou a orelha e franziu a testa. "Temos que sair daqui."

Austin tinha ouvido o barulho, como o uivo distante do vento. "O que é isso?" Ele escutou novamente. "Parece uma matilha de lobos perseguindo um cervo".

"Eu gostaria que fosse", disse Trout. "Vocês estão armados?"

"Temos armas de fogo."

O uivo estava ficando mais alto. Trout olhou novamente para a estrada.

"Atirem em qualquer coisa que se mova, especialmente se tiver olhos vermelhos", disse ele sem maiores explicações. Austin e Zavala se lembraram das feras de olhos vermelhos do vídeo e não precisaram de nenhuma persuasão.

Trout pegou Gamay pelo braço e pediu que os outros voltassem a se mover. Austin e Zavala ficaram na retaguarda.

O grupo caminhou em silêncio por quinze minutos, incentivados pelo volume crescente dos uivos, até que puderam ver as luzes nas janelas do quartel dos barcos de patrulha. Seus perseguidores estavam tão próximos agora que uivos individuais podiam ser ouvidos.

O barulho deve ter penetrado pelas paredes do quartel, pois dois guardas saíram do prédio para a noite, quando os fugitivos estavam contornando a casamata a caminho do cais.

Os guardas viram os rostos refletidos na luz que vinha da porta e gritaram para que o grupo parasse ou seria morto. Um guarda gritou por socorro dentro do prédio e segundos depois, mais dois homens surgiram. Um estava meio vestido e o outro, um homem grande e barbudo, devia estar dormindo, pois estava de cueca. Ele sorriu e disse: "Parece que pegamos um bônus do Strega".

Seus companheiros riram, mas a alegria foi interrompida, transformando-se rapidamente em medo, quando ouviram o uivo. O barulho assustador parecia estar vindo de todas as direções. Eles se amontoaram, com as armas voltadas para fora, encarando os olhos que brilhavam como brasas na escuridão.

O guarda com a barba preta pulverizou a escuridão com disparos. Gritos de dor indicavam que alguns projéteis haviam atingido um alvo. O tiroteio desencadeou um ataque. As criaturas atacaram de todas as direções, indo atrás de qualquer um que estivesse usando uniforme. Os cientistas e o pessoal da NUMA aproveitaram a confusão sangrenta e fugiram, com Trout indicando o caminho para a doca onde o barco de patrulha estava amarrado.

Austin entrou no barco e ligou o motor. Ele voltou para a doca para ajudar os outros. MacLean estava levando seus colegas cientistas para o barco. Então, quando ele estava prestes a entrar no barco, ouviu-se um tiro e ele caiu no cais.

Os tiros vieram do guarda barbudo, que estava correndo em direção ao barco. Sua desleixada falta de uniforme o protegeu de ser identificado pelas criaturas. Austin disparou um tiro rápido que falhou. O guarda não esperava que alguém atirasse de volta, mas ele se recuperou rapidamente, ajoelhou-se e apontou a arma.

Um tiro explodiu no ouvido de Austin. Gamay havia atirado por cima do ombro dele. Ela era uma exímia atiradora, mas, em sua pressa, sua mira estava errada. A bala atingiu o homem barbudo no ombro esquerdo. Ele gritou de raiva e dor, mas conseguiu balançar a arma. Embora estivesse surdo e tonto por causa do tiro perto do ouvido, Austin se colocou na frente dos amigos para protegê-los, levantando a arma ao mesmo tempo.

Um coro de uivos veio de trás do guarda barbudo. Ele se virou e levantou a arma, mas foi enterrado sob uma pilha de criaturas que rosnavam. Austin guardou a arma e ele e Zavala estavam levantando MacLean para o barco quando uma das criaturas se separou das outras. Ela cambaleou em direção à borda do píer. Gamay levantou sua arma para atirar na criatura. Trout, que estava se preparando para soltar as linhas do cais, parou e agarrou o pulso dela. Ele reconheceu a criatura como a que havia encontrado na casa de bloqueio. "Ele está ferido", disse Trout.

O peito da criatura estava coberto de sangue. Ele olhou fixamente para Trout e em seguida, suas pernas se dobraram e ele caiu para frente, morto, no barco. Austin gritou para Trout assumir o leme enquanto ele cuidava de MacLean. Assim que Gamay soltou as cordas, Trout acionou o acelerador e apontou a proa para a escuridão.

O barco se afastou da ilha do horror a toda velocidade. Trout entregou o leme a Gamay e foi até MacLean, que estava deitado de costas. Os outros cientistas haviam aberto espaço para ele. Austin havia colocado um colete salva-vidas sob a cabeça de MacLean como travesseiro e estava ajoelhado ao lado do cientista mortalmente ferido. Seu ouvido estava próximo à boca de MacLean. Ele levantou a cabeça quando viu Trout e disse: "Ele quer falar com você".

Trout se ajoelhou do outro lado do cientista moribundo. "Conseguimos escapar, Mac", disse ele. "Vamos levá-lo a um médico e consertá-lo em pouco tempo."

MacLean respondeu com um riso gorgolejante e o sangue escorreu pelo canto de sua boca. "Não tente enganar um velho escocês, meu amigo."

Quando Trout tentou responder, MacLean levantou uma mão fraca. "Não."

Deixe-me falar". Seus olhos começaram a se revirar na cabeça, mas ele se recompôs.

"A fórmula", disse ele.

"O que tem ela?"

Os olhos de MacLean foram para o rosto de Austin. E então ele morreu.

GERTRUDE SAIU para se despedir. O AUV captou o som do barco de patrulha que estava partindo e o interceptou a cerca de um quilômetro da ilha. Zavala viu o veículo primeiro. Ele estava sondando a escuridão com um holofote, procurando por rochas, quando a barbatana alta foi vista. Ele pensou que fosse uma baleia assassina, mas, à medida que se aproximava, viu rebites na barbatana metálica e soube exatamente do que se tratava.

O veículo os acompanhou por algumas centenas de metros, depois se afastou e fez sua patrulha de rotina. Ninguém a bordo do barco de patrulha sabia o quão perto eles haviam chegado de um desastre. De volta ao centro de comando, Max enviou o AUV para perseguir o barco em fuga e armou todos os quatro torpedos. Ele havia ajustado o interruptor de lançamento e estava prestes a apertar o botão de disparo quando sua garganta foi arrancada por um demônio de olhos vermelhos.

O barco de patrulha continuou alegremente seu caminho por mais meia hora até que Austin decidiu pedir ajuda à Guarda Costeira. Minutos depois, o navio Scapa, de 110 pés, da Guarda Costeira Britânica, recebeu o pedido de socorro de um barco que estava transmitindo sua posição. O Scapa respondeu com sua velocidade máxima de 30 nós. Com base em sua experiência anterior, o capitão do navio achou que a chamada era de um pescador em apuros. Enquanto olhava do convés do Scapa para o barco inflável que estava sob os holofotes, o capitão John Bruce pensou que já tinha visto algumas coisas estranhas em seus vinte anos de patrulha nas Ilhas Orkney. Mas essa era uma daquelas para ficar nos livros.

Bruce estimou que o inflável rígido na proa a bombordo tinha cerca de 30 pés de comprimento. A maioria dos passageiros a bordo, que tremiam de frio, estava vestida com macacões cor de cal. O capitão não sabia de nenhuma prisão local, mas as circunstâncias, para dizer o mínimo, eram altamente suspeitas. Décadas no mar haviam ensinado o Capitão Bruce a ser cuidadoso. Ele ordenou que sua tripulação ficasse a postos com armas prontas.

Quando o barco de patrulha parou ao lado do bote inflável, o capitão levou um megafone aos lábios e disse: "Por favor, identifique-se".

Um homem chegou ao lado e acenou para chamar a atenção do capitão.

Ele tinha ombros largos, traços robustos de bronze e cabelos platinados, quase prateados.

"Kurt Austin, da Agência Nacional Subaquática e Marinha", disse ele, com a voz clara sem ampliação artificial sobre o som dos motores do barco. "Essas pessoas estão sofrendo de exaustão e possível hipotermia. Pode nos ajudar?"

O capitão reagiu com cautela, apesar da seriedade óbvia no rosto de Austin. Ele já tinha ouvido falar da NUMA, a organização americana de ciência oceânica de longo alcance e ocasionalmente havia cruzado com uma de suas embarcações em uma missão. Mas não conseguia conciliar o triste grupo amontoado no pequeno barco com os elegantes navios de pesquisa de casco turquesa com os quais estava familiarizado.

O capitão Bruce era um escocês corpulento com uma careca sardenta, olhos azuis claros e um queixo firme que anunciava corretamente a determinação de seu proprietário. Ele deixou seus olhos vagarem da proa à popa. Não havia como fingir o cansaço e a ansiedade que ele via nos rostos dos que se aglomeravam no bote inflável. O Capitão Bruce ordenou que um bote fosse baixado e que os passageiros fossem levados a bordo. Ele avisou a tripulação do convés para manter suas armas prontas e ficar de olho nos passageiros.

Foram necessárias várias viagens para transportar os passageiros de um barco para outro. Vistos de perto, ficou claro que os passageiros maltrapilhos não eram uma ameaça. Ao entrarem no convés, o médico fez um rápido exame físico. Em seguida, cada um recebeu um cobertor para se enrolar e foi encaminhado ao refeitório para tomar sopa quente e café.

Austin pegou o último barco, acompanhado por uma atraente mulher de cabelos ruivos e dois homens, um de pele escura e outro tão alto que se projetava para fora do barco como um mastro.

Austin apertou a mão do capitão e apresentou os outros. "Estes são Paul e Gamay Morgan-Trout e Joe Zavala", disse ele. "Todos nós somos da NUMA".

"Eu não sabia que a NUMA tinha operações nas Orkneys", disse o capitão, apertando as mãos de todos.

"Tecnicamente falando, não temos." Austin disse aos outros que se juntaria a eles no refeitório em alguns minutos e se voltou para o capitão. "Os passageiros estavam passando por um momento difícil e alguns deles estão sofrendo com a exposição ao clima. Além disso, estávamos perdidos no nevoeiro, por isso pedimos ajuda. Desculpe-me por incomodá-lo."

"Não é incômodo, rapaz. Esse é o nosso trabalho."

"Obrigado mesmo assim. Tenho outro favor a lhe pedir. Você poderia enviar uma mensagem por rádio para Rudi Gunn na sede da NUMA em Washington? Diga a ele que Austin e companhia estão bem e que entraremos em contato."

"Vou mandar alguém entrar em contato com ele."

"Nesse caso, eu também poderia tomar uma sopa quente", disse Austin com um sorriso. Ele se virou ao sair e disse casualmente: "A propósito, há dois corpos a bordo do bote inflável".

"Mortos?"

"Muito mortos. Será que sua tripulação poderia trazê-los antes de colocar o barco a reboque?"

"Sim, é claro", disse o capitão Bruce.

"Mais uma vez, obrigado, capitão", disse Austin. Ele enrolou um cobertor nos ombros como um índio navajo e saiu em direção à cozinha.

O capitão tinha uma expressão irritada em seus olhos. Ele não estava acostumado a ter pessoas usurpando seu comando. Em seguida, soltou uma risada. Depois de anos no mar, lidando com diferentes tripulações e situações, ele era um bom avaliador de homens. Bruce detectou que o que alguns poderiam ter visto como insensatez que a maneira despreocupada de Austin era uma autoconfiança suprema. Ele ordenou que seus homens retirassem os corpos e os levassem para o dispensário. Em seguida, disse à sua equipe para amarrar um cabo de reboque no barco.

Ele retornou à ponte e enviou a mensagem de Austin para a NUMA. Ele havia acabado de preencher um relatório com o comando da Guarda Costeira quando o médico ligou pelo intercomunicador. O capitão ouviu a voz animada do médico, depois saiu da ponte e foi até o dispensário. Dois sacos para cadáveres estavam deitados em macas. O médico deu ao Capitão Bruce vaselina perfumada para passar em suas narinas.

"Prepare-se", disse o médico e abriu o zíper de um dos sacos de cadáveres.

O capitão já havia visto e sentido o cheiro de cadáveres em vários níveis de decomposição no mar e o forte odor animal que saía do saco não o incomodou tanto quanto a visão que lhe chamou a atenção. Seu rosto corado ficou cinza. O capitão era um bom presbiteriano que não bebia nem xingava. Essa era uma daquelas ocasiões em que ele desejava ser menos devoto.

"Em nome de Deus, o que é essa coisa?", disse ele em um sussurro rouco.

"Coisa de pesadelo", disse o médico. "Nunca vi nada parecido com isso."

"E quanto ao outro?", disse o capitão.

O médico abriu o zíper do segundo saco. O corpo era o de um belo homem de cabelos grisalhos, na casa dos cinquenta ou sessenta anos.

"Feche os dois", ordenou o capitão. Quando o médico obedeceu, o capitão perguntou: "Do que eles morreram?"

"Esses dois homens foram mortos por tiros".

O Capitão Bruce agradeceu ao médico e foi para o refeitório. Os rostos assustados que ele tinha visto antes estavam sorrindo, graças às generosas infusões de comida e rum. Austin estava sentado em uma mesa conversando com Paul e Gamay.

Austin estava ouvindo, pensando profundamente, enquanto eles se revezavam para lhe contar sobre o sequestro e a prisão. Ele viu o Capitão Bruce e lhe deu um sorriso caloroso. "Olá, capitão. Como pode ver, sua hospitalidade não deixou de ser apreciada."

"Fico feliz em ouvir isso", disse o capitão. "Será que posso conversar com o senhor em particular, Sr. Austin?"

Austin percebeu a seriedade da expressão do capitão. Ele tinha uma boa ideia do motivo pelo qual o capitão queria vê-lo. "É claro."

O capitão o conduziu a uma sala pronta perto do refeitório e pediu que ele se sentasse.

"Tenho algumas perguntas para lhe fazer".

"Vá em frente."

"É sobre aqueles corpos. Quem ou o que são eles?"

"Um deles é um químico escocês chamado MacLean. Angus MacLean. Não tenho certeza de quem é, ou era, o outro. Disseram-me que ele é um mutante, resultado de um experimento científico que deu errado."

"Que tipo de experimento poderia produzir um monstro como esse pobre diabo?"

"Não estou a par dos detalhes."

O capitão balançou a cabeça em descrença. "Quem os matou?"

"Eles foram mortos tentando escapar de uma ilha, onde estavam sendo mantidos prisioneiros." Ele deu a posição.

"A ilha proibida! Eu patrulhei essas águas por duas décadas e nunca coloquei os pés nesse lugar. O que, em nome de Deus, você estava fazendo lá?"

"Meu colega Paul Trout e a piloto do submersível Alvin da NUMA estavam sendo mantidos contra sua vontade. Fomos a terra em uma missão de resgate e nos deparamos com alguns problemas."

"Quem os estava mantendo prisioneiros?"

"Eu não sei. Sugiro que resolvamos tudo quando voltarmos à terra."

Um jovem tripulante entrou na sala e entregou ao Capitão Bruce uma folha de papel dobrada. "Isto acabou de chegar, senhor."

"Obrigado", disse o capitão. Ele se desculpou, leu as mensagens e entregou uma a Kurt. Era de Rudi Gunn.

"Fico feliz que todos estejam bem. Detalhes em breve? Rudi".

O capitão leu a outra nota e ergueu as sobrancelhas.

"Parece que o senhor tem o que os americanos chamam de 'influência', Sr. Austin. O comando central da Guarda Costeira foi contatado pelo Almirantado. Devemos tratá-lo com a máxima cortesia e lhe dar tudo o que quiser."

"Os navios britânicos ainda estocam *grogue*?" disse Austin.

"Não tenho *grogue*, mas tenho uma garrafa de uísque escocês fino em minha cabine."

"Isso vai servir muito bem", disse Austin.

UMA BOAS-VINDAS DE UM TIPO DIFERENTE saudou o Scapa quando ele se aproximou do cais de Kirkwall, a capital de Orkney. Alinhados em terra, aguardando a chegada do navio da Guarda Costeira, havia um ônibus, um carro fúnebre e cerca de duas dúzias de pessoas vestidas com roupas brancas de contaminação com capuz.

Austin estava na amurada do navio com o capitão Bruce. Ele observou o comitê de boas-vindas e disse: "Ou é uma equipe de descontaminação ou a última moda britânica".

"Pelo que parece, minha tripulação não terá licença para ir à praia tão cedo", disse o capitão. "O Scapa e sua tripulação foram colocados em quarentena para o caso de você e seus amigos terem deixado algum bacilo desagradável para trás."

"Desculpe por lhe causar todo esse problema, capitão."

"Bobagem", disse o Capitão Bruce. "Sua visita certamente animou o que teria sido uma patrulha de rotina. E como eu disse, é o que fazemos."

Austin apertou a mão do capitão, depois ele e os outros refugiados da ilha desceram o passadiço. Quando cada passageiro pisava em terra firme, era solicitado a vestir um traje, uma touca de plástico transparente e uma máscara cirúrgica. Em seguida, eles foram escoltados até o ônibus e os mortos foram colocados no carro funerário. Foi solicitado aos passageiros que não levantassem as persianas das janelas. Depois de uma viagem de cinco minutos, eles desceram do ônibus em frente ao grande prédio de tijolos que poderia ter servido como depósito.

Uma enorme tenda de contenção foi montada dentro do prédio para servir como laboratório de descontaminação, com mais pessoas em trajes brancos. Todos os que haviam estado na ilha foram convidados a tomar banho e suas roupas foram colocadas em sacos plásticos e levadas para serem analisadas. Quando terminavam de tomar banho, recebiam roupas hospitalares de algodão que os faziam parecer pacientes de um hospital. Eram cutucados e cutucados por uma falange de médicos embrulhados em plástico e declarados aptos a voltar à raça humana. Apesar das indignidades, eles foram tratados com a maior polidez.

Depois de serem examinados, Austin e seus colegas da NUMA receberam de volta suas roupas dobradas e recém-lavadas. Em seguida, foram levados para uma sala pequena, quase vazia, mobiliada com várias cadeiras e uma mesa. Ao entrarem, o homem de terno listrado que estava sentado atrás da mesa se levantou e se apresentou como Anthony Mayhew. Ele disse que era do MI5, o serviço de inteligência doméstico britânico e pediu que se sentassem. Mayhew tinha traços finamente esculpidos e um sotaque de classe alta que levou Austin a perguntar: "Oxford?"

"Cambridge, na verdade", disse ele com um sorriso. Mayhew falava em frases curtas, como se tivesse cortado palavras estranhas com uma tesoura verbal. "Distinção é difícil de pegar. Minhas desculpas pela confusão com e pelo pessoal do laboratório em trajes de contenção biológica. Espero que não tenham sido inconvenientes."

"Nem todos. Estávamos precisando muito de um banho", disse Austin.

"Por favor, diga a quem lava nossas roupas para usar um pouco menos de amido em nossos colarinhos", acrescentou Zavala.

Uma risada escapou dos lábios finos de Mayhew. "Eu farei isso. O MI5 está bem familiarizado com o trabalho da equipe de missões especiais da NUMA. Mas quando os chefes ouviram do Capitão Bruce sobre cadáveres, experimentos secretos e mutantes, eles simplesmente entraram em pânico como bons funcionários públicos que são. Eles queriam ter certeza de que você não contaminaria as Ilhas Britânicas".

Austin fez uma careta. "Eu não achei que cheirássemos tão mal."

Mayhew deu a Austin um olhar vazio e depois começou a rir. "Humor americano. Eu deveria saber. Passei vários anos em missão nos Estados Unidos. Meus superiores estavam menos preocupados com o odor do que com a liberação de um vírus mortal."

"Não sonharíamos em contaminar nossos primos ingleses", disse Austin. "Por favor, garanta aos seus superiores que isso não tem nada a ver com guerra biológica."

"Farei isso também", disse Mayhew. Ele olhou de rosto em rosto. "Por favor, alguém poderia explicar o que diabos está acontecendo?"

Austin se voltou para Trout. "Paul está na melhor posição para informá-lo sobre a vida na ilha. O resto de nós só esteve lá por algumas horas."

Os lábios de Trout se apertaram em um sorriso irônico. "Deixe-me começar dizendo que a ilha não é exatamente um *Club Med*."

Ele então contou a história, desde o mergulho do submersível Alvin na Cidade Perdida até sua fuga e resgate.

Austin esperava uma risada de descrença quando Trout descreveu seu trabalho na Pedra Filosofal, mas, em vez disso, Mayhew deu um tapa no joelho em uma demonstração de emoção nada britânica. "Isso se encaixa como uma luva. Eu sabia que havia algo grande por trás da morte dos cientistas."

"Receio que você não tenha entendido", disse Austin.

"Desculpe-me. Há vários meses, meu departamento foi chamado para investigar uma série bizarra de mortes envolvendo vários cientistas.

A primeira foi a de um especialista em computação de 50 anos de idade que foi até a sua oficina de jardinagem, enrolou fios elétricos desencapados em volta do peito, colocou um lenço na boca e conectou os fios a uma tomada. Nenhum motivo aparente para se matar".

Austin estremeceu. "Muito criativo."

"Isso foi só o começo. Outro cientista, a caminho de casa depois de uma festa em Londres, caiu de uma ponte. A polícia disse que seu nível de álcool no sangue excedeu em muito o nível legal. Mas testemunhas na festa disseram que ele não estava bebendo e seus parentes disseram que o homem nunca bebeu nada mais forte do que vinho do Porto. Ele vomitaria se o fizesse. Além disso, alguém havia colocado pneus velhos e desgastados em seu Rover meticulosamente conservado."

"Isto está começando a me interessar", disse Austin.

"Ah.. e fica melhor. Um cientista de trinta e cinco anos bateu um carro cheio de latas de gasolina em uma parede de tijolos. Aparente suicídio, disseram as autoridades. Outro indivíduo foi encontrado embaixo de uma ponte. Suicídio novamente, segundo a polícia. Evidências de abuso de álcool e depressão. A família disse que ele nunca bebeu álcool em sua vida, por convicção religiosa e que não havia depressão. Aqui está outro. Um sujeito de vinte e poucos anos amarra uma extremidade de uma corda de náilon no pescoço, a outra extremidade em uma árvore, volta para o carro e sai acelerando. Decapitação".

"Quantas dessas mortes estranhas você investigou?"

"Cerca de duas dúzias. Todos cientistas."

Austin soltou um assobio baixo. "Qual é a conexão com a ilha proibida?"

"Nenhuma que soubéssemos na época. Alguns dos cientistas eram americanos, então recebemos um pedido da embaixada dos EUA para investigar o caso. Alguns deputados pediram uma investigação em grande escala. Disseram-me para investigar e me deram uma equipe de investigação muito pequena, para não fazer alarde e relatar minhas descobertas diretamente ao gabinete do primeiro-ministro."

"Parece que os chefes não estavam ansiosos para agitar as coisas", disse Austin.

"Exatamente a minha impressão", disse Mayhew. "Falei com os parentes e descobri que todos os homens mortos tinham trabalhado anteriormente para o mesmo laboratório de pesquisa."

O antigo empregador de MacLean?" disse Trout.

"É isso mesmo. Quando não conseguimos encontrar MacLean, presumimos que ele havia tido um fim prematuro ou que tinha algo a ver com a morte de seus colegas. Agora ele aparece na ilha, infelizmente morto, estabelecendo assim a conexão com o laboratório."

Trout se inclinou para frente em sua cadeira. "Qual era a natureza da pesquisa?"

"Eles estavam supostamente fazendo pesquisas sobre o sistema imunológico humano em uma instalação na França. Aparentemente, era uma subsidiária de uma corporação multinacional maior, mas eles fizeram um bom trabalho ao ocultar a propriedade em várias camadas de empresas de fachada, corporações fictícias e contas bancárias no exterior. Ainda estamos tentando rastrear a linha de propriedade."

"E se você conseguir, você os acusará de assassinar aqueles cientistas", disse Austin.

"Isso é o de menos", disse Mayhew. "Pelo relato do Dr. Trout, parece que o trabalho que eles estavam fazendo criou esses mutantes e os condenou a uma morte em vida."

"Deixe-me resumir o que temos até agora", disse Austin. "Este laboratório emprega cientistas para trabalhar em um projeto para criar a chamada Pedra Filosofal, um elixir baseado em enzimas oceânicas da Cidade Perdida. Os cientistas são aparentemente bem-sucedidos na produção de uma fórmula que prolonga a vida, garantindo assim suas próprias mortes prematuras. MacLean escapa, mas é trazido de volta para liderar uma equipe científica reconstituída para corrigir falhas na fórmula. Falhas que produzem mutações terríveis. Paul entra de surpresa em sua operação de mineração e é recrutado para trabalhar em seu laboratório."

"As peças se encaixam como um relógio", disse Mayhew. "Posso lhe fazer uma pergunta, Sr. Austin? Por que não contatou as autoridades britânicas imediatamente com essa informação?"

"Deixe-me responder a essa pergunta com minha própria pergunta. Você teria acreditado em mim se eu tivesse aparecido na sua porta falando sobre demônios de olhos vermelhos?"

"Absolutamente não", disse Mayhew.

"Obrigado por ser honesto. Você deve saber que teria levado tempo para passar pelos canais regulares. Achamos que qualquer atraso poderia ser fatal. Paul Trout é um amigo e também um colega."

"Posso entender isso. Como eu disse, conheço o trabalho da sua equipe de designações especiais e sei que você provavelmente estava mais do que à altura da tarefa. Tive de lhe fazer a pergunta porque meus superiores a fariam a mim."

Gamay disse: "Alguém do seu governo vai investigar a ilha?"

"Um navio da Marinha está a caminho", disse Mayhew. "Ele está transportando um contingente de fuzileiros navais reais que serão enviados para terra. Eles tentarão encontrar esse submarino, fechar os laboratórios, neutralizar os guardas e esses mutantes."

"Pelo que vi, duvido que você encontre muitos guardas", disse Trout.

Houve um momento de silêncio enquanto as palavras de Trout eram absorvidas, então Mayhew disse: "Você teve a maior experiência com esses mutantes, Dr. Trout. Qual foi sua impressão?"

"Eles são selvagens, canibais e incrivelmente fortes. Eles são capazes de se comunicar e a julgar pelo ataque à Ilha dos Outcasts, podem planejar." Ele fez uma pausa, pensando em seu encontro com o mutante no zoológico. "Não acho que todas as qualidades humanas essenciais deles tenham sido eliminadas."

Mayhew respondeu com um sorriso enigmático. "Fascinante. Acho que já terminamos aqui, mas será que você poderia dispensar mais alguns minutos? Tenho algo de interesse que gostaria de lhes mostrar."

Mayhew os conduziu por um labirinto de corredores até chegarem a uma sala gelada que havia sido montada como um laboratório de legista. Uma folha de plástico cobria uma forma que estava sobre uma mesa de metal iluminada por um holofote. Um homem de meia-idade em um jaleco branco estava de pé ao lado da mesa.

Mayhew fez um sinal para o homem e ele puxou o lençol de volta para revelar o rosto devastado da criatura de olhos vermelhos que havia sido baleada a bordo do barco deles. Ele não parecia tão terrível com os olhos fechados. Seu rosto havia perdido o rosnado permanente e parecia mais em repouso.

"Um pouco áspero nas bordas", disse Mayhew. "Não é ruim para um francês."

"Você está demonstrando seu preconceito anglo-saxão ou sabe de fato que ele é francês?" disse Austin.

Mayhew sorriu e enfiou a mão no bolso, tirando uma fina aba de metal com uma corrente presa. Ele entregou o objeto a Austin. "Isso estava em volta do pescoço desse senhor. Está um pouco gasta pelo tempo, mas você pode ler o que está escrito".

Austin segurou a aba sob a luz e leu as palavras:

*Pierre Levant, Capitão do Exército da República da França, n. 1885.*

"Parece que nosso amigo aqui roubou a plaqueta de alguém".

"Eu pensei a mesma coisa no começo, mas a plaqueta na verdade pertence a esse cara."

Austin respondeu com um olhar de interrogação. Mayhew não estava sorrindo como faria se quisesse dizer a afirmação como uma piada.

"Isso faria com que ele tivesse mais de cem anos de idade", disse Austin.

"Perto de cento e vinte, para ser exato."

"Deve haver algum engano. Como você pode ter certeza de que esse é o homem cujo nome está na plaqueta militar de identificação? Milhões de homens foram perdidos durante a Primeira Guerra Mundial."

"É verdade, mas os exércitos fizeram um trabalho razoavelmente bom de manter registros, apesar do caos. Os homens eram frequentemente identificados por seus companheiros ou oficiais. À medida que a luta avançava, os corpos eram removidos por unidades especiais e o diretor de registro de sepulturas assumia o controle, auxiliado pelo capelão da unidade. Havia mapas de cemitérios desenhados, informações filtradas por meio de uma estação de limpeza de vítimas, hospitais e registros de sepulturas e assim por diante. Essas informações foram colocadas em um computador. Descobrimos que havia um Pierre Levant, que ele serviu como oficial no exército francês e que desapareceu em combate." "Muitos homens desapareceram em combate."

"Oh, seus americanos céticos", disse Mayhew. Ele enfiou a mão em seu terno e tirou um relógio de bolso, que entregou a Austin. "Encontramos isso em seu bolso. Ele já foi um belo demônio no passado."

Austin examinou a inscrição na parte de trás do relógio. "*Para Pierre, de Claudette, com amor*." Em seguida, ele abriu o relógio. Na tampa havia uma foto de um homem e uma mulher jovens.

Ele mostrou o relógio para os outros membros da equipe da NUMA. "O que vocês acham?"

Gamay examinou a foto e o relógio. "Uma das primeiras coisas que aprendi em arqueologia marinha foi a importância de estabelecer a procedência. Por exemplo, uma moeda romana encontrada em um milharal de Connecticut pode significar que um romano a deixou cair, mas é bem provável que o responsável tenha sido um colecionador de moedas da era colonial."

Mayhew suspirou. "Talvez a Dra. Blair possa convencê-la." "Eu também não acreditei", disse a patologista de jaleco branco. "Fizemos uma autópsia no corpo. As células desse indivíduo são comparáveis às de um homem de vinte e poucos anos, mas as suturas cerebrais, as articulações do crânio, indicam que este homem tem..." Ele limpou a garganta. "Ah, mais de cem anos de idade".

"Isso significaria que o trabalho na fórmula de extensão de vida é muito mais antigo do que supúnhamos", disse Austin.

"Uma suposição incrível, mas razoável", disse Mayhew. "Houve rumores durante a Primeira Guerra Mundial sobre tentativas de desenvolver um "*berserker*", uma espécie de super soldado que atacaria as trincheiras inimigas diante de fogo feroz."

"Você está pensando que isso está relacionado à pesquisa de extensão da vida?" "Não sei", disse Mayhew. Ele cobriu o rosto da criatura com o lençol.

"Pobre homem", disse Zavala, olhando para o casal feliz na fotografia do relógio. "Que desperdício de cem anos."

"Talvez tenhamos descoberto apenas a ponta do iceberg", disse Mayhew. "Quem sabe quantos morreram para manter esse terrível segredo?"

"Não os culpo por não divulgarem falhas como a que está naquela mesa", disse Gamay.

"Vai além disso", disse Mayhew. "Suponhamos que esse elixir tenha sido aperfeiçoado. Que tipo de mundo teríamos se algumas pessoas pudessem viver mais do que outras?"

"Um mundo que será muito desequilibrado", arriscou Gamay.

"É exatamente o que penso, mas sou um reles detetive. Vou deixar isso para os analistas e formuladores de políticas. Você planeja ficar muito tempo no Reino Unido?", perguntou ele a Austin.

"Provavelmente não", disse Austin. "Conversaremos sobre nossos planos e o informaremos sobre o que decidirmos."

"Eu agradeceria muito." Mayhew pegou um cartão de visita com seu nome e número de telefone e o entregou a Austin. "Por favor, ligue. De dia ou de noite. Nesse meio tempo, nunca é demais enfatizar a importância de manter isso em segredo."

"Meu relatório será enviado apenas para Dirk Pitt e Rudi Gunn. Tenho certeza de que a Instituição Oceanográfica Woods Hole estará interessada no destino de seu submersível."

"Tudo bem. Eu o informarei sobre o que nossos fuzileiros navais encontrarem na ilha. Talvez possamos rastrear as pessoas por trás dessa coisa. Assassinato, rapto, sequestro, trabalho escravo", ele pensou. "A imortalidade é um motivo potente para o mal. Eu apostaria que qualquer pessoa nesta sala venderia seu primogênito em vez de perder a chance de viver para sempre."

"Nem todo mundo", disse Austin.

"O que você quer dizer com isso? Se tivesse a chance, quem não gostaria de viver para sempre?"

Austin gesticulou em direção à maca coberta com lençóis. "Pergunte ao velho soldado deitado naquela mesa."

ODEIO jogar água fria nessa reunião calorosa, "Gamay disse". Mas com toda essa conversa sobre monstros de olhos vermelhos e a Pedra Filosofal, esquecemos que temos alguns assuntos pendentes para resolver."

Após a reunião com Mayhew, eles foram para o lounge do hotel para discutir a estratégia. Sandy, a piloto do Alvin, estava ansiosa para ir embora e Mayhew a colocou em um voo para Londres, onde ela poderia pegar um avião para casa. Os cientistas ainda estavam sendo interrogados.

“Você tem razão”, disse Zavala, levantando o copo para a luz. “Estou muito atrasado em meu objetivo de beber toda a tequila de primeira linha do mundo.”

“Isso é muito louvável, Joe, mas estou mais interessada na sobrevivência do mundo, não em seu suprimento de tequila”, disse Gamay. “Posso resumir o problema em uma palavra? Erva daninha górgona.”

“Não me esqueci”, disse Austin. “Eu não queria estragar sua reunião com Paul. Agora que você trouxe o assunto à tona, qual é a situação?”

“Nada boa”, disse Gamay. “Conversei com o Dr. Osborne; a infestação está se espalhando mais rápido do que se imaginava.”

“A operação de mineração foi interrompida. Isso não vai impedir a disseminação da erva Gorgon?” disse Austin.

Gamay deu um suspiro pesado. “Quem me dera. A erva daninha mutante se tornou autorreplicante e continuará a se espalhar. Veremos os portos entupidos ao longo da costa leste dos EUA primeiro, depois na Europa e na costa do Pacífico. A erva daninha continuará a se espalhar para outros continentes.”

“Quanto tempo temos?”

“Não sei”, disse Gamay. “As correntes oceânicas estão movendo o material por todo o Atlântico.”

Austin tentou imaginar seu amado oceano transformado em um pântano de água salgada nociva.

“Irônico, não é?” disse Austin. “Os Fauchards querem prolongar suas vidas e ao fazê-lo, produzirão um mundo no qual talvez não valha a pena viver.” Ele olhou ao redor da mesa. “Alguma ideia de como podemos parar essa coisa?”

“A enzima da Cidade Perdida é a chave para deter a propagação da erva daninha”, disse Gamay. “Se conseguirmos descobrir a composição molecular básica, talvez possamos encontrar uma maneira de reverter o processo.”

“Meu corpo está coberto de inchaços e hematomas que me dizem que os Fauchards não abrem mão de segredos de família facilmente”, disse Austin.

“É por isso que Gamay e eu deveríamos voltar a Washington para marcar uma conferência na NUMA com o Dr. Osborne”, disse Trout. “Podemos tentar conseguir um voo para fora daqui logo pela manhã.

“Vá em frente.” Austin olhou em volta para os rostos cansados. “Mas primeiro sugiro que todos nós tenhamos uma boa noite de sono.”

Depois de se despedir de seus amigos, Austin encontrou uma sala de computadores no saguão do hotel, onde fez um relatório resumido para Rudi Gunn e o enviou por e-mail com a promessa de fazer uma ligação pela manhã. Ele esfregou os olhos algumas vezes enquanto digitava e ficou feliz quando apertou o botão ENVIAR e enviou a mensagem para o outro lado do oceano.

Ele foi para o quarto e percebeu que alguém havia ligado para o seu celular. Ele retornou a ligação, que acabou sendo de Darnay. Ele havia localizado Austin por meio de seu escritório na NUMA.

“Graças a Deus, eu o encontrei, Monsieur Austin”, disse o negociante de antiguidades. “Você teve notícias de Skye?”

“Não ultimamente”, disse Austin. “Tenho estado em movimento ou no mar. Pensei que ela estivesse com você.”

“Ela saiu daqui no mesmo dia em que chegou. Descobrimos o que parecia ser uma equação química gravada na coroa do capacete e ela queria mostrá-la a um especialista na Sorbonne. Eu a acompanhei até o trem. Quando não tive mais notícias dela depois daquela noite, liguei para a universidade no dia seguinte. Disseram que ela não tinha aparecido.”

“Talvez ela tenha ficado doente.”

“Eu gostaria que fosse assim. Liguei para o apartamento dela. Ninguém atendeu. Falei com sua senhoria. Mademoiselle Skye nunca mais voltou para casa depois de me visitar em Provence.”

“Acho que é melhor você chamar a polícia”, disse Austin sem hesitar.

“A polícia?”

“Sei que você tem uma aversão compreensível às autoridades”, disse Austin com voz firme, “mas você precisa fazer isso por Skye. Faça uma ligação anônima de um telefone público, se quiser, mas deve ligar para eles e informar que ela está desaparecida. A vida dela pode depender disso”.

“Sim, sim, é claro. Vou ligar para eles. Ela é como uma filha para mim. Eu a avisei para ter cuidado, mas você sabe como são os jovens.”

“Estou na Escócia agora, mas voltarei para a França amanhã. Ligarei para você novamente quando chegar a Paris.” Ele desligou para que Darnay pudesse notificar a polícia e ficou olhando para o espaço por alguns momentos, tentando entender o desaparecimento de Skye. Seu celular tocou. Era Lessard, o gerente da usina de energia da geleira.

“Lessard? Graças a Deus. Eu estava tentando falar com você", disse ele.

“Desculpe. Estive longe do telefone", disse Austin. “Como estão as coisas na geleira?”

“A geleira está como sempre está”, disse Lessard. “Mas há algumas coisas estranhas acontecendo aqui.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Há alguns dias, um barco chegou com mergulhadores no lago. Eu me perguntei se a NUMA tinha voltado para terminar sua pesquisa, mas o barco não era da cor que eu me lembrava.”

“A pesquisa terminou”, disse Austin. “Que eu saiba, não havia nenhuma atividade da NUMA planejada. O que mais está acontecendo?”

“Uma coisa incrível. Os túneis sob a geleira estão sendo drenados.”

“Achei que você tinha dito que isso era impossível.”

“Você entendeu errado. Teria sido impossível fazer isso a tempo de salvar as pessoas que estavam presas no túnel. Levou alguns dias para desviar e bombear a água, mas o túnel do observatório está quase seco.”

“Essa foi uma decisão da empresa de energia?”

“Meus superiores me deram a entender que a decisão foi o resultado de alguma influência em um nível muito alto. O trabalho é financiado por uma fundação científica privada.”

“O Dr. LeBlanc está envolvido?”

“A princípio, achei que sim. Seu pequeno carro, Fifi, ainda está aqui, então presumi que ele estava voltando. Um dos homens que estavam mergulhando no lago veio à fábrica, mostrou-me a autorização e seus homens assumiram a sala de controle. Eles são um grupo de aparência difícil, Sr. Austin. Eles observam todos os meus movimentos. Temo por minha vida. Estou falando agora sob grande risco. Disseram-me para não intervir.”

“Você contou ao seu chefe sobre seus pressentimentos?”

“Sim. Ele me disse para cooperar. A decisão está fora de suas mãos. Eu não sabia a quem mais recorrer. Então, liguei para você.”

“Você pode ir embora?”

“Acho que será difícil. Eles mandaram minha equipe para casa, então só tenho eu. Vou tentar desligar as turbinas. Talvez a sede me leve a sério quando a energia parar.”

“Faça o que achar melhor, mas não corra nenhum risco.”

“Serei cuidadoso.”

“Qual era o nome do homem que o procurou?”

“Fauchard. Emil Fauchard. Ele me lembra uma cobra.”

Emil Fauchard.

“Comporte-se como se tudo estivesse bem”, disse Austin. “Estarei em Lu Dormeur amanhã.”

“*Merci beaucoup*, Sr. Austin. Não seria sensato se você aparecesse na porta da frente, então como saberei quando você chegar?”

“Eu lhe aviso.”

Eles desligaram e Austin refletiu sobre o rumo dos acontecimentos. Então, ele pegou o telefone do hotel e ligou para Joe e para os Trouts para dizer que tinha havido uma mudança de planos. Quando eles apareceram em seu quarto, Austin lhes contou sobre as ligações telefônicas.

“Você acha que os Fauchards sequestraram a Skye?” disse Zavala.

“É uma suposição razoável, dado o interesse anterior deles no capacete.”

“Se eles têm o capacete, por que precisariam da Skye?” perguntou Gamay.

“Uma suposição.”

Uma luz surgiu no rosto de Gamay. “Já entendi. Eles a estão usando como isca para atraí-lo para uma armadilha.”

Austin assentiu com a cabeça. “Meu primeiro impulso foi ir diretamente ao Chateau Fauchard”, disse Austin. “Mas depois pensei que era exatamente isso que eles esperariam que eu fizesse. Deveríamos fazer o inesperado e ir atrás de Emil. Ele talvez possa nos dar alguma vantagem e também estou preocupado com Lessard. Acho que ele pode estar correndo perigo imediato. Eles manterão Skye viva até que eu morda a isca.”

“O que você gostaria que fizéssemos?” disse Paul.

“Sondar as defesas ao redor do castelo. Ver se há uma maneira de entrar. Mas tenha cuidado. Madame Fauchard é muito mais perigosa do que seu filho. Ele é um sociopata violento. Ela é inteligente, além de assassina”.

“Encantador”, disse Gamay. “Mal posso esperar para conhecê-la.”

Elas se despediram e voltaram para seus quartos. Austin ligou para o número do cartão que Mayhew havia lhe dado, disse ao agente da inteligência que precisava sair da Escócia o mais rápido possível e pediu sua ajuda. Mayhew disse que partiria na manhã seguinte em um jato executivo e que ficaria feliz em dar a Austin e aos outros membros da equipe da NUMA uma carona até Londres, onde poderiam pegar um ônibus para Paris.

Austin lhe agradeceu e disse que retribuiria o favor um dia e então foi dormir algumas horas. Ele se deitou na cama de costas e afastou os pensamentos que o distraíam para que pudesse se concentrar na tarefa que tinha em mãos, que era resgatar Skye. Em pouco tempo, ele caiu em um sono agitado.

O JATO EXECUTIVO decolou ao amanhecer da manhã seguinte, mas, em vez de ir para o aeroporto de Heathrow, em Londres, seguiu em direção a Paris. Antes que o avião estivesse no ar, Austin havia convencido Mayhew a mudar seu plano de voo. Ele disse que não tinha tempo para entrar em detalhes, mas que era uma questão de vida ou morte.

Mayhew fez apenas uma pergunta: “Isso tem alguma coisa a ver com o assunto que discutimos ontem à noite?”

“Pode ter tudo a ver.”

“Então espero que me mantenha atualizado sobre o progresso de suas investigações?”

“Eu lhe darei o mesmo relatório que envio aos meus superiores na NUMA.”

Mayhew sorriu e eles apertaram as mãos para fechar o acordo. No final da manhã, eles estavam no aeroporto Charles De Gaulle. Os Trouts se separaram e foram para a região dos castelos, enquanto Austin e Zavala embarcaram em um voo fretado para a pitoresca vila alpina mais próxima da geleira.

Zavala ligou para sua amiga Denise no parlamento francês. Depois de conseguir que Zavala prometesse que a veria novamente, ela providenciou uma lancha rápida de 18 pés para esperá-los no vilarejo. Eles subiram o rio sinuoso durante toda a tarde e chegaram ao Lac du Dormeur ao anoitecer. Sem querer anunciar sua chegada, eles mantiveram a velocidade baixa enquanto cruzavam as águas enevoadas e espelhadas do lago e contornavam os icebergs em miniatura que se destacavam na superfície. O motor de popa de quatro tempos era silencioso, mas para os ouvidos de Austin era como alguém gritando em uma catedral.

Austin dirigiu o barco em direção a um avião monomotor que estava ancorado a alguns metros da praia. O barco parou ao lado do avião e Austin subiu em uma boia para ver o interior da cabine de comando. O avião era um De Havilland Otter com espaço para nove passageiros. Três assentos estavam empilhados com equipamentos de mergulho, confirmando a observação de Lessard de que o avião estava sendo usado como plataforma de mergulho. Austin voltou para o barco e examinou a praia. Nada se movia na luz cinzenta. Ele levou o barco mais longe ao longo da costa, puxou-o para trás de um afloramento rochoso e em seguida, ele e Zavala fizeram a longa caminhada até a usina de energia.

Eles viajaram com pouca bagagem, carregando água, barras de energia, revólveres e munição extra. Mesmo assim, já estava escuro quando chegaram à usina. A porta do prédio do portal estava destrancada. O interior do prédio estava silencioso, exceto pelo zumbido da turbina. Austin girou lentamente sobre o calcanhar enquanto estava no saguão da usina, com os ouvidos atentos ao zumbido de colmeia que vinha das entranhas da montanha. Seus olhos azuis coral se estreitaram. “Há algo errado”, disse ele a Zavala. “A turbina está funcionando.”

“Esta é uma usina de energia”, disse Zavala. “O gerador não deveria estar funcionando?”

“Sim, em circunstâncias normais. Mas Lessard me disse ao telefone que tentaria desligar a turbina. A falta de energia faria com que as campainhas do escritório principal começassem a tocar e eles teriam de enviar alguém para investigar.”

“Talvez Lessard tenha mudado de ideia”, disse Zavala.

Austin balançou a cabeça quase imperceptivelmente. “Espero que não tenha sido alterado para ele.”

Depois de explorar o escritório e os alojamentos, Austin e Zavala saíram do saguão e foram para a sala de controle. Austin fez uma pausa do lado de fora da porta. Tudo estava quieto, mas o sexto sentido de Austin lhe disse que havia alguém na sala de controle. Ele sacou sua pistola, fez sinal para que Zavala fizesse o mesmo e entrou. Foi então que ele viu Lessard. O gerente da fábrica parecia ter caído no sono, mas o buraco de bala em suas costas dizia o contrário. Seu braço direito estava estendido, com os dedos a centímetros de distância da linha de interruptores salpicada de sangue que teria desligado o gerador.

Um olhar de raiva mal contida surgiu no rosto de Austin. Ele jurou silenciosamente que alguém pagaria por matar o gracioso francês, cuja experiência havia permitido que Austin resgatasse Skye e os outros cientistas presos sob a geleira. Austin tocou o pescoço de Lessard. O corpo estava frio. Lessard provavelmente foi morto logo depois de ligar para Austin.

O fato de que teria sido impossível salvar o francês não deu a Austin muito consolo. Ele foi até o monitor do computador que exibia um diagrama do sistema de túneis e sentou-se em frente à tela para estudar o fluxo de água através dos túneis. Lessard havia feito um trabalho magistral ao desviar a água dos riachos glaciais para longe do túnel do observatório usando um sistema complexo de desvios.

“Os túneis são codificados por cores”, explicou ele a Zavala. “As linhas azuis piscantes mostram os túneis que estão úmidos e as linhas vermelhas indicam os condutos de água seca.” Ele tocou em uma linha vermelha. “Aqui está o túnel que usamos no resgate.”

Zavala se inclinou sobre o ombro de Austin e com o dedo, traçou uma rota complicada do túnel de acesso ao observatório até a usina de energia. “É um labirinto e tanto. Teremos que voltar algumas vezes e fazer algumas corridas.”

“Pense nisso como um cruzamento entre uma casa de diversões e um parque aquático”, disse Austin. “Devemos sair de onde nosso amigo Sebastian explodiu a comporta. De lá, é uma curta caminhada até o observatório. Agora as más notícias. Provavelmente temos de dez a quinze quilômetros de túneis para navegar.”

“Isso pode levar horas, ou mais, se nos perdermos.”

“Não necessariamente”, disse Austin, lembrando-se de algo que Lessard havia dito sobre o Dr. LeBlanc.

Ele imprimiu uma cópia da tela do computador e lançou um olhar triste para o corpo de Lessard e então ele e Zavala deixaram a sala de controle. Momentos depois, eles estavam na plataforma de observação onde Lessard havia mostrado a Austin o poder da água derretida da geleira. A torrente que lembrava a Austin as corredeiras do Rio Colorado havia se tornado um riacho estreito de poucos metros de largura e 30 centímetros de profundidade.

Satisfeitos com o fato de o túnel ter sido drenado, ele e Zavala voltaram pelo saguão e saíram pela porta da frente da fábrica. Eles caminharam algumas centenas de metros da entrada da fábrica até uma garagem de chapa metálica encostada na parede da montanha. A garagem abrigava dois veículos: o caminhão utilitário que havia pegado Austin em sua primeira visita à usina e sob uma cobertura de plástico, o amado Citroen 2C do Dr. LeBlanc.

Austin retirou o pano. “Conheça a Fifi”, disse ele.

“Fifi?”

“Ele pertence a um dos cientistas da geleira. Ele tem uma queda por ela.”

“Já vi mulheres mais bonitas”, disse Zavala, “mas sempre disse que o que conta é a personalidade”.

Com sua traseira curvada e capô inclinado, o pequeno e robusto Citroen 2C era um dos carros mais distintos já produzidos. O projetista do carro disse que queria “quatro rodas sob um guarda-chuva”, um carro que pudesse atravessar um campo arado sem quebrar os ovos carregados em uma cesta. Fifi já havia percorrido quilômetros difíceis. As tampas das rodas traseiras em meia-lua estavam amassadas e a pintura vermelha desbotada, quase rosa, estava esburacada pela areia e pelo cascalho. No entanto, ela tinha o ar jovial de uma mulher que nunca foi bonita, mas infinitamente segura de sua capacidade de enfrentar a vida.

A chave estava na ignição. Eles entraram no carro e ligaram o motor sem nenhum problema. Em seguida, ele e Zavala dirigiram por uma estrada de cascalho que seguia a base da parede da montanha até chegarem a um conjunto de portas duplas altas. Austin consultou o mapa e viu que estavam no local marcado como Porte de Sillon. Ele não tinha certeza da tradução correta, mas pensou que as enormes máquinas de perfuração que abriram os túneis deviam ter uma maneira de entrar e sair da montanha.

As portas eram feitas de aço pesado, mas eram bem equilibradas e se abriam facilmente. Austin dirigiu Fifi pela abertura do túnel, onde o ruído de seu pequeno motor ecoava nas paredes e no teto. O túnel seguia direto para a montanha, passava pela sala da turbina e entrava no sistema principal. Eles teriam se perdido no labirinto de túneis que se cruzavam se não fosse pelo mapa. Zavala prestou um serviço exemplar como navegador, apesar do pé pesado de Austin e de suas curvas rápidas. Quinze minutos depois de terem entrado nos túneis, Zavala disse a Austin para virar à esquerda no próximo cruzamento.

“Estamos quase chegando ao túnel do observatório”, disse ele.

“Quanto falta?”

“Cerca de meio quilômetro.”

“Acho melhor deixarmos a Fifi e irmos a pé a partir daqui.”

Como o resto do sistema, o túnel tinha uma série de luzes ao longo do teto. Muitas das lâmpadas estavam queimadas e não haviam sido substituídas. A iluminação esporádica intensificava a escuridão das seções não iluminadas entre os círculos pálidos de luz. À medida que os dois homens caminhavam, as paredes alaranjadas e gotejantes emitiam um frio úmido e cru que entorpecia seus rostos e o frio tentava entrar sorrateiramente pelas golas das jaquetas que haviam encontrado nos alojamentos da tripulação.

“Disseram-me que, quando eu entrasse para a NUMA, iria a muitos lugares”, disse Zavala. “Mas eu não sabia que teria de caminhar até lá.”

“Pense nisso como uma experiência de formação de caráter”, disse Austin alegremente.

Depois de mais alguns minutos de formação de caráter, eles chegaram a uma escada que subia pela lateral de uma parede até uma passarela. Uma seção da passarela era cercada por plástico e vidro. Austin se lembrou de Lessard ter mencionado salas de controle de satélites espalhadas pelo sistema de túneis. Eles continuaram andando e tinham acabado de entrar em um novo túnel quando o ouvido aguçado de Austin captou um som alto o suficiente para abafar o coro contínuo de gorgolejos e gotejamentos.

“O que é isso?”, disse ele, levando a mão ao ouvido.

Zavala escutou por um momento. “Parece uma locomotiva.”

Austin balançou a cabeça. “Isso não é um trem fantasma. Corra!”

Zavala ficou paralisado. Ele permaneceu no lugar, rígido como uma estátua, até que a voz de Austin o tirou de seu transe. Então, ele decolou como um velocista na largada, mantendo-se um passo atrás de Austin. Eles se esparramaram pelas poças, ignorando o spray que encharcava suas roupas da cintura para baixo.

O barulho ficou mais alto e se tornou um rugido. Austin fez uma rápida curva em ângulo reto para outro túnel. Zavala tentou segui-lo, mas derrapou no piso molhado. Austin viu Zavala cair. Ele voltou e puxou o amigo pelo pulso e eles partiram novamente, fugindo da ameaça invisível. O chão parecia vibrar sob seus pés, enquanto o barulho atingia um nível entorpecente.

Os olhos frenéticos de Austin viram a escada de metal que subia pela parede até a passarela. Ele se agarrou ao primeiro degrau e se levantou como um acrobata de circo. Zavala havia machucado o joelho na queda e estava tendo dificuldade para subir com a agilidade de sempre. Austin se abaixou e puxou seu parceiro para a passarela e eles mergulharam na cabine de controle.

Bem na hora.

Um segundo depois de terem fechado a porta à prova d'água, uma enorme onda azul caiu em cascata pelo túnel. A passarela desapareceu sob a água espumosa que batia nas janelas como o mar batendo em um navio durante uma tempestade. A passarela tremeu com o impacto e por um momento, Austin temeu que toda a estrutura, a cabine de controle e tudo mais, fosse levada pela água.

Depois do primeiro choque, a torrente diminuiu, mas a altura do rio ainda alcançava a parte inferior da passarela. Austin foi até o painel de controle e olhou para o diagrama. Ele estava preocupado que uma comporta tivesse cedido, permitindo que toda a força da água do derretimento glacial passasse pelo túnel. Se esse fosse o caso, eles ficariam presos na sala de controle até morrerem ou a geleira derreter completamente.

A linha do túnel ainda estava vermelha, indicando que estava seca. Ele viu isso como um raio de esperança, pois significava que o fluxo de água vinha de um bolsão de água e poderia ter um começo e um fim.

Acabou sendo um bolsão muito grande. Cinco minutos que pareciam cinco anos se passaram antes que o fluxo de água começasse a diminuir. Quando o nível da água começou a baixar rapidamente eles puderam sair para a passarela sem o perigo de serem levados pela água.

Zavala observou a torrente ainda formidável e gritou por cima do som: “Achei que você tinha dito que isso seria como uma casa de diversões. Uma diversão. Uma casa.”

“Acho que eu disse algo sobre um parque aquático também.”

Demorou mais dez minutos para que o fluxo de água diminuísse a um ponto em que fosse seguro descer a escada. Austin considerou a possibilidade de outros bolsões se abrirem, mas tirou o pensamento da cabeça e liderou o caminho pelo labirinto de túneis. Em uma ocasião, um túnel que deveria estar seco provou ser o contrário. Eles teriam ficado perigosamente molhados, em vez de desconfortavelmente úmidos, se tivessem tentado atravessar o riacho e optado por desviar dele.

De acordo com o mapa, eles estavam a poucos minutos do túnel de acesso ao observatório glacial. Por fim, chegaram a uma porta de aço maciça, semelhante às comportas que haviam visto em outros túneis. Essa era diferente das outras que haviam encontrado. O aço grosso estava descascado como a casca de uma laranja.

Zavala se aproximou e tocou com cuidado o aço retorcido. “Esta deve ser a porta que o capanga de Fauchard arrancou de suas dobradiças.”

Austin pegou o mapa emprestado e apontou para uma linha de túnel. “Estamos aqui”, disse ele. “Passamos pela porta, viramos à direita e o observatório fica a cerca de 800 metros a pé. É melhor ficarmos atentos e manter o barulho baixo.”

“Farei o possível para que meus dentes não batam, mas não será fácil.”

Suas brincadeiras alegres eram enganosas. Os dois homens estavam bem cientes do perigo em potencial que enfrentavam e a preocupação deles era evidente no cuidado que tinham ao verificar suas armas de fogo. Quando entraram no túnel principal, Austin deu a Zavala uma descrição sussurrada da configuração do laboratório. Ele lhe falou sobre os prédios do laboratório, depois sobre a escada que levava ao túnel do observatório e à câmara de gelo onde Jules Fauchard estava sepultado.

Eles estavam se aproximando dos trailers do laboratório quando Zavala começou a mancar novamente. Seu joelho machucado estava lhe causando problemas. Ele disse a Austin que fosse em frente e que o alcançaria em um minuto. Austin pensou em dar uma olhada nos trailers, mas as janelas estavam escuras e ele supôs que Emil e seus homens estivessem no próprio observatório. Ele percebeu que estava errado quando uma porta se abriu silenciosamente atrás dele e uma voz de homem lhe disse em francês para colocar as mãos para cima. Em seguida, foi-lhe ordenado que se virasse, lentamente.

Na luz turva, Austin conseguiu distinguir um vulto. Embora o túnel estivesse escuro, alguns feixes de luz refletiam a arma apontada em sua direção.

“Olá”, disse Sebastian com uma voz agradável. “O Mestre Emil estava esperando por você.”

O BISTRO DA ESTRADA era como um bebedouro no deserto para os Trouts, que haviam passado a maior parte do dia em movimento. Eles abriram caminho até a porta da casa de fazenda convertida e logo estavam sentados em uma sala de jantar com vista para um jardim de flores formal. Embora a parada tenha sido motivada pela fome e pela sede, ela provou ser um golpe de sorte. Além de a comida ser excelente, o belo e jovem proprietário do bistrô era o equivalente a uma cabine de informações da câmara de comércio.

Ele ouviu Paul e Gamay falando inglês e foi até a mesa deles para se apresentar. Seu nome era Bertrand, abreviado como “Bert” e ele havia sido chef na cidade de Nova York por alguns anos antes de voltar à França para abrir seu próprio restaurante. Ele ficou satisfeito com a chance de falar inglês americano e eles responderam às suas perguntas sobre os Estados Unidos com uma paciência bem-humorada. Como torcedor do Jets, ele estava particularmente interessado em futebol americano. Como francês, ele também ficou intrigado com Gamay e seu nome incomum.

“É lindo!”, disse ele. “É muito lindo!”

“A ideia foi do meu pai”, explicou ela. “Ele era um conhecedor de vinhos e a cor do meu cabelo o fez lembrar da uva Beaujolais.”

Os olhos apreciativos de Bert observaram a longa cabeleira de Gamay e seu sorriso reluzente. “Seu pai era um homem de sorte por ter uma filha tão adorável. E o senhor, Monsieur Trout, tem a sorte de ter uma bela esposa.”

Obrigado", disse Paul, colocando o braço em volta do ombro de Gamay em um inconfundível gesto masculino que dizia: ‘Pode olhar, mas não toque’.

Bert sorriu ao entender a mensagem sutil e novamente se tornou o anfitrião profissional. “Você está aqui a negócios ou a lazer?”

“Um pouco dos dois”, respondeu Gamay.

“Somos donos de uma pequena rede de lojas de vinhos na região de Washington”, explicou Paul, usando a história de fachada que ele e Gamay haviam inventado. Ele entregou a Bert um dos cartões de visita que ele e Gamay haviam imprimido às pressas em uma loja de cópias do aeroporto durante a escala em Paris. “Quando viajamos, gostamos de ficar de olho em pequenos vinhedos que possam oferecer algo especial para nossos clientes mais exigentes.”

Bert bateu palmas como se estivesse aplaudindo de leve. “O senhor e sua esposa vieram ao lugar certo, Monsieur Trout. O vinho que está bebendo é de uma propriedade não muito longe daqui. Posso lhe apresentar o proprietário”.

Gamay tomou um gole de sua taça. “Um tinto robusto. Precoce e vivo. Tem notas altas de framboesa.”

“Há um toque de malícia nele que me agrada”, disse Paul. “Combinado com notas baixas de pimenta.”

Os dois Trouts preferiam cervejas de microcervejaria e seu conhecimento sobre vinhos era obtido principalmente dos rótulos, mas Bert assentiu com sagacidade. “Vocês são verdadeiros aficionados por vinho.”

“Obrigada”, disse Gamay. “Você tem alguma outra sugestão de vinhedo?”

“Oui, Madame Trout. Muitas.” Bert anotou vários nomes em um guardanapo, que Paul guardou no bolso.

“Alguém mencionou outro vinhedo”, disse Gamay. “Qual era o nome, querida?

“Fauchard?” disse Paul.

“É isso mesmo.” Ela se voltou para Bertrand. “Você tem o selo Fauchard?”

“*Mon Dieu*. Eu gostaria de ter. É um vinho excelente. Sua produção é muito limitada e o vinho é comprado por um grupo seleto de pessoas ricas, principalmente europeus e americanos ricos. Mesmo que eu pudesse obtê-lo, o vinho é muito caro para meus clientes. Estamos falando de mil dólares por garrafa”.

“É mesmo?” disse Gamay. “Gostaríamos muito de visitar a propriedade de Fauchard e ver que tipo de uva pode alcançar preços como esses.”

Bert hesitou e uma careta surgiu em seu belo rosto. “Não é muito longe daqui, mas os Fauchards são... como posso dizer? Estranhos”.

“Em que sentido?”

“Não são muito amigáveis. Ninguém os vê”. Ele abriu as mãos. “Eles são uma família antiga e há histórias.”

“Que tipo de histórias?”

“Contos de esposas velhas. Os fazendeiros podem ser supersticiosos. Dizem que os Fauchards são como sugadores de sangue”.

“Você quer dizer vampiros?” Gamay disse com um sorriso.

“*Oui*.” Bert riu e disse: “Acho que eles simplesmente têm tanto dinheiro que estão sempre com medo de que as pessoas os roubem. Eles não são típicos das pessoas que vivem aqui. Somos muito amigáveis. Espero que os Fauchards não lhe deem uma impressão errada”.

“Isso seria impossível depois de desfrutar de sua boa comida e hospitalidade”, disse ela com um sorriso malicioso.

Bert sorriu de prazer e usando outro guardanapo, anotou as direções para a propriedade Fauchard. Eles poderiam vislumbrar os vinhedos, disse ele, mas as placas de proibido transgredir os avisariam quando se aproximassem da propriedade. Eles agradeceram, trocaram abraços e voltaram para o carro.

Gamay caiu na gargalhada. “Um vinho malicioso? Não acredito que você disse isso.”

“Prefiro um vinho malicioso a uma safra precoce...”, disse Paul.

“Você deve admitir que ele tinha notas altas de framboesa”, disse ela. “E notas baixas de pimenta também”, respondeu Paul. “Acho que Bert não notou nossas pretensões vitivinícolas. Ele estava concentrado em você. “Você tem uma esposa linda”, disse Trout com um sotaque parecido com o do antigo astro de cinema Charles Boyer.

“Acho que ele era muito charmoso”, disse Gamay com um beicinho. “Eu também e ele estava completamente certo sobre a sorte que tenho.” “Assim é melhor”, disse ela. Ela consultou o mapa que Bert havia desenhado no guardanapo. “Há um desvio que vai para o castelo a cerca de 16 quilômetros daqui.”

“Bert fez parecer que era o Castelo do Conde Drácula”, disse Paul. “Pelo que o Kurt nos contou, a Madame Fauchard faz o Drácula parecer a Madre Teresa de Calcutá.”

Vinte minutos depois, eles estavam dirigindo por uma longa estrada de terra que passava por colinas onduladas e vinhedos com terraços bem cuidados. Ao contrário dos outros vinhedos pelos quais haviam passado no caminho, não havia placas identificando os proprietários das videiras. Mas à medida que a paisagem ao redor se transformava em bosques, eles começaram a ver placas nas árvores avisando em francês, inglês e espanhol que estavam em uma propriedade particular. A estrada terminava em um portão em uma alta cerca eletrificada, coberta com arame farpado. A placa no portão tinha um aviso ainda mais severo, novamente em três idiomas, dizendo que os invasores que se aventurassem mais longe encontrariam guardas e cães de guarda armados. A ameaça de danos corporais às pessoas não autorizadas era inconfundível.

Paul leu as placas e disse: “Parece que Bert estava certo sobre os Fauchards. Eles não são do tipo afetuoso e acolhedor”.

“Ah, eu não sei”, disse Gamay. “Se você olhar pelo retrovisor, verá que eles mandaram alguém para nos receber.”

Paul fez o que Gamay sugeriu e viu o emblema da grade de um SUV Mercedes preto pela janela do Peugeot alugado. O Mercedes bloqueou a estrada atrás deles. Dois homens saíram do veículo. Um deles era baixo e atarracado e tinha a cabeça raspada em formato de bala. Ele segurava a coleira de um Rottweiler de aparência feroz que sibilava enquanto se esforçava contra a coleira. O segundo homem era alto e de compleição escura e tinha o nariz carnudo de um lutador de boxe. Ambos usavam uniformes de camuflagem no estilo militar e armas de fogo.

O homem careca foi até o lado do motorista e falou em francês, o que não era o forte de Paul, mas ele não teve problemas em entender a ordem para sair do carro. Gamay, por outro lado, era fluente. Quando o homem com cabeça de bala perguntou o que eles estavam fazendo ali, ela lhe entregou um cartão de visitas, mostrou o guardanapo que Bert os havia dado e mostrou os vinhedos listados nele.

O homem deu uma olhada nos nomes. “Esta é a propriedade de Fauchard. O lugar que você quer é por ali", disse ele, apontando.

Gamay pareceu ficar agitada. Ela começou a falar francês sem parar, gesticulando com frequência para Paul. Os guardas começaram a rir da conversa de marido. *Bullethead* deu a Gamay um olhar mais do que casual, da cabeça aos pés, com seus olhos. Gamay retribuiu seu interesse descarado com um sorriso tímido. Então ele, seu companheiro e o cachorro voltaram para o Mercedes. Eles tiraram o SUV do caminho para que Paul pudesse dar ré. Quando o carro partiu, Gamay acenou para os guardas, o que foi retribuído com entusiasmo.

“Parece que conhecemos o amigo skinhead de Kurt, Marcel”, disse Trout.

“Ele certamente se encaixa na descrição ameaçadora”, disse Gamay.

“Ele foi muito mais amigável do que eu esperava”, disse Trout. “Você até fez o cachorro sorrir. O que você disse?”

“Eu disse a eles que você era um idiota por ter nos perdido.”

“Ah”, disse Trout. “E o que o careca disse?”

“Ele disse que ficaria feliz em me mostrar o caminho. Acho que ele estava flertando comigo.”

Trout lhe lançou um olhar de esguelha. “Esta é a segunda vez que você usa seu charme feminino. Primeiro com Bert, depois com *Bullethead* e seu vira-lata.”

“Tudo é justo no amor e na guerra.”

“Não é com a guerra que estou preocupado. Todo francês que encontramos parece ter olhos para você.”

“Ah, cala a boca. Perguntei a ele se podíamos dar uma volta de carro e ver as uvas. Ele disse que não havia problema, mas que ficássemos longe da cerca.”

Trout saiu na primeira estrada de terra e eles seguiram por acres e mais acres de vinhedos. Depois de alguns minutos, eles pararam e desceram do carro perto de uma equipe de colhedores de uva que estava fazendo uma pausa para fumar à beira da estrada. Havia cerca de uma dúzia de trabalhadores de pele escura conversando com um homem que parecia estar no comando. Gamay se apresentou como compradora de vinhos americanos. O homem franziu a testa quando ela explicou que Marcel os havia dado permissão para dirigir pelos vinhedos.

“Ah, esse aí”, disse o homem com a testa franzida. Ele disse que seu nome era Guy Marchand e que era o capataz da equipe de trabalho.

“Eles são trabalhadores convidados do Senegal”, disse ele. “Eles trabalham muito duro, por isso sou brando com eles.”

“Paramos no bistrô e conversamos com Bertrand”, disse Gamay. “Ele nos disse que o vinho produzido aqui é maravilhoso.”

“Oui. É verdade. Venham, vou lhes mostrar as videiras.”

Ele acenou para que os colhedores de uvas voltassem ao trabalho e conduziu os Trouts por uma linha de videiras. Ele falava muito e estava entusiasmado com o seu trabalho e os Trouts não precisavam fazer a sua encenação de esnobes do vinho. Eles só precisavam balançar a cabeça enquanto Guy falava sobre o solo, o clima e as uvas. Ele parou em uma treliça de videira e colheu algumas uvas, que entregou a Gamay e Paul. Ele espremeu as uvas, cheirou-as e provou o suco com a ponta da língua. Eles seguiram o exemplo, cacarejando de admiração. Voltaram para a estrada e viram que os trabalhadores estavam despejando as uvas na traseira de um caminhão.

“Onde o vinho é engarrafado?” disse Paul.

“Na própria propriedade”, disse Guy. “Monsieur Emil quer ter certeza de que todas as garrafas estão registradas.”

“Quem é o Monsieur Emil?” disse Gamay.

“Emil Fauchard é o proprietário desses vinhedos.”

“Você acha que seria possível conhecer o Monsieur Fauchard?” disse Gamay.

“Não, ele é reservado.”

“Então, vocês nunca o veem?”

“Ah, sim, nós o vemos”, disse Marchand. Ele revirou os olhos e apontou para o céu.

Os dois Trouts olharam para cima. “Não entendo”, disse Gamay.

“Ele voa em seu aviãozinho vermelho para ficar de olho em tudo”.

Guy continuou explicando que Emil efetuava pessoalmente a pulverização das plantações. Ele contou a eles que, certa vez, Emil havia pulverizado uma das equipes de trabalho com pesticidas. Alguns trabalhadores ficaram violentamente doentes e tiveram de ser levados ao hospital. Como eram todos imigrantes ilegais, não reclamaram, mas Marchand ameaçou se demitir e os trabalhadores receberam uma indenização em dinheiro. Disseram-lhe que a pulverização havia sido um acidente, embora o tom de sua voz deixasse claro que ele achava que Emil havia feito de propósito. Mas os Fauchards o haviam pago bem e ele não reclamou.

Enquanto Marchand falava, os trabalhadores terminavam de carregar o caminhão. Os olhos de Paul seguiram o caminhão enquanto ele seguia pela estrada de terra. Depois de percorrer cerca de 400 metros, ele virou à esquerda e foi em direção a um portão na cerca eletrificada. Como pescador, Paul tinha desenvolvido um olhar aguçado para os detalhes e podia ver dois guardas parados na frente do portão. Ele observou a caminhonete diminuir a velocidade e em seguida, foi-lhe dado sinal para passar e o portão se fechou atrás dela.

Paul bateu no ombro de Gamay e disse: “Acho que está na hora de irmos”.

Eles agradeceram a Marchand, entraram no carro e voltaram para a estrada principal que os levaria para fora dos vinhedos.

“Conversa interessante”, disse Gamay. “Emil parece tão adorável quanto Kurt o descreveu.” Paul apenas grunhiu em resposta. Gamay estava acostumada com a natureza às vezes taciturna de Paul, uma característica que ele havia herdado de seus antepassados da Nova Inglaterra, mas detectou algo mais profundo em sua resposta monossilábica. “Há algo errado?”

“Estou bem. A história da pulverização “acidental” me fez pensar novamente em toda a miséria que Emil e sua família causaram. Eles são responsáveis pela morte do Dr. MacLean e de seus colegas cientistas e daquele inglês, Cavendish. Quem sabe quantos mais eles mataram ao longo dos anos?”

Gamay assentiu com a cabeça. “Não consigo tirar essas pobres feras mutantes da cabeça. Elas tiveram que suportar uma morte em vida.”

Paul bateu no volante com a palma da mão. “Isso me dá vontade de dar um soco no nariz de alguém.”

Gamay ficou surpresa com a explosão atípica. Ela arqueou uma sobrancelha. “Teremos que descobrir uma maneira de passar por aquela cerca e pelos guardas antes de darmos um soco no nariz de alguém.”

“Isso pode ser mais cedo do que você pensa”, disse Paul com um sorriso e começou a descrever seu plano.

SEBASTIAN PESQUISOU Austin com uma mão áspera, tirando-lhe a arma e então ordenou que ele se movesse em direção às escadas. Eles subiram a escada, passaram pela passagem em forma de Y e subiram a escada de madeira até a caverna de gelo. Um sibilo alto veio da caverna e uma nuvem de vapor obscureceu sua abertura. Austin fechou os olhos contra o vapor quente que girava e quando os abriu, viu uma silhueta na névoa.

Sebastian chamou a figura. Emil Fauchard se materializou da nuvem de vapor como um mágico fazendo sua aparição no palco. Quando ele viu Austin, seus lábios se contorceram de raiva e suas feições pálidas se contorceram em uma máscara grega de fúria. A ira fervia dentro dele como óleo quente e ele parecia mal conseguir se conter. Em seguida, sua boca se suavizou em um sorriso sem graça que era ainda pior. Ele fechou a válvula do bocal da mangueira que estava segurando e o vapor se dissipou. “Olá, Austin”, disse ele com uma voz afiada. “Sebastian e eu esperávamos nos encontrar novamente depois que você saiu da nossa festa à fantasia sem se despedir. Mas devo admitir que eu esperava que você fosse ao castelo para resgatar sua amiga.”

“Não pude resistir à sua personalidade calorosa de cobra”, disse Austin, com a voz fria. “E nunca lhe agradeci pelo empréstimo do seu avião. Por que você matou Lessard?”

“Quem?”

“O gerente da fábrica.”

“Ele havia perdido sua utilidade assim que drenou os túneis. Eu o deixei vivo até o último momento, deixando-o pensar que poderia parar a turbina e trazer ajuda externa.” Fauchard riu com a lembrança.

Austin sorriu como se apreciasse o mau humor de Fauchard. Ele teve que usar toda a autodisciplina de que dispunha para resistir ao impulso fatal de arrancar a cabeça do francês. Ele esperou seu tempo, sabendo que não estava em posição de se vingar.

“Eu vi seu avião no lago”, disse Austin. “Está um pouco frio para mergulhar.”

“Sua preocupação é muito importante. O Morane-Saulnier estava exatamente onde você disse que estaria.”

Austin deu uma olhada ao redor da caverna. “Você teve muito trabalho para inundar este lugar”, disse Austin. “Por que drená-lo novamente?”

O sorriso se transformou em uma careta. “Na época, queríamos manter Jules longe dos olhos curiosos do mundo.”

“O que fez vocês mudarem de ideia?”

“Minha mãe queria o corpo de Jules de volta.”

“Eu não sabia que a família Fauchard era tão sentimental em relação a seus parentes.”

“Há muita coisa sobre nós que você não sabe.”

“Ainda bem que pude ir à sua festa de despedida. Como está o velho?”

“Veja você mesmo”, disse Emil e se afastou.

Uma seção da parede havia sido derretida e lascada para criar uma gruta azul. Jules Fauchard estava deitado em uma plataforma elevada como um sacrifício humano ao deus da geleira. O corpo estava de lado, enrolado em posição fetal. Jules ainda estava usando seu pesado casaco de couro e luvas de voo e suas botas pretas estavam tão brilhantes como se tivessem acabado de ser polidas. Ele usava um arnês de paraquedas, mas o paraquedas real havia sido arrancado por poderosas forças glaciais. Embora o cadáver tivesse ficado preso no gelo por quase um século, o frio o manteve bem preservado. A pele do rosto e das mãos tinha uma aparência de cobre polido e o pesado bigode estava coberto de gelo.

O nariz de falcão e a mandíbula firme no rosto congelado combinavam com as características do homem na galeria da família Fauchard. Austin estava especialmente interessado no buraco que havia perfurado o boné de aviador de couro com acabamento em pele.

“Que bom que sua família sentimental deu a Jules um presente de despedida”, disse Austin.

“Do que você está falando?”

Austin fez um gesto na direção do buraco. “A bala em sua cabeça.”

Emil fez uma careta. “Jules estava a caminho de ver o emissário do papa quando foi alvejado no céu”, disse Emil. “Ele carregava documentos que provariam a cumplicidade de nossa família no início da Grande Guerra. Ele também queria oferecer ao mundo uma descoberta científica que seria uma bênção para toda a humanidade. Ele esperava evitar a guerra com suas ações.”

“Objetivos louváveis e incomuns para um Fauchard”, disse Austin.

“Ele era um tolo. Foi aqui que seu altruísmo o levou.”

“O que aconteceu com os documentos que ele levava consigo?”

“Eles eram inúteis, arruinados pela água.”

“Então foi tudo uma grande perda de tempo.”

“De modo algum. Veja. Você está aqui. E vai desejar estar acorrentado nas catacumbas do castelo quando eu terminar.” Emil apontou para a borda irregular de gelo que emoldurava a abertura da gruta. “Está vendo? O gelo já está se formando novamente. Em algumas horas, a tumba será novamente selada. E desta vez, você estará lá dentro, fazendo companhia a Jules.”

A mente de Austin estava acelerada.

Onde diabos estava Zavala?

“Pensei que sua mãe quisesse o corpo.”

“O que me importa o corpo? Minha mãe nem sempre estará no poder. Pretendo levar os Fauchards às suas maiores conquistas. Chega de enrolação. Não vou tolerar seu esforço patético para antecipar o inevitável, Austin. Você roubou meu avião e o tratou mal, além de ter me causado muitos problemas. Vá até ali, ao lado de Jules”.

Austin ficou onde estava. “Sua família não se importava em ser culpada pela guerra. Era um segredo aberto que você e os outros comerciantes de armas queriam que as balas voassem. Era algo maior do que qualquer guerra. Jules estava carregando a fórmula da juventude eterna.”

Uma expressão de espanto passou pelo rosto de Emil. “O que você sabe?”

“Sei que os Fauchards destruirão qualquer um que se interponha no caminho de seu objetivo de viver para sempre.” Ele olhou para o cadáver congelado de Jules. “Até mesmo um membro da família provou ser dispensável quando se trata da fonte da juventude.”

Emil estudou o rosto de Austin. “Você é um homem inteligente, Austin. Você não admitiria que vale a pena matar pelo segredo da vida eterna?”

“Sim”, disse Austin com um sorriso de lobo. “Se você for o único a ser morto.”

“Seu verniz civilizado está se desgastando”, disse Emil com uma risada. “Pense nas infinitas possibilidades. Um grupo de elite de imortais imbuídos da sabedoria de eras poderia governar o mundo. Seríamos como deuses para os desprovidos de vida.”

Austin olhou para o capanga de Emil. “E o Sebastian ali? Ele se encaixa em seu grupo de elites? Ou ele se juntará ao resto dos 'privados de vida', como você os chama?”

A pergunta pegou Emil de surpresa. “É claro”, disse ele depois de um momento. “A lealdade de Sebastian lhe renderá um lugar em meu panteão. Você se juntará a mim, velho amigo?”

O homem corpulento abriu a boca para responder, mas não disse nada. Ele havia percebido a hesitação na voz de Emil e havia confusão em seus olhos.

Austin girou a faca verbal. “Não conte com uma vida eterna, Sebastian. A mãe de Emil quer você fora de cena.”

“Ele está mentindo”, disse Emil.

“Por que eu mentiria? Seu chefe aqui pretende me matar, não importa o que eu diga. Madame Fauchard me disse, no baile de máscaras, que havia ordenado a Emil que se livrasse de você. Nós dois sabemos que Emil sempre faz o que a mãe dele manda”.

Uma expressão duvidosa surgiu em seu rosto suave. Emil se viu perdendo o controle da situação.

“Atire em seus braços e pernas”, ele gritou. “Certifique-se de que não o mate. Quero que ele implore pela morte.”

Sebastian ficou ali, imóvel. “Ainda não”, disse ele. “Quero ouvir mais.”

Emil proferiu uma maldição e arrancou a arma da mão de Sebastian. Ele apontou para o joelho de Austin.

“Você logo descobrirá que sua vida é longa demais.”

O estratagema de Austin para virar Sebastian contra Emil lhe deu um pouco de tempo, mas falhou, como ele sabia que aconteceria no final. O vínculo de mestre e servo entre os dois homens era forte demais para ser dissolvido por algumas dúvidas. Ele se preparou para a dor devastadora. Mas, em vez de um tiro, ele ouviu um som agudo de assobio vindo da passagem fora da caverna de gelo. Em seguida, uma nuvem quente de vapor entrou na câmara.

Emil virou a cabeça em reflexo para a fonte do barulho. Austin avançou em uma posição baixa de boxeador e acertou o punho direito no meio do corpo de Fauchard. Fauchard soltou uma explosão de ar e suas pernas se dobraram. A arma voou de seus dedos.

Sebastian viu seu mestre sendo atacado e tentou agarrar Austin pelo pescoço. Em vez de tentar se esquivar de Sebastian, Austin foi direto contra ele, usando a palma da mão para acertar o grande homem sob o queixo. Enquanto Sebastian se contorcia com o ataque, Austin o empurrou para o lado e correu em meio ao vapor ofuscante.

Ele ouviu Zavala chamando. “Kurt, aqui!”

Zavala estava de pé na passagem, segurando uma seção cortada da mangueira que estava lançando água quente nas paredes para criar a nuvem que rolou para dentro da caverna de gelo. Zavala largou a mangueira, agarrou Austin e o conduziu pela nuvem de vapor. Eles podiam ouvir Emil gritando com uma raiva incoerente.

Tiros de fuzil invadiram a passagem. Austin e Zavala estavam descendo as escadas correndo e as balas foram para o alto. Ao ouvir os tiros, o restante dos homens de Fauchard saiu do trailer do laboratório. Eles viram Austin e Zavala e os perseguiram. Ao entrarem no túnel, Zavala disparou dois tiros rápidos para dar aos seus perseguidores algo em que pensar. Ele ainda estava mancando, mas conseguiu correr e eles voltaram para a eclusa que Sebastian havia explodido. Eles atravessaram a abertura um segundo antes de uma saraivada de balas.

Austin procurou o mapa do túnel em seus bolsos. Ele não estava em lugar nenhum. Lembrou-se de que o havia deixado no Citroen. Eles precisavam voltar para Fifi. Ele imaginou o sistema em sua mente. O fluxo no sistema poderia ser manipulado da mesma forma que a eletricidade passa pela grade em uma placa de circuito.

Eles voltaram para o Citroen, mas pararam ao ouvir vozes ecoando na passagem à frente. Austin abriu caminho para outro túnel e ele e Zavala puderam voltar à rota pretendida de forma indireta. O desvio lhes custou minutos preciosos que permitiram a Fauchard organizar a perseguição e Austin não ficou surpreso quando ouviram a voz de Emil atrás deles exortando seus homens de forma assustadora.

Austin e Zavala estavam agindo com cautela, mas aceleraram o ritmo, seguindo um curso desconcertante de esquerdas e direitas. Austin estava agindo principalmente com base no instinto, confiando na bússola interna que carregava na cabeça.

Apesar do senso de direção afinado de Austin, os desvios cobraram seu preço. Ele perdeu completamente o rumo. A voz de Emil estava se aproximando. Austin estava mais próximo do desespero do que nunca quando chegaram a um cruzamento de quatro túneis. Os olhos azuis coral de Austin sondaram a escuridão.

“Isso parece familiar”, disse Zavala.

“Estamos perto da cabine de controle da estação central”, disse Austin.

Eles entraram no túnel à direita que os levaria de volta à Fifi, mas pararam depois de dar alguns passos. Vozes masculinas ásperas podiam ser ouvidas vindo em sua direção. Eles correram de volta para o cruzamento e tentaram seguir em frente, mas uma comporta os impedia de entrar. Eles voltaram para o cruzamento. O som distante de passos com botas vinha da passagem à esquerda.

“Estamos cercados”, disse Zavala.

Um plano desesperado estava surgindo no cérebro de Austin. Ele entrou no túnel à esquerda.

Zavala se conteve. “Espere, Kurt. Os capangas de Fauchard também estão vindo por ali”.

“Confie em mim”, disse Austin. “Mas faça isso rápido. Não temos nem um segundo de sobra.”

Zavala deu de ombros e correu para a passagem mal iluminada um passo atrás de Austin. Ele murmurava para si mesmo em espanhol enquanto se esgueirava pelo chão coberto de poças. Ele havia trabalhado com Austin em muitas missões desde que entrou para a Equipe de Missões Especiais da NUMA. Zavala havia desenvolvido uma fé inabalável no julgamento de Austin. No entanto, havia momentos, como o atual, em que o comportamento de Austin parecia completamente irracional e essa confiança era posta à prova.

Zavala os imaginou esbarrando nos capangas de Fauchard em uma versão mortal de um filme mudo do *Keystone Kops*. Mas eles chegaram à cabine de controle sem impedimentos e subiram a escada para a passarela. Os homens de Fauchard se materializaram no túnel escuro e soltaram um grito rouco de triunfo por terem conseguido fazer com que seu jogo se tornasse realidade. Eles lançaram um ataque fulminante contra a cabine.

As balas ricocheteavam na passarela de metal e as paredes do túnel amplificavam o barulho em proporções do Dia D. Austin mergulhou na cabine de controle, puxou Zavala atrás de si e fechou a porta com força. Os outros homens de Fauchard ouviram os tiros, correram e se juntaram ao tiroteio. Eles bombardearam a cabine com centenas de tiros. As janelas se desintegraram e a barragem contínua de chumbo ameaçou perfurar as paredes de aço.

Austin rastejou sobre os cacos de vidro espalhados pelo chão, ajoelhou-se e mantendo a cabeça baixa, passou as mãos sobre o teclado do painel de controle. Um diagrama do sistema de túneis apareceu na tela. O barulho das balas batendo na cabine era ensurdecedor e Austin tentou manter a concentração. Ele digitou vários comandos e ficou satisfeito quando viu as cores mudarem no diagrama.

Zavala começou a se levantar, na esperança de disparar um ou dois tiros, mas Austin o puxou para baixo.

“Você vai levar um tiro na cabeça”, gritou ele por cima do som dos tiros.

“É melhor do que levar um tiro na bunda”, disse Zavala.

“Espere”, disse Austin.

“Esperar? Para quê?”

“Gravidade.”

A resposta de Zavala foi abafada por uma nova salva. Então o tiroteio parou abruptamente e eles puderam ouvir a voz zombeteira de Emil.

“Austin! Você e seu amigo estão gostando da vista?”

Austin levou o dedo aos lábios.

Quando Austin não respondeu, Emil provocou: “Não me diga que você é tímido. Quero que você ouça os planos que minha mãe tem para sua amiga. Ela vai fazer uma plástica em seu rosto. Você não a reconhecerá quando ela terminar a transformação”.

Austin já estava farto de Fauchard. Ele fez sinal para que Zavala entregasse a arma e se aproximou da parede da cabine de controle. Desconsiderando seu próprio conselho, ele apertou o gatilho até ficar a uma distância de uma pena, depois saltou como uma marionete de mão, disparou uma vez e se abaixou. Ele havia se concentrado na voz de Fauchard, mas sua mira estava errada. Fauchard e seus homens se dispersaram em busca de cobertura. Quando viram que não haveria nenhum ataque posterior, eles novamente pulverizaram a cabine com chumbo.

“Você realmente mostrou a eles dessa vez”, “Zavala gritou por cima do barulho”. Emil estava começando a me irritar. “Você o pegou?”

“Emil? Infelizmente, não. Também não acertei o Sebastian. Mas acertei o cara que estava ao lado dele.”

“Isso é lamentável”, disse Zavala, elevando sua voz em alguns decibéis. “Mas é uma estratégia brilhante. Talvez eles fiquem sem munição.”

As balas estavam começando a perfurar o chão da cabine. Austin sabia que tinha que parar o tiroteio e ganhar tempo. “Você tem um lenço branco?”, perguntou ele a Zavala.

“Este é um momento engraçado para assoar o nariz”, disse Zavala, abaixando-se quando um projétil ricocheteou na parede. Ele viu pelo rosto de Austin que ele não estava brincando e disse: “Tenho meu ‘*do-rag*’ mexicano”. “Zavala tirou sua bandana vermelha multiuso do bolso de trás e a entregou.

“Isso serve”, disse Austin, amarrando a bandana no cano da arma. Ele colocou a bandeira improvisada para fora da porta e a agitou.

O tiroteio parou novamente. A risada aguda de Emil ecoou pelo túnel.

“O que é esse trapo, Austin?”, disse ele. “Não sou um touro para ser provocado por suas palhaçadas.”

“Eu não tinha uma bandeira branca”, gritou Austin.

“Uma bandeira branca? Não me diga que você e seu amigo estão preparados para aceitar seu destino?”

Austin inclinou o ouvido, escutando. Ele pensou ter ouvido um sussurro distante, como as ondas da praia. Mas seus ouvidos ainda estavam zumbindo por causa dos tiros e ele não podia ter certeza.

“Você entendeu errado, Fauchard. Não estou pronto para me render.”

“Então por que está agitando esse pedaço de pano ridículo?”

“Eu queria me despedir antes que o trem de carga passasse.”

“Você enlouqueceu, Austin?”

Os sussurros se tornaram um estrondo baixo.

Emil deu a ordem para começar a atirar novamente.

As balas zuniam e espirravam ao redor de suas cabeças em um crescendo ininterrupto. O tiroteio concentrado estava perfurando as paredes. Em mais alguns minutos, a cabine não seria mais uma proteção do que a fatia de queijo suíço com a qual estava começando a se parecer.

Então, os disparos cessaram abruptamente.

Os atiradores sentiram a vibração. Com as armas silenciosas, eles também perceberam o estrondo de um trovão distante.

Austin se levantou e saiu para a passarela. Emil estava com uma expressão intrigada no rosto. Ele olhou para cima, viu Austin olhando para ele e soube que tinha sido derrotado.

“Você venceu por enquanto, Austin”, gritou ele, sacudindo o punho em sinal de desafio, “mas você ainda não ouviu falar da última vez dos Fauchards”.

Austin sorriu, voltou para a cabine, agarrou-se a uma das pernas de metal que sustentavam a mesa do console e disse a Zavala para fazer o mesmo.

Emil fez um último juramento, virou-se e ele e sua gangue de bandidos correram para salvar suas vidas. Sebastian correu atrás dos outros.

Era tarde demais.

Segundos depois, a onda atingiu Fauchard e seus homens com uma explosão de água azul que os varreu como uma vassoura gigante. As cabeças balançaram por um instante na espuma fria, os braços se agitaram ineficazmente. O rosto de Sebastian estava pálido contra a água escura. Depois, ele desapareceu junto com Emil e seus homens.

Diferentemente da experiência anterior, quando Austin e Zavala permaneceram secos dentro da cabine estanque não danificada, dessa vez a água em cascata entrou pelas janelas quebradas, inundou a sala de controle e tentou arrancar Austin e Zavala de seus apoios. Eles se agarraram com todas as suas forças.

Quando seus pulmões estavam prestes a estourar, a força principal da onda se esgotou e a água começou a baixar.

Eles ficaram de pé, com as pernas trêmulas e olharam através da estrutura com bordas irregulares, que era tudo o que restava da janela.

Zavala olhou para o rio que corria sob seus pés, com espanto em suas feições escuras. “Como você sabia que a maré alta estava chegando?”

“Abri e fechei algumas comportas em outra parte do sistema e desviei a água para cá.”

Zavala sorriu e disse: “Espero que Fauchard e seus amigos estejam todos lavados”.

“Meu palpite é que eles estejam se sentindo um pouco corados agora”, disse Austin. Milagrosamente, o monitor de controle estava em um compartimento seguro e não havia sofrido danos. Austin digitou alguns comandos no teclado. O nível da água baixou até que o rio se transformou em um riacho estreito. A essa altura, os dois homens estavam tremendo com suas roupas molhadas. Eles precisavam sair dos túneis para um lugar seco e quente antes que a hipotermia se instalasse. Eles desceram a escada. Dessa vez, ninguém tentou impedi-los.

Eles se arrastaram pelos túneis sem ter ideia de para onde estavam indo. Seus dentes começaram a ranger por causa do frio. As baterias de suas lanternas estavam se esgotando, mas eles continuaram porque não tinham alternativa. Quando estavam prestes a perder toda a esperança, viram um objeto à frente.

Zavala gritou de alegria. “Fifi!”

O Citroën havia sido pego pela onda e jogado de lado no túnel. Estava coberto de lama e a pintura foi raspada em uma dúzia de lugares onde deve ter batido contra as paredes. Austin abriu a porta. O mapa estava flutuando em alguns centímetros de água no chão. A chave ainda estava na ignição. Ele tentou ligar o carro, mas o motor não funcionava.

Zavala mexeu no capô e disse a Austin para tentar novamente.

Dessa vez, o motor deu partida.

Zavala entrou no carro e disse: “Cabo da bateria solto”.

Levou meia hora dirigindo pela grade do túnel até que eles descobrissem onde estavam, depois mais meia hora para encontrar o caminho de volta pelo sistema. O carro estava funcionando com vapores de gás quando eles viram a luz cinza do dia à frente e momentos depois, saíram da montanha.

“E agora?” disse Zavala.

Austin nem precisou pensar no assunto. “Chateau Fauchard.”

QUANDO SKYE era uma menina, seu pai a levou à Catedral de Notre Dame e ela viu sua primeira gárgula. O rosto grotesco que descia das muralhas parecia um monstro de seus piores pesadelos. Ela se acalmou depois que seu pai explicou que as gárgulas não eram nada mais do que bicas de chuva. Skye se perguntou por que escultores tão talentosos não poderiam ter criado coisas bonitas, mas deixou de lado seus medos de infância. Agora, ao abrir os olhos, a gárgula de seus sonhos inquietos estava de volta. Pior ainda, estava falando com ela.

“Bem-vinda de volta, mademoiselle”, disse a boca cruel a poucos centímetros de distância. “Sentimos sua falta.”

O rosto pertencia a Marcel, o homem com cabeça de bala encarregado do exército particular do Chateau Fauchard. Ele falou novamente.

“Voltarei em quinze minutos”, disse ele. “Não me deixe esperando.”

Ela fechou os olhos enquanto uma onda de náusea percorria seu corpo. Quando olhou novamente, ele havia desaparecido.

Skye olhou em volta e viu que estava na sala onde havia vestido a fantasia de gato para o baile de máscaras de Fauchard. Ela se lembrou de ter caminhado até o prédio de seu apartamento. Ela se aprofundou em sua memória e se lembrou do casal americano perdido, da picada de abelha em suas costas e do deslizamento para o esquecimento.

Meu Deus, ela havia sido sequestrada.

Ela se sentou na cama e balançou as pernas para o lado. Sentia um gosto de gás na boca, provavelmente o resquício do produto químico que havia sido injetado em suas veias para deixá-la inconsciente. Ela respirou fundo e se levantou. O quarto começou a girar em torno dela. Ela cambaleou até o banheiro e vomitou na pia.

Skye olhou para seu reflexo, mal reconhecendo o rosto no espelho. Seu rosto estava fantasmagoricamente pálido, seu cabelo estava desgrenhado e despenteado. Ela se sentiu melhor depois de enxaguar a boca e jogar água fria no rosto. Ela penteou o cabelo para trás com os dedos e tirou as rugas das roupas o melhor que pôde.

Ela estava pronta alguns minutos depois, quando Marcel abriu a porta sem bater e fez sinal para que a seguisse. Eles caminharam pelos longos corredores acarpetados, eventualmente passando pelo conjunto de rostos que revestiam as paredes da galeria de retratos. Ela procurou o quadro de Jules Fauchard, mas ele havia desaparecido, deixando apenas uma parede em branco em seu lugar. Em seguida, estavam do lado de fora do escritório de Madame Fauchard.

Marcel deu um sorriso estranho para Skye e em seguida, bateu gentilmente na porta e a abriu. Ele empurrou Skye para dentro. Skye viu que não estava sozinha. Uma mulher loira, de costas para Skye, estava sentada na escrivaninha de Madame Fauchard, olhando pela janela. Ela se virou na cadeira ao ouvir o clique da porta se fechando e olhou para Skye.

A mulher estava na casa dos quarenta anos, com a pele cremosa realçada por olhos cinzentos e penetrantes. Ela entreabriu os lábios vermelhos, quase voluptuosos. “Boa tarde, senhorita. Aguardávamos seu retorno. Você partiu de uma forma tão espetacular.”

A mente de Skye estava confusa. Ela se perguntou se ainda estava sentindo os efeitos posteriores da droga que a nocauteou.

“Sente-se”, disse a mulher, apontando para uma cadeira em frente à escrivaninha.

Skye obedeceu, movendo-se como um zumbi.

A mulher olhou para Skye com diversão.

“O que há de errado? Você parece distraída.”

Skye estava mais confusa do que distraída. A voz que saiu da boca da mulher era a de Madame Fauchard. Ela havia perdido a qualidade de velha senhora, mas não havia como confundir as palavras duras. Pensamentos malucos passaram pela mente de Skye. Será que Racine tinha uma filha? Talvez fosse um ventríloquo inteligente.

Finalmente, ela encontrou sua própria voz.

“Isso é algum tipo de truque?”

“Não é truque nenhum. O que você está vendo é o que existe.”

“Madame Fauchard?” As palavras saíram vacilantes.

“A mesma coisa, minha querida.”, disse ela com um sorriso malicioso. “Só que agora eu sou jovem e você é velha.”

Skye ainda estava cética. “Você precisa me dar o nome do seu cirurgião plástico.”

Os olhos da mulher se aqueceram, mas só por um momento. Ela se levantou da cadeira e foi para o outro lado da mesa com movimentos sedosos. Ela se inclinou, pegou a mão de Skye e a colocou em sua bochecha.

“Diga-me se você ainda acha que isso é trabalho de um cirurgião”.

A carne era quente e firme e a pele era cremosa, sem nenhum traço de rugas.

“Impossível”, disse Skye em um sussurro.

Madame Fauchard deixou a mão cair, depois se levantou e voltou para sua cadeira. Ela esticou os dedos longos e finos para que Skye pudesse ver que eles não estavam mais retorcidos.

“Não se preocupe”, disse ela. “Você não está ficando louca. Eu sou a mesma pessoa que convidou você e o Sr. Austin para a minha festa à fantasia. Ele está bem, eu acredito.”

“Eu não sei”, disse Skye, cautelosa. “Não o vejo há dias.”

“Como eu me transformei de uma velha cacarejante em uma jovem bela?”, disse ela, com um olhar sonhador nos olhos. “Uma longa, longa história. Não teria sido tão longa se Jules não tivesse fugido com o capacete", disse ela, cuspindo o nome com amargura. “Poderíamos ter economizado décadas de pesquisa.”

“Não estou entendendo.”

“Você é a especialista em armas antigas”, disse Madame Fauchard. “Diga-me o que sabe sobre o elmo.”

“Ele é muito antigo. Quinhentos anos ou talvez mais. O aço era de altíssima qualidade. Pode ter sido feito com ferro de um meteorito.”

Madame Fauchard arqueou uma sobrancelha.

“Muito bom. O elmo foi feito com metal estelar e essa força salvou a vida de mais de um Fauchard em batalha. Ele foi derretido e refundido ao longo dos séculos e foi passado pela família para os verdadeiros líderes dos Fauchard. Por direito, ele pertence a mim, não ao meu irmão Jules”.

As palavras levaram um segundo para serem compreendidas, mas quando o foram, Skye disse: “Seu irmão?”

“É isso mesmo. Jules era um ano mais novo do que eu.”

Skye tentou fazer o cálculo, mas seus pensamentos estavam girando em torno de sua cabeça. “Isso significa que você tem...”.

“Nunca pergunte a idade de uma senhora”, disse Madame Fauchard, com um sorriso lânguido. “Mas eu lhe pouparei o trabalho. Já passei da marca de um século.”

Skye balançou a cabeça em descrença. “Eu não acredito nisso.”

“Estou magoada com seu ceticismo”, disse Madame Fauchard, mas sua expressão desmentiu a declaração. “Você gostaria de ouvir os detalhes?”

Skye estava dividida entre sua curiosidade científica e sua repulsa.

“Eu vi o que aconteceu com Cavendish porque ele sabia demais sobre seus negócios.”

“Lorde Cavendish era um chato, além de tagarela. Mas você se ilude, minha querida. Quando se tem a idade que eu tenho, aprende-se a manter as coisas em perspectiva. Você não é boa para mim morta. A isca viva é sempre mais eficaz.”

“Isca. Para quê?”

“Não para o quê. Para quem. Kurt Austin, é claro.”

POUCO DEPOIS DAS CINCO HORAS, os trabalhadores dos vinhedos Fauchard terminaram o dia que havia começado com o nascer do sol. Enquanto os homens voltavam para seus dormitórios rudimentares, uma frota de caminhões basculantes carregados de uvas recém-colhidas rolava pelas estradas de terra que atravessavam as colinas e convergiam para o portão na cerca eletrificada. Um guarda entediado fez a fila passar pelo portão e os caminhões se dirigiram a um galpão onde as uvas seriam descarregadas para serem esmagadas, fermentadas e engarrafadas.

Quando o último caminhão parou perto do galpão, duas figuras saltaram e correram para a floresta. Satisfeitos por não terem sido vistos, Austin e Zavala tiraram a sujeira das roupas e tentaram limpar o suco de uva do rosto e das mãos, mas isso só piorou a sujeira.

Zavala cuspiu a boca cheia de terra úmida. “Essa é a última vez que deixo Trout me convencer a entrar em um de seus esquemas malucos. Estamos parecendo uma versão roxa do *Blue Man Group*!”

Austin estava tirando galhos do cabelo. “Você deve admitir que foi um golpe de gênio. Quem esperaria que alguém se disfarçasse de um cacho de uvas?”

O plano de Trout era aparentemente simples. Ele e Gamay fizeram outro passeio pelos vinhedos. Dessa vez, Austin e Zavala estavam sentados no banco de trás. Os Trouts pararam e saíram para cumprimentar Marchand, o capataz que haviam conhecido em sua primeira visita aos vinhedos Fauchard. Enquanto conversavam, o caminhão basculante parou na frente do carro. Austin e Zavala esperaram até que o caminhão fosse carregado, depois saíram do carro, subiram na traseira do veículo em movimento e se embrenharam nas uvas.

O bosque escuro parecia saído de um romance de Tolkien. Austin carregava um dispositivo que Gandalf, o mago, teria invejado. O Sistema de Posicionamento Global miniaturizado poderia colocá-los a poucos metros do castelo. Usando uma bússola nos estágios iniciais de sua jornada, eles saíram pela floresta na direção geral do castelo.

O bosque estava repleto de espinheiros e arbustos que enroscavam nos pés, como se os Fauchard tivessem, de alguma forma, estendido sua malevolência à flora que cercava seu lar ancestral. À medida que o sol se punha mais baixo no céu, a floresta ficava mais escura. Viajando sob a luz escura, os dois homens tropeçaram em raízes e espinhos afiados se prenderam em suas roupas. Por fim, eles saíram da floresta e entraram em um caminho de terra que levava a uma rede de trilhas bem usadas. Austin consultava o GPS com frequência e ele provou sua utilidade quando viu, por entre as árvores, o brilho das torres do Chateau Fauchard.

Na borda do bosque, eles se agacharam entre as árvores e observaram um guarda solitário se deslocar ao longo da borda do fosso. Quando o guarda contornou a parede mais distante do castelo, Austin ajustou o modo de cronometragem em seu relógio.

“Estamos com sorte”, disse Zavala. “Apenas uma sentinela.”

“Não estou gostando disso”, disse Austin. “Nada em minha breve convivência com a família Fauchard me leva a crer que eles tratam sua própria segurança de forma leviana.”

Ainda mais suspeito, uma ponte levadiça estava abaixada. A água na estranha fonte de guerra - o *med med* - tilintava musicalmente. A cena tranquila contrastava fortemente com sua última visita, quando ele havia jogado o Rolls no fosso sob uma saraivada de balas. Parecia muito convidativo.

“Você acha que é uma armadilha?” disse Zavala. “Tudo o que está faltando é um grande pedaço de queijo.” “Quais são nossas opções?”

“Limitadas. Podemos dar meia-volta ou continuar andando e tentar ficar um passo à frente dos bandidos.”

“Já tive minha dose de uvas”, disse Zavala. “Você não disse nada sobre uma estratégia de saída.”

Austin deu um tapinha no ombro de Zavala. “Aqui está você, prestes a fazer um passeio emocionante pelo Chateau Fauchard e já está pensando em ir embora”.

“Desculpe-me por não ser tão indiferente quanto você. Eu esperava uma saída mais digna do que dirigir um Rolls-Royce em um fosso.”

Austin se encolheu com a lembrança. “Ok. O plano é o seguinte. Vamos nos oferecer para trocar Emil por Skye.”

“Nada mal”, disse Zavala. “Só há um pequeno problema. Você jogou o Emil no ralo.”

“Madame Fauchard não sabe disso. Quando ela descobrir, já teremos ido embora há muito tempo.”

“Que vergonha, blefando com uma senhora idosa.” Zavala franziu os lábios em pensamento. “Eu gosto disso, mas e se ela não morder a isca? É nessa hora que chamamos os gendarmes?”

“Eu gostaria que fosse assim tão fácil, meu velho amigo. Imagine o seguinte. Os policiais batem na porta do castelo e os Fauchards dizem: “Procurem o quanto quiserem. “Eu já estive nessas catacumbas; você poderia esconder um exército nesse labirinto. Pode levar semanas para encontrar Skye.”

“E o tempo não está do nosso lado.”

Um olhar pensativo surgiu nos olhos de Austin. “Uma hora vale mais que cem anos”, murmurou ele, verificando o relógio.

“Isso é de um de seus livros de filosofia?” disse Zavala. Austin era um estudante de filosofia e as estantes de livros em sua casa-barco no Potomac estavam abarrotadas com as obras dos grandes pensadores.

“Não”, respondeu ele, pensativo. “É algo que o Dr. MacLean me disse.”

O guarda saiu do outro lado do castelo, interrompendo a conversa. Austin clicou em seu relógio novamente. A sentinela havia levado dezesseis minutos para percorrer o castelo.

Assim que o guarda começou outra ronda, Austin sinalizou para Zavala. Eles atravessaram correndo o espaço aberto e seguiram o fosso até a ponte de pedra em arco, depois atravessaram a ponte levadiça correndo para o pátio. Com suas roupas pretas, eles eram quase invisíveis nas sombras ao longo da base da muralha. As luzes brilhavam nas janelas do primeiro andar do castelo, mas nenhum guarda patrulhava o local, o que aumentou ainda mais as suspeitas de Austin.

Ele tinha certeza de que seus instintos estavam no alvo quando ele e Zavala chegaram ao portão que guardava a escada para as muralhas. Quando ele e Skye inspecionaram o portão, ele estava trancado. Agora estava escancarado, um convite para escalar a parede e atravessar uma ponte estreita até a torre. Austin tinha outros planos. Ele conduziu o caminho através dos paralelepípedos até a parte de trás do castelo e desceu uma pequena escada de pedra até uma porta de madeira com ferrolho.

Austin tentou a maçaneta. A porta estava trancada. Ele tirou uma furadeira portátil e um serrote da mochila, fez vários furos na porta e serrou uma seção circular. Ele entrou pelo buraco, levantou a barra e abriu a porta. O mofo pútrido das catacumbas saiu pela porta como a exalação de um cadáver. Eles ligaram suas lanternas, entraram e fecharam a porta atrás deles.

Eles desceram vários lances curtos de escada. Austin fez uma breve pausa nas masmorras, onde Emil havia prestado sua homenagem sangrenta a Edgar Allan Poe. O pêndulo pairava sobre a mesa de madeira, mas não havia sinal do infeliz inglês, Lord Cavendish.

Austin passou por alguns becos sem saída, mas seu senso de direção de marinheiro o manteve em boa posição. Em pouco tempo, eles passaram pelo ossário e seguiram o caminho para o arsenal. Novamente, uma porta foi destrancada. Austin a abriu e ele e Zavala entraram na área do altar. O arsenal estava escuro, exceto por um brilho que vinha da extremidade da nave. A luz amarela cintilante brilhava nas armaduras e armas altamente polidas.

Zavala deu uma olhada na tela. “Aconchegante. Gosto da combinação de gótico e heavy metal. Quem é o decorador de interiores deles?”

“O mesmo cara que trabalhou para o Marquês de Sade.”

Eles seguiram o caminho ao longo da longa nave, passando pelas relíquias letais que eram a base da fortuna dos Fauchard. A luz ficava mais clara à medida que eles se aproximavam. Austin foi primeiro e quando deu um passo à frente da tela, viu Skye.

Ela estava sentada em uma cadeira de madeira robusta, ladeada por braseiros, de frente para as figuras de carga a cavalo. Seus braços e pernas estavam amarrados firmemente com corda e um pedaço de fita adesiva havia sido esticado em sua boca. Duas armaduras brilhantes estavam ao seu lado, como se estivessem prontas para defender Skye contra um ataque feroz.

Os olhos de Skye se arregalaram. Ela sacudiu a cabeça vigorosamente, ficando mais frenética à medida que Austin se aproximava. Ele estava pegando sua faca de bainha para poder cortar as amarras de Skye quando, pelo canto do olho, detectou um movimento. O traje blindado à sua direita estava em movimento.

“Que inferno”, disse ele, na falta de uma reação melhor.

Fazendo barulho a cada passo, o traje levantou a mão da espada e avançou sobre Austin como um robô antigo. Ele se afastou.

“Alguma sugestão?” disse Zavala, fazendo o mesmo.

“Não, a menos que você tenha trazido um abridor de latas.”

“Que tal nossas armas?” “Muito barulhentas.”

O outro traje tinha ganhado vida e estava avançando também. As figuras blindadas se aproximaram com uma velocidade inesperada. Austin percebeu que a faca que ele tinha na mão seria tão eficaz quanto um palito de dente. Skye estava se debatendo em sua cadeira.

Austin não estava a fim de ser cortado como um salame. Ele abaixou a cabeça, avançou em direção ao traje mais próximo e deu um golpe de futebol americano nos joelhos articulados. O traje cambaleou, deixou cair a espada e com os braços balançando, tombou para trás e bateu no chão de pedra com um estrondo horrível. O ocupante do traje deu um fraco puxão de suas pernas e braços e depois ficou imóvel.

O outro traje hesitou. Zavala duplicou o bloqueio corporal de Austin com a mesma eficácia. O segundo traje de armadura caiu no chão. Enquanto Austin cortava as cordas de Skye, Zavala se curvou sobre uma figura caída e depois sobre a outra.

“Fora de combate”, disse ele com orgulho. “Quanto maior eles são, mais forte eles caem.”

“Foi como enfrentar um veículo de combate Bradley. Todas aquelas horas perdidas assistindo ao futebol americano da NFL não foram uma perda de tempo, afinal.”

“Achei que você estava preocupado com o barulho. Aquela pequena confusão parecia um par de esqueletos fazendo amor em um telhado de lata.”

Austin deu de ombros e cuidadosamente retirou a fita adesiva que cobria a boca de Skye. Ele a ajudou a se levantar da cadeira. Ela se levantou com as pernas trêmulas, jogou os braços ao redor de Austin e lhe deu um dos beijos mais longos e quentes que ele já havia experimentado. “Eu nunca pensei que veria você novamente”, disse ela.

Uma risada veio das sombras de um claustro próximo. Em seguida, uma figura alta e esguia, cujo rosto estava encoberto por um véu transparente, entrou na luz bruxuleante dos braseiros. O tecido diáfano cobria sua forma até os tornozelos. A luz se filtrava através do véu, delineando sua figura perfeita.

“Encantador!”, disse ela. “Totalmente encantador. Mas você precisa ser sempre tão dramático em suas idas e vindas, Monsieur Austin?”

Marcel saiu atrás da mulher, com uma metralhadora em suas mãos. Em seguida, mais seis homens armados surgiram de cantos escuros. Marcel retirou as armas de Austin e Zavala.

Austin olhou para as armaduras imóveis. “Pela aparência dessa pilha de latas, não sou o único com talento para o drama.”

“Você sabe que eu gosto de teatro. Você esteve no meu baile de máscaras.”

“Baile de máscaras?”

Ela tirou lentamente o véu do rosto e da cabeça. Cabelos que pareciam ter sido fiados com fios de ouro caíam em seus ombros. Lentamente, de forma sedutora, ela removeu o resto do véu como se estivesse tirando o embrulho de um presente precioso e o deixou cair de seu corpo para o chão. Por baixo do véu, ela usava um vestido longo e decotado de um branco puro. Um cinto dourado com o desenho de uma águia de três cabeças envolvia sua cintura fina. Austin olhou para os olhos frios e sentiu como se tivesse sido atingido por um raio.

Embora Austin soubesse do misterioso funcionamento das enzimas da Cidade Perdida, a parte lógica de sua mente nunca as havia aceitado totalmente. Era mais fácil, de alguma forma, acreditar que a fórmula da Pedra Filosofal, mal utilizada, poderia produzir criaturas de pesadelos sem idade do que imaginar que ela poderia criar um mortal com uma beleza divina tão surpreendente. Ele havia presumido que a fórmula prolongaria a vida, mas não que poderia reverter os efeitos de cinquenta anos de envelhecimento.

Austin encontrou sua língua. “Vejo que o trabalho do Dr. MacLean foi muito mais bem-sucedido do que qualquer um poderia imaginar, Madame Fauchard.”

“Não dê muito crédito a MacLean. Ele foi a parteira no parto, mas a fórmula para a vida que arde dentro de mim foi criada antes de ele nascer.”

“Você está muito diferente de alguns dias atrás. Quanto tempo demorou essa transformação?”

“A fórmula que prolonga a vida é muito poderosa para ser tomada de uma só vez”, disse ela. “Ela requer três tratamentos. As duas primeiras doses produziram o que você está vendo dentro de vinte e quatro horas. Estou prestes a tomar a terceira.”

“Por que você precisa dourar um lírio?”

Racine se enfeitou com a improvável comparação com uma flor delicada. “A terceira dose torna permanentes os efeitos das duas primeiras. Dentro de uma hora após o término do tratamento, começarei minha jornada pela eternidade. Mas chega de falar de química. Por que não me apresenta a seu belo amigo? Ele parece incapaz de colocar os olhos de volta na cabeça”.

Zavala não tinha visto Madame Fauchard em sua encarnação anterior, mais velha. Ele sabia apenas que estava na presença de uma das mulheres mais deslumbrantes que já havia encontrado. Ele havia murmurado palavras de espanto em espanhol. Agora, um leve sorriso se abriu nas pontas de seus lábios. As armas apontadas em sua direção não fizeram nada para esfriar sua apreciação por uma mulher que aparentemente era perfeita em todos os aspectos físicos.

“Este é meu colega, Joe Zavala”, disse Austin. “Joe, conheça Racine Fauchard, a proprietária desta encantadora pilha de pedra.”

“Madame Fauchard?” A boca de Zavala desceu até seu pomo de Adão.

“Sim, há algum problema?”, disse ela.

“Não. Eu só esperava alguém diferente.”

“Monsieur Austin, sem dúvida, o regalou com descrições de mim como um saco de ossos”, disse ela, com os olhos brilhando.

“De modo algum”, disse Zavala, absorvendo a figura esguia e os traços marcantes de Madame Fauchard com olhos marejados. “Ele disse que você era charmosa e inteligente.

A resposta pareceu lhe agradar, pois ela sorriu. “A NUMA evidentemente escolhe seu pessoal por sua galhardia, bem como por seus conhecimentos. Essa foi uma qualidade que eu vi em você, Monsieur Austin. É por isso que eu sabia que você tentaria resgatar sua bela donzela. “Ela olhou para a pele manchada de púrpura.” Se quisesse provar nossas uvas, teria sido muito menos trabalhoso comprar uma garrafa de vinho do que se banhar nelas.”

“Seu vinho está fora da minha faixa de preço”, disse Austin.

“Você realmente achou que poderia entrar no castelo sem ser detectado? Nossas câmeras de vigilância o pegaram depois que atravessou a ponte levadiça. Marcel achou que você escalaria a parede externa e entraria por ali.”

“Foi gentil de sua parte deixar o portão da escada destrancado.”

“Você obviamente foi esperto demais para morder a isca, mas nunca sonhamos que você pudesse encontrar o caminho pelas catacumbas. Você sabia que o castelo era bem defendido. O que você esperava conseguir ao vir aqui?”

“Eu esperava ir embora com a senhorita.”

“Bem, você falhou em sua busca romântica.”

“É o que parece. Talvez, no interesse do romance, você possa me oferecer um prêmio de consolação. Em nosso primeiro encontro, você disse que um dia me contaria sobre sua família. Aqui estou eu. Ficaria feliz em lhe contar o que sei em troca.”

“Você nunca poderia igualar o que eu sei sobre você, mas admiro sua audácia.” Ela parou por um momento, cruzou os braços e apertou levemente o queixo. Austin se lembrou de ter visto a antiga Madame Fauchard fazer o mesmo gesto de pensamento. Ela se virou para Marcel e disse: “Leve os outros embora”.

“Eu não faria isso se fosse você”, disse Austin a Marcel.

Ele se colocou de forma protetora na frente de Skye. Marcel e os guardas avançaram, mas Madame Fauchard os afastou.

“Seu cavalheirismo parece não ter limites, Monsieur Austin. Não tenha medo; seus amigos só serão levados a uma pequena distância, onde você possa vê-los. Quero falar com o senhor a sós”.

Madame Fauchard fez sinal para que ele se sentasse na cadeira que Skye havia deixado vaga e estalou os dedos. Dois de seus homens trouxeram uma cadeira em forma de trono de construção medieval pesada e ela se acomodou nela. Ela disse algo em francês para Marcel e ele e alguns de seus homens escoltaram os prisioneiros a uma curta distância, mas ainda à vista, enquanto outros arrastavam as armaduras.

“Agora somos apenas nós dois”, disse ela. “Para que você não tenha ilusões, meus homens matarão seus amigos se você fizer alguma besteira.”

“Não tenho intenção de fazer nada. Este encontro é fascinante demais para terminar tão cedo. Diga-me, para que serve a roupa de sumo sacerdotisa?”

“Você sabe como eu gosto de fantasias. Você gosta?” Austin não conseguia tirar os olhos de Madame Fauchard, apesar de si mesmo. Racine Fauchard era deslumbrante, da mesma forma que uma figura de cera finamente trabalhada é perfeita em todas as características consideradas importantes, exceto uma. Seus olhos sem alma continham todo o calor do aço frio que os Fauchard usavam para moldar suas espadas e armaduras. “Eu o acho absolutamente encantador, mas...”

“Mas você não se relaciona prontamente com uma mulher de cem anos.” “De forma alguma. Você envelheceu muito bem. Eu não costumo me relacionar com uma assassina de sangue frio.”

Ela levantou uma sobrancelha finamente arqueada. “Monsieur Austin, esse é o seu jeito estranho de flertar comigo?

“Longe disso.”

“Que pena. Tive muitos amantes nos últimos cem anos, mas você é um homem muito atraente.” Ela fez uma pausa e estudou o rosto dele. “Perigoso, também e isso o torna ainda mais atraente. Primeiro, você deve cumprir sua parte do acordo. Diga-me o que você sabe.”

“Sei que você e sua família contrataram o Dr. MacLean para encontrar o elixir da vida que ele chamou de Pedra Filosofal. No processo, você matou qualquer um que estivesse em seu caminho e criou um grupo de mutantes selvagens de olhos vermelhos.”

“Um resumo convincente, mas você só arranhou a superfície.”

“Então, arranhe-a para mim.”

Ela fez uma pausa, deixando sua memória voltar ao longo dos anos.

“Minha família remonta à civilização minoica que floresceu antes da grande erupção vulcânica na ilha de Santorini. Meus ancestrais eram sacerdotes e sacerdotisas do culto minoico à deusa serpente. O clã das serpentes era poderoso, mas rivais poderosos nos expulsaram da ilha. Algumas semanas depois, o vulcão entrou em erupção e destruiu a ilha. Nós nos estabelecemos em Chipre, onde entramos no negócio de armas. A serpente evoluiu para a lança e depois para Fauchard.”

“Como vocês passaram de lanças para mutantes?”

“Foi um resultado lógico de nosso negócio de armas. Por volta da virada do século, as Indústrias Spear montaram um laboratório para tentar projetar um super soldado. Sabíamos, com base na Guerra Civil Americana, que a guerra de trincheiras tornaria as batalhas futuras um impasse. Primeiro um lado atacava, depois o outro, com pouco ganho de terreno. Eles recuariam diante das armas automáticas que estavam sendo desenvolvidas. Queríamos um soldado que atacasse as trincheiras sem medo, como um viking *berserker*. Além disso, esse soldado teria super resistência e velocidade, além de ferimentos de cura rápida. Testamos a fórmula em alguns voluntários.”

“Como Pierre Levant?”

“Não me lembro o nome”, disse ela com uma careta.

“O capitão Levant era um oficial francês. Ele se tornou um dos primeiros mutantes que sua pesquisa criou.”

“Sim, ele me parece vagamente familiar. Um jovem arrojado e bonito, se bem me lembro.”

“Você nunca o reconheceria hoje em dia.”

“Antes de me condenar, você deve saber que todos eles eram voluntários, soldados que estavam entusiasmados com a perspectiva de se tornarem super-homens.”

“Eles sabiam que, junto com esses poderes sobre-humanos, sua aparência mudaria drasticamente?”

“Nenhum de nós sabia. A ciência era rudimentar. Mas a fórmula funcionou, pelo menos por um tempo. Ela dava aos soldados força e rapidez sobre-humanas, mas depois eles se transformavam em feras incontroláveis e rosnantes.”

“Bestas que podiam desfrutar de seus novos corpos para sempre.”

“O prolongamento da vida foi um subproduto inesperado. Ainda mais empolgante, a fórmula prometia reverter o envelhecimento. Teríamos conseguido refinar a fórmula se não fosse por Jules.”

“Ele acabou tendo uma consciência?”

“Ele acabou sendo um tolo”, disse ela, com veemência indisfarçável. “Jules viu nossas descobertas como uma bênção para a humanidade. Ele tentou persuadir a mim e a outros membros da família a interromper a marcha em direção à guerra e liberar a fórmula. Eu liderei a família contra ele. Ele fugiu do país em seu avião. Levava consigo documentos que teriam implicado a família na conspiração de guerra e pretendia usá-los como chantagem, suponho, se não tivesse sido interceptado e abatido.”

“Por que ele levou o capacete?”

“Era um símbolo de autoridade, passado para o líder da família de cada geração. Ele perdeu o direito ao elmo por suas ações e ele deveria ter passado para mim.”

Austin se recostou na cadeira e colocou as mãos atrás da cabeça. “Então, Jules se foi, junto com a ameaça de que o esquema de guerra da família seria exposto. Ele não estava em posição de impedir sua pesquisa.”

“Ele já a havia interrompido. Ele destruiu os cálculos da fórmula básica e os gravou no capacete. Esperto. Inteligente demais. Tivemos que começar tudo de novo. Havia um milhão de combinações possíveis. Mantivemos os mutantes vivos com a esperança de que um dia eles pudessem revelar os segredos da fórmula. O trabalho foi interrompido por guerras, pela Depressão. Estávamos próximos do sucesso durante a Segunda Guerra Mundial, quando nosso laboratório foi bombardeado por aviões dos Aliados. Isso atrasou nossa pesquisa em décadas”.

Austin deu uma risadinha. “Você está dizendo que as guerras que promoveu prejudicaram sua pesquisa. A ironia não deve ter lhe escapado.”

“Eu gostaria que tivesse escapado.”

“Nesse meio tempo, você envelheceu.”

“Sim, eu envelheci”, disse ela com uma tristeza incomum. “Perdi minha beleza e me tornei uma velha e crepitante. Mesmo assim, persisti. Fizemos alguns progressos para retardar o envelhecimento, que compartilhei com Emil, mas o Ceifador estava nos alcançando. Estávamos tão perto. Tentamos criar a enzima certa, mas com pouco sucesso. Então, um dos meus cientistas ouviu falar da enzima da Cidade Perdida. Ela parecia ser o elo perdido. Comprei a empresa que estava pesquisando a enzima e alistei o Dr. MacLean e seus colegas para fazer pesquisas ininterruptas. Construímos um submarino que podia coletar a enzima e montamos um laboratório de testes.”

“Por que vocês mandaram matar os cientistas da empresa de MacLean?”

“Não somos os primeiros a eliminar uma equipe científica para que eles não falem sobre suas pesquisas. O governo britânico ainda está investigando a morte de cientistas que trabalhavam em um projeto de defesa de mísseis do programa militar *Star Wars*. Tínhamos criado um novo lote de mutantes e os cientistas ameaçaram tornar pública a notícia, então nos livramos deles.”

“O único problema com seus cientistas é que eles ainda não haviam terminado seu trabalho”, disse Austin. “Desculpe-me, mas essa operação parece uma convenção de palhaços.”

“Não é uma analogia imprecisa. Cometi o erro de deixar Emil cuidar das coisas. Foi um grande erro. Quando assumi o controle novamente, trouxe de volta o Dr. MacLean para reconstituir uma equipe de pesquisa. Eles conseguiram recuperar grande parte do trabalho.”

“Emil foi responsável pela inundação do túnel da geleira?”

“Mea culpa novamente. Eu não o havia informado sobre o verdadeiro significado do capacete, então ele nunca tentou encontrá-lo antes de inundar o túnel.”

“Mais um erro?”

“Felizmente, Mademoiselle Labelle removeu o capacete e agora ele está em meu poder. Ele forneceu o elo perdido e fechamos o laboratório. Como você pode ver, cometemos erros, mas aprendemos com eles. Aparentemente, você não aprende. Você escapou daqui uma vez, mas voltou para um desastre certo.”

“Não tenho certeza se esse é o caso.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Você tem tido notícias do Emil ultimamente?”

“Não.” Pela primeira vez, havia dúvida em seu rosto. “Onde ele está?”

“Deixe-nos ir e eu terei prazer em lhe dizer”, disse Austin.

“O que você está dizendo?”

“Eu parei na geleira antes de vir para cá. Emil está agora sob custódia.”

“Uma pena”, disse ela com um movimento dos dedos. “Que pena que você não o matou.”

“Você está blefando. É do seu filho que estamos falando.”

“Não precisa me lembrar de minhas obrigações familiares”, disse ela friamente. “Não me importa o que aconteça com Emil ou com seu amigo cretino Sebastian. Emil planejou me usurpar. Eu mesma teria que destruí-lo. Se você o matou, você me fez um favor.”

Austin sentiu como se tivesse acabado de receber um par de valetes em um jogo de pôquer de apostas altas.

“Eu deveria saber que as mães cobras às vezes comem seus ovos.”

“Você não pode me insultar com suas provocações tolas. Apesar de seu atrito interno, nossa família tem se tornado cada vez mais poderosa ao longo dos séculos.”

“E criou um rio de sangue no processo.”

“O que nos importa o sangue? Ele é a mercadoria mais dispensável da Terra.”

“Algumas pessoas podem argumentar contra isso.”

“Você não tem ideia de onde se meteu”, disse Madame Fauchard, com uma careta. “Você acha que nos conhece? Há camadas e mais camadas invisíveis para você. Nossa família tem suas origens nas brumas do tempo. Enquanto seus antepassados arranhavam troncos podres em busca de larvas, o primeiro Fauchard já havia moldado uma ponta de sílex e prendido ela a uma haste. Não somos de nenhuma nação e de todas as nações. Vendemos armas para os gregos contra os persas e para os persas contra os gregos. As legiões romanas marcharam pela Europa empunhando espadas de nosso projeto. Agora forjaremos o tempo, dobrando-o à nossa vontade como fizemos com o aço.”

“E se você viver mais cem ou até mil anos, o que acontecerá?”

“Não se trata de quanto tempo você vive, mas do que você faz com seu tempo. Por que não se junta a mim, monsieur? Admiro sua desenvoltura e coragem. Talvez eu possa até encontrar um lugar para seus amigos. Pense nisso. Imortalidade! No fundo, não é esse o seu desejo mais ardente?”

“Seu filho me fez a mesma pergunta.”

“E?”

Um sorriso frio cruzou o rosto de Austin. “Meu único desejo é mandar você e seus amigos para se juntarem a ele no inferno.”

“Então, você o matou!” Madame Fauchard bateu palmas em um leve aplauso. “Muito bem, Monsieur Austin, como eu esperava. O senhor devia saber que eu não estava falando sério com minha proposta. Se há uma coisa que aprendi em um século, é que homens de consciência são sempre um perigo. Muito bem, você e seus amigos queriam fazer parte da minha descoberta, então assim será. Em troca da remoção do meu filho, eu não o matarei imediatamente. Permitirei que você esteja presente no amanhecer de um novo dia na Terra.” Ela enfiou a mão no corpete de seu vestido e retirou um pequeno frasco de âmbar, que segurou acima da cabeça. “Contemplem o elixir da vida.”

Austin estava pensando em outra coisa: MacLean. Seus olhos brilharam com uma leve luz de compreensão enquanto ele ponderava sobre as últimas palavras do cientista.

“Seu esquema maluco nunca funcionará”, disse Austin em voz baixa. Racine olhou para Austin e seus lábios se curvaram em desprezo. “Quem vai me impedir? Você? Você se atreve a colocar seu intelecto insignificante contra as lições de cem anos?”

Ela abriu a rolha do frasco, levou-o aos lábios e bebeu o conteúdo. Seu rosto parecia brilhar com uma aura. Austin observou fascinado por um momento, ciente de que estava testemunhando um milagre, mas rapidamente saiu de seu feitiço. Racine o notou apertar o botão de cronometragem em seu relógio.

“É melhor jogar esse relógio fora”, disse ela com escárnio. “Em meu mundo, o tempo não terá nenhum significado.”

“Perdoe-me se eu ignorar sua sugestão. Em meu mundo, o tempo ainda tem muito significado.”

Ela olhou para Austin com uma inclinação arrogante da cabeça, depois sinalizou para Marcel, que se aproximou. Juntamente com os outros prisioneiros, eles marcharam até a porta que levava às catacumbas.

Quando a grossa porta de madeira se abriu e Austin e os outros foram empurrados para as profundezas sob a mira de uma arma, o aviso do piloto francês passou por sua mente. Os Fauchards têm um passado.

Então, ele olhou para o relógio e rezou aos deuses que cuidam dos tolos e dos aventureiros, que muitas vezes são a mesma coisa. Com um pouco de sorte, essa família maligna poderia não ter futuro.

RACINE pegou uma tocha na parede e atravessou a porta. Deleitando-se com a liberdade de sua juventude recém-descoberta, ela saltou graciosamente pelas escadas que levavam às catacumbas. Seu entusiasmo de colegial se destacava em contraste com o ambiente mórbido, com suas paredes gotejantes e tetos manchados de líquen.

Atrás de Racine vinha Skye, seguida por Austin e um guarda que observava todos os seus movimentos, depois Zavala e outro guarda. O último da fila era Marcel, sempre atento, como um chefe de trilha que fica de olho no gado perdido. A procissão passou pelo cemitério e pelas masmorras e em seguida, desceu as escadas que levavam os guardas e os prisioneiros cada vez mais fundo nas catacumbas. O ar ficava cada vez mais fétido e difícil de respirar.

Uma passagem estreita, com teto em forma de barril e cerca de 30 metros de comprimento, saía do último lance de escadas e terminava em uma porta de pedra. Dois guardas abriram a porta. Ela se abriu silenciosamente, como se as dobradiças tivessem sido bem lubrificadas. Enquanto os prisioneiros eram conduzidos por outro corredor, Austin avaliou suas opções e decidiu que não tinha nenhuma.

Pelo menos por enquanto. Os Trouts tinham instruções para aguardar até que ele chamasse.

Ele poderia se dar uma surra por ter presumido demais. Ele havia calculado muito mal. Racine era implacável, como mostrava o fato de ter mandado matar o irmão, mas ele nunca imaginou que ela seria tão insensível quanto ao destino do filho. Ele deu uma olhada para Skye. Ela parecia estar suportando bem, ocupada demais tirando as teias de aranha do cabelo para pensar em suas perspectivas a longo prazo. Ele só esperava que ela não tivesse que pagar por seu erro de cálculo.

A passagem terminava em outra porta de pedra, que também foi virada para o lado. Racine passou pela abertura e acenou com sua tocha no ar, de modo que a chama crepitou e estalou. A luz dançante da tocha iluminou uma laje de pedra com cerca de dois metros de largura que parecia se projetar no espaço vazio a partir da borda de um precipício.

“Eu chamo isso de” Ponte dos Suspiros “”, disse Racine, sua voz ecoando e ecoando nas paredes profundas do abismo. “Ela é muito mais antiga do que a de Veneza. Ouça.” O vento soprou de baixo para cima como um coro de almas perdidas e desgrenhou seus longos cabelos de linho. “É melhor não fazer uma pausa.”

Ela correu pela laje com um abandono aparentemente imprudente. Skye hesitou. Austin pegou a mão dela e juntos, eles atravessaram a ponte estreita em direção à tocha tremulante de Racine. O vento puxava suas roupas. A distância era de cerca de trinta metros, mas poderia muito bem ser de trinta quilômetros.

Zavala era um atleta nato, que havia lutado boxe na faculdade e atravessou a ponte com a firmeza de um equilibrista de cabo de aço. Os guardas e até mesmo Marcel, demoraram a atravessar e era óbvio que eles não gostavam dessa parte de seu dever.

Os guardas destrancaram uma grossa porta de madeira e a procissão saiu das catacumbas para um espaço aberto. O ar estava seco e muito perfumado com um forte odor de pinho. Eles estavam em um corredor com cerca de doze metros de largura. Racine caminhou até uma parede baixa entre duas colunas quadradas maciças e acenou para que os outros o seguissem.

A passarela era, na verdade, a camada superior de um anfiteatro. Mais três níveis de assentos iluminados por um anel de luz de tochas desciam até uma arena. Os assentos estavam ocupados por centenas de espectadores silenciosos.

Austin olhou através de um arco para o vasto espaço aberto. “Você nunca deixa de surpreender, Madame Fauchard.”

“Poucos estranhos já viram o *sanctum sancto rum* dos Fauchard.”

Os temores de Skye foram momentaneamente ofuscados por sua curiosidade científica. “Esta é uma réplica exata do Coliseu”, disse ela com um olhar analítico. “As ordens das colunas, a arcada, tudo é igual, exceto a escala.”

“Isso não deve ser surpresa”, disse Racine. “É uma versão menor do Coliseu, construída por um procônsul romano saudoso da Gália que sentia falta das diversões de casa. Quando meus ancestrais estavam procurando um local para construir o castelo, eles pensaram que, ao fazer com que a grande casa repousasse sobre um local onde gladiadores derramavam seu sangue, eles poderiam se fundir com o espírito marcial. Minha família fez algumas modificações, como adicionar um engenhoso sistema de ventilação para trazer ar para esse lugar, mas, fora isso, tudo está como eles o encontraram.”

Austin ficou intrigado com os espectadores. Deveria ter havido um murmúrio de vozes, um farfalhar ou tosse. Mas o silêncio era palpável.

“Quem são todas essas pessoas?”, perguntou ele a Racine.

“Deixe-me apresentá-lo”, respondeu ela.

Eles desceram a primeira de várias escadas internas em ruínas. No nível do solo, um guarda abriu um portão de ferro e o grupo passou por um túnel curto. Racine explicou que esse era o acesso para os gladiadores e outros entretenimentos. O túnel levava a uma arena circular. O chão era coberto de areia branca e fina.

Um estrado de mármore esculpido com cerca de um metro e meio de altura ficava no centro da arena. Degraus haviam sido cortados na lateral da plataforma retangular. Austin estava estudando os rostos impassíveis de um contingente de guardas que se mantinham atentos ao redor do perímetro da arena quando ouviu um suspiro de Skye, que não havia soltado a mão dele desde que atravessou o abismo. Ela apertou os dedos dele. Ele seguiu o olhar dela até a fileira mais baixa de assentos. A luz amarela da tocha incidia sobre sorrisos esqueléticos e pele amarela como pergaminho e ele percebeu que estava olhando para uma plateia de múmias. Os corpos secos ocupavam fileira após fileira, olhando para a arena com olhos mortos há muito tempo.

“Está tudo bem”, disse ele de maneira uniforme. “Eles não vão machucá-la.” Zavala estava atônito. “Isso não passa de uma grande tumba”, disse ele. “Admito que já toquei para públicos mais animados”, disse Austin. Ele se virou para Madame Fauchard. “Joe tem razão. Seu *sanctum sancto rum* é um mausoléu glorificado.”

“Pelo contrário”, respondeu Racine. “Você está pisando no terreno mais sagrado da família. Foi nesse pódio que desafiei Jules em 1914. E foi aqui que ele se levantou e nos disse que acataria os desejos do conselho da família. Se Emil não tivesse falhado, eu teria colocado o corpo de meu irmão junto com os outros para que ele pudesse ver meu triunfo”.

Austin tentou imaginar o irmão de Racine defendendo a humanidade para ouvidos surdos.

“Deve ter sido preciso muita coragem para Jules desafiar sua família assassina”, disse Austin.

Racine ignorou seu comentário. Ela deu uma pirueta em seu calcanhar como uma bailarina, parecendo estar em casa nesse terrível lugar de morte e apontou para vários membros da família que haviam rejeitado o apelo de Jules há tanto tempo. “Perdoe-me se eu não ficar com os olhos marejados”, disse Austin. “Pela cara deles, eles ainda não superaram a deserção de seu irmão.”

“Ele não estava apenas nos desafiando; ele estava indo contra cinco mil anos de história da família. Quando retornamos à França com os cruzados, trouxemos nossos ancestrais para cá para ficarem conosco. Levou anos, com longas caravanas de mortos percorrendo milhares de quilômetros desde o Oriente Médio, até que, finalmente, as múmias foram trazidas para este local de descanso.”

“Por que ter tanto trabalho por um monte de pele e ossos?”

“Nossa família sempre sonhou com a vida eterna. Como os egípcios, eles acreditavam que, se o corpo fosse preservado, a vida continuaria após a morte. A mumificação foi uma tentativa grosseira de criogenia. Os primeiros embalsamadores usavam resina de pinheiro em vez de oxigênio líquido, como fazem agora.” Ela olhou para além do ombro de Austin. “Vejo que nossos convidados começaram a chegar. Podemos começar a cerimônia.”

Figuras fantasmagóricas vestidas com túnicas brancas estavam entrando na arena. O grupo estava dividido igualmente entre homens e mulheres. Havia cerca de duas dúzias de pessoas. Seus cabelos brancos e rostos enrugados pareciam ter apenas décadas de diferença das múmias silenciosas. Quando as figuras entraram na arena, elas beijaram a mão de Madame Fauchard e se reuniram em um círculo ao redor do estrado.

“Você já conhece essas pessoas”, disse Racine a Austin. “Você as conheceu na minha festa. Eles são os descendentes das antigas famílias de armas.”

“Eles ficavam mais bonitos em trajes”, disse Austin.

“A devastação do tempo não é gentil com ninguém, mas eles serão a elite que governará o mundo comigo. Marcel ficará encarregado de nosso exército particular.”

Austin soltou uma risada profunda. Rostos assustados se voltaram em sua direção.

“Então é disso que se trata essa insanidade? Dominação mundial?”

Racine olhou para Austin como uma Medusa furiosa. “Você acha isso engraçado?”, disse ela.

“Você não é o primeiro megalomaníaco a falar sobre dominar o mundo”, disse Austin. “Hitler e Gengis Khan estavam muito à frente de você. A única coisa que eles conseguiram foi derramar muito sangue, nada mais.”

Racine recuperou sua compostura. “Mas pense em como o mundo seria hoje se eles fossem imortais.”

“Não é um mundo em que a maioria das pessoas gostaria de viver.”

“Você está errado. Dostoiévski estava certo quando disse que a humanidade sempre se esforçará para encontrar alguém novo para adorar. Seremos recebidos como salvadores quando os oceanos do mundo se transformarem em pântanos fétidos.

Certamente, alguém da NUMA deve saber sobre a praga submarina que está se espalhando pelo seu reino oceânico como um câncer verde. “‘Erva de górgona?’

“É assim que você a chama? Um nome colorido e muito apropriado.” “A epidemia não é de conhecimento geral. Como você ficou sabendo disso?”

“Seu homem patético! Eu a criei. A vida longa por si só não me daria o poder que eu desejava. Meus cientistas descobriram a erva daninha mutante como um subproduto de seu trabalho. Quando eles trouxeram suas descobertas para mim, eu sabia que era o veículo perfeito para meu plano. Transformei a Cidade Perdida em um terreno fértil para essa erva daninha nociva”.

Austin teve que admirar o complexo funcionamento de sua mente vilanesca. Ela estava um passo à frente de todos.

“É por isso que você queria que a expedição de Woods Hole fosse eliminada.” “É claro. Eu não podia permitir que aqueles idiotas pusessem em risco meus planos.”

“Você quer se tornar imperatriz de um mundo em caos?”

“Esse é o ponto. Quando os países estiverem falidos, sofrendo com a fome e a anarquia política, com seus governantes impotentes, eu virei para remover esse flagelo do mundo.” “Você está dizendo que pode matar a erva daninha?”

“Tão facilmente quanto posso matar você e seus amigos. Os “condenados à morte” virão adorar os imortais que serão criados aqui esta noite.

Essas pessoas voltarão para seus respectivos países e gradualmente assumirão o manto do poder. Seremos seres superiores cuja sabedoria será um alívio bem-vindo para a democracia, com sua inconstância e exigências para as pessoas comuns. Seremos deuses!”

“Semideuses que vivem para sempre? Não é uma perspectiva apetitosa.” “Não para você e seus amigos. Mas anime-se. Talvez eu o deixe viver em um estado um pouco alterado. Um animal de estimação, talvez. Leva apenas alguns dias para transformar um ser humano em uma fera rosnando. É um processo notável. Seria divertido deixá-lo observar as mudanças em sua amiga e ver se você ainda quer tê-la em seus braços.”

“Eu não contaria com isso”, disse Austin. “Seu elixir milagroso pode estar em falta.”

“Impossível. Meus laboratórios continuarão a fornecer a quantidade que eu precisar.”

“Você entrou em contato com a sua ilha recentemente?” “Não houve necessidade de entrar em contato. Minha equipe de lá sabe o que fazer.”

“Sua equipe não existe mais. Os laboratórios de sua ilha foram destruídos. Eu estava lá para testemunhar isso.”

“Não acredito em você.”

Austin sorriu, mas havia um olhar duro em seus olhos azuis coral. “Os mutantes escaparam e fizeram um trabalho rápido com o Coronel Strega e seus homens. Eles destruíram seus laboratórios, mas eles teriam sido inúteis para você de qualquer maneira, porque a ilha e seu submarino estão agora nas mãos dos fuzileiros navais britânicos. Seu principal cientista, MacLean, está morto, baleado por um de seus próprios homens”.

Racine mal piscou diante da notícia. “Não importa. Com os recursos sob meu comando, posso construir outros laboratórios em outras ilhas. MacLean teria sido eliminado com os outros, de qualquer forma. Eu tenho a fórmula e ela pode ser replicada facilmente. Eu ganhei e você e seus amigos perderam”.

Austin olhou para o relógio. “Que pena que você nunca verá sua Utopia”, disse ele, com autoconfiança renovada.

“Você parece fascinado pela passagem do tempo”, disse Racine. “Estamos impedindo-o de comparecer a um compromisso?”

Austin olhou fixamente para os olhos de Racine, que agora brilhavam com intensidade vermelho-rubi.

“É você quem tem o compromisso.” Racine pareceu intrigado com a resposta de Austin. “Com quem?” “Não com quem. Com o quê. A coisa que você mais teme.” As feições de Racine se endureceram. “Eu não temo nada nem ninguém.” Ela se afastou e caminhou até a plataforma elevada.

Um casal de cabelos brancos havia se afastado do grupo que o cercava. A mulher carregava uma bandeja que continha vários frascos âmbar de fundo redondo, semelhantes aos que Racine havia bebido no arsenal. O homem segurava uma caixa de madeira esculpida de madeira escura incrustada em marfim com uma águia tripla.

Skye segurou a mão de Austin com mais força. “Essas são as pessoas que me sequestraram em Paris”, ela sussurrou. “O que devemos fazer?”

“Espere”, disse ele. Ele olhou para o relógio, apesar de tê-lo consultado um minuto antes.

Os acontecimentos estavam acontecendo muito rápido. Austin começou a formular um plano desesperado. Ele trocou olhares com Zavala para colocá-lo em alerta. Joe fez um leve aceno de cabeça, indicando que havia entendido. Os próximos minutos seriam cruciais.

Racine enfiou a mão na caixa e tirou o capacete. Houve uma suave salva de palmas quando ela subiu as escadas para a plataforma. Ela ergueu o capacete bem alto, colocou-o na cabeça e olhou em volta, com o rosto coberto por um sorriso triunfante.

“Vocês tiveram uma longa jornada até este lugar sagrado e fico feliz em ver que todos conseguiram atravessar a Ponte dos Suspiros.” Houve risadas silenciosas da multidão. “Não importa. Vocês encontrarão forças para pular o abismo na saída. Em breve, seremos todos deuses, adorados por meros mortais incapazes de compreender nosso poder e sabedoria. Assim como você é, eu já fui. Como eu sou, você será em breve”.

Os acólitos de Racine absorveram sua beleza com olhos famintos e desejosos.

“Eu tomei a fase final da fórmula há apenas uma hora. Agora, meus honrados amigos, que tanto fizeram a meu serviço, vocês são os próximos. Vocês estão prestes a beber a verdadeira Pedra Filosofal, o elixir da vida que tantos buscaram em vão durante séculos.”

A mulher com a bandeja deu a volta no estrado. Mãos ávidas alcançaram os frascos.

Austin estava esperando que Marcel e os guardas dessem um passo à frente. Haveria uma pequena janela de oportunidade quando a atenção mudasse dos prisioneiros para as perspectivas da maravilhosa nova era que estava por vir. Ele estava apostando que até Marcel sucumbiria ao entusiasmo do momento. Austin estava se aproximando do guarda mais próximo com passos laterais quase imperceptíveis. O guarda já estava paralisado pelo espetáculo no estrado e havia abaixado a arma ao lado do corpo.

Os frascos estavam sendo passados para Marcel e seus homens.

Austin planejava pular em cima do guarda e lutar com ele. Zavala poderia pegar Skye e correr para o túnel. Austin sabia que era, na melhor das hipóteses, uma jogada de sacrifício, mas ele devia isso aos seus amigos por tê-los colocado nessa confusão. Ele sinalizou para Zavala com os olhos novamente e retesou o corpo para um salto, apenas para verificar seu movimento quando um murmúrio percorreu a multidão.

Os seguidores de Racine tinham levado os frascos aos lábios, mas seus olhos estavam voltados para o palco.

Racine levou a mão ao pescoço fino, como se algo estivesse preso em sua garganta. Havia um olhar intrigado em seus olhos. Em seguida, sua mão foi até a bochecha. Sua pele clara parecia estar murchando. Em segundos, ela estava amarelada e enrugada como se tivesse sido atingida por ácido.

“O que está acontecendo?” disse Racine. Ela tocou seu cabelo. Poderia ter sido a luz, mas suas longas mechas pareciam ter passado de douradas para platinadas. Ela arrancou suavemente o cabelo com uma mão em forma de garra. Um tufo se soltou em seus dedos. Ela olhou para o tufo com horror.

As rugas em seu rosto estavam se espalhando como rachaduras em uma planície de lama seca. “Diga-me o que está acontecendo!

“Ela está envelhecendo de novo”, disse alguém em um sussurro que teve o impacto de um grito.

Racine olhou fixamente para o orador. Seus olhos estavam perdendo o brilho avermelhado e afundando ainda mais em suas órbitas. Seus braços estavam murchando e o capacete pesava em seu pescoço fino. Ela começou a se curvar e a se enrolar como um camarão, parecendo se encolher sobre si mesma. Seu belo rosto era uma ruína, com a pele de mármore salpicada de manchas da idade. Ela parecia vítima de uma doença de envelhecimento rápido.

Racine percebeu o que estava acontecendo com ela. “Não”, disse ela, tentando gritar, mas sua voz saiu como um coaxar. “Nãooooo”, ela gemeu.

As pernas de Racine perderam a capacidade de mantê-la de pé e ela se ajoelhou e depois caiu para frente. Ela se arrastou por cerca de 30 centímetros e estendeu a mão ossuda para Austin.

O horror do momento não passou despercebido por Austin, mas Racine havia sido responsável por inúmeras mortes e miséria. Ele a olhava com olhos impiedosos. O encontro de Racine com a morte já estava muito atrasado.

“Tenha uma boa viagem para a eternidade”, disse ele. “Como você sabia?”, disse ela, com uma voz rouca e áspera. MacLean me contou antes de morrer. Ele programou a fórmula de modo que ela acabasse acelerando a idade em vez de revertê-la", disse Austin. O gatilho foi a terceira dose de elixir. Ele comprimiu um século de envelhecimento em uma hora”.

MacLean, ela disse, a palavra se transformando em um assobio. Então ela estremeceu uma vez e ficou imóvel.

No silêncio atordoante que se seguiu, os acólitos de Racine baixaram suas bebidas como se o conteúdo tivesse se transformado em vidro derretido e jogaram os recipientes na areia.

Uma mulher gritou, provocando uma corrida louca em direção ao túnel de saída. Marcel e os guardas foram varridos para o lado pelo êxodo em pânico.

Austin se lançou sobre o guarda mais próximo, girou-o e o derrubou com um cruzado de direita que esmagou os nós dos dedos. Zavala agarrou Skye pelo braço e com Austin à frente, eles formaram uma cunha voadora no meio da confusão geriátrica.

Marcel viu os prisioneiros fugindo em busca de segurança. Ele era como um homem possuído. Ele disparou sua arma na altura da cintura, pulverizando a multidão com balas. O tiroteio cortou uma faixa entre os deuses de vestes brancas que estavam esperando como uma foice invisível, mas Austin e os outros já haviam se abrigado no túnel.

Enquanto Skye e Zavala corriam para as escadas, Austin disparou o ferrolho, trancando o portão e correu atrás de seus amigos. As balas respingavam contra as barras de ferro e o barulho de metal contra metal abafava os gritos dos moribundos.

Austin fez uma pausa no primeiro nível e disse aos outros para continuarem andando. Ele correu para uma passagem que levava às seções de assentos. Como ele temia, Marcel e seus homens tinham perdido pouco tempo tentando derrubar o portão e estavam tomando um caminho mais direto. Eles haviam escalado a parede que separava a primeira fileira de assentos da arena.

Austin voltou para trás e subiu para o próximo nível. Zavala e Skye estavam esperando por ele. Ele gritou para que continuassem andando e em seguida, correu por uma passagem que o levou a uma fileira mais alta de assentos. Marcel e seus homens estavam na metade do primeiro nível, subindo rapidamente, derrubando múmias que explodiam em pó. Marcel olhou para cima, viu Austin e ordenou que seus homens atirassem.

Austin se abaixou e sumiu de vista. A saraivada de balas salpicou a parede onde ele estava. Marcel o alcançaria em poucos minutos. Ele tinha que ser detido.

Austin voltou a ser visto com coragem. Antes que Marcel e seus homens pudessem usar suas armas, ele arrancou uma tocha incandescente de seu suporte, trouxe o braço para trás e jogou a tocha em um arco alto e borbulhante. A trajetória flamejante terminou em uma chuva de faíscas quando a tocha caiu em uma fileira de múmias.

Alimentados pela resina usada para preservar as múmias, os restos mortais antigos se incendiaram instantaneamente. As chamas saltaram no ar e os cadáveres sorridentes explodiram como uma série de fogos de artifício chineses. Os homens de Marcel viram o anfiteatro irromper em um círculo de fogo e caíram pelas fileiras de assentos em sua pressa de escapar. Marcel se manteve firme, com o rosto contorcido pela raiva. Ele continuou atirando até desaparecer atrás de uma parede de chamas e sua arma silenciou.

A conflagração envolveu o estádio em forma de tigela em segundos. Todas as fileiras estavam em chamas, emitindo nuvens negras de fumaça espessa. O inferno criado no espaço confinado era incrível em sua intensidade. Austin sentiu como se tivesse aberto a porta de um alto-forno. Mantendo a cabeça baixa, ele correu para as escadas. A fumaça picava seus olhos e ele estava praticamente cego quando chegou ao nível superior do anfiteatro.

Zavala e Skye estavam esperando ansiosamente na abertura da passagem que levava de volta às catacumbas. Todos eles mergulharam no túnel cheio de fumaça, tateando o caminho ao longo das paredes até emergirem no abismo atravessado pela Ponte dos Suspiros.

Zavala carregava uma tocha, mas ela era praticamente inútil, pois sua luz era sugada pelas plumas negras que saíam do túnel. Então, ela se apagou completamente. Austin se ajoelhou e tateou na escuridão. Seus dedos sentiram a superfície dura e lisa. Ele disse a Skye e Zavala que o seguissem. Usando as bordas das pedras como guias, ele avançou pelo vão estreito na escuridão total.

O vento quente que uivava do abismo era denso com uma fumaça sufocante. Cinzas brilhantes giravam em torno deles. Os acessos de tosse provocados pela fumaça retardaram o progresso deles, mas, lenta e laboriosamente, eles conseguiram chegar ao outro lado.

A viagem de volta pelas catacumbas foi um pesadelo. A fumaça enchia o labirinto e tornava a navegação confusa e perigosa, mas eles pegaram mais algumas tochas no caminho e seguiram a tortuosa rota de volta ao ossuário. Austin nunca pensou que ficaria feliz em ver o repositório de ossos de Fauchard. A rota para o pátio os levaria para fora do castelo, mas ele não tinha certeza se conseguiria encontrá-la. Em vez disso, ele optou por seguir a passagem para o arsenal.

Ele esperava que o ar no arsenal fosse mais fresco do que nas catacumbas, mas quando passou pela porta atrás da área do altar, a atmosfera na enorme câmara estava cinzenta com uma névoa de fumaça. Vapores nocivos estavam sendo despejados no arsenal por uma dúzia de grades de calor. Austin se lembrou do que Racine havia dito sobre o sistema de ventilação que servia o anfiteatro subterrâneo e supôs que o fluxo de ar deveria estar ligado ao sistema principal.

A visibilidade ainda estava relativamente clara e eles correram por toda a extensão da nave e passaram pelas portas duplas que davam para o corredor. Eles percorreram o castelo aos trancos e barrancos, chegando finalmente à galeria de retratos. Uma espessa camada de fumaça obscurecia o teto pintado e a temperatura na galeria se aproximava dos níveis do Saara.

Austin não gostou da maneira como a fumaça parecia brilhar com um calor escaldante e pediu aos outros que andassem mais rápido. Eles chegaram à porta da frente, descobriram que ela estava destrancada e correram para o pátio, onde deram goles de ar como peixes em seus pulmões carentes de oxigênio.

O ar fresco entrou no castelo pela porta aberta. Com uma nova fonte de oxigênio, a fumaça superaquecida na galeria de retratos se incendiou com um forte estrondo. As chamas fluíram ao longo das paredes, alimentando-se do combustível fornecido pelos retratos a óleo de gerações de Fauchards.

Viam-se figuras correndo pelo pátio cheio de fumaça. Os guardas de Racine. Mas eles estavam empenhados em salvar a própria pele e ninguém incomodou Austin e seus amigos enquanto atravessavam a ponte levadiça e a ponte de pedra em arco. Eles pararam perto da fonte grotesca e mergulharam a cabeça na água fria para lavar as cinzas dos olhos ardentes e acalmar as gargantas irritadas.

O fogo havia aumentado de intensidade nos poucos minutos que levaram para se reanimar. Enquanto seguiam pela estrada que os levaria à estrada que atravessava a floresta, eles ouviram um barulho alto, como se placas tectônicas estivessem se chocando umas contra as outras. Olharam para trás e viram que a grande casa visível acima dos muros de proteção estava totalmente envolta, exceto pelas torres, que se erguiam desafiadoramente das ondas cinza-escuras brilhantes.

Em seguida, as torres estavam escondidas atrás da fumaça. O barulho se repetiu, mais alto dessa vez, seguido por um grande rugido abafado. As chamas dispararam para o alto do céu. O ar clareou por um segundo acima do castelo e naquele instante, Austin viu que as torres haviam desaparecido.

O castelo havia caído sobre si mesmo. Uma nuvem gordurosa em forma de cogumelo obscureceu o local. A nuvem em tons de escória se contorcia e se retorcia como um ser vivo enquanto subia em direção aos céus.

“Meu Deus!” disse Skye. “O que aconteceu?

“A Casa de Usher”, disse Austin com admiração.

Skye enxugou os olhos na borda da blusa. “O que você disse?”

“A história de Poe. A família Usher e sua casa eram podres até a medula. Assim como os Fauchards, eles desmoronaram sob o peso de seus atos.”

Skye olhou para o local onde ficava o castelo. “Acho que gosto mais de Rousseau”.

Austin colocou o braço em volta dos ombros dela. Com Zavala liderando o caminho, eles começaram a longa caminhada que os levaria de volta à civilização. Alguns minutos depois de saírem do túnel de árvores, eles ouviram o som de um motor. Momentos depois, um helicóptero apareceu. Eles estavam cansados demais para correr e apenas olharam atônitos para o helicóptero quando ele pousou na frente deles. Paul Trout saiu da cabine do piloto e se aproximou.

“Precisa de uma carona?”, disse ele.

Austin assentiu com a cabeça. “Eu também não me importaria de tomar um banho”.

“E uma dose de tequila”, disse Zavala.

“E um longo banho quente”, disse Skye, entrando no ritmo das coisas.

“Tudo a seu tempo”, disse Trout, levando-os de volta ao helicóptero, onde Gamay estava sentada nos controles. Ela os cumprimentou com um sorriso reluzente.

Eles colocaram o cinto de segurança e um momento depois, o helicóptero se elevou acima das árvores, circulou ao redor do buraco escuro e fumegante onde ficava o Chateau Fauchard e se dirigiu para a liberdade.

Ninguém na aeronave olhou para trás.

A LINHA DE NAVIOS se estendia da Baía de Chesapeake até o Golfo do Maine, ao longo da borda da Plataforma Continental na costa atlântica dos Estados Unidos.

Dias antes, a frota de embarcações da NUMA e os navios de guerra da Marinha haviam se deslocado de todos os pontos da bússola e estabelecido seu perímetro defensivo original a 160 quilômetros a leste da plataforma, na esperança de repelir a invasão longe da costa. Mas eles foram varridos para trás pelo avanço inexorável do inimigo silencioso.

O helicóptero turquesa da NUMA estava no ar desde o amanhecer, seguindo uma rota que o levava a sobrevoar a armada alongada. O helicóptero estava a leste do Cabo Hatteras quando Zavala, que estava nos controles, olhou pela janela e disse: “Parece o Mar dos Sargaços em hormônios lá fora”.

Austin abaixou os binóculos e sorriu sem graça. “O Mar dos Sargaços é como um jardim de rosas comparado a essa bagunça.”

O oceano tinha desenvolvido uma personalidade dividida. A oeste dos navios, a água estava em seu azul escuro normal, salpicada aqui e ali por ondas brancas. A leste, além da linha de piquete, o mar monótono era de um amarelo-esverdeado pouco saudável, onde gavinhas entrelaçadas da erva daninha Gorgon haviam formado um tapete na superfície até onde a vista alcançava.

Austin e Zavala observaram do helicóptero enquanto vários navios tentavam diferentes técnicas em um esforço para deter o avanço implacável da erva daninha. Os navios de guerra haviam disparado salvas de lado com seus grandes canhões. Gêiseres encharcados irromperam, mas os buracos que os projéteis fizeram no tapete se fecharam em minutos. Aviões lançados de porta-aviões atacaram a erva daninha com bombas e foguetes. Eles se mostraram tão ineficazes quanto um mosquito picando um elefante. Os dispositivos incendiários fracassaram na parte superior do tapete espesso, cuja maior parte estava abaixo da superfície. O fungicida pulverizado pelos aviões era levado embora assim que atingia a água.

Austin pediu a Joe que circulasse sobre dois navios que estavam tentando impedir o movimento da erva daninha com o uso de tubos que estavam amarrados entre as embarcações. Foi um exercício de futilidade. A barreira de superfície funcionou por cerca de cinco minutos. Empurrada pela enorme pressão de uma massa em movimento que se estendia por quilômetros, a erva daninha simplesmente se amontoou contra as barreiras, passou por cima dos canos e os enterrou.

“Já vi o suficiente”, disse Austin com nojo. “Vamos voltar para o navio.”

Racine Fauchard estava morta, nada além de carne enrugada e ossos frágeis enterrados sob as ruínas de seu outrora orgulhoso castelo, mas a primeira parte de seu plano tinha ido muito além de seus sonhos. O Oceano Atlântico estava se tornando o grande pântano que ela havia prometido.

Austin se consolou com o fato de que Racine e seu filho homicida Emil não estariam por perto para tirar proveito do caos que haviam causado. Mas isso ainda não resolvia o desastre que os Fauchards haviam colocado em ação. Austin havia encontrado outros adversários humanos que, como os Fauchards, encarnavam o mal puro e ele conseguiu lidar com eles. Mas esse fenômeno antinatural e irracional estava além de sua compreensão.

Eles voaram por mais meia hora. Austin viu pelas ondas das naves abaixo que elas estavam recuando para evitar serem apanhadas pela erva daninha que avançava.

“Prepare-se para o pouso, Kurt”, avisou Zavala.

O helicóptero desceu em direção a um cruzador da Marinha dos EUA e momentos depois, aterrissou no heliponto do convés. Pete Muller, o alferes que eles haviam conhecido quando seu navio estava guardando as embarcações na Cidade Perdida, estava esperando para recebê-los.

“Como estão as coisas?” Muller gritou por cima do barulho dos rotores.

Austin estava com a cara fechada. “Tão ruim quanto possível.”

Ele e Zavala seguiram Muller até uma sala de reuniões abaixo do convés. Cerca de trinta homens e mulheres estavam sentados em fileiras de cadeiras dobráveis de metal em frente a uma grande tela na parede. Austin e Zavala se acomodaram discretamente em duas cadeiras na última fileira. Austin reconheceu alguns dos cientistas da NUMA na plateia, mas conhecia apenas algumas das pessoas uniformizadas das forças armadas e os trajes de várias agências governamentais encarregadas da segurança pública.

Em pé, em frente à tela, estava o Dr. Osborne, o psicólogo de Woods Hole que havia apresentado aos Trouts a ameaça da Gorgonweed. Ele empunhava um controle remoto em uma das mãos e um apontador laser na outra. Na tela, havia um gráfico que mostrava a circulação da água no Oceano Atlântico.

“É aqui que a infestação começa, na Cidade Perdida”, disse ele. “A corrente das Canárias carrega a erva daninha para baixo, passando pelos Açores e flui para oeste através do Oceano Atlântico, onde se junta à Corrente do Golfo. A Corrente do Golfo se move em direção ao norte ao longo da plataforma continental. Por fim, ela se junta à corrente do Atlântico Norte, que a leva de volta à Europa, completando o giro do Atlântico Norte.” Ele girou o ponto de laser vermelho em um círculo para mostrar seu ponto de vista. “Alguma pergunta?”

“Com que velocidade a Corrente do Golfo se move?”, alguém perguntou. “Cerca de cinco nós em seu pico. Mais de 160 quilômetros por dia.” “Qual é o estado atual da infestação?” perguntou Muller.

Osborne clicou no controle remoto e o gráfico de circulação desapareceu. Uma foto de satélite do Atlântico Norte tomou seu lugar. Uma faixa amarelada irregular que se assemelhava a um grande donut deformado corria em um círculo áspero ao redor da borda do oceano, perto dos continentes.

“Essa foto de satélite composta em tempo real lhe dá uma ideia das áreas atuais de infestação de Gorgonweed”, disse Osborne. “Agora vou mostrar nossa projeção computadorizada da expansão futura.” A imagem mudou. Na nova foto, o oceano estava totalmente amarelo, exceto por alguns buracos azuis escuros no Atlântico central.

Um murmúrio percorreu a plateia.

“Quanto tempo falta para chegar a esse estágio?” perguntou Muller.

Osborne limpou a garganta, como se estivesse tendo dificuldade para dizer as palavras. “Uma questão de dias.”

Houve um suspiro coletivo com sua resposta.

Ele clicou no controle remoto. A imagem deu um zoom na costa leste da América do Norte. “Essa é a área de preocupação imediata. Quando a erva daninha atingir as águas mais rasas da plataforma continental, estaremos realmente em apuros. Para começar, ela destruirá todo o setor pesqueiro ao longo da costa leste dos Estados Unidos, do Canadá e do noroeste da Europa. Temos tentado várias medidas de contenção no mar. Vi o Sr. Austin entrar na sala há alguns minutos. Gostaria de nos atualizar, Kurt?”

Na verdade, não, pensou Austin enquanto se dirigia para a frente da sala. Ele examinou os rostos pálidos à sua frente. “Meu parceiro, Joe Zavala e eu acabamos de concluir um levantamento aéreo do piquete que foi estabelecido ao longo da borda da plataforma continental”. Ele descreveu o que tinham visto. “Infelizmente”, concluiu, “nada fez diferença”.

“E quanto aos produtos químicos?”, perguntou um burocrata do governo.

“Os produtos químicos são rapidamente dissipados pela água e pelo vento”, disse Austin. “Um pouco se infiltra e pode matar algumas gavinhas, mas o Gorgonweed é tão espesso que o produto químico não passa por todo o caminho.

Estamos falando de uma vasta área. Mesmo que você conseguisse cobri-la, acabaria envenenando o oceano.”

“Existe algo que possa destruir uma grande área?” perguntou Muller.

“Claro, uma bomba nuclear”, disse Austin, com um sorriso sombrio. “Mas mesmo isso seria ineficaz em milhares de quilômetros quadrados de oceano. Vou recomendar que sejam erguidas barreiras ao redor dos principais portos. Tentaremos manter nossos principais portos livres para ganharmos tempo.”

Um robusto general de quatro estrelas do exército chamado Frank Kyle se levantou e disse: “Tempo para quê? Você mesmo disse que não há defesa contra esse material”.

“Temos pessoas trabalhando em soluções genéticas.”

O general bufou como se Austin tivesse sugerido substituir os rifles de seus soldados por flores. “Genética! Coisas de DNA? De que diabos isso vai adiantar? Isso pode levar meses. Anos.”

“Estou aberto a sugestões”, disse Austin.

O general sorriu. “Fico feliz em ouvir isso. Vou passar sua sugestão sobre bombas nucleares para o presidente”.

Austin havia lidado com tipos militares quando estava na CIA e descobriu que eles geralmente eram cautelosos quanto ao uso da força contra qualquer inimigo. O general Kyle era um retrocesso a outro general nuclear, Curtis LeMay, mas em um clima de medo sua recomendação poderia prevalecer.

“Eu não estava sugerindo isso”, disse Austin pacientemente. “Como você deve se lembrar, eu disse que uma bomba nuclear causaria um estrago relativamente pequeno na erva daninha”.

“Não estou falando de uma bomba”, disse o General Kyle. “Temos milhares delas estocadas que usaríamos contra os russos. Nós bombardeamos o oceano e se acabarmos, podemos pedir mais emprestado aos russos.”

“Você está falando em transformar o oceano em um depósito de lixo nuclear”, disse Austin. “Uma campanha de bombardeio como essa destruiria toda a vida no oceano.”

“Essa sua erva daninha vai matar todos os peixes de qualquer maneira”, respondeu Kyle. “Como você sabe, o transporte marítimo já foi interrompido e há uma perda de bilhões de dólares por hora. Esse material está ameaçando nossas cidades. Ele precisa ser detido de qualquer maneira. Temos armas nucleares 'limpas' que podemos usar”.

As cabeças estavam balançando na plateia. Austin viu que não estava chegando a lugar nenhum. Ele pediu a Zavala que assistisse ao restante da sessão de estratégia enquanto ele ia para a ponte. Poucos minutos depois, ele estava na casa do leme, usando o radiofone da nave para chamar os Trouts, que estavam no Sea Searcher, sobre a Cidade Perdida. Ele fez contato rápido com o navio de pesquisa NUMA e um tripulante localizou Paul, que estava dirigindo um veículo operado remotamente (ROV) do convés.

“Saudações do mundo selvagem e estranho do Dr. Strangelove”, disse Austin.

“Hã?” respondeu Trout.

“Vou explicar em um minuto. Como está indo seu trabalho?”

“Está indo”, disse Trout, sem nenhum entusiasmo real. “Estamos operando um ROV para coletar amostras de algas e ervas daninhas. Gamay e sua equipe estão ocupadas no laboratório fazendo análises.”

“O que ela está procurando?”

“Ela espera que eles possam encontrar algo na estrutura molecular da erva que possa ajudar. Temos compartilhado informações com os cientistas da NUMA em Washington e com equipes científicas de outros países. E quanto a você?”

Austin suspirou. “Tentamos todos os truques possíveis, mas sem sucesso. O vento offshore está nos dando um pequeno alívio. Mas não vai demorar muito para que todos os portos da costa leste estejam entupidos. O Pacífico também está apresentando manchas de infestação.”

“Quanto tempo temos?”

Kurt lhe contou o que Osborne havia dito. Ele podia ouvir Paul prender a respiração.

“Você está tendo algum problema para navegar no material?” perguntou Austin.

“A área ao redor da Cidade Perdida está relativamente limpa. É aqui que a infestação começa e ela se torna mais espessa à medida que vai para leste e oeste daqui.”

“Essa pode ser a única área limpa no oceano em pouco tempo. É melhor você planejar uma rota de fuga para não ser pego pela erva daninha.”

“Já falei com o capitão. Há um canal aberto ao sul daqui, mas teremos de sair dentro de vinte e quatro horas se quisermos sair. O que foi que você disse sobre o Strangelove?”

“Há um general aqui chamado Kyle. Ele vai dizer ao presidente para bombardear o local com todas as bombas de nosso arsenal.”

Trout fez uma pausa em um silêncio atônito e depois encontrou sua voz. “Ele não está falando sério.”

“Receio que ele esteja. Há uma enorme pressão política sobre os líderes de todo o mundo para que façam alguma coisa, qualquer coisa. O vice-presidente Sandecker talvez consiga empatá-lo. Mas o presidente será forçado a agir, mesmo que o esquema seja temerário.”

“Isso é mais do que imprudente! É uma loucura. E não vai funcionar. Eles podem explodir a erva daninha em pedaços, mas cada gavinha perdida se autorreplicará. Pode ser igualmente desastroso.” Ele suspirou. “Quando podemos esperar ver nuvens em forma de cogumelo sobre o Atlântico?”

“Está havendo uma reunião agora. Uma decisão pode ser tomada já amanhã. Quando o maquinário for acionado, as coisas podem começar a se mover rapidamente, especialmente com o Gorgonweed chegando às nossas costas.” Ele fez uma pausa. “Estive pensando em MacLean. Ele não lhe disse que poderia criar um antídoto para a erva daninha usando a fórmula de Fauchard?”

“Ele parecia bastante confiante de que conseguiria. Infelizmente, não temos o MacLean nem a fórmula.”

Austin pensou no capacete enterrado sob toneladas de entulho.

“A chave está na Cidade Perdida. O que quer que tenha causado a mutação, em primeiro lugar, veio da Cidade Perdida. Deve haver uma maneira de usar algo de lá para combater essa coisa.”

“Vamos pensar sobre isso”, disse Trout. MacLean sabia que sua fórmula de extensão de vida era falha, que reverteria o envelhecimento, mas como Racine Fauchard aprendeu da maneira mais difícil, a fórmula era imprevisível. Ela também acelerava o crescimento”.

“Era aí que eu queria chegar. A natureza está sempre fora de equilíbrio.”

“É isso mesmo. É como um elástico que volta a se romper depois de ser esticado demais.”

“Não sei se Racine Fauchard gostaria de ser comparado a um elástico, mas isso reforça meu ponto de vista sobre a natureza buscar o equilíbrio. As mutações acontecem todos os dias, mesmo em humanos. A natureza incorporou um dispositivo corretivo no sistema ou teríamos pessoas andando por aí com duas ou três cabeças, o que pode não ser tão ruim assim. Quando se trata de envelhecimento, todas as espécies têm um gene da morte que mata o velho para abrir espaço para a nova geração. O Gorgonweed era estável até que os Fauchards introduziram a enzima na equação, desequilibrando as coisas. Eventualmente, ele deve se recuperar”.

“E os soldados mutantes que viveram tanto tempo?”

“Essa foi uma situação artificial. Se eles estivessem sozinhos, provavelmente teriam se devorado uns aos outros. Equilíbrio novamente.”

“A constante aqui é a enzima”, concluiu Trout. “Ela é o fator precipitante. Ela pode retardar o envelhecimento ou pode acelerá-lo.”

“Peça à Gamay para dar uma olhada na enzima novamente.

“Vou ver como ela está se saindo”, disse Trout.

“Vou voltar à reunião para ver se consigo dissuadir o General Kyle de fazer um bombardeio nuclear no Oceano Atlântico, embora não esteja otimista.”

A cabeça de Trout estava girando. Os Fauchards estavam mortos, mas ainda conseguiam infligir danos ao mundo a partir de seus túmulos.

Ele saiu da ponte e foi até o laboratório “molhado”, onde Gamay estava trabalhando com uma equipe de quatro pessoas, formada por biólogos marinhos e outros profissionais de ciências marinhas.

“Eu estava conversando com Kurt”, disse Paul. “As notícias não são boas.” Ele descreveu sua conversa com Austin. “Você descobriu alguma coisa nova?”

“Explorei a interação entre a enzima e a planta, mas não cheguei a lugar algum, por isso tenho pesquisado o DNA. Nunca é demais revisitar pesquisas anteriores.”

Ela conduziu o caminho até uma mesa onde uma série de cerca de vinte recipientes de aço estavam alinhados em uma fileira.

“Cada um desses recipientes contém uma amostra da erva Gorgon. Eu expus as amostras às enzimas que o ROV coletou das colunas para ver o que aconteceria. Eu queria ver se haveria alguma reação se eu sobrecarregasse a erva daninha com várias formas de enzimas. Tenho estado ocupado seguindo outros caminhos e não olhei as amostras recentemente.”

“Deixe-me ver se entendi o que aconteceu”, disse Trout. “Os Fauchards distorceram a composição molecular da enzima durante o processo de refinamento, quando a separaram dos microrganismos que criaram a substância. A irregularidade foi absorvida pela composição genética da erva daninha, desencadeando sua mutação.”

“Esse é um resumo muito bom.”

“Fique comigo. Até aquele momento, a erva daninha coexistia com a enzima em seu estado natural.”

“É isso mesmo”, disse Gamay. “Somente quando a enzima foi modificada, ela interagiu com a forma de vida mais próxima, que por acaso era uma alga marinha desagradável, mas perfeitamente normal, transformando-a em um monstro. Eu esperava que uma overdose do produto acelerasse ainda mais o envelhecimento, da mesma forma que aconteceu com Racine Fauchard. Não funcionou.”

“A premissa parece lógica, mas há algo faltando aqui.”

Ele pensou sobre isso por um momento. “E se não for a enzima, mas as bactérias que são a influência de controle?”

“Nunca pensei nisso. Eu estava brincando com o produto químico, pensando que era o fator estabilizador aqui e não os insetos que o produzem. Ao extrair a enzima da água, os Fauchard mataram as bactérias, o que pode ter sido o fator determinante que manteve as coisas em equilíbrio.”

Ela foi até uma geladeira e retirou uma ampola de vidro. O conteúdo líquido tinha uma leve descoloração marrom.

“Esta é uma cultura de bactérias que coletamos sob as colunas da Cidade Perdida.”

Ela mediu um pouco do líquido, despejou-o em um recipiente de Gorgonweed e fez uma anotação.

“E agora?”

“Teremos que dar tempo para as bactérias fazerem seu trabalho. Não vai demorar muito. Eu não comi. O que acha de me trazer comida?”

“Que tal você sair daqui e fazermos uma refeição de verdade no refeitório?”

Gamay afastou o cabelo da testa. “Esse é o melhor convite que tive o dia todo.”

Cheeseburgers nunca tinham sido tão gostosos. Revigorados e saciados, os Trouts voltaram para o laboratório depois de uma hora. Trout olhou para o contêiner com as bactérias. O complexo emaranhado de gavinhas parecia inalterado.

“Posso dar uma olhada mais de perto nesse material? É difícil ver com essa luz.”

Gamay apontou para um longo par de pinças. “Use-as. Você pode examinar o espécime na bacia da pia.”

Trout retirou o pedaço de erva daninha de seu recipiente, levou-o até a pia e o colocou em uma bacia de plástico. Por si só, a touceira de Gorgonweed parecia tão inocente. Não era uma planta bonita, mas tinha uma funcionalidade admirável, com gavinhas arenosas enganchadas em outros pedaços de erva daninha para formar o tapete impenetrável que sugava os nutrientes do oceano. Trout a cutucou com a pinça e depois a levantou por uma gavinha. A gavinha se rompeu no caule e a erva daninha caiu molhada de volta na banheira.

“Desculpe”, disse ele. “Quebrei sua amostra da erva.”

Gamay lançou-lhe um olhar peculiar e pegou a pinça da mão dele. Ela arrancou outra gavinha e ela também se soltou. Ela repetiu o experimento. A cada vez, os finos apêndices se soltavam facilmente. Ela retirou uma gavinha e a levou para uma bancada, onde a cortou, colocou as seções finas em lâminas e as colocou sob um microscópio.

Um momento depois, ela ergueu o olhar da peça ocular. “A erva está morrendo”, declarou.

“O quê?” Trout olhou para a pia. “Parece saudável para mim.”

Ela sorriu e arrancou mais gavinhas. “Veja. Eu nunca conseguiria fazer isso com uma erva saudável. As gavinhas são como uma borracha extremamente forte. Estas são frágeis.”

Ela chamou seus assistentes e pediu que preparassem lâminas de microscópio de diferentes partes da amostra. Quando ela voltou a olhar para o microscópio, seus olhos estavam vermelhos, mas seu rosto estava coberto por um largo sorriso.

“A amostra de erva daninha está no primeiro estágio de necrose. Em outras palavras, o material está morrendo. Vamos tentar com algumas das outras amostras para ter certeza.”

Novamente, ela misturou a bactéria com a erva daninha e mais uma vez, eles esperaram uma hora. O exame microscópico confirmou suas descobertas originais. Todas as amostras submetidas à bactéria estavam morrendo.

“As bactérias estão basicamente comendo algo na erva Gorgon que ela precisa para sobreviver”, disse ela. “Teremos que fazer mais pesquisas.”

Trout pegou o frasco com a cultura original da bactéria. “Qual é a maneira mais eficaz de usar esses bichinhos famintos?”

“Teremos que cultivar grandes quantidades, depois espalhar as bactérias por toda parte e deixar que elas façam o trabalho.”

Trout sorriu. “Você acha que o governo britânico nos deixaria usar o submersível Fauchard para espalhar esse material? Ele tem a capacidade e a velocidade de que precisamos.”

“Acho que eles vão se esforçar para evitar que as Ilhas Britânicas fiquem isoladas do resto do mundo.”

“MacLean salvou nosso traseiro novamente", disse Trout, balançando a cabeça. Ele nos deu a esperança de que poderíamos vencer essa coisa”.

“Kurt merece algum crédito.”

“Seus instintos foram certeiros quando ele disse para voltarmos à Cidade Perdida e pensarmos em termos de equilíbrio.

Trout se dirigiu para a porta.

“Você vai dar as boas notícias a Kurt?

Trout assentiu com a cabeça. “Então vou dizer a ele que já é hora de fazermos uma despedida para um velho cavalheiro escocês de verdade.”

O LOCH tinha vários quilômetros de comprimento e metade da largura e suas águas frias e calmas refletiam o céu escocês imaculado como o espelho de uma rainha. As colinas escarpadas e onduladas, cobertas de urze, abraçavam o lago em um abraço roxo.

O barco aberto com casco de madeira fazia uma esteira líquida nas águas tranquilas enquanto se afastava da costa, deslizando até parar à deriva, finalmente, na parte mais profunda do lago. O barco levava quatro passageiros: Paul e Gamay Trout, Douglas MacLean e seu falecido primo Angus, cujas cinzas eram transportadas em um baú bizantino ornamentado que o químico havia pegado em suas viagens.

Douglas MacLean havia encontrado seu primo Angus apenas uma vez, em um casamento de família alguns anos antes. Eles se deram bem e prometeram se encontrar, mas, como acontece com muitos planos bem-intencionados feitos em um copo de uísque, nunca mais se encontraram. Até agora. Douglas era o único parente vivo que Trout havia conseguido encontrar. Igualmente importante, ele tocava gaita de foles. Não muito bem, mas em alto e bom som.

Ele se posicionou na proa do barco, vestido com o traje completo dos MacLean, com as pernas largas e com o kilt apoiado em uma plataforma estável. A um sinal de Gamay, ele começou a tocar a música “*Amazing Grace*”. Enquanto o som assombroso ecoava nas colinas, Paul despejou as cinzas de Angus no lago. O pó marrom-acinzentado flutuou na superfície calma por alguns minutos e gradualmente afundou na água azul profunda.

“Aveatque vale”, disse Trout suavemente. Salve e adeus.

Mais ou menos na mesma hora em que Trout se despedia, Joe Zavala estava entre os carregadores de caixão que levavam um caixão simples de madeira ao longo de um caminho de terra que passava entre as lápides em decomposição em um antigo cemitério perto da catedral da cidade de Rouen. Os outros carregadores de caixão eram todos descendentes do capitão Pierre Levant.

Pelo menos vinte membros da família Levant cercaram a sepultura aberta ao lado das lápides que marcavam o local de descanso final da esposa e do filho do capitão. A reunião incluía um contingente de homens e mulheres representando o exército francês. Quando o padre do campo entoou os últimos ritos, o pessoal do exército fez uma saudação rápida e o capitão Levant foi baixado à sepultura, recebendo o descanso que lhe havia sido negado por tanto tempo.

“Eu te saúdo e adeus...”, sussurrou Zavala.

De acordo com o combinado, bem acima dos vinhedos de Fauchard, o pequeno biplano vermelho fazia círculos como um falcão faminto. Austin verificou a hora, inclinou ligeiramente o Aviatik e conforme combinado, jogou as cinzas de Jules Fauchard, cujo corpo havia sido removido da geleira.

Houve alguma discussão se Jules deveria ser cremado, uma prática desaprovada pela Igreja Católica. Mas, como não havia parentes vivos, Austin e Skye tomaram o assunto em suas próprias mãos, decidindo devolver Jules ao solo que nutria seus amados vinhedos.

Assim como Trout e Zavala, Austin também fez a antiga saudação fúnebre em latim.

“Bem, isso é tudo para Jules”, disse Austin, falando ao microfone que o conectava com Skye, que estava na outra cabine. “Ele provou ser o melhor do grupo. Ele merecia mais do que ser congelado como um picolé sob aquela geleira.”

“Concordo”, disse ela. “O que será que teria acontecido se ele tivesse chegado à Suíça?”

“Nunca saberemos. Vamos imaginar que, em um fluxo de tempo paralelo, ele tenha conseguido impedir a guerra sangrenta.”

“Essa é uma boa ideia”, disse Skye. Então, depois de um momento, ela acrescentou: “Até onde podemos voar nessa coisa?”

“Até ficarmos sem combustível?”

“Podemos chegar a Aix-en-Provence?”

“Espere um minuto”, disse ele. Ele tocou as teclas do GPS e programou uma rota que mostrava os pontos de abastecimento do aeroporto. “Levará algumas horas e teremos que parar para reabastecer. Por que você pergunta?”

“Charles nos ofereceu o uso de sua casa de campo. Ele disse que podemos até usar seu novo Bentley se prometermos não jogá-lo na piscina.”

“Condição difícil, mas acho que posso concordar com isso.”

“A casa é um lugar maravilhoso”, disse Skye, cada vez mais animada. “Tranquilo e bonito, com uma adega bem abastecida. Achei que seria um bom lugar para trabalhar em meu trabalho. Devo agradecer aos Fauchards por uma coisa. Usando o que Racine disse sobre o histórico familiar deles, poderei provar minha teoria que liga os minoanos ao início do comércio europeu. Podemos falar sobre sua teoria de que eles foram para o norte, até as Ilhas Faroe. Talvez até a América do Norte. O que você acha?”

“Eu não trouxe nenhuma roupa.”

“Quem precisa de roupas?”, disse ela em uma risada promissora. “Isso nunca nos impediu antes.”

Austin sorriu. “Acho que isso é o que eles chamam de fechamento de negócio. Estamos pegando um vento de cauda. Vou tentar nos levar à Provence a tempo para o jantar.”

Em seguida, ele olhou para a bússola e apontou o nariz do avião para o sul, em um curso que os levaria em direção às margens do Mar Mediterrâneo.

<FIM>